

**INOVAR, CRIAR E NARRAR: ENSINO E
APRENDIZAGEM INTERCULTURAL
WARAO**



NATÁLIA CONCEIÇÃO LAMEIRA

2023





**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE INOVAÇÃO E TECNOLOGIA APLICADAS A ENSINO E
EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO EM
METODOLOGIAS DE ENSINO SUPERIOR MESTRADO PROFISSIONAL EM
ENSINO**

NATÁLIA CONCEIÇÃO LAMEIRA

**INOVAR, CRIAR E NARRAR: ENSINO E APRENDIZAGEM INTERCULTURAL
WARAO**

**BELÉM – PARÁ
2023**

Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

- L228i Lameira, Natália Conceição.
 Inovar, Criar e Narrar: Ensino e Aprendizagem Intercultural
 Warao / Natália Conceição Lameira. — 2023.
 220 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof^a. Dra. Elizabeth Orofino Lúcio
 Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo
 de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão,
 Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em
 Metodologias de Ensino Superior, Belém, 2023.
1. Ensino e Aprendizagem de Línguas. 2. Indígena Warao .
 3. Pesquisa Narrativa. 4. Ensino Intercultural. 5. Criatividade e
 Metodologias Ativas . I. Título.

CDD 371.102

NATALIA CONCEIÇÃO LAMEIRA

INOVAR, CRIAR E NARRAR: ENSINO E APRENDIZAGEM INTERCULTURAL
WARAO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de mestre em Ensino. Área de Concentração: Metodologias de Ensino-Aprendizagem. Linha de Pesquisa: Inovações Metodológicas no ensino Superior – INOVAMES.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Elizabeth Orofino Lucio

RESULTADO: (X) Aprovada () Não Aprovada

DATA: 25/08/2023

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Orofino Lucio (Orientadora - Programa de Pós-Graduação
Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior - PPGCIMES/UFPA)

Profa. Dra. Flávia Motta - Examinadora externo(a) – PPGEDUC/UFRRJ

Prof. Dr. Carlos Henrique Lopes de Almeida - Examinador externo– PPGL/UFPA

Prof. Dr. Marcio Lima do Nascimento - Examinador interno – PPGCIMES/UFPA)

BELÉM – PARÁ

2023

Dedico este árduo trabalho a Deus, que nos criou e foi o grande inspirador nesta tarefa. Seu fôlego de vida em mim, foi sustento e deu-me coragem e instruiu meus pensamentos para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades. Também o dedico a meu saudoso pai. Conseguimos!

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Barnabé Lima Lameira Junior “in memorian” e a Angela Maria da Conceição Lameira que não mediram esforços para que eu chegasse até aqui, por lutaram durante anos para me auxiliarem na realização de meus sonhos, me proporcionarem educação e instrução. Sendo a concretização da maioria das minhas idealizações porque eles estiveram nos bastidores torcendo e intercedendo por mim.

Mãe, seu cuidado, paciência e insistência foram em alguns momentos a esperança para seguir. E mesmo não compreendendo o que se passava no meu coração e mente, estavas ao meu lado. Você é meu ponto de segurança.

Pai, seu sonho era que eu tivesse nessa vida o que você não teve. Não tive a oportunidade em vida de te mostrar que não precisava de muito, sua presença era o suficiente. Sair nos sábados pela manhã escutando o hino do Flamengo, a música “minha filha” do Crivella como a forma mais linda de demonstrar teu carinho por mim. Escutar Mamonas Assassinas juntas, a canção “tudo está no seu lugar” de Benito de Paula ou simplesmente cortar teus cabelos no fim do sábado. Em tuas palavras “para ir à igreja bonito no domingo”. Buscastes por minha felicidade. E durante esse processo de escrita, lembrar nossos momentos e teus propósitos de vida, me trouxeram esperança, força e certeza de que eu não estava sozinha nesta caminhada e mesmo que você não estivesse mais ao meu lado, eu ainda tinha sua certeza, de que no final tudo daria certo, foi exatamente isto que me incentivou a prosseguir.

Amarei e serei grata a vocês eternamente por tudo que me proporcionaram. Viverei para honrar vocês! Meus verdadeiros heróis e referências de pessoas do bem.



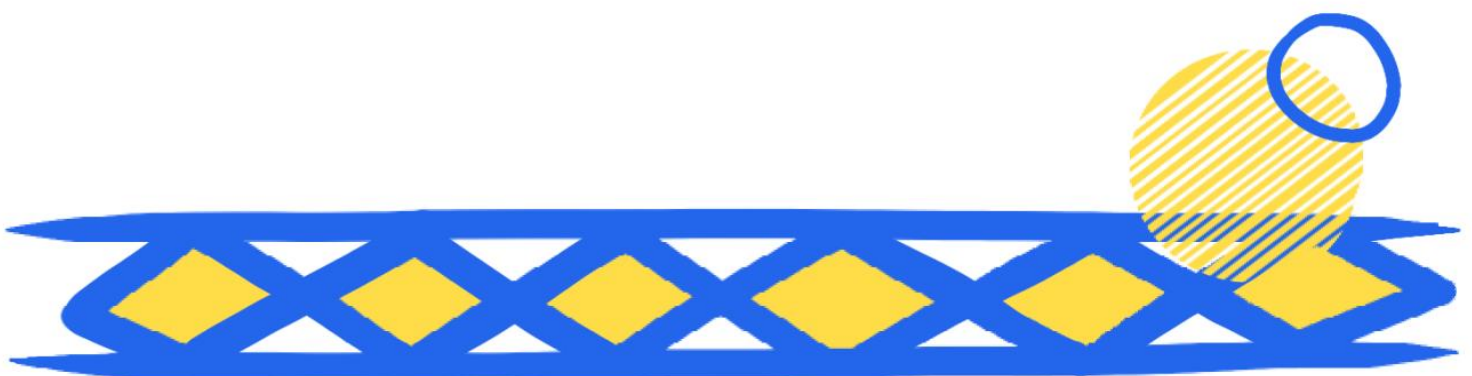
A minhas irmãs Naiara Lameira e Naiane Lameira e Jeferson Carrera por compreenderem em todos os momentos dessa trajetória tudo que se passava comigo e por somente se colocarem a disposição para ouvir tudo o que eu tinha para reproduzir. Obrigada por compreenderem todas as vezes que disse não, e por serem minhas palavras de força quando eu precisava.

A minha família de modo geral por acreditarem e torcerem muito por mim. E mesmo não entendendo direito o que é um mestrado, compreenderam minimamente que era uma fase importante da minha vida acadêmica e sempre direcionaram boas energias e orações para minha pessoa.

Aos meus professores do PPGCIMES pelo conhecimento e ensinamentos compartilhados, pelo convívio, apoio, compreensão e amizade. Eu posso dizer que minha formação, inclusive pessoal não teria sido a mesma sem a pessoa dos senhores. Eu os respeito muito, vocês não têm ideia da minha admiração por vocês!

A professora Fernanda Chocron, meus agradecimentos, foi quem me acolheu pela primeira vez, disse que eu tinha potencial, que eu precisava deixar a Natália do futuro ver como resolveria algumas questões. E principalmente, que deveria estar aberta a mudança. Disse “se apaixonar por algo dentro da pesquisa, talvez seja o que falta para você ser encantada e que tudo começar a caminhar”. Vai dar certo, não tenha medo! Ela tinha razão!

Obrigada por ter sido o Norte que eu precisava. Por cada troca, voto de confiança, risos, pela companhia nas escritas noturnas que se estenderam na Sala Criativa. És admirável. Falar de você me faz brotar rapidamente um sorriso no rosto. És alguém que eu desejo levar durante toda a minha trajetória. Uma amizade que foi além do contato professora e aluna.





Gratidão a minha querida orientadora que realizou um trabalho incrível, acreditou no potencial da pesquisa desde o momento que me propôs a troca de tema, acreditou na minha pessoa quando nem eu acreditava. Professora Elizabeth, foi Deus que permitiu esse encontro, gratidão por todas as orientações, palavras mais duras e incisivas, e por me acolher com palavras de amorosidade também. Através de seus ensinamentos, orientações e conversas me fez ver o quanto meu papel como educadora é de fundamental importância nesta sociedade. Foi uma honra tê-la como orientadora. Gratidão por sua paciência nas orientações que tornaram possível a realização deste trabalho e a conclusão desta dissertação.

Gratidão às minhas amigas, Dani e Valenna por sempre me incentivarem na realização de minhas metas, a Bruna que foi a primeira para quem eu disse que participaria do processo seletivo, aos meus amigos do restauro que estavam na torcida. As minhas amigas “Las chicas del Fondo” que sempre estiveram ao meu lado desde a graduação. Aos meus outros tantos amigos, para quem eu disse não e foram compreensíveis e que também estavam na torcida pela finalização deste processo. Aos meus alunos e ex-alunos, aos meus colegas de trabalho, em especial a Raissa, aos companheiros de curso, pelo apoio constante, pelas alegrias, tristezas e dores compartilhadas durante esses dois anos.

Vocês estiveram comigo nos momentos cruciais e de grande importância. O que seria da vida sem amigos?

As palavras são poucas para definir o que cada um representa em minha vida, saibam que com todos vocês envolvidos nesse capítulo, aprendi cresci e amadureci, pois sempre contribuíram para meu crescimento.

Então louvo e agradeço a Deus pela amizade de cada um de vocês. Tem uma música que diz assim “e diante das coisas que eu não pude evitar, eu encontrei abrigo, até tudo passar”. A música que se chama marcas da vida.





Certeza que Deus “cuida de mim com muito amor”, pois ele se fez presente através de cada pessoa que entrou ou permaneceu em minha trajetória nesse período. Foram este abrigo, que eu tanto precisei.

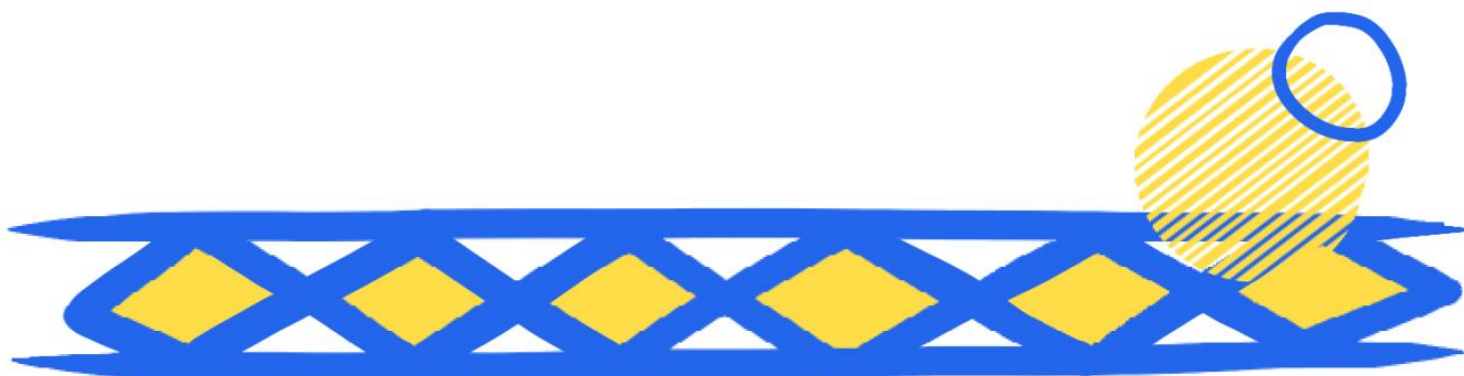
Aos amigos Micaela, Bárbara e Junior que me incentivaram muitas vezes, e escutaram o que era apenas uma idealização. Nunca houve julgamento entre nós, sempre muita troca, apoio e acolhimento. Não largaram minha mão durante esse período. E quem diria que nossa quinta-feira de vinhos iria proporcionar tantos bons momentos. Éramos um grupo de jovens que tinham tantos sonhos e desejo de viagens pra realizar. Hoje somos mestres, ter vocês no meu caminho, amigos da fé, foi a melhor coisa que me ocorreu.

A minha querida Thayssa que me acolheu desde o primeiro dia que a conheci, e até hoje me salva diariamente. Que me faz rir das desgraças e das coisas mais bobas que existem. Gratidão por nossa amizade e troca.

Minhas amigas de mestrado Cleide, Bárbara e Raissa, por me levarem pra distrair a mente quando ela estava fervilhando, por muitos momentos foram vocês, condutoras de escape, e motivos de meus risos frouxos.

A Layane, minha irmã de orientação, que ao me escutar falar sobre meu trabalho, deu a ideia da personagem e como eu poderia seguir uma linha de narração. Gratidão amiga, tua ideia maluca deu certo, foi você fez Naba nascer.

A Mônica que foi esteio, e pilar forte. Disse que ninguém ficaria para trás e fez o possível e impossível para acontecer. Admiro demais a mulher que tu és.





Quando me senti mal por não estar em algum lugar você me disse “se estás presente aqui; estás ausente em algum lugar. E está tudo bem! Tens uma rede de apoio forte. Isso sim é importante”.

Tuas palavras sempre me trouxeram conforto e me fizeram entender que eu não precisava dar conta de tudo. Thalita que me incentivou a distrair a mente nas atividades físicas. Obrigada por te me levado na primeira corrida da minha vida. Não me esquecerei de tal ação. Ao Bruno que foi apoio em tantos momentos, me emprestou casa, filhos, equipamentos e até a amizade da esposa. Gratidão por teres um coração tão bom.

A minha amiga de alma do mestrado, Rafaele. Você sabe a troca que a gente criou. Eu não consigo imaginar meu percurso sem a nossa amizade. Perturbou-me, incentivou-me, me arrasou em alguns momentos, brincamos, rimos muito e também dividimos muitas lágrimas e situações que nos abalaram. Mas graças a Cristo a gente estava lá, fazendo companhia uma para a outra e sendo presente de alguma maneira. Amo a nossa amizade e quero que ela se estenda para além do mestrado.

Meu principal agradecimento vai a Cristo e Pai. Autor e consumidor da minha fé e crença de que toda minha existência está em suas mãos, de que aonde eu chegar Ele chegará comigo. Deus meu amor mais puro, verdadeiro e para toda vida serei o reflexo de sua existência. Deus ao qual eu entendo que sempre usou de pessoas e coisas para demonstrar que estava comigo, que me fez entender ainda adolescente que o impossível conquistamos pela fé e com muito trabalho. “Guarde a palavra especial para quem realmente é” não lembro onde e em que situação escutei essa frase. Mas a guardei. Como qualquer outra pessoa que guarda, memórias, histórias, momentos, ações e pessoas que me marcaram durante esse vida e principalmente nesses 2 anos de mestrado. Alguns se foram, outros chegaram, e alguns decidiram ficar. É uma questão de escolha. E eu certamente escolhi e fiquei com uma parte de peso, a boa parte. Gratidão a todos vocês!



RESUMO

Encontros, afetos, biografias, experiência e criatividade, por meio do ensino da língua Warao, espanhola e portuguesa, reunidas marcam o propósito e o início de uma grande e nova narrativa. No rio de vivências, com a intenção de cumprir com o que havia proposto, decidi que a dissertação navegaria através de uma metodologia inovadora - a narrativa, de LUCIO (2020) por essa razão o percurso desta investigação ocorreu em uma dimensão composta pelo entrelaçamento da água, personagem ficcional que é o fio condutor e elo, entre a narrativa ficcional e autoral desenvolvida com a discussão proposta a fim de narrar o processo de autobiográfica e de formação, e dentro destas encontram-se a discussão e o diálogo sobre o papel da universidade nas lutas sociais, sua importância na criação de políticas afirmativas, também, o que seria universidade na Pan-amazônia, ensino de línguas, ensino e aprendizagem em ambientes de formação, o que é, para que e como utilizar do ensino intercultural para uma formação que quebra correntes, e se coloca como uma resistência ao apagamento cultural. Um compilado de narrativas de sujeitos, corpos e histórias que ocupam e constituem o espaço universitário e que constituíram com a proposta descrita, mais especificamente na área da linguagem no ensino superior. A pesquisa foi desenvolvida durante o curso de mestrado profissional em Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior (PPGCIMES), situando-se na área de pesquisa Inovações Metodológicas do Ensino Superior (INOVAMES). A dissertação contou com o aporte teórico de Viñas (2004) o que é cultura e patrimônio cultural imaterial, experiência de Larrosa (2014), experiência e transformação, e pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2011). Além de criatividade de Mihaly Csikssentmihalyi (1999) e de Pascale (2005), de educação libertadora de Paulo Freire (1997), gêneros discursivos Bakhtin (1997) linguagem de Bakhtin (1997) e Geraldi (1996), formação de professores no ciberespaço Lévy (2000) entre outros que complementam a narrativa teórica e metodológica desta dissertação. A pesquisadora apenas abriu-se à experiência que a pesquisa narrativa proporciona, e evidenciou o sentimento e as impressões de quem se permitiu tocar e se transformar por meio do processo criativo descrito. Como resultado surgiram produto e subprodutos educacionais que podem auxiliar o processo de ensino e aprendizagem intercultural Warao.

Palavras chave: pesquisa narrativa; criatividade; ensino de língua; indígenas warao

ABSTRACT

In teaching the Warao language, Spanish and Portuguese, encounters, affections, biographies, experiences, and creativity come together to establish a new narrative with the purpose and meaning of bringing the Warao language to life. Our river of experience led us to the conclusion that the dissertation would be navigated through an innovative methodology - The Narrative -, by LUCIO (2020). This investigation therefore took place in a dimension where water intertwined with a fictional character who was to serve as a link between the fictional and authorial narratives developed with the proposed discussion to portray an autobiographical and formative experience. There are discussions and dialogues included regarding the university's role in social struggles, its importance in establishing affirmative policies, questioning the university's role in teaching Pan-Amazon languages, and learning in training environments, what intercultural teaching is, what it is for, and how to use it for training that breaks chains, resistance to cultural extinction. In the area of language in higher education, a collection of narratives of subjects, bodies, and stories that occupy and constitute the university space. Consequently, educational products and by-products are suggested that can assist Warao intercultural teaching and learning. The research was developed during the professional master's degree in *Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior* (PPGCIMES), within the research area *Inovações Metodológicas do Ensino Superior* (INOVAMES). The dissertation included theoretical support from Viñas (2004) who discusses the definition of culture and intangible cultural heritage, experience from Larrosa (2014), experience and transformation, and narrative research from Clandinin and Connelly (2011). In addition to the discussion towards creativity of Mihaly Csikssentmihalyi (1999) and Pascale (2005), liberating education by Paulo Freire (1997), Discursive Genres Bakhtin (1997), Language by Bakhtin (1997) and Geraldi (1996), Teacher Training in Cyberspace Lévy (2000) among others that complement the theoretical narrative and methods of this dissertation. The researcher has opened herself to the experience that narrative research provides and highlighted the feelings and impressions of those who allowed themselves to be touched and transformed through the creative process described.

Keywords: Narrative research; creativity; language teaching; Warao indigenous people

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Divulgação de aprovação do PSE-MIGRE/2020.....	56
Figura 2: Chamada dos aprovados no PSE-MIGRE/2020	57
Figura 3: Lista dos candidatos aprovados no PSE-MIGRE.	58
Figura 4 Beira do rio vista UFPA.....	65
Figura 5: Visão em mapa da região onde originalmente viviam os indígenas warao	66
Figura 6: Estilo de casas warao.	67
Figura 7: Encontro de águas na região do delta do Orinoco.	67
Figura 8: Mapa que evidencia o trajeto percorrido pelos Warao até Belém – PA.	122
Figura 9: Material utilizado no curso EntreNabas.....	158
Figura 10: Folder de divulgação do curso de formação complementar EntreNabas.....	159
Figura 11: Dia 01 de formação, apresentação dos participantes.	163
Figura 12: Escrita de uma Carta para o “Eu” do futuro.....	165
Figura 13: Material didático utilizado durante os primeiros encontros.....	166
Figura 14: Momento em que os alunos Warao, participantes do curso narram suas vivências na atividade: “como eu cheguei até aqui”.	167
Figura 15: Apresentação de atividade: As nuvens de palavras por grupo.....	168
Figura 16: Nuvens de palavras feitas pelos participantes do curso.	168
Figura 17: Material didático: Diálogos sobre o que é língua materna, estrangeira, de acolhimento e ensino bi e/ou multilingue.....	170
Figura 18: Momento de formação de grupos e diálogo de elaboração com a aplicação dos recursos produzido pelos participantes.....	172
Figura 19: Apresentação das atividades utilizando os recursos desenvolvido durante a formação.	173
Figura 20: Criação de atividade: usando o alfabeto interativo, “Feira multilinguística cultural Warao”.....	173
Figura 21: Momento de diálogo sobre os planos e aplicação das atividades realizadas com o alfabeto interativo.....	174
Figura 22: Confecção dos tapetes contadores de histórias.	176
Figura 23: Apresentação de conto Warao “El hombre de buen brazo”. Lenda que retrata a origem dos Warao.....	177
Figura 24: Apresentação de conto Warao “Origen del Moriche”.	178
Figura 25: Encerramento do curso.	179

Figura 26: Tapete de histórias confeccionado pelos alunos do curso. Autor da foto:..... 185

SUMÁRIO

Carta aos Leitos de memórias página 16

PARTE I - "OS LEITOS DO MEU RIO" página 29

MEUS ENCANTAMENTOS página 16

PARTE II - DA NASCENTE A FOZ: OS CURSOS D'ÁGUA DO "POVO DA CANOA" página 63

LEITO II - NASCENTE E MEANDRO: SUAS INQUIETAÇÕES página 77

PARTE III - "AFLUENTES DO RIO METODOLOGIA NARRATIVA" página 88

NAVEGANDO SOBRE O RIO METODOLOGIA NARRATIVA página 90

O ENCONTRO DAS ÁGUAS - NAVEGANDO PELO RIO NARRATIVO PRODUTO EDUCACIONAL página 110

REFERÊNCIAS página 194

APÊNDICES página 200

ANEXOS página 214



1. MEUS ENCANTAMENTOS

Carta aos Leitos de memórias

Olá!

Sou rio, sou *Naba*¹, sou água, sou leite, sou Natália.

Deixe-me dizer que o elemento água é forte, translúcido, insípido. Ela por si não tem cheiro; mas em contato, passa a ter a essência de pessoas pois traz, carrega e leva consigo memórias, histórias, costumes, povos e modo de vida. Além de ultrapassar barreiras, criar conexões, unir pessoas e seus objetivos.

Essa é a história da *Naba*, uma água que encontra uma jovem pesquisadora da área da linguagem e da língua espanhola, e juntas embarcam nesta aventura.

Narrarei nesta obra junto à *Naba*, convidada de honra, o percurso de aprendizagem no ensino superior, discentes venezuelanos da etnia Warao em situação de refúgio no Brasil. Mas antes de mostrar a você esse percurso de rio de aprendizagens criativas, deixe-me apresentar um pouco da minha pessoa. Compreendo que ao narrar, você me conhecerá melhor, exibirei tal como sou, e mostrarei a veracidade deste processo formativo e os caminhos do rio no qual decidi navegar.

[...] acredito que pela narrativa (auto) biográfica docente, não se escreve apenas as experiências de um professor em sala de aula, mas o relato genuíno da realidade educacional de um povo, a veracidade dos processos formativos, desvela um currículo vivido fidedigno, além de nos apontar caminhos possíveis para as mudanças que nos afaste da ilusão de práticas e propostas utópicas (SOUSA, 2019, p.43).

Sempre apaixonada por histórias, minhas primeiras leituras foram os contos clássicos da literatura infantil. Depois, descobri uma paixão singular pela turma da Mônica, lembro-me de passar tardes inteiras na leitura de gibis enquanto esperava minha mãe sair do trabalho. Sonhadora, sempre tentei criar as minhas aventuras. Tive o privilégio de passar a infância e adolescência ao lado de meu grande clube, “Os fortes” formados por meus primos (paternos e maternos) e irmãs. Brincávamos e interpretávamos de tudo.

O Espanhol sempre esteve presente no consumo do pouco que tive acesso do mundo hispano-falante; “Chaves, Maria do bairro, Usurpadora, Chiquititas, Carrossel, Emy a menina da mochila azul, Cúmplices de um resgate, Alegrifes e rabujos, Rebelde” são tantas memórias que seria difícil nomeá-las aqui. Todas coletivas e marcadas por outros personagens e histórias.

¹ *Naba* palavra da língua indígena warao que em português significa rio.

As águas correm em busca do mar ou do rio maior, e durante seu curso, se encontram com sujeitos que marcam e deixam suas memórias; deixam as memórias de ser individuais e passam a ser coletivas, como afirma Halbwaschs (2006) as memórias não podem existir isoladas de seu grupo social.

Posteriormente, essa paixão pela cultura hispano-falante se estendeu na graduação, o curso escolhido foi exatamente o que retrata um pouco desse mundo que conhecia cada vez mais. Além de três momentos que marcam a tradição de ensino do espanhol como língua estrangeira no Brasil – ELE, Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB), da aprovação da Lei: 11.161/2005, que infelizmente foi revogada anos mais tarde pela Lei: 13.415/2017 que já não garantia a obrigatoriedade do ensino do espanhol nas escolas brasileiras. Como qualquer pessoa que inicia o curso, entrei na universidade cheia de expectativas, sonhos e idealizações, imagino.

Ao longo da graduação senti muitas dificuldades relacionadas à língua e gramática, um verdadeiro *rompecabeza*², pois não conseguia encontrar conexões entre palavras, significados e cultura. Até o contato com a disciplina “Aprender a Aprender”, uma disciplina que promovia a reflexão sobre como via meu processo de aprendizagem, fazia-me pensar e escolher métodos de aprendizagem que fomentam a autonomia no processo de aprender uma língua estrangeira.

Era o meu momento, minha oportunidade. Lá, as disciplinas prediletas eram de língua espanhola e linguística, mesmo ao sentir tantas dificuldades de compreensão na formação da língua. Até que duas disciplinas foram ministradas; linguística aplicada ao ensino do espanhol e culturas hispanófonas. Que explosão! Minha cabeça se abria e finalmente compreendia o quanto a cultura poderia ser usada para além de regras e explicações gramaticais. Compreendi a cultura e o processo de formação da língua, assim como seu uso no contexto social. Passei a compreendê-la, aprendi a usá-la em diferentes contextos e o porquê de várias pronúncias, uso e surgimento das palavras, passei a olhar para o meu redor e encontrar o espanhol na minha realidade e no meu contexto social.

Na história da formação da minha cidade, a exemplo das touradas espanholas, Belém também foi palco dessa tradição cultural, os jornais da época registraram o ocorrido. Sem falar dos azulejos nas fachadas dos casarões antigos, advindos de Portugal na sua maioria, mas a técnica de produção de azulejos foi dos espanhóis, que aprenderam com os árabes.

² *Rompecabeza* significa quebra-cabeça em português.

A palavra, a língua, a linguagem, e a cultura representam esse elemento água, que tem o poder de nos encantar, de fazer a gente se conectar com outros e compreender o que nos constitui, o que nos forma culturalmente e historicamente. Como menciona o pesquisador, Geraldi (1996, p. 67), ao qual tenho grande admiração “Concebe-se a linguagem como uma atividade constitutiva, cujo lócus de realização é a interação verbal. Nesta relacionam-se um *eu* e um *tu* e na relação constroem os próprios instrumentos (a língua) que lhes permitem a intercompreensão”. Não se trata somente de aprender uma língua senão usá-la e, no uso, compreender e aprender. Aprender uma língua é interação, aprender uma língua é compreender uma cultura.

Senti prazer! Orgulhosa por ter encontrado o espanhol em coisas que eu vivenciava. Passei a vê-lo não apenas de maneira profissional, contudo por meio dele eu poderia tocar pessoas. E que meus futuros alunos, talvez tivessem em mim representado o único modelo da língua espanhola que tivessem acesso.

[...] o professor assume o papel de representante cultural mediador e, portanto, assume uma responsabilidade que lhe deve fazer refletir seriamente sobre seus valores e comentários tanto sobre a cultura da língua meta como da do aluno. O professor se converte em um modelo, sendo, às vezes, a única pessoa da cultura meta com a qual o aluno pode se relacionar (GIDRÓ, 2013, P. 153) tradução própria.

Naquele momento, decidi ao que de fato queria dedicar-me. Como futura professora de espanhol permiti, e deixei-me ser encantada; igual como nos contos de lendas folclóricas, a cultura hispanófona encantou-me, principalmente da América Latina³.

Com o tempo e experiência adquirida, percebi que era como se um muro houvesse sido construído entre a cultura e linguagem da sala de aula. Não casavam! Ao observar e realizar uma escuta atenta com meus colegas, percebi que tudo de aprendizagem significativa que tínhamos eram de momentos ou situações culturais que nos foram apresentados e que as dificuldades com a escrita e uso da língua eram evidenciadas em outros momentos.

Ainda em curso, decidi que tentaria no futuro realizar algo que pudesse valorizar o componente cultural para além do que estávamos acostumados a ver nas salas e que a interculturalidade deveria permear o ensino e aprendizagem da língua.

Virei uma chave quando isso aconteceu! Passei a compreender a cultura e a língua em sua função social. O tanto que estava imersa na cultura hispanófona e não conseguia dimensionar, o quanto já havia me apropriado dela. Finalizei meu curso consciente do meu

³ América Latina: Em geral, países da América que tem como língua oficial idiomas provenientes do Latim. O termo América Latina está relacionado aos países em que a colonização foi exercida por Portugal, Espanha e França.

papel como formadora e o quanto a cultura poderia contribuir na formação dos meus futuros alunos.

“nessa perspectiva, a língua é compreendida como algo em movimento, que se dá de forma viva nas relações sociais como construção histórica e cultural que se atualiza pelos sujeitos na interação com o outro, proporcionando que os mesmos, por meio de seus usos, se atualizem, se renovem, se reconstruam, se modifiquem a todo instante” (ABREU, 2021, p. 40).

Com esse sentimento latente, após alguns anos tive a oportunidade de voltar ao curso de letras espanhol, agora como docente e desenvolver um pouco dessa ideia da interculturalidade, até aquele momento era apenas o desejo de algo novo.

Tentava mostrar que o contato dos meus alunos com o espanhol era muito maior do que eles pensavam, que eles já haviam tido esse contato antes e apenas não conseguiam notar. Sempre realizei comparações ou mostrei diferenças de aspectos culturais da cultura brasileira e paraense com a de outros países falantes de espanhol. A exemplo do ritmo e letras de tecnobregas⁴ que eram verdadeiras adaptações de canções de artistas falantes do espanhol. As aulas que ministrei naquele período sempre eram pautadas assim. Passei a usar nas aulas cada vez mais recursos da cibercultura, que de acordo com José Morán (2015), com a internet podemos aprender em qualquer lugar, a qualquer hora e com muitas pessoas diferentes e de inúmeras maneiras. Na verdade, após aprofundar-me compreendi que eram recursos tecnológicos digitais de informação e comunicação (TDIC's).

Utilizava vídeos, podcasts, curtas-metragens, animações, reportagens, documentários, músicas, rádio e etc. Ou seja, recursos audiovisuais disponíveis em plataformas variadas nos ambientes virtuais. Materiais que foram produzidos para qualquer outra finalidade que não fosse aprender uma língua estrangeira e a partir de aí encontrar elementos culturais que pudessem contribuir com o uso, funcionalidade, atualidade e aprendizagem de línguas e culturas.

Após muita investigação compreendi que a cibercultura é o espaço onde posso encontrar algumas dessas TDICS e de acordo com Pierre Lévy (p.17) a cibercultura, “especifica o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

Explicava seriamente que o espaço cibercultura e as TDICS encontradas dentro desse espaço de aprendizagem permitiam com que os alunos tivessem contato em rede com mais de uma variante da L2 (segunda língua) e que o docente não fosse à única fonte de saber da

⁴ Tecnobrega - consiste junção do "brega" do Pará com as batidas do "tecno".

língua estrangeira, além de poder fazer com que os alunos desenvolvessem suas competências digitais, autonomia em seu processo formativo no ensino e aprendizagem, transformar assim dados em informações e conseqüentemente informações em conhecimento e reconfigurar o uso de recursos tecnológicos, com acesso a inúmeras fontes de saber e conhecimento.

O que me fez lembrar a pesquisadora e professora Edméa Santos (2019) que fala sobre o pesquisador na cibercultura e produzir conhecimento em rede.

Pesquisar na cibercultura é atuar como praticante cultural produzindo dados em rede. Os sujeitos não são meros informantes, são praticantes culturais que produzem culturas, saberes e conhecimentos no contexto da pesquisa. Fazer pesquisa na cibercultura não é, para nós, apenas utilizar softwares para “coletar e organizar dados” (SANTOS, 2019.P.20)

O pesquisador Morán (2015) diz que o processo de aquisição, ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira está em proporcionar uma troca de experiências, um crescimento gradual, uma integração de espaço e tempo. As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos para que se alcance eficácia no processo.

Metodologia compreendida aqui como ativa que são os processos que compreendem o aluno como protagonista do seu processo de aprendizagem, bem como parte de uma colaboração pautada em ação-reflexão (FILATRO, CAVALCANTI, 2018) neste sentido ao pensar no espaço formal de aprendizagem, concilio os termos de Bergman e Sams (2018, p. 6), é como se estivéssemos no período da revolução industrial: “Os alunos são educados como em linha de montagem, para tornar eficiente a educação padronizada. Sentam-se em fileiras de carteiras bem arrumadas, devem ouvir um “especialista” na exposição de um tema e ainda precisam se lembrar das informações recebidas em um teste avaliativo”.

Neste sentido, compreendi que era importante incorporar na ação docente, metodologias ativas, inovações metodológicas e tecnológicas, de modo a potencializar a atividade docente e dar protagonismo aos alunos em sala de aula. Um dos motivos que me fez retornar à universidade e escolher a Linha Inovações Metodológicas no Ensino Superior (INOVAMES) na pós-graduação.

Após alguns anos de vivências e prática docente, percebi que o material didático que usávamos tinha um foco de gramática - tradução, conjugação verbal em situações não reais e fora do campo de vivência dos alunos, uma aprendizagem estruturalista. E uma

concepção da língua como expressão do pensamento, que de acordo com Córdova (2006) que ao realizar uma análise dos escritos de Travaglia (2000:22), mostra o modo como o texto é constituído “não depende em nada de para quem se fala, em que situação se fala (onde, como, quando), para quem se fala”. Ou seja, o interlocutor é descartado assim como a situação social do emissor, este tipo de concepção limita a língua e a linguagem em sua função.

O que reforça o pensamento de Geraldi (1996) ao dizer que nos processos de relação de ensino e uso da língua, a ação deve ser baseada na troca de saberes e experiências compartilhadas do mundo ao qual o sujeito participa. Ou seja, a aprendizagem da língua vai para além da decoreção de regras para uma atividade avaliativa ou da produção textual sem levar em consideração o meio social, emissor e receptor.

No processo das relações de ensino, em sala de aula, práticas tradicionalistas não podem ser tomadas como atividades estanques, mas, interligam-se precisamente na unidade textual, ora objeto de leitura, ora resultado da atividade produtiva do estudante. A reflexão linguística, se dá concomitantemente à leitura, quando esta deixa de ser mecânica para se tornar construção de uma compreensão dos sentidos veiculados pelo texto, e à produção de textos, quando esta perde seu caráter artificial de mera tarefa escolar para se tornar momento de expressão da subjetividade de seu autor, satisfazendo necessidades de comunicação a distância ou registrando para outrem e para si próprio suas vivências e compreensões do mundo de que participa (GERALDI, 1996, p. 66).

Alguns parâmetros e orientações que norteiam a educação no Brasil como os Parâmetros Curriculares Nacionais - Os PCNS (1999) falam sobre a questão do ensino de língua, onde o objetivo “da língua materna na escola aponta para uma reflexão sobre o uso da língua na vida e na sociedade”. Compreendo que para isso ocorrer, é necessário transformar o sujeito-aluno em indivíduo capaz de interagir no seu meio social. O espaço formativo escolar é o local de maior interação e seu papel deve ser a promoção da mesma. Os Parâmetros Curriculares Nacionais PCN's (1999) ainda relatam que “o aluno deve ser considerado como produtor de textos, aquele que pode ser entendido pelos textos que produz e que o constituem como ser humano”.

Já as Orientações Curriculares para Ensino Médio - OCEM (2006) destacam que “Línguas Estrangeiras na escola visa ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais”. Ou seja, aprender uma língua estrangeira vai para além da aprendizagem profissionalizante da língua, o ensino deve preparar para o desenvolvimento da cidadania. Os conhecimentos adquiridos

devem ser “integrador, reconhecendo as linguagens e os fenômenos multidimensionais; ser compreendido das partes para o todo e do todo para as partes”. Ou seja, educar utilizando a aprendizagem da língua estrangeira para tal ato.

Assim, destaca-se a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017), que menciona que as competências desenvolvidas no ensino fundamental ao se aprender uma língua deveria ser “compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais”. Além de “conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva”. Compreende-se a língua como fenômeno “cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem”.

É de suma importância que os alunos compreendam seu papel como emissor, seus interlocutores e esfera social, pois a sociedade é produtora de textos, e que são o resultado da mesma. De acordo com Geraldi no livro *Portos de Passagem* (1995) existe uma diferença entre produzir textos e fazer redações e que existem condições necessárias para a produção de um texto. [...] a) se tenha o que dizer; b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer; c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer; d) o locutor se constitui como tal, enquanto sujeito que se diz, o que diz, para quem diz.

Ou seja, o uso da língua se converte em um espaço de ação, no qual estão inseridas temáticas ideológicas. Como mencionou Bahktin (1997, p. 41) “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”.

Percebi que a linguagem deveria ser vista como processo de interação, no qual o sujeito é tão importante quanto às situações comunicativas. E a cultura, meio social, vivências e experiências são importantes para esta formação dialógica e discursiva.

As narrativas de Geraldi (1995) ao falar sobre a concepção de linguagem, em sua forma interacionista. E sua compreensão de que na interação é considerada o meio e

situações sociais e comunicacionais; a língua é o resultado de um diálogo e da interação com outro sujeito. Este sujeito é visto como detentor de conhecimentos, saberes e criador de diálogos, e capaz de dialogar sobre e em seus meios sociais.

Geraldi (2000, p. 41) diz que a concepção de linguagem interacional é mais abrangente “mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana”. Ou seja, é levado em consideração a cultura, fatores históricos e meios sociais que formam este sujeito que também é usuário de uma língua.

Além de observar a supremacia e uso da variante da Espanha comparada com as variantes dos países principalmente que compõem a América Latina, o que era perceptível nos materiais didáticos, que usavam nas disciplinas de Língua Espanhola e da variante espanhola e não apresentavam até aquele momento evidências do uso e vocabulário das variantes latinas, a voz e sotaques dos recursos auditivos, as conjugações verbais das atividades, os professores e uso de sua variante ao se comunicar, tudo referenciava essa escolha e preferência por uma única variante. Por isso, considerava importante trazer para o espaço de sala de aula o mundo da interculturalidade que permeia a América Latina, como nos comunicamos, como produzimos informações e as transformamos em conhecimento.

O pesquisador e professor Daniel Suárez (2015, p. 47) ao falar sobre pedagogias críticas na América Latina e auto formação docente enfatizou que “para pensar, debater e projetar uma contribuição "especificamente latino-americana" é também relevante e estratégico tornar visíveis, existentes, publicamente disponíveis outras modalidades de interação intercultural, política e mobilização pedagógica crítica da educação”.

Para reagir a essa prática já tradicionalista, que tomava conta das aulas, tentava imaginar modos pelos quais o ensino do espanhol e a experiência de aprendizagem pudessem ser diferentes, algo que fosse construído de modo colaborativo, que lhes tocasse; como Larrosa (2014) que evidencia a importância da experiência, que pode ser compartilhada, todavia, será diferente para cada personagem envolvido no processo, para alguns mais intensa e significativa que para outros, porém todos passarão por ela.

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentam o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (LARROSA, 2014, p. 32).

Busquei em todo meu trajeto mostrar aos meus alunos, através do olhar da educação multicultural e intercultural, que eles poderiam se apropriar da língua para além das práticas tradicionalistas. Fleuri, (2005, p. 93) mencionou que o termo educação inter/multicultural é usado para indicar o conjunto de propostas educacionais que visam a promover a aprendizagem, relação e o respeito entre grupos socioculturais, mediante a processos democráticos e dialógicos, os quais representam significados distintos.

A multiculturalidade é um agrupamento de diversas culturas simultâneas em um mesmo espaço geográfico, como pontuou Fleuri (2005) ao analisar os escritos de MOREIRA, (2001); SILVA, (2001; 2003) O termo «multicultural» tem sido utilizado como categoria descritiva, analítica, sociológica ou histórica, para indicar uma realidade de convivência entre diferentes grupos culturais num mesmo contexto social.

Cada país, estado ou cidade possui sua multiculturalidade, em cada território existem diversas culturas sem que ocorra necessariamente uma relação entre elas. O Brasil é um dos maiores exemplos de multiculturalidade, sendo que são compostas por brancos, negros, índios, outras minorias e descendentes de outras nacionalidades que optaram ou foram induzidos a viver neste novo espaço, como é o caso dos imigrantes e/ou refugiados latino-americanos vindos da Venezuela, em sua maioria motivados por conflitos políticos, econômicos e sociais que o país enfrenta atualmente.

Já a interculturalidade seria o conhecimento de uma cultura a partir de sua própria cultura. É uma análise cultural diferente do aprendiz da língua estrangeira e que proporciona uma visão diferenciada dos temas estudados sem que ele se afaste de seus costumes e possa contribuir para a não formação de preconceitos e evitar o choque cultural entre indivíduos de sociedades diferentes.

Meu desejo era que os futuros professores de espanhol tivessem essa prática docente, que olhassem a cultura não somente como um fator de despertar a curiosidade dos alunos, ou método de estreitar relações professor-aluno. Seu uso e papel social são maiores e necessitam de visibilidade.

O componente intercultural é parte essencial no contexto de ensino e aprendizagem de qualquer idioma, já que são indissociáveis. Não existe a possibilidade de estudar um sistema linguístico, seja ele estrangeiro ou materno, sem a investigação conjuntamente das culturas que estão relacionadas a ela mesma. Ao utilizar a interculturalidade eu oportunizo aos meus alunos a possibilidade de compreender como o grupo social mais diverso dos diferentes países de língua espanhola tem aspectos socioculturais comuns e/ou diferentes

dos seus. Como destacou Fleuri (2005) “o adjetivo intercultural tem sido utilizado para indicar realidades e perspectivas incongruentes entre si: há quem o reduz ao significado de relação entre grupos folclóricos; há quem amplia o conceito de interculturalidade de modo a compreender o diferente que caracteriza a singularidade e a irrepetibilidade de cada sujeito humano; há ainda quem considera interculturalidade como sinônimo de mestiçagem”.

Após tão rica experiência, decidi que era hora das minhas águas buscarem rios maiores. Assim, decidi ingressar no mestrado de Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior. Dentro de mim, ainda enraizado o tradicionalismo, todavia em processo de ressignificação. Descobri como uma verdadeira cientista, que sou um grande “abanico”⁵ e como tal, composta por possibilidades que se abriam diante de meus olhos. Compreendi que eu poderia ousar deixar minhas bagagens, minhas reservas, sair da minha caixinha de aprendizagem e modo de ensinar, não apenas como professora, mas como pesquisadora, narradora e boa contadora de histórias.

O Mestrado foi um divisor de águas, inicialmente construindo e desconstruindo uma professora. Até que chegou o momento de escolhas e decisões que iriam desconstruir definitivamente a Natália como pesquisadora. Entre disciplinas, estágio e orientações fui surpreendida por minha orientadora a mudar os sujeitos da pesquisa, fazer com que eles não fossem meros objetos, mas que estivessem inseridos e ativamente envolvidos com a temática. Pesquisar sobre a cultura Warao, enunciadores de uma língua indígena originária milenar, que falam o espanhol como segunda língua, a língua do colonizador, e que por forças maiores buscaram refúgio no Brasil e estão inseridos em um contexto onde o português deveria ser uma língua de acolhimento. Sujeitos que se encontram dentro da UFPA e que ingressaram por meio de um Processo Seletivo Especial, um exemplo de ingresso e permanência para a Pan-amazônia⁶. Já que a UFPA é uma das maiores universidades federais do norte do País.

Algo totalmente novo e que destruiria minha caixinha definitivamente. Escrevia e pensava sobre a proposta de minha orientadora inicialmente ainda sem saber ao certo o que

⁵ Abanico: significa leque.

⁶ Pan-Amazônia: Envolve os países que têm a floresta amazônica em seu território. Colômbia, Peru, Venezuela, Equador, Bolívia, as Guianas e o Suriname, além do Brasil. O movimento social se apropriou desse conceito como sendo um conceito de luta desses povos. Porque a Amazônia não é só uma questão física e geográfica, mas são povos que enfrentam os mesmos problemas de viverem e sobreviverem numa das últimas reservas de floresta tropical úmida no mundo, e também uma das últimas reservas dessa biodiversidade.

iria acontecer ao término dessa formação acadêmica e como minha pesquisa poderia ser potente e impactar em algo positivo, como essa pesquisa baseada no experienciar, no sentir, no tocar e no viver daria certo? E foi neste momento que a água fez com que eu me reencontrasse com minhas origens e a palavra encantamento tomou outro significado nesse processo.

Preciso confessar que a ideia causou estranhamento, como se dispor para uma pesquisa e realização de um curso tão desafiador? Como pensar a causa dos indígenas Warao, sendo eu uma brasileira, nortista, paraense em uma cidade receptora? Como sair do meu pequeno *rincón*⁷ e mergulhar de cabeça nesse rio que é o povo Warao? Como desenvolver a linguagem em um contexto brasileiro de pessoas que tem como sua língua materna uma língua indígena isolada, sendo sua segunda língua o espanhol e agora o português como língua de acolhimento? Como contribuir para que o ensino e aprendizagem desta comunidade se tornassem significativos? Como?

Lembrei-me do estimado Rubem Alves que uma vez disse “As respostas nos permitem andar sobre a terra firme. Mas somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar desconhecido. E, no entanto, não podemos viver sem as respostas. As asas, para o impulso do voo inicial, dependem de pés apoiados na terra firme”.

Assustada! Foi assim que me senti diante de tamanho desafio. Titubeei sim, quis desistir sim, mas surgiu a palavra que iluminou o leito do meu rio. “Se apaixonar por algo dentro da pesquisa, talvez seja o que te falta para que tudo comece a caminhar”. Como dizia Martin Barbero “ensinar é um ato de afeto”, cito Paulo Freire que também disse “A educação é um ato de amor”. Decidi apaixonar-me, não por objetos; decidi *enamorarme*⁸ de pessoas, decidi entregar-me, render-me definitivamente, viver o processo e acreditar nele. Decidi que o afeto precisaria ser maior.

A água é um recurso natural, que pode ser encontrada em suas multiformes. E em nossa Amazônia é o que não nos falta! As águas que correm pelos rios amazônicos carregam nossa ancestralidade, nossas águas barretas lavam as terras que foram cultivadas por quilombolas e indígenas na Amazônia. Águas que alimentam e representam fonte de

⁷ *Rincón* significa ângulo estreito que se forma com o encontro de duas paredes ou superfícies. Canto em português.

⁸ *Enamorarme*: significa apaixonar-se

sobrevivência, é palco das lendas, mitos e histórias dos nossos povos na Amazônia, as águas definitivamente simbolizam para além da visão denotativa do que seria um rio.

Um rio, é formado por várias partes, existe a nascente, o local onde a água aflora, saindo da região subterrânea, atingindo a superfície e dá origem ao curso d'água. Mas também existe Leito, Margem, Afluente, Subafluente, Confluência, Meandro, Foz/Embocadura, Jusante, Montante⁹. Poderia passar horas escrevendo sobre a importância dos rios e o que cada parte significa. Limito-me à seguinte definição: O rio é um curso de águas, ele vai ao encontro de foz, embocaduras e afluentes. O escritor, indígena brasileiro, Daniel Munduruku dizia "O rio existe para correr, para singrar, para estar em movimento. As pessoas também".

E ao refletir sobre nossa competência como professores, e em uma singela comparação do ser humano como águas, não seríamos nós um rio? Chegamos ao que chamamos de universidade, e esse espaço já não seria um grande rio? A escola não seria um grande rio? Os alunos e toda sua bagagem também não podem ser um grande rio que cruza nossos caminhos?

Novamente Daniel Munduruku já nos dava uma resposta "Ninguém pode abrir mão da natureza: nem da de fora, nem da de dentro. O igarapé não abre mão de ser o que é simplesmente é".

Somos rios! Que foram alimentados por nossos afluentes, levamos nossas memórias, marcas e tudo que nos constituiu, até que nossas águas se encontram com outro grande rio, geralmente chamado de universidade, esse espaço que reúne águas de vários locais e realidades distintas, esse rio também foi margem e terra firme durante minha formação.

⁹ Leito: "faixa de terra, abaixo das áreas vizinhas, por onde o rio corre."

Margem: "faixas de terra firme situadas em cada um dos lados do leito do rio."

Afluente: "é o curso d'água que deságua em um rio principal ou em um lago. São os afluentes que alimentam o rio principal."

Subafluente: "é o rio que deságua no rio afluente."

Confluência: "é o ponto de junção entre dois fluxos d'água, que se reúnem para formar um novo rio."

Meandro: "é o caminho tortuoso de um curso d'água."

Foz/Embocadura: "ponto onde o rio termina, geralmente desaguando no mar, lago ou outro rio."

Jusante: "é o sentido da correnteza em um curso d'água da nascente para a foz."

Montante: "é o sentido contrário ao que corre o fluxo do rio, em direção à nascente."

Como se sabe, um curso de água precisa correr, e assim saímos do rio universidade, depois de tanto experienciar, corremos pelos leitos em busca de novos rios, rios que agora tinham um único nome: alunos.

Nossa missão era ir de encontro com essas águas e fazê-los chegar aos seus meandros, margens e terra firme; é um ciclo que não se fecha que se inicia a cada nova nascente que encontramos no caminho, condutores de aprendizagem.

A grande *Naba* nos uniu, nossas correntezas se encontraram na embocadura formando novos meandros, margens e servindo como pontes para que nossos alunos ou futuros alunos alcancem terra firme.

Termino esta carta confiante de que és um grande *Naba*, és leito, caminho de terra por onde passam as águas, leito este, que levará outras águas a se transformarem e se encontrarem com outros rios.

Agora, percebo o quanto este espaço chamado universidade é diverso e desafiador, é um lugar de construção e desconstrução; de começos e ressignificação; de diálogo e conflito. É um encontro de águas! É encantamento!

2. PARTE I – “OS LEITOS DO MEU RIO”

2.1 LEITO I – AUTOBIOGRAFIA NARRATIVA DA PESQUISADORA DESTA PROPOSTA

“Esse rio é minha rua

Minha e tua, mururé

Piso no peito da lua

Deito no chão da maré”

Paulo André e Rui Barata

Em diversos lugares, pontes são consideradas ruas, e rios verdadeiras avenidas. Eu poderia falar a você sobre uma cidade no interior do Estado do Pará. A cidade de Afuá¹⁰ que é consolidada sobre as águas, neste local todas as ruas são construídas de pontes de madeira, todos os serviços da cidade são realizados em bicicleta. Polícia, ambulância, até a venda do pão ocorre dessa maneira. Uma cidade inteira construída sobre o rio.

As águas de um rio percorrem quilômetros de distância, fazendo conexões entre cidades, estados e porque não, países? A água é um componente importante do corpo humano, afinal de contas quem vive sem água? Para outras pessoas, e até mesmo comunidades inteiras, a relação com o rio é muito maior, os rios e as águas que por ele passam são vida, alimento, moradia e fonte de sobrevivência. E se mencionasse os indígenas, que na sua grande maioria retiram do rio sua fonte e base de alimentação? Para eles, o rio é algo indissociável, é família, é símbolo de vida, é proteção e encantamento. A água conecta tudo e todos, do início ao fim do ciclo da existência. Aproveito a oportunidade também para mencionar que existem muitos lugares nas grandes metrópoles que têm a presença do rio fortemente em seu cotidiano.

Gostaria de poder relatar as vivências e relação de tantas outras pessoas com os rios. Porém, permita-me contar apenas uma, a de uma jovem pesquisadora que se reencontrou com o rio depois de anos, uma jovem inquieta e curiosa. Mas antes, quero dizer algo, as águas quando nos encantam, falam. Permita-se encantar e assim escutar a sua voz, as águas se encontram nos dias de março.

Um encontro de águas, do rio e da chuva, nos dias de março, em Belém do Pará. Já ouviste falar do inverno amazônico? E das águas de março¹¹? Deixe-me dizer que é sublime! Quando criança estava em minha casa a observar esse encontro. Pontes de madeira eram as ruas que registravam o vai e vem de pessoas, a corrida e brincadeira arriscada de crianças sobre elas. O vai e vêm das águas do rio Tucunduba, que transbordava com as marés altas de março; e que se intensificava com as chuvas mais frequentes e fortes do chamado inverno amazônico. Observar como a maré trazia e levava coisas; em alguns momentos vegetações inteiras e em outros, lixo. O reflexo do problema urbanístico e contraditório da cidade tão bela que era Belém, considerada a cidade morena,

¹⁰ Afuá. Cidade localizada ao norte da ilha do Marajó no estado do Pará. Está à 255km da capital, Belém.

¹¹ Águas de março. Intensificação de chuvas e volume de águas, que contribui com a cheia dos e aumento do volume dos rios no período de inverno amazônico, que no lugar de baixas temperaturas, ocorre o aumento de chuvas.

metrópole da Amazônia e cidade das mangueiras. Esse era o passatempo das tardes de março da menina na beira do Tucunduba.

Esse rio está fortemente ligado a mim. Um outro dia, em uma mesa redonda conversava com a vizinha Estael e pude revisitar as memórias de uma parte da minha infância. A conversa com ela me fez recordar vários momentos.

Situações que marcaram o caminho de sua trajetória familiar, a saída do interior de São Miguel do Guamá, a união matrimonial de meus avós, a vivência e brincadeira com meus primos, as cantorias que recitava. Em todos os momentos as águas do Tucunduba estiveram presentes. Estar com minha vó, é sinônimo de risadas e boa conversa e um bom café, sempre marcando nossos encontros. Ao chegar a casa, ainda lembrando-me do momento tão agradável decidi passar um café e depois dar início as minhas tarefas. Logo percebi que a água estava lentamente fina, até que acabou de vez. Consegui pouca água e lá deixei de mão a ideia de passar um café, pois de nada me serviria tão pouca água.

Sentei-me com o objetivo de esperar a água voltar, mas logo dei início às tarefas que precisava realizar. Ao ligar o computador para elaborar algumas atividades para minhas aulas... Ah, desculpe! Eu não me apresentei. Sou Natália, professora de língua espanhola e muito apaixonada pela cultura dos países hispano-falantes.

Começa a chover, tenho medo de raios. Chuva intensa e de repente, um estrondo forte que me assustou, imediatamente disse: esse caiu aqui pertinho! Estava tentando concentrar-me, e logo comecei a preparar minhas aulas da semana, quando escuto um pequeno ruído, como um sussurro. Rápido levantei e fui em direção à porta verificar se alguém estava a me chamar. Não era ninguém, volto para minha atividade e escuto novamente um chamado que dizia:

– Ei, podes me ajudar? Como vim parar aqui?

Concentrada na tarefa de descobrir de onde vinha aquela voz; percebo que vinha do bule que havia deixado em cima da mesa, na cozinha. Teria eu enlouquecido ou de fato escutado a água de um bule falar comigo? Lembrei na mesma hora do que minha vizinha Estael sempre dizia: Do rio emana uma voz; as águas falam com a gente, permita-se escutar o que ela tem a dizer, esteja aberto ao que ela traz até você.

Recordei também que a água é um elemento de encantamento para quem tem raízes ancestrais conectadas com a natureza, lembrei de Daniel Munduruku, indígena brasileiro

que no livro: Das Coisas que Aprendi (2019), no relato de “a voz que vem do rio”, narra uma conversa com sua avó, uma descoberta sobre os saberes dos mais velhos e a ancestralidade indígena que dizia “Tudo está escrito na natureza. É preciso saber ouvir. As palavras precisam sair de nossa boca depois de terem conversado com a natureza”. Já em uma conversa com seu avô relatada no livro supracitado, sobre aprendizados da vida, seu Apolinário lembrou que “o rio é uma voz ancestral que o tornava capaz de enfrentar os desafios, os obstáculos e as dificuldades. Se ele deixasse de ouvir essa voz, teria aberto mão do seu sonho”.

Por isso, naquele momento, não duvidei que a água estivesse em diálogo comigo e mesmo ainda assustada iniciei uma prosa.

– Oi, você fala mesmo? Disse assustada com tamanho acontecimento.

– Sim! Eu falo. Você pode dizer como vim parar aqui? Eu estava lá, tranquila na minha nascente, me falaram que eu precisava ir seguir o leito, quando percebi já estava aqui e na verdade eu ainda planejava para onde iria, qual era o meu caminho, por onde eu passaria. Se crescer ou se sempre ficaria nesse volume, sabe?

– Olha, eu não sei se conseguiria explicar exatamente como você chegou aqui. Mas... Você fala! Que legal! Minha avó dizia que as águas falavam, mas eu nunca havia escutado, é a primeira vez que ouço.

– Sabe, talvez você não tenha percebido a voz, a gente fala de várias formas. Como passamos por muitos lugares e aprendemos muitas coisas, outras formas de linguagem, e adquirimos saberes. Nós, que somos águas, somos iguais à linguagem humana, somos constituídas por vozes. E por onde passamos todas as nossas interações e convívio, nos permitimos, nos ambientamos e experimentamos. Por onde andamos somos suscetíveis e favoráveis a adquirir saberes, semelhante também ao desenvolvimento dos seres humanos. Com isso, se torna fácil às pessoas se confundirem, ou não entenderem nossa forma de se comunicar.

– Você fala como alguém muito madura e sábia. Mas eu acho que compreendi o que você quis dizer! Você é como um andante que vai e vem, leva e traz histórias, memórias, costumes, linguagens, pessoas e coisas. É isso?

– É, vai por aí!

– Na minha linguagem, nós chamamos isso de cultura, sabe.

– Cultura? Nunca ouvi falar! Podes me explicar?

– Claro! O termo cultura, em seu sentido mais amplo remete aos modos de vida e pensamento. Todo ser humano carrega consigo o que lhe forma socialmente e culturalmente. A cultura é isso e muito mais. Ela é um objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, não somente das ciências sociais, mas que cresce fortemente, por exemplo, no âmbito da linguagem e no ensino de línguas estrangeiras - LE. Já que, é vista como ferramenta essencial de aprendizagem. Através de sua investigação é possível compreender como a língua é formada, o porquê se estuda a história e os comportamentos socioculturais de um determinado grupo social, que foi ou pode ter sido influenciado culturalmente e linguisticamente por outros grupos sociais anteriores ao mesmo.

– Conte-me mais! Por favor!

– É uma história um pouco longa.

– Não há problema, não tenho pressa! – a água mostrou-se muito interessada.

– Existe um sociólogo chamado Denys Cuche, que em seu livro “A noção de cultura nas ciências sociais” explicou a gênese da palavra cultura como conceito. Ele afirmou que muitos foram os estudos sobre a palavra cultura desde o seu surgimento como ideia moderna e com vários significados. Mas bem antes, no séc. XVII, já se utilizava esta palavra no léxico francês, vinda do latim que significa: – “uma parcela da terra cultivada”. Hoje a palavra cultura segundo o dicionário da Real Academia Espanhola significa: 1.f; cultivo, 2.f; conjunto de conhecimentos que permitem a alguém desenvolver seu juízo crítico, 3.f; conjunto de modos de vida e costumes, conhecimento e grau de

desenvolvimento artístico, científico, industrial, em uma época, grupo social e etc. Esse significado de cultura é definido como bens culturais de uma determinada sociedade, pois são elementos que a constituem como tal. A forma e ao mesmo tempo a diferença de outros grupos da sociedade. – Esclareci.

– Mas você concorda com o que ele diz? O que compreendes como cultura? Como você vê? Perguntou-me a água.

– Acho que é a segunda vez que respondo essa pergunta. A primeira foi no curso de graduação, na faculdade de conservação e restauro de bens móveis e integrados da Universidade Federal do Pará. Sou aluna desse curso também. Na minha singela opinião, o patrimônio cultural pode revelar o futuro de uma sociedade, revela o trajeto percorrido no passado pela mesma, representa as características de uma personalidade, um momento considerado importante na construção da história de um bairro, cidade ou país. Seu papel é projetar, no presente como se desenvolveu o processo de evolução de determinada localidade, sociedade, grupo, etc; como ela foi sofrendo as mudanças e influências com o passar do tempo e por fim, como ela afetará o modo de observação da sociedade futura.

Outra definição de cultura importante, a qual tive acesso é a da Declaração do México de 1985 da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais e ICOMOS - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios que relata que atualmente a cultura é:

[...] como o conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade e um grupo social. Ela engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Concorda também que a cultura dá ao homem a capacidade de refletir sobre si mesmo. É ela que faz de nós seres especificamente humanos, racionais, críticos, e eticamente comprometidos. Através dela discernimos os valores e efetuamos opções.

Através dela o homem se expressa, toma consciência de si mesmo, se reconhece como um projeto inacabado, põe em questão as suas próprias realizações, procura incansavelmente novas significações e cria obras que o transcendem. (p. 01 - 02).

Posso dizer que a cultura é um dos bens de uma sociedade. E existe muita variedade nesse meio, já que cada indivíduo é único e cada meio social que ele está inserido também é único. – Esclareci brevemente. E o diálogo segue intenso:

– Você poderia dar-me um exemplo de bem cultural?

– Certamente!

A jovem decidiu por fazer uma viagem na linha do pensamento da conservação e salvaguarda do bem cultural que ela considera o mais representativo de uma sociedade, a língua. Atrelado a isto, ela descreve o indivíduo como representante e usuário desse bem cultural. Antes da língua, o maior bem cultural de uma sociedade são as pessoas. É esse sujeito que agrega valor e conseqüentemente interesse a se preservar algo, ela destacou o porquê e como essa língua deve ser valorizada e difundida entre as sociedades.

– O que posso dizer é, que bens culturais representam uma sociedade, seja ele material ou imaterial. A sociedade é a responsável por agregar valor ao bem cultural. Ou seja, ele existe porque temos uma comunidade que reconhece seu significado como representante da história e que descrevem a sociedade onde ele se encontra. Isso é o que lhe agrega valor, e conseqüentemente o interesse a se preservar.

O patrimônio cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas. Declaração México de 1985. (p. 04).

O maior exemplo de bens culturais que posso te apresentar é a língua de uma pessoa e o próprio indivíduo como usuário. A língua é considerada um patrimônio cultural imaterial, assim como o conservador e restaurador que muito estimo, Alois Riegl (1858-1905) em seus escritos, no livro “O culto moderno dos monumentos: A sua essência e a origem” evidenciou que “O significado e a importância não provém da sua destinação original, mas das atribuições feitas pelos sujeitos” (p. 12) sutilmente Riegl falou sobre o homem e seu valor de agregação de valores ao bem cultural e conseqüentemente sobre o interesse a preservação.

– Significa que qualquer coisa pode ser patrimônio?

– Sim! Qualquer coisa é patrimônio, mas patrimônio cultural é diferente, pois é o registro, testemunho vivo e representante de uma comunidade.

– Acho que estou entendendo.

– Riegl também comentou que em sua visão todos os monumentos têm o mesmo valor histórico, desde os maiores aos menores, isso significa dizer que não existia a hierarquização dos monumentos patrimoniais. Pois, monumento é tudo aquilo que faz lembrar. Podemos dizer que a língua é um patrimônio imaterial de interesse a se preservar independente de sua forma de materialidade, oral ou escrita ou se comparada com outros bens culturais, sejam eles tangíveis ou não. Pois ela faz com que o grupo que a usa seja visto, representado e lembrado.

– Como materializar o que aparenta ser imaterializável?

A língua é uma representação histórica cultural, fica evidente que a materialidade é sobreposta ao imaterial, como é o caso das lendas, contos e mitos que facilmente são propagados pela oralidade, porém suscetíveis a modificações e desaparecimentos devido estar vinculado majoritariamente ao ato de narrar e repasse dessa cultura por meio da oralidade.

A língua enquanto patrimônio imaterial representa e é evidenciada em aspectos da cultura, por exemplo dos indígenas Warao que só podem ser manifestados através da língua (o ato de cantar, o contar de histórias, lendas e mitos desse povo. A criação e modo de fazer do artesanato, a relação desse povo com a natureza e a extração e sustentabilidade através da terra e rio, suas comidas, danças, folclore, ritos, alimentação, modo de vida, costumes, língua e etc.). O patrimônio cultural imaterial, não pode ser tombado, pois entende-se que o mesmo não é algo estagnado, no caso da língua, ela está sendo usada, vivida. Mas também precisa de proteção.

O termo 'patrimônio cultural' [...] inclui mais claramente o patrimônio cultural imaterial (folclore, artesanato, habilidades) que não são necessariamente representados em objetos materiais, mas também precisam de proteção. (Protte e O'keefe, 1986). (citado por VIÑAS, 2004, P. 35 - 36). Tradução própria.¹²

– Como algo intangível pode ser registrado para que futuramente seja possível identificar as mudanças que ele sofreu?

– Pergunta difícil! Respondeu a jovem pesquisadora.

– Mas...

Essa pergunta trouxe a seguinte reflexão sobre as narrativas do pesquisador contemporâneo, Viñas (2004) foi na própria linguagem que encontrei a possibilidade de

¹² [...] el termino 'cultural heritage' [...] incluye de forma más clara el patrimonio cultural intangible (folclore, artesanías, habilidades) que no están necesariamente representados en objetos materiales, pero que también necessita protección. (Protte y O'keefe, 1986). Citado por VIÑAS, 2004, P. 35 E 36.

salvaguarda. Ele diz que o bem cultural imaterial é evidenciado e protegido através de “sua representação na oralidade e multilinguagens (a exemplo de documentários, captação de imagens, fotografia, captação de áudio, inventários)”. E na escrita como meio de registro e proteção. Não sendo a escrita superior à oralidade.

Esta última afirmativa sobre outro ponto que muito merece nossa atenção. A supremacia da representação da língua na forma escrita. Percebe-se, infelizmente, que ainda ocorre uma supremacia da escrita comparada com a oralidade.

O Filósofo da linguagem, Bakhtin (2003) evidencia essa supremacia ao dizer que existem gêneros primários e secundários, porém não deveria o secundário sobrepor ao primário, mas coexistirem.

– Mas porque você acredita que exista tal supremacia?

– Percebe-se que a maior valorização da língua escrita do que falada está relacionada a questões políticas, históricas e sociais. Pois a língua escrita é uma forma de poder e representação social. Como afirma o pesquisador Gnerre (2009, p. 06) A língua padrão é um sistema comunicativo, infelizmente dominado por um grupo reduzido de uma comunidade dentro de nossa sociedade é “um sistema associado a um patrimônio cultural apresentado como um ‘corpus’ definido de valores, fixados na tradição escrita”.

Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais. Esta afirmação é válida, evidentemente, em termos “internos”, quando confrontamos variedades de uma mesma língua, e em termos “externos” pelo prestígio das línguas no plano internacional. Houve época em que o francês ocupava a posição mais alta na escala de valores internacionais das línguas, depois foi a vez da ascensão do inglês. O passo fundamental na afirmação de uma variedade sobre as outras é sua associação à escrita e, conseqüentemente, sua transformação em uma variedade usada na transmissão de informações de ordem política e “cultural” (GNERRE, p. 06 - 07).

– Jovem, qual o papel da linguagem então?

– A função gene da linguagem é social, é comunicação, porém o autor Gnerre, (2009), “excluem da comunicação às pessoas da comunidade linguística externa ao grupo que usa a língua especial e, por outro lado, têm a função de reafirmar a identidade dos integrantes do grupo reduzido que tem acesso à linguagem especial”. Este seria o resultado de uma emergência política e econômica e de afirmação de poder social, a variedade usada por um grupo reduzido dentro da comunidade é mais rapidamente associada de modo estável à escrita. A associação da variação da língua falada, assim como a valorização da

manifestação da cultural imaterial através da oralidade entrelaçada à escrita deve ser realizada como um resultado constante de oposição à cultura da supremacia escrita instaurada atualmente sobre a oralidade.

Sutilmente percebe-se que a língua, linguagem e a palavra (orais ou escritas) e suas múltiplas formas de expressão são também documentos, é uma forma de registro e conservação do patrimônio cultural imaterial de uma sociedade. Não sendo os gêneros secundários superiores aos primários.

– Você parece saber bastante sobre cultura...

– Não, imagina!

– Geraldi (1996, p.28), a quem muito estimo diz que “a língua, enquanto produto desta história, e enquanto condição de produção da história presente vem marcada pelos seus usos e pelos espaços sociais destes usos”. A interação sociocultural de uma sociedade favorece o desenvolvimento da linguagem, essa narrativa estará marcada pelo sujeito, vivência e espaço.

Para ele, cultura e linguagem são indissociáveis, já que define cultura em constante contato com a linguagem e língua, aos signos e comunicação humana na produção de linguagens e significados. E é na interação social que a cultura ocorre, se mostra, concretiza-se, materializa-se, se reproduz e multiplica-se.

“Objeto das ciências do espírito (o mundo da cultura) não é estranho ao sujeito. É por ser o mundo da cultura expressão de uma vivência humana que o sujeito cognoscente pode aqui conhecer de dentro o objeto, i.e. , o sujeito, por pertencer ao mundo da cultura, pode senti-lo por dentro, pode ter dele uma percepção íntima, pode reviver e reproduzir a experiência dos outros seres humanos, pode penetrar em seus significados”. (BAKHTIN, citado por. FARACO, 2009, p.41)

– Gostei da explicação, mas porque você sabe tanto de cultura e linguagem?

– É que eu também sou professora! E como professora de letras, língua espanhola, percebi, depois de anos de atuação que esse componente tão potente dentro do espaço escolar, acaba por assumir, e desempenhar um papel secundário nas práticas docentes. Por vezes converte-se em uma ferramenta motivacional, apenas. Isso é triste!

Pois ela é capaz de despertar interesse e curiosidade em vários momentos. Ao saber, por exemplo, o costume de determinada nação, como se desenvolveu sua história e língua, isso faz com que a cultura seja vista como uma espécie de apoio apresentado pelo

professor, para que os alunos ganhem motivação nas aulas e conseqüentemente aprenda o idioma estrangeiro.

No caso do espanhol essa visão é mais forte, pois são 21 países oficialmente falantes da língua. E a cultura desses países é muito diversificada, suas histórias, tradições, dialetos e costumes são verdadeiras fontes para despertar um interesse gigantesco na língua. Sem falar que o espanhol é uma língua de colonização, e que o dialeto nos países colonizados sofreu influência direta de línguas indígenas originárias e outras que foram transportadas. Mas o que quero dizer é que, aprender uma língua é aprender uma cultura e vai muito além de despertar curiosidade e sanar dúvidas de vocabulário.

[...] É importante ressaltar que o contato que os alunos venham a ter com as variações do espanhol não podem se estabelecer apenas por meio das simples curiosidades léxicas, como se as diferenças se reduzissem a umas tantas palavras que se usam em um lugar e em outro não. (VENTURA, 2005, p. 119-120).¹³ – "Tradução nossa". (NRB 10520)

A água ainda surpresa com a boa conversa e tantos novos saberes, informações e descobertas diz:

– Eu gostei do que você falou! Isso significa que a língua também é uma espécie de rio? Pois o rio é como um Ser que leva muitas coisas, por onde passa; leva e deixa marcas.

– Eu nunca pensei dessa forma, acredito que sim, pode a língua ser um rio! Mas também pode ser e representar muito mais.

– Acho que entendi o significado, mas deixa eu te perguntar, qual o seu nome? e como você descobriu tudo isso?

– Desculpe-me, eu sou Natália e sou pesquisadora também.

– E você, como se chama?

¹³ [...] es importante resaltar que el contacto que los alumnos tengan con las variedades del español no se puede establecer sólo por medio de simples curiosidades léxicas, como si las diferencias se redujeran a unas tantas palabras que se usan en un lugar y en otro no (VENTURA, 2005, p. 119-120).

– Me chamo... Eu ainda não tenho um nome exatamente, eu precisava me encontrar com a foz para saber qual seria meu nome de rio.

– Poxa! Que pena você ainda não ter um nome, e você acabou vindo parar na minha casa.

– Sim! Mas eu só preciso me encontrar. Você pode me deixar na nascente novamente e de lá eu posso tentar encontrar meu caminho e finalmente terei um nome de rio e um lugar.

–Queria poder ajudar, mas eu não sei onde você nasceu, minha querida. O que eu posso fazer, é deixar-te em alguma foz. Você não teria raízes, nem saberia de onde veio, e só faria parte de um todo. Aqui tem vários rios. Tem o rio Guamá, Tucunduba, Acará, Baía do Guajará e muitos igarapés.

– Mas seria importante saber de onde venho e onde quero desembocar, estar no lugar que me pertence. Já que você também é uma espécie de rio, porque não me fala da sua nascente; vai que somos parentes ou algo assim. Disse a água.

– Certo! Acho que eu posso falar sobre isso, ou melhor; levar-te para conhecer.

Resolvi chamar a água de Naba, palavra da língua Warao que está muito relacionado com a minha pesquisa, e que em português significa rio. Pedi permissão e disse que a colocaria em um vaso de cerâmica marajoara que tinha guardado há um tempo, e a levaria para conhecer alguns caminhos de rio e talvez se encontrasse.

Comecei a aventura ao contar e mostrar algumas fotografias para Naba. Disse a ela que eu havia nascido e crescido no bairro do Guamá, na fronteira com o bairro da Terra Firme; na cidade de Belém, eram bairros considerados por anos muito empobrecidos e com altos índices de violência. Disse também que minha relação com o rio é antiga, pois morava ao lado do rio Tucunduba, e que ele atravessa os dois bairros. Conteí a ela que quando pequena por muitas vezes vi minha rua sempre inundada pela cheia do rio¹⁴, nas

¹⁴ Cheias do rio: fenômeno natural que ocorre anualmente na cidade de Belém durante o mês de março. Fenômeno intensificado pelo inverno amazônico.

águas de março. Complementei dizendo que era uma criança sapeca e que corria sobre as pontes de madeira, pois as ruas e vielas próximas do Tucunduba eram assim, mangue e rio.

Depois de mostrar fotos e contar um pouco da minha relação com o rio quando criança, decidi levar Naba até a nascente do rio Tucunduba, lá no bairro do Marco, uma água limpa e pura. Ela ficou encantada e me pediu para falar mais sobre o rio. Conteí que o Tucunduba tem 10 km de extensão, e que agora ele é diferente de antes, agora ele é canalizado e desagua na Baía do Guajará que é formada pela foz do rio Guamá e do rio Acará.

Depois de conhecer a fonte do rio Tucunduba, levei Naba para conhecer o bairro onde cresci, e pedi a meu tio que nos levasse para um passeio pelo mesmo rio, igual ao que ele fazia comigo quando eu era criança. Naba ficou admirada ao saber que aquela paisagem que via agora, antes era várias casas de madeiras (palafitas) na margem do rio.

– Tá vendo esse espaço aqui, Naba?

– Sim, eu vejo.

– Meus avôs paternos moravam bem aqui. Uma casa simples de madeira e muito humilde. Passei vários momentos da minha infância na casa deles, eu sempre quis entrar no rio, mas não sabia nadar. Então minha mãe não permitia. Observei por muitos “marços” quando a maré alta chegava, crianças, adolescentes e até adultos tomando banho no rio. Os mais velhos contavam que existia a lenda da cobra grande, e todos os vizinhos e crianças que moravam perto do rio conheciam a história. Tem várias versões, mas dizem que são duas serpentes gigantes que vivem em Belém, uma perto da igreja da Sé, pois conta a lenda que Belém foi construída em cima do ninho dela e que sua cabeça está na igreja da Sé e a calda na Basílica de Nazaré, igrejas que são muito frequentadas no período do Círio de Nazaré, uma das festas religiosas mais importantes do Estado e até do Brasil, reúne mais de dois milhões de pessoas. A outra cobra gigante está aqui nesse rio. Dizem que ela agarra a perna e puxa para baixo quem está dentro do rio, distraído ou que não sabe nadar direito, por isso nunca entrei.

Na casa dos meus avós nunca faltaram histórias sobre o rio Tucunduba, do folclore amazônico, assim como as lendas urbanas de Belém. Minha avó sempre me contou histórias.

– Era muito legal!

Depois, passei a me conformar, com uma fala de minha mãe. Ela dizia: “esse rio é sujo, as pessoas o sujam, jogam lixo e não cuidam dele”. Passei a observar o rio como algo feio e que prejudicava quem morava perto dele.

– Na verdade, Naba, ele não prejudicava, e sim ajudava muita gente, através dele chegavam madeira e materiais para vender nas estâncias de materiais de construção civil, por ele também chegava alimentos para vender nas feiras, além do peixe que as pessoas pescavam na Baía do Guajará e o Tucunduba era a forma de chegar lá.

– Nossa! As pessoas eram corajosas e o rio, na verdade ajudava muito os que moravam perto dele, agora compreendo a relação entre água, pessoas e essa cidade, como elas se relacionam com o rio. Essa cidade também foi construída sobre as águas. Mas...

– É triste saber que as pessoas sujam o curso do rio.

– Agora, me diz uma coisa. O que é esse espaço grande com pontes de ferro amarelas? As casas dessa parte do rio parecem ser mais modernas, são diferentes das dos seus avós.

– Ah! Não Naba. Isso aí não são casas modernas. Essa é a Universidade Federal do Pará, a UFPA.

– Mas o que é isso? Universidade? Nunca vi! Parece-me bonita.

– Sim! Ela é muito bonita. Você me fez lembrar da primeira vez que fiz esse passeio. Era criança e fiquei admirada quando vi a UFPA pela primeira vez, sem saber direito o que acontecia nela.

Lembro-me de perguntar para o meu pai, na primeira vez que fiz esse passeio. – Pai, que lugar é esse? Ele respondeu: – Aqui é um lugar de estudos, onde jovens e adultos

estudam e são educados. Perguntei se era difícil estudar aqui. E ele disse que sim. Que era difícil e nem todo mundo que tentava conseguia entrar, pois existe um processo seletivo.

– Mas ela existe há muito tempo?

– Sim, há exatos 66 anos.

A Universidade do Pará foi criada pela Lei nº 3.191, de 2 de julho de 1957, e sancionada pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Atualmente, é uma instituição federal de ensino superior, organizada sob a forma de autarquia, vinculada ao Ministério da Educação (MEC). E o princípio fundamental da UFPA é a integração das funções de ensino, pesquisa e extensão.

De acordo com os dados disponibilizados pela própria Universidade, a UFPA é formada por 15 institutos, oito núcleos, 36 bibliotecas universitárias, dois hospitais universitários e uma escola de aplicação. Segundo o Anuário Estatístico de 2018, ano base 2017, elaborado pela Pró reitoria de Planejamento, o ensino de graduação alcançou a marca de 38.865 mil estudantes; a pós-graduação, em torno de 9.249 estudantes; o ensino fundamental e médio, 1.051 alunos. Há ainda, 6.769 estudantes matriculados em cursos de ensino técnico e cursos livres das Escolas de Música, Teatro e Dança e de Línguas Estrangeiras.

A UFPA é a maior universidade pública da Amazônia e possui 4.411 alunos matriculados no mestrado; e 2.271, no doutorado. São 120 cursos, distribuídos por 40 doutorados, 58 mestrados acadêmicos e 22 mestrados profissionais. Dos 85 programas da UFPA, 12 estão em campi do interior do Estado.

– Ao chegar à fase preparatória para ingressar na Universidade, descobri que muitas pessoas queriam estudar na universidade pública, que havia mais pessoas para entrar e que as vagas eram ofertadas anualmente. Por isso nem todos que tentavam, conseguiam, pois existe um processo seletivo.

– Imagino que você se dedicou bastante, certo?

– Certamente! Mas quero lhe dizer que fui beneficiada pelas políticas afirmativas de ingresso da UFPA.

– O que é isso, políticas de ingresso? Perguntou Naba.

– São algumas formas de auxiliar pessoas advindas do ensino público brasileiro a ingressar na UFPA. Aqui chamamos de cotas, eu era considerada cota escola, pois estudei ensino fundamental e médio todo em escola pública e cota cor/raça, além da cota socioeconômica.

– Isso parece bom!

– Sim! É uma forma de auxiliar que mais pessoas que têm algum tipo de vulnerabilidade socioeconômica tenham acesso ao ensino superior, mas saiba que a universidade é um lugar de instrução, porém desenvolve um papel muito maior. Sabes, em outro momento, ao ler um livro chamado Democracia e Universidade de autoria de José Saramago, a quem também grande estima, afirmou que: “o ensino seja o primário, seja o secundário ou o superior é o que em tempos passados chamava-se instrução”.

Naba questionou dizendo:

– Mas não seria a instrução o mesmo que educação?

– De acordo com José Saramago, educação e instrução são diferentes, Naba. Instruir é a transmissão de conhecimentos, sobre distintas matérias que fazem parte do programa escolar. Educar seria de acordo com o dicionário, dirigir, encaminhar, doutrinar, oferecer a alguém o necessário para que esta pessoa consiga desenvolver plenamente a sua personalidade. Saramago diz ainda que professores têm meios para instruir e não para educar, pois receberam da sociedade o encargo que lhes proporcionou por meios científicos, as ferramentas adequadas para transmitir os conhecimentos aos alunos, para progredirem técnica e cientificamente na sociedade. A educação pode ocorrer em vários espaços e em níveis diferentes.

[...] Então pensa que a educação não é uma consequência lógica e natural da instrução? Minha resposta é não, não é, clara e simplesmente. Sou assim definitivo porque os argumentos são evidentes: se para educar fosse necessário ser instruído, e quanto mais instruído mais capacitado de educar, uma família de analfabetos e provavelmente como eu - não saberia educar, mas a realidade demonstra que não é assim. Uma família de analfabetos, com os seus valores, com as suas atribuições, sejam camponeses ou da cidade, pode educar., é a educação mais básica que há, a primeira orientação para governar-se na vida com retidão (SARAMAGO, 2012, p.20)

De acordo com seus escritos quem educa é a sociedade e a família, o fato de viver em sociedade, seja ela primária (família) ou secundária, forma indivíduos, e na falta ou crise de um desses, resta à escola o último suspiro para que este ato ocorra. Os problemas enfrentados por alunos no ensino superior são fruto de sua origem. José Saramago compara isso a um rio de águas “contaminadas”. Seria como se as pessoas e instituições, todos os dias fizessem o esforço para ocorrer à “descontaminação”, porque a água vem contaminada de cima, quase desde a sua nascente. Se a fonte está contaminada, a única possibilidade é ir à origem e resolver o problema.

“a nascente do rio começa com o “a”, o “e”, o “i”, o “o” e o “u”, as vogais que o menino ou menina aprendem, esse é o germen, tudo que venha depois pode simplificar ou complicar a tarefa da universidade, anos mais tarde. Não há solução para a universidade, para seus problemas, se não se encontra solução para os problemas do ensino primário e médio” (SARAMAGO, 2012, p.26).

A jovem pesquisadora e Naba seguiram o passeio; até que Naba questiona outra vez a jovem.

– Seu pai entendia a importância de estudar, ele estudou aqui também?

– Meu pai teve apenas a oportunidade de cursar o ensino primário, chegou a concluir o fundamental I, e por questões socioeconômicas se dedicou cedo ao trabalho, mas entendia e compartilhava comigo e com as minhas irmãs a importância de estudar e dedicar-se a isso. Através da educação recebida, da partilha de seus valores e de seus esforços diários, foi possível ter acesso aos outros níveis de instrução e complementá-la.

Dessa origem pode sair um miúdo ou uma miúda que vão continuar a estudar, se tiverem a sorte de os seus predecessores analfabetos lhes terem aberto outros caminhos para a vida e para o trabalho, com o sacrifício que tal suporá e que conhecemos. Então ele ou ela dar-se-ão conta, se tiverem a sensibilidade suficiente; de que num mundo instruído podem encontrar algo diferente, fórmulas para acrescentar à primeira educação

recebida, assim complementarão e ampliarão a base. Ou seja, a educação recebida no seio da família. (SARAMAGO, 2012, p.21)

– Depois de muitos anos compreendi que a Universidade era um espaço que além de instrução era de acordo com José Saramago (2012) o último nível formativo em que o estudante pode converter-se, com plena ciência, em cidadão; é um lugar de debate onde, o espírito crítico tem de florescer; um lugar de confronto, não uma ilha onde o aluno desembarca para sair com um diploma ou uma instituição onde se aprender um ofício.

– Posso dizer que a universidade é na verdade uma foz, onde os discentes se constituem em enunciados¹⁵, que chegam a essa foz com o que lhes forma culturalmente e socialmente, e podem ter a oportunidade de encontrar-se com outras águas, que também serão enunciados únicos. O uso da língua nos serve para que se desenvolvam diálogos em busca de melhorias e soluções para a sociedade e realidade que estão inseridos.

– Autor que também tenho muito apreço é Bakhtin (2003, p. 300-301) que mencionou que o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separada dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Entretanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes da comunicação discursiva. Ou seja, cada “sujeito-rio” que chega ao espaço universitário é único, é constituído por elementos socioculturais que lhe forma como sujeito antes mesmo de adentrar este espaço, que serão “transformados” e instruídos, caso se permitam a experiência. Serão encantados e estimulados por todos os outros enunciados que fazem parte desse grande rio que é a universidade.

– A UFPA é um grande espaço dialógico. Que tem seus objetos e problemáticas de estudo, porém ao dizermos que enunciados (sujeitos) são seres únicos, podemos construí-los em sujeitos da pesquisa como tal.

Após a última fala da pesquisadora, já se percebia que uma das características de Naba era a curiosidade. E sem titubear pergunta se existem outras pessoas que ela

¹⁵Enunciado. Para o pensamento bakhtiniano o uso da língua efetua-se em enunciados concretos e únicos (orais ou escritos) é considerado uma unidade de comunicação. Cada sujeito é considerado um enunciado real de comunicação, pois é único e usa da língua para o ato discursivo e dialógico.

considerava importantes e que falam sobre o papel da universidade. E a pesquisadora concluiu:

– Sim! Existem outras vozes que descrevem esse papel da universidade. O pesquisador Roberto Leher, extremamente significativo ao recontar o caminho da universidade no Brasil e o constante ataque que a ciência sofreu durante o período de governo Bolsonaroista, que evidentemente atacava a ciência.

Em seus escritos, ele afirma que uma das narrativas que desqualifica a ciência e as universidades brasileiras é a acusação de que “gastam demais e não são reconhecidas como universidades de excelência, o que só seria verdade se estivessem relacionadas entre as cem melhores universidades mundiais.” (pág. 28). Os gastos das universidades públicas se justificam, pois além de ciência e produção do conhecimento existem inúmeras políticas afirmativas dentro das universidades, e que anualmente são realizadas chamadas através de editais para que alunos que se enquadrem no perfil possam ser contemplados pelos auxílios de permanência.

– Essas políticas existem aqui? Questiona Naba.

– Sim! É uma das preocupações da UFPA!

Além de garantir que mais alunos de escolas públicas ingressem no ensino superior por meio de cotas como: cota escola pública, cor, raça, deficiência, baixa renda. Ela tem políticas de permanência para que essas pessoas possam chegar ao término da graduação. São vários programas de permanência como o auxílio moradia, permanência onde é disponibilizado um tipo de auxílio financeiro para o aluno conseguir manter-se, como alimentação e transporte de locomoção. Seja ele residente da localidade onde está o campus ou não. Auxílio alimentação para que alunos possam se alimentar no restaurante universitário por um valor ínfimo, auxílio para compra de materiais que o discente precisará usar no curso, chamamos esse auxílio de: kit acadêmico, e recentemente o auxílio creche para as discentes que são mães e não têm com quem deixar seu filho para que possam estudar.

– Assim, lembro uma das afirmativas de Roberto Leher (2019) que critica fortemente o pensamento de que “as universidades devem ser reservadas para uma elite intelectual”. Ele também sustenta fortemente que “Não relacionar a luta das universidades

públicas no contexto da América Latina, não engajá-la às causas também sociais é tornar o espaço universidade em um convite a desistência, de maneira sutil”.

As lutas que estão ganhando corpo hoje dentro das universidades podem perder fôlego precocemente caso não incorporem os movimentos sociais. A ampliação do arco de forças é um fazer pedagógico. Gerações anteriores praticam relações pedagógicas de cunho dialógico com os setores mais explorados e expropriados (LEHER, 2019, p.18)

– Outra pesquisadora, Naba, que desejo muito que você conheça, é a professora Zélia Amador de Deus, coordenadora da Assessoria de Diversidade e Inclusão Social (ADIS) da UFPA.

Em 2020, foi convidada para uma aula inaugural no programa de pós-graduação Criatividade e Inovação em Metodologias de Ensino Superior- PPGCIMES, que é uma subunidade do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão (NITAE²) e que oferece o curso de Mestrado Profissional em Ensino, e em sua aula intitulada “Diálogos contemporâneos da Universidade com os movimentos sociais” onde partilhava das experiências de sua trajetória profissional e de vida, destacou:

[...] “os movimentos sociais fazem com que a sociedade seja mais solidária todo docente tem que ter como meta modificar realidades no contexto que estão inseridos. E como faz isso? Não existe receita pronta. É na prática que se consegue resultado, tentando e lutando” (DEUS, 2020, PPGCIMES citado por Aviz 2022).

– Assim Naba, podemos entender que a universidade tem um papel social, que vai além da produção do conhecimento. Para que exista o sentimento de pertencimento dos muitos sujeitos beneficiados pelas políticas de ingresso e permanência que formam a universidade, principalmente quando falamos de ensino e aprendizagem, é necessário que ocorra a reflexão sobre: O que é educação na Amazônia? O que seria educação humanizada? O que seria sensibilizar o docente para uma formação sociocultural? Como relatou a professora Zélia; docentes deveriam colaborar para que os discentes que anualmente ingressam na universidade através de seus processos seletivos e cotas, sintam-se pertencentes a ela.

Dever-se-ia favorecer o reconhecimento e não a segregação ou exclusão desses sujeitos, suas vivências, seus saberes, contexto cultural e conhecimento. Se essa visão, em alguns casos não ocorre no ensino superior, no ensino básico isso será mais evidente.

O pensar a partir da problemática no ensino superior demanda tempo e atenção. Demanda que nem sempre docentes formadores pretendem assumir por variados motivos,

a exemplo de nova capacitação e atualização profissional, adaptação de currículo dos cursos e disciplinas ministradas.

Outro autor que muito admiro e acompanho é Faraco (2009, p.25) pesquisador, que ao realizar análises dos escritos de Bakhtin disse que não há, nem pode haver enunciados neutros. Todo enunciado emerge e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto.

– Realmente esse espaço é grandioso, acredito que seja referência na Amazônia, sim?

–Sim, estamos diante de uma universidade constituída na Amazônia, a UFPA desenvolve ensino, pesquisa e extensão. E, com isso, busca fomentar seus três elos constituintes voltados para a realidade da Amazônia, seus povos e culturas. Assim como incentivar que esses povos que a formam estejam dentro desse espaço, discutindo, investigando e promovendo pesquisas sobre eles. Ou seja, que a Amazônia não seja apenas objeto de estudo, mas que os sujeitos que a formam sejam os sujeitos da pesquisa, os investigadores, protagonistas.

Como instituição pública, a universidade é um espaço que deveria ser para todos. Onde todos deveriam usar de suas vozes sociais para a produção de conhecimento. Os sujeitos deveriam desenvolver suas pesquisas em busca de solução de problemas para a sociedade e suas comunidades, onde se responda aos desafios do tempo que vivemos hoje. Porém é importante dizer que esses sujeitos são vozes, na verdade rios que esse espaço acaba promovendo seus encontros com outros rios, são diversos e que fazem parte de um rio muito maior.

Por tudo isso, decidi voltar a UFPA em um programa múltiplo e diverso, justamente para desenvolver pesquisas relacionadas à formação docente e que atua em diferentes áreas e níveis de ensino.

A função social das universidades em contextos favoráveis ao bem viver, à democracia, ao desenvolvimento econômico - social em prol da dignidade do trabalho e da igualdade social exige a interconexão entre ciência básica, ciência aplicada, tecnologia e pesquisa e desenvolvimento. Desde logo é preciso afirmar a indissociabilidade entre autonomia universitária e a ética na produção do conhecimento (Cardoso, 1994) todos os projetos

que envolvem exploração das fronteiras entre, de uma parte, a ciência e a tecnologia e, de outra, a pesquisa e desenvolvimento, devem ser rigorosamente avaliados quanto a sua pertinência para a instituição (relevância acadêmica e imagem institucional) e para o bem viver dos povos (relativo à ética pública). (LEHER, 2019, p. 100 -101)

– Tenho uma dúvida, você disse que a UFPA é formada por muitas vozes, todos pensam de maneira igualitária? Isso é possível?

– Naba, nós estamos conversando certo?

– Sim, conversa muito agradável por sinal.

– O que eu quero dizer é que mesmo que estejamos dialogando, não significa que pensamos ou estamos em comum acordo nas temáticas que abordamos.

– Não sei se compreendi o que você quis dizer...

– Tudo bem! O que quero dizer é que assim como nós podemos não concordar em algum momento, a universidade também é formada por sujeitos diversos que nem sempre estarão de acordo, porém estarão em constante comunicação. Ou seja, a universidade é um espaço de conflito e é onde normalmente a palavra diálogo carrega um peso que vai além de mútuo acordo, como evidencia Faraco (2009, p. 68) “A palavra diálogo, no uso corrente, tem também uma significação social marcadamente positiva, que remete a ‘solução de conflitos’, a ‘entendimento’, a “geração de consenso”.

Nem sempre diálogo será consenso, pois o dialogismo é compreendido neste espaço, como uma unidade de interação e relações sociais. Ou seja, o diálogo não pode ser entendido como um processo de conversa onde o indivíduo inválida suas vivências e opiniões para aceitar a do outro. O dialogismo vai além de um acordo entre partes de uma relação social. “do diálogo pode resultar tanto a convergência, o acordo, a adesão, o mútuo completamente, a fusão, quanto à divergência, o desacordo, o embate, o questionamento, e a recusa”.

– Compreendi! Eu tenho uma formação social que me constitui como sujeito e você tem outra, e não é porque estamos no mesmo leito de rio, que pensaremos igual.

– Exatamente! Todo sujeito é composto por um repertório que ele já carrega muito antes de entrar no espaço da universidade. Todo espaço dentro da universidade é um espaço de conflito, o maior deles é a sala de aula. E os conflitos, deveriam ser sobre os sujeitos e problemáticas que estão evidenciadas em nossa sociedade. O papel da universidade é criar soluções para as multe questões/problemáticas. Ou seja, não existe ensino, pesquisa ou extensão neutra.

“Toda sociedade diferente da nossa é objeto, todo grupo de nossa própria sociedade ao qual não pertencemos, é objeto, todo costume desse mesmo grupo ao qual pertencemos, mas ao qual não aderimos, é objeto”.

O outro é aquele em relação ao qual não há adesão e que assim se constitui como um objeto para mim. E se a construção do objeto se faz por objetivação do sujeito, isto é, pelo que em mim se desloca e não adere, pode-se dizer que a alteridade enquanto objeto de pesquisa procede de mim. Citado por (FARACO, 2009, p. 68)

–Todos os sujeitos que compõem esse espaço que é a universidade dentro do campo ensino e aprendizagem, docentes e discentes são formados por um contexto social/cultural, carregado de sentido, valores e conhecimentos e que formarão no convívio e diálogo diário outros enunciados (sujeitos).

Dentro da universidade esse contexto cultural pode ser bem explorado e utilizado para fomentar e desenvolver seus conhecimentos ou apagado, anulado ou criado uma invisibilidade dependendo da postura que é tomada pelos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Neste sentido é importante destacar que essa diversidade dos sujeitos que compõem esse espaço já que são seus atos que constituem os objetos de pesquisa e não o inverso.

É preciso reconhecer que naquele contexto as vozes dissonantes somente foram possíveis com enorme esforço pessoal de cientistas e estudantes comprometidos com os problemas nacionais e com as lutas contra a exploração e expropriação. Nos tempos atuais, igualmente, escrever a história a contrapelo requer esforço redobrado, enfrentar restrições financeiras, enfrentar polêmicas ásperas, agressões e ameaças. As dificuldades ultrapassam o plano dos indivíduos. Na produção do conhecimento crítico, como destacado, a problemática da pesquisa e as condições epistemológicas e epistêmicas do trabalho científico dependem hoje, em grande parte, do protagonismo dos movimentos sociais que identificam os problemas, localizam seus agentes, discutem as resistências, elaboram diagnósticos sobre a degradação ambiental e suas consequências para a vida que ultrapassam os marcos da lógica do capitalismo de hoje. (LEHER, 2019, p. 184 -185)

– Por isso digo a você, Naba, que o papel da universidade vai além de produção de conhecimento, é importante que a universidade esteja ligada às lutas sociais, diante de tantos ataques e cortes orçamentários no repasse de verba para as universidades públicas, pois uma das suas maiores causas é que insistem e desenvolvem políticas de permanência para que discentes em vulnerabilidade social não sejam associados a desligamentos de maneira sutil por falta de suporte pedagógico e/ou socioeconômico.

– Jovem você parece conhecer muito da universidade. Você disse anteriormente que também é pesquisadora, o que você faz tem relação com alguma ação direta da universidade?

– Esqueci-me de mencionar essa parte. Lembra-se do PPGCIMES? Então, eu sou discente do programa e lá, faço parte da Linha INOVAMES: Essa linha de pesquisa que está orientada a formação e à incorporação de inovações metodológicas e tecnológicas na prática docente, enfatizando o uso de diversos métodos e técnicas: metodologias ativas, recursos pedagógicos e tecnológicos, de modo a potencializar a capacidade do futuro mestre em desenvolver metodologias inovadoras em sala de aula (PPGCIMES). Desenvolvo minha pesquisa sobre um grupo que eu considero muito especial. Discentes da UFPA que são indígenas Warao e que adentram a universidade através da política de ingresso assim como eu, só que eles fizeram parte do PSE-MIGRE.

O passeio já estava na metade do caminho, o curso do rio Tucunduba acabou e finalmente é possível contemplar a ligação do Tucunduba com o rio Guamá. Que paisagem linda! Exclamou Naba. Que conseguia ver o quanto a UFPA é bonita, numa visão do rio para terra firme. E com essa paisagem, do passeio de barco, Naba segue a contemplar a universidade.

– Estou muito admirada com a grandeza desse espaço e percebo que a universidade está rodeada por muitas águas! Será que aqui seria um bom lugar para eu ficar? Poderia ser minha foz! O que achas?

– Eu acho que seria um ótimo lugar! Certeza que sentiria acolhida e talvez acabasse descobrindo outros caminhos, ou o seu próprio.

– Hum...

Seguirei pensativa, eu gosto da ideia de ficar aqui, mas talvez eu não pertença a este lugar. Dizia Naba um pouco mofina¹⁶.

– O que você acaba de falar me fez lembrar quando eu entrei pela primeira vez como aluna da UFPA. Queres escutar essa história, Naba?

– Mas é claro! Exclamou.

– Então, assim como você, eu também me perguntava o que fazia aqui. Que talvez tivesse escolhido o lugar errado, o curso errado. Pensei que essa não era a minha realidade e nem meu lugar. Tem tanta diversidade dentro desse espaço, que é impossível você comparar a sua realidade com a de outro aluno. Todos são muito diversos, alguns de realidades comuns, outros de realidades e contextos sociais extremamente diferentes, e esse eu exterior à universidade influencia muito na sua permanência dentro dela. É incrível como essas águas e pontes unem e ao mesmo tempo segregam realidades e pessoas.

– Espera! Você pensou em sair daqui? Por quê? Surpresa. Questionou Naba.

– Naba, Naba. Pensei várias vezes! Muitas situações da vida me fizeram por vezes pensar em abandonar o meu curso. Família, trabalho, condições socioeconômicas e outras. Mas eu fiquei.

– Bom que você decidiu ficar! Como você fez para chegar nessa decisão?

– A UFPA é formada por várias realidades e vivências diferentes. E dentro desse espaço tão diverso existem inúmeras políticas afirmativas de permanência e inclusão.

– Então, foi à própria universidade que te auxiliou a ficar até o fim do seu curso?

– Não só até o fim do curso, mas em incentivar para dar seguimento aos meus estudos e seguir no desenvolvimento de pesquisas.

¹⁶ Mofino: Pessoa que se encontra triste. <https://www.dicio.com.br/mofino/> acesso em 13. Mai, 2022.

– Aqui parece mesmo ser um ótimo lugar, acho que posso ficar aqui! Disse Naba.

A jovem decidiu comentar com Naba sobre a situação da pandemia da COVID19 e explicar como a UFPA auxiliou seus discentes para seguirem com seus estudos nesse período.

– Naba, você sabe que há mais de dois anos o mundo enfrenta a pandemia do COVID19, né?

– Já tem tudo isso de tempo?

– Infelizmente, sim! E durante o período mais crítico da pandemia foi criado o ensino remoto emergencial – ERE aqui na UFPA. Neste período os alunos estudaram de maneira assíncrona ou síncrona¹⁷, sem precisarem se deslocar para assistirem aulas presenciais, durante esse período de pandemia.

– Mas você disse que existem muitas pessoas que não tem condições de permanecerem na universidade por fatores externos, como essas pessoas conseguiram estudar nesse período?

– Pensando nisso que você falou, foi criado pela UFPA um auxílio para compra de dispositivos que auxiliassem no acesso às aulas e pacotes de internet para que os alunos em vulnerabilidade socioeconômica pudessem acompanhar os encontros síncronos e assíncronos. Com políticas de permanência e de ingresso.

– Você disse que seu pai falou que é difícil entrar para estudar aqui. Como funciona isso de ingressar na UFPA?

Muito curiosa Naba perguntava constantemente:

¹⁷ assíncrona ou síncrona: para o universo da educação, **aulas síncronas** são aquelas que acontecem ao vivo. Com alunos, alunas, professor ou professora numa mesma sala virtual. Interagindo por meio de som e imagem. Em resumo, **aulas assíncronas** são aquelas em que o professor ou a professora sobe em alguma plataforma virtual um arquivo de vídeo com suas explicações sobre um determinado tema. Em outras palavras, é uma aula gravada.

– Também percebi que você fala e conhece muito sobre as políticas de ingresso e permanência da universidade, por que tanto interesse sobre?

– É que o grupo ao qual direcionei minha pesquisa entrou e permaneceu na universidade por meio dessas políticas afirmativas.

– Agora compreendo sua narrativa! Mas, conte-me mais sobre elas.

– Bom, atualmente existem várias formas de ingressar na UFPA, tem o processo seletivo comum que é através da prova do exame nacional do ensino médio - ENEM. Mas existem outras formas, os chamados processos seletivos especiais - PSE. Como o PSE para indígenas e quilombolas e com uma seleção diferenciada. O PSE ao qual dedico minha pesquisa foi aprovada sua criação no dia 23/10/2019, o Processo Seletivo Especial para Imigrantes, Refugiados, Asilados, Apátridas e Vítimas de Tráfico de Pessoas – PSE-MIGRE. Foi a primeira vez que a UFPA fez uma seleção específica para estudantes estrangeiros em condição de vulnerabilidade e inicialmente a seleção foi realizada por análise de documentos e comissão especial.

– Égua!¹⁸ Que notícia boa! A UFPA acertou muito nesse PSE! Disse alegre, Naba.

– Acho que você é paraense mesmo, Naba. Esse égua, não engana!

– Será? Vamos descobrir!

– Mas, Sim! Esse tipo de política afirmativa é muito importante, pois afasta a xenofobia, os preconceitos, discriminações e racismo. Além de promover a prática humanitária.

– E quem teve essa ideia? Questiona Naba.

¹⁸ Égua. Palavra usado no vocabulário do cotidiano paraense que dependendo da entonação, pode ser usada para expressar dúvida, espanto, surpresa, raiva, entre outros. Funciona como o *uai* dos mineiros e o *oxe* dos baianos.

– A própria reitoria da UFPA tomou a iniciativa, lembra que te falei que tu precisas conhecer a professora Zélia?

– Lembro sim, você ficou de me levar lá.

– Levarei, prometo!

– Foi através da ADIS. Junto com a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG).

A ADIS é vinculada diretamente à reitoria, ela é responsável pelo planejamento, coordenação, definição, implementação e acompanhamento de políticas referentes às ações afirmativas com atuação integrada com as diversas Unidades da UFPA. Essa assessoria foi criada com o objetivo de inserção de políticas afirmativas na Universidade no início dos anos 2000. Professora Zélia, fala sobre a importância deste novo PSE. - “A gente continua na luta pela inclusão porque a sociedade precisa disso e ainda temos muito que avançar em relação à própria concepção de inclusão. Não é suficiente trazer as pessoas para dentro da universidade, é preciso trazer também os saberes delas e a permanência”.

Figura 1: Divulgação de aprovação do PSE-MIGRE/2020



Autor da foto: Natália Lameira, 2022.

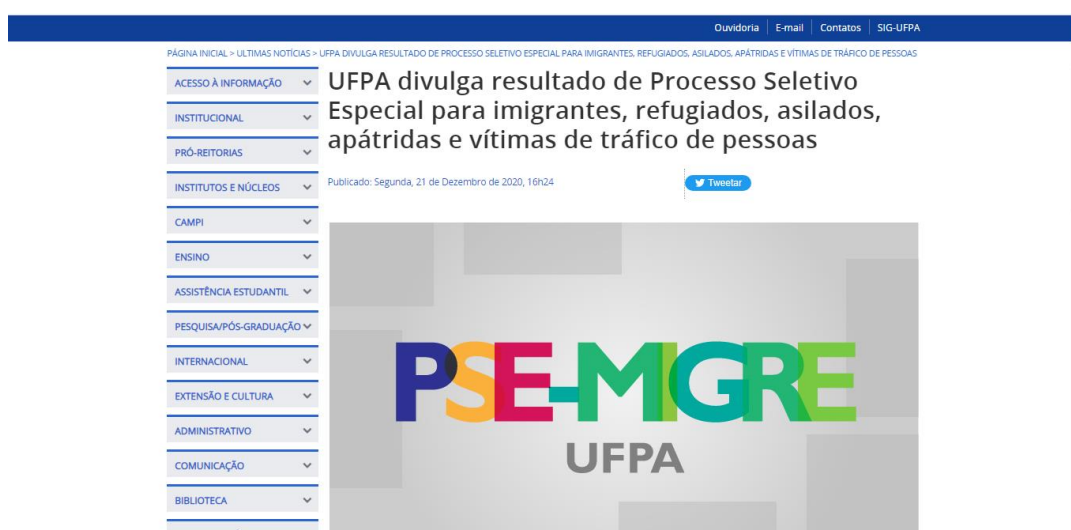
A divulgação do edital reafirmou a posição de liderança da UFPA na implementação de políticas afirmativas voltadas para a inclusão, e de acordo com a própria UFPA é a primeira instituição a trabalhar, de forma ampla, a inclusão de apátridas¹⁹ e vítimas do tráfico de pessoa²⁰ em suas políticas.

¹⁹ Apátridas: São pessoas que não têm sua nacionalidade reconhecida por nenhum país.

Após a seleção e aprovação, os candidatos selecionados foram chamados para ocupar suas vagas em 2021. Ao todo, foram 24 candidatos classificados. Os candidatos aprovados são oriundos de diversas nacionalidades, dentre as quais, a que chamou minha atenção foi a da Venezuela. Dos 24, Sete classificados são indígenas venezuelanos (as), da etnia Warao, que residem em um abrigo em Belém.

Em 2020, foi o primeiro edital do PSE-Migre ofertado pela UFPA, para o qual o Centro de Processos Seletivos - CEPS da UFPA registrou 155 inscritos para concorrer a 104 vagas em 52 cursos de graduação da Universidade. De acordo com informações divulgadas no edital puderam se inscrever estrangeiros em situação de vulnerabilidade socioeconômica que não tenham cursado o ensino médio no Brasil e que se encontrem no país em condição de refugiados de seu país de origem ou com visto humanitário, ou ainda imigrantes, asilados, apátridas e vítimas de tráfico de pessoas.

Figura 2: Chamada dos aprovados no PSE-MIGRE/2020




Autor da foto: Natália Lameira, 2022.

A professora Zélia como coordenadora direta desse PSE disse que "é a Universidade, ampliando seu processo de políticas de ações afirmativas. A procura ainda

²⁰ Tráfico de pessoas: O tráfico de pessoas é caracterizado pelo "recrutamento, transporte, transferência, abrigo ou recebimento de pessoas, por meio de ameaça ou uso da força ou outras formas de coerção, de rapto, de fraude, de engano, do abuso de poder ou de uma posição de vulnerabilidade ou de dar ou receber pagamentos ou benefícios para obter o consentimento para uma pessoa ter controle sobre outra pessoa, para o propósito de exploração".

foi pequena, porém, neste momento, é significativo que sete indígenas da etnia Warao, da Venezuela, na condição de refugiados, tenham sido aprovados, Grande felicidade! Muito gratificante! É a UFPA avançando em seu processo de inclusão social”.

Figura 3: Lista dos candidatos aprovados no PSE-MIGRE.



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Comissão Permanente de Processos Seletivos

EDITAL Nº 06/2020 – COPERPS, de 12 de março de 2020

6º PROCESSO SELETIVO ESPECIAL 2020 – PSE 2020-6 - MIGRE

RELAÇÃO DE CLASSIFICADOS

Nome	Insc.	Nacionalidade	Curso
ABDULAI SADAT	597347	GANÁ	FARMÁCIA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
AVILIO CARDONA ALVAREZ	597870	VENEZUELA	FARMÁCIA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
CLAUDY FRANTZ ASHLEY DARIUS	597782	HAITI	MEDICINA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / ALTAMIRA
DOUGLAS ROLANDO PENA RONDON	597746	VENEZUELA	ENGENHARIA BIOMÉDICA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
ELIOMAR JOSE MORALES HEREDIA	597822	VENEZUELA	PEDAGOGIA (LIC/EXT/MATUTINO/2020.4) / BELEM
ERNST GERRY BARTHELEMY	597354	HAITI	ENGENHARIA CIVIL (BAC/EXT/MATUTINO/2020.4) / BELEM
ESTELIN GERMAIN	597803	HAITI	ODONTOLOGIA (BAC/EXT/VEPERTINO/2020.4) / BELEM
ESTHER ANOUSE DESIR	597569	HAITI	MEDICINA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
FRANCELINO MORALES HEREDIA	597838	VENEZUELA	LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA (LIC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
HERMANO CROISSY	597384	HAITI	NUTRIÇÃO (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
ILDEBRANDO JOSE PEREZ MORALEDA	597842	VENEZUELA	LETRAS - LÍNGUA ESPANHOLA (LIC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
ISRAEL MUKUNA KADIATA	597752	REP. DEMOC. DO CONGO	MEDICINA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
JEAN PHEDENER PHILISTIN	597590	HAITI	ENGENHARIA CIVIL (BAC/EXT/VEPERTINO/2020.4) / BELEM
JOHNY LAMOTHE	597597	HAITI	MEDICINA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / ALTAMIRA
JOSE GREGORIO ALBARRAN LOPEZ	597873	VENEZUELA	DIREITO (BAC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
JUDELIN NORCIUS	597779	HAITI	ODONTOLOGIA (BAC/EXT/MATUTINO/2020.4) / BELEM
JULES JOACHIN	597374	HAITI	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO (BAC/EXT/NOTURNO/2020.4) / CASTANHAL
MAHOUGNON AICHA TAKOLODJOU	597377	BENIN	ENFERMAGEM (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
MARIA LIGIA PEREZ GARCIA	597839	VENEZUELA	PEDAGOGIA (LIC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
MARIA VIRGINIA MORALES HEREDIA	597841	VENEZUELA	PEDAGOGIA (LIC/EXT/MATUTINO/2020.4) / BELEM
MÉLANIE MPAKA BUBA	597802	REP. DEMOC. DO CONGO	ENFERMAGEM (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
PRINCE NYARKO	597346	GANÁ	ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO (BAC/EXT/VEPERTINO/2020.4) / BELEM
ROISDAEL CALDERON GARAY	597843	VENEZUELA	PEDAGOGIA (LIC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
SOUROU FRANÇOIS FADEGNON	597524	COSTA DO MARFIM	HISTORIA (LIC/EXT/VEPERTINO/2020.4) / ANANINDEUA

Autor da foto: Natália Lameira, 2022.

– Mas te confesso que antes de iniciar essa pesquisa eu não sabia que na UFPA existiam discentes indígenas Warao.

– Mas..., Por que esse grupo, por que falar sobre eles? Questionou Naba.

A jovem pediu a seu tio, que se aproximasse de terra firme, pois queria levar Naba para passear um pouco pela UFPA. E cada vez que o barco se aproximava, Naba, se sentia ansiosa e entusiasmada pelo passeio. E ainda de longe foi possível observar na orla que ocorria uma roda de conversa.

– Vês essa roda de conversa?

– Sim!

– Foi assim que eu iniciei minha pesquisa.

Após participar de muitas rodas de conversa sobre a temática com os sujeitos narradores. Os próprios Indígenas Warao compartilhavam um pouco de suas vivências, histórias, cultura, costumes, modo de vida e dificuldade que enfrentavam em novo território, no sentido amplo de como era ser imigrante no Brasil e quais os desafios que enfrentavam como refugiados.

Descobri em uma dessas narrativas que o convidado era discente da UFPA e isso me causou alegria e ao mesmo tempo curiosidade, pois ele relatou na ocasião dificuldades de frequentar as aulas, pois estava sem condições financeiras para custear o transporte até o campus. Complementou dizendo que seu povo vivia da produção e venda do seu artesanato, que enfrentavam dificuldades com a alimentação, com a realização de suas práticas e formas de manifestações culturais e que em sua maioria, os servidores públicos nos abrigos não compreendiam seus modos de vida, cultura e costumes.

Ainda relatou que a principal dificuldade era com relação à língua, pois na universidade eles ainda não dominavam o português, e os professores não falavam Warao e nem espanhol.

Destacou em sua fala que as crianças que frequentam a escola básica apresentam dificuldades de aprendizagem, pois somente falam o idioma Warao e seus professores, língua portuguesa.

Não sei dizer, mas isso tocou-me, e trouxe reflexão sobre as políticas de permanência da UFPA para esse discentes, especificamente quais seriam as outras dificuldades que esse grupo enfrenta para seguir seus estudos e conclusão do curso.

– Imagino o impacto dessa narrativa. Ver você falar assim me impressionou! O que sentiu depois de tantas descobertas?

– Também fiquei emocionada com cada palavra, desde a cultura Warao, seus saberes até as dificuldades que enfrentavam, principalmente com a comunicação.

Lembro-me de outra vez de Geraldi (1996, p. 67) que no livro *Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação*, dialoga com os escritos de Bakhtin, e diz que

precisamos mais do que ver a linguagem como uma capacidade humana de construir sistemas simbólicos, entendê-la como uma atividade constitutiva, cujo lócus de realização é a interação verbal. E neste relacionam-se um *eu* e um *tu* e na relação constroem os próprios instrumentos (a língua) que lhes permitem a intercompreensão. Ou seja, a língua é uma das formas de compreensão, é a forma como se expressa o sentido das coisas, é como entendo e atribuo sentido às pessoas e defino relações.

Por isso, aquisição da linguagem, como salienta Bakhtin (1974) dando-se pela internalizar ação da palavra alheia (a palavra do adulto, especialmente da mãe) e também a internalização de uma compreensão de mundo. As palavras alheias vão perdendo suas origens (ser do outro), tornando-se palavras próprias (internas) que utilizamos para construir a compreensão de cada nova palavra, e assim ininterruptamente. É Neste sentido que a linguagem é uma atividade constitutiva: é pelo processo de internalizar ação do que nos era exterior que nos constituímos como os sujeitos que somos, e, com as palavras de que dispomos, trabalhamos na construção de novas palavras. Também aqui no trabalho Interrupto. Por isso a língua não é um sistema fechado, pronto, acabado de que poderíamos nos aproximar. No próprio ato que falamos, de nos comunicarmos com os outros, pela forma como fazemos, estamos participando, queiramos ou não, do processo de Constituição da língua. (GERALDI, 1996, p. 67).

Depois que comecei a investigação percebi que muitas eram as dificuldades que esse grupo enfrenta. Inclusive eram sete discentes Warao, e agora somente três estão ativamente matriculados e com frequência nas aulas. O me faz levantar o seguinte questionamento: O que contribuiu para essa desistência? Será que existe um estudo ou análise da própria instituição que evidencia essas dificuldades no processo de formação e conclusão do curso? Foram aspectos culturais, políticos ou sociais que fez com que esse número de alunos diminuísse?

Então, como professora de língua, decidi direcionar minha investigação para a área da linguagem (Língua Warao, língua espanhola e língua portuguesa), dentro da perspectiva da interculturalidade como se estabelecia a formação profissional, o ensino e aprendizagem dos nativos Warao dentro da universidade como futuros professores? Como o componente cultural deste grupo social poderia ser potente em sua formação no ensino superior? Que ações poderiam ser materializadas para que a cultura Warao não fosse anulada e gradualmente apagada na formação dessas pessoas?

– São muitas questões para responder

– Tens razão! Mas a fala do discente indígena naquela roda de conversa fez-me pensar que eles precisavam ser ouvidos, a sociedade de modo geral e a universidade como

instituição, precisa estar atenta para que de fato ocorra inclusão, pertencimento e equidade na aprendizagem deles. A cultura, assim como a língua mencionada precisa compor o processo de formação desses indivíduos.

– Como fazer? Foi neste momento que decidi pela criação de uma série, de vídeos narrativos de formação, onde fosse evidenciado graças ao testemunho dos próprios discentes venezuelanos da etnia supracitada, quais as dificuldades por eles encontradas no processo de formação dentro do ensino superior, dentro da UFPA, quais eram seus desafios e limitações. Além de realizarem a narrativa de sua cultura, costumes, modo de vida etc. uma série de produções que para além de registro audiovisual cultural dos Warao é uma forma de linguagem e poderia ser utilizado como documento para futuras adaptações de currículo escolar e melhor direcionamento da ação pedagógica e docente, além de contribuir diretamente para o registro e salvaguarda da cultural imaterial desses nativos.

– Acho que você já percebeu que eu pergunto muito (risos)

– Os discentes e docentes dentro da universidade estão preparados para essa nova realidade, e os professores que já atuam nas escolas de ensino básico, será que se sentem capacitados? Você acredita que um professor já sai pronto para atuar nesse novo contexto?

– Não vejo problema no perguntar (risos). Eu também o faço bastante quando tenho interesse, mas essas também foram às perguntas que eu me fiz.

Será que a universidade nos permite atualmente sair capacitados para enfrentar todas as adversidades com relação aos indígenas Warao? Encontrar solução para as problemáticas atuais?

– No caso desses indígenas, estão os discentes dos cursos que formam professores de ensino básico, saindo com essa habilidade para pensar e solucionar o ensino desse grupo nas escolas?

A problemática está posta, temos professores do ensino fundamental que atuam nesse novo contexto e encaram o desafio, como está essa atuação? Onde está a narrativa docente e a documentação pedagógica do que está funcionando, do que funcionou ou não com esse grupo?

– Mas eu te digo *Naba*, certamente nenhuma instituição de ensino superior forma um profissional completo, pois se entende que a prática e ação profissional o constituem como tal, ou seja, são as experiências adquiridas ao longo dos anos de atuação que os constituem como profissionais em suas áreas.

Eram muitas questões para se refletir e *Naba* percebia que um passeio de barco seria insuficiente para responder tantas questões. Nem um passeio pela orla.

– Como pode um lugar como esse, que promove encontro de várias águas unirem e ao mesmo tempo segregar tanto? Você estava no rio passeando por dentro da UFPA e pensando que não poderia estar aqui, e mesmo depois de entrar ainda pensou em não ser seu lugar. Permanecia pensativa.

– Sabe o que eu descobri *Naba*?

– Não tenho ideia!

– Descobri que eu era ribeirinha, essas águas foram e ainda fazem parte dos meus leitões. As águas do Tucunduba trouxeram-me até a Universidade. Acho que posso te dizer que esse rio sou eu, que se encontrou com outras muitas “fozes” e na confluência permitiu uma nova embocadura e novos meandros, que chegam às margens firmes.

Esse era meu espaço, meu lugar. Eu me via pertencendo ao espaço e também é o espaço de muitos outros que desejam desenvolver melhorias para a sociedade que vivem. Estou na universidade e assim como para mim, e muitas outras; ela é e deve ser terra firme. Desenvolvimento de saberes e conhecimentos por isso, sigo aqui.

3. PARTE II –DA NASCENTE A FOZ: OS CURSOS D’ÁGUA DO “POVO DA CANOA”

A NASCENTE – OS VINDOS DO DELTA DO ORINOCO

“Cada ser é único e possui tantas características e potencialidades que nem percebe muitas delas. Além disso, demonstra diferenças no próprio modo de ser e agir, conforme a circunstância, a situação vivida, o ambiente ou as companhias que tem”.

Alcione Pauli

Finalmente o barco chega à terra firme. A jovem desceu com *Naba* no colo e decidem se afastar um pouco. Durante o trajeto, percebeu que o ritmo de fala de *Naba* era mais pausado, rápido se cansava e parecia uma pessoa sábia, como um ser de muitas vivências, alguém madura se fosse para definir sua aparência.

Decidiram sentar à beira do rio para ver um belo pôr do sol. A porção de água curiosa pergunta se Natália sabe como os Warao chegaram a Belém e prontamente a jovem responde:

– Sim, eu sei! Também sei os motivos que os fizeram buscar refúgio no Brasil, queres mesmo saber? Perguntei.

– Sim, por favor!

– Tudo bem!

– Narrarei a você o percurso do povo da canoa, mais conhecido como Warao. Termo que foi atribuído aos indígenas dessa etnia justamente pela conexão com o rio, que vai além de contemplação; é fonte de alimento, vida, conhecimento, saberes, construção e encantamentos para todos que direta ou indiretamente estão ligados com essas águas. Decidi sentar com você um pouco mais afastadas das pessoas, afinal de contas não é comum ver um ser humano falando com um vaso cerâmico (risos), escolhi um lugar bem estratégico, afinal de contas; falar-te-ei de um povo que saiu de suas terras a beira das águas e veio seguindo o caminho do rio até chegar ao Brasil, esse rio que você vê agora é de fato uma conexão, ele é um rio de cultura, o rio da cultura acadêmica e o choque de rios e encontros culturais que esse espaço proporciona. E segui pontuando, - Curioso mesmo, *Naba*, é pensar que a palavra Warao significa “sobre as águas” ou “povo da água” e a cidade de Belém também foi construída sobre as águas. Seria isso uma coincidência?

– Me parece que sim, respondeu.

– E o que posso falar sobre o ser amazônida? Já que Brasil e Venezuela dividem esse título, como você disse, és água, e a água guarda marcas, nós seres humanos

guardamos marcas também, que nos aproximam, nos separam e nos fazem semelhantes e diferentes ao mesmo tempo.

– O que dizer do fator econômico, do processo de colonização, da religião, da política, e principalmente das línguas. Posso considerar que esses fatores nos aproximam e nos distanciam? Não saberei dizer. Mas, voltemos à Venezuela, tudo bem?

– Tudo bem!

Figura 4 Beira do rio vista UFPA.



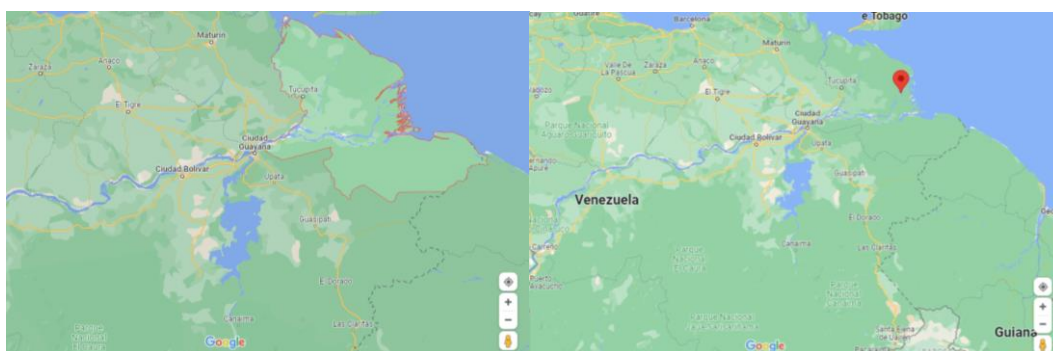
Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

– Conteí a *Naba* que o povo indígena da etnia Warao tem sua origem localizada no Delta do rio Orinoco na República Bolivariana da Venezuela, um povo que segundo o relatório do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) são considerados heterogêneo. É um grupo diverso, com diferentes formas de organização social, cultural, costumes e que os unem, e sua língua comum que também é denominada Warao.

Desde 2014 o Brasil apresenta registros da entrada de indígenas desse grupo, em terras brasileiras e que se intensificou por inúmeros fatores nos últimos anos, como é o caso da localização geográfica, pois o Brasil faz fronteira com a Venezuela. Mas o grande fator que justifica a imigração Venezuelana nos últimos anos está relacionado a inúmeras

crises políticas, econômicas, sociais e humanitárias que o país enfrenta atualmente, as consequências do isolamento político foram os motivados por tal imigração, e faz com que muitos venezuelanos indígenas e não indígenas cruzem a fronteira em busca de refúgio em países vizinhos. Comentei ainda que esses povos originários, de acordo com o senso comum de 2011 disponibilizado nos estudos antropológicos da ACNUR são a segunda maior etnia da Venezuela. Com aproximadamente 49 mil indivíduos. Falam a língua homônima e milenar, pertencente à família linguística isolada, e a língua oficial do país (espanhol) em variações e níveis de fluência diferentes. Pensando na geografia venezuelana, os Warao ocupam um território que se estende por todo o Estado de Delta Amacuro, e parte de outros, como Sucre e Monagas no delta do rio Orinoco, região Nordeste.

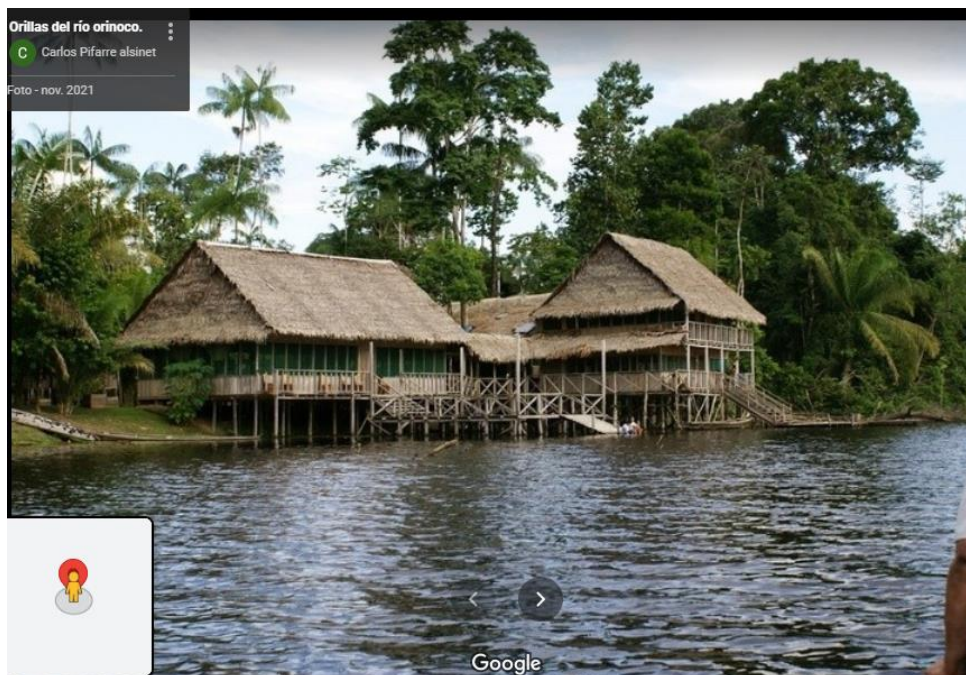
Figura 5: Visão em mapa da região onde originalmente viviam os indígenas warao



Fonte: google mapas, 2022.

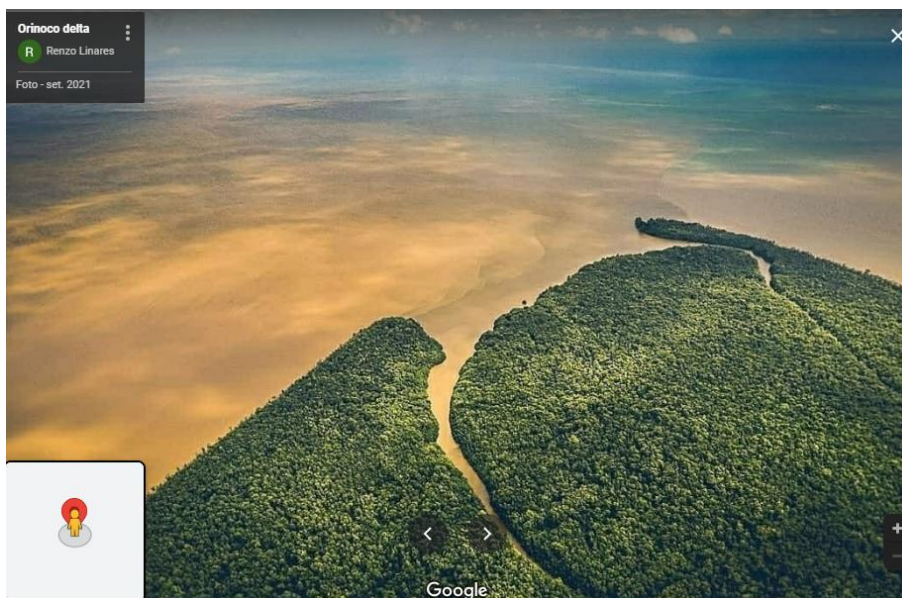
Segundo a ACNUR (2019) “os Warao são o maior grupo humano antigo da Venezuela, habitando o delta do rio Orinoco há pelo menos oito mil anos”. O nome desse grande rio, na língua nativa Wirinoko, onde Wiri significa onde remamos e Noko significa lugar. São considerados pescadores e coletores e desenvolveram algumas práticas agrícolas devido a contatos com outros grupos étnicos. Já no que se diz respeito à moradia tais povos convergem em muitos aspectos com a população considerada ribeirinha do Pará. Seus agrupamentos e comunidades vivem à beira do rio, suas casas são construídas em palafitas, com folhas para o teto e madeira extraída diretamente da floresta.

Figura 6: Estilo de casas warao.



Autor da foto: Carlos Pifarre, 2021. Fonte: Google mapas, 2022.

Figura 7: Encontro de águas na região do delta do Orinoco.



Autor da foto: Renzo Linares, 2021. Fonte: Google mapas, 2022.

As atividades de subsistência são tradicionalmente localizadas em margens fluviais, marítimas e zonas úmidas, as mulheres são as responsáveis pela coleta dos frutos do mar ou rio.

No período pré-hispânico, de acordo com um mosaico elaborado pelo antropólogo Johannes Wilbert, os Warao estariam divididos em quatro subgrupos, ocupando áreas específicas do delta, conforme suas práticas culturais e de subsistência. No noroeste, ficavam aqueles que praticavam o extrativismo do buriti, a pesca e fabricavam canoas;

no nordeste, nas áreas de mangues e pântanos, viviam os coletores e pescadores; no sudoeste, aqueles que, além do extrativismo do buriti, cultivavam mandioca e milho; e, no sudeste, os que viviam da caça e da pesca. “Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes”(ACNUR), 2019.

Estas informações nos fazem compreender alguns comportamentos e costumes dos Warao, como a coleta de dinheiro, o trabalho na fase infantil, preparo de alimentos, que entram em conflito com a sociedade e modo de vida na localidade a qual decidiram buscar refúgio. Sem perspectiva para retorno, essa comunidade passa a conviver em uma sociedade que tem como língua dominante o português, sendo esse povo dotado do conhecimento de sua língua originária e de L2 o espanhol que tem sua variante diferente do espanhol utilizado na Espanha. Outra supremacia que é evidenciada nos curso de letras espanhol na UFPA é o uso e difusão da variante do espanhol da Espanha comparado com uso e difusão da variante dos outros países colonizados pela Espanha na América Latina.

– Intrigada eu questionei a jovem em muitos momentos sobre suas motivações para a escrita de tal proposta, assim como questionei onde encontrou tantas informações sobre. Meu primeiro questionamento foi sobre o que poderia levar uma pessoa a emigrar de sua nação? Ela prontamente respondeu que são muitos os fatores, porém que neste caso a melhoria de condições de vida e sobrevivência.

– Ainda não compreendia o fator motivador que fez com que os Warao emigrem de uma maneira alarmante.

– E ela me disse que de acordo com um relatório do Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR intitulado “Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e imigrantes” que dos indígenas venezuelanos que estavam no Brasil, 68% eram da etnia mencionada anteriormente. No caso dos venezuelanos o fator principal foi à crise econômica, fazendo com que até recursos naturais faltassem para a população. A imigração ocorre em busca de qualidade e melhoria da condição de vida.

– Imagino que muitas são as dificuldades que eles enfrentam, saberias me dizer algumas?

E no vai e vem da maré, já quase noite, finalmente Natália revelou que os dados com relação ao acesso à educação eram os mais importantes para sua pesquisa, pois estavam ligados diretamente com sua proposta.

– Muitos são os problemas que um imigrante pode enfrentar ao buscar acolhida em outra nação, que de acordo a ACNUR 2022, através do diagnóstico construído de maneira

participativa com imigrantes e refugiados que atualmente vivem no Brasil existem 5 campos que mais os imigrantes/refugiados tem dificuldades na vivência em território brasileiro são eles: Geração de renda e autossuficiência; Violências e riscos na comunidade; Acesso à moradia, água, saneamento e higiene; Acesso à saúde e o quinto e mais importante para minha investigação: Acesso à educação. Pois de acordo com os dados e respostas dos imigrantes/refugiados neste relatório a falta de acesso à internet, falta de acesso ao material escolar, problemas com o transporte (distância e razões financeiras), barreiras com o idioma, xenofobia, racismo e bullying eram motivos de preocupações e principais barreiras na aprendizagem. No mesmo relatório os imigrantes e refugiados recomendam que se melhore o acesso à educação, fornecendo materiais escolares aos alunos e se fortaleça programas educacionais em escolas próximas aos abrigos.

São muitas informações, mas deixe acrescentar uma informação relevante: em alguns casos e diante das situações humanitárias enfrentadas pela Venezuela o sujeito imigrante e/ou refugiado não tem domínio da língua do país ao qual busca refúgio, o que já dificulta sua ambientação ao local, em outros casos sem formação acadêmica que pode dificultar o acesso dessas pessoas a um posto de trabalho (caso, da maioria das pessoas que pertencem à etnia Warao), além das questões culturais.

Em outros casos, a ilegalidade ao entrar em território brasileiro agrava os problemas sociais para a sociedade. E que no caso do território brasileiro, nos últimos anos foi notório o aumento da população refugiada proveniente principalmente da Venezuela, onde muitos buscaram esse refúgio e auxílio para fugir da crise. As regiões Sul e Sudeste receberam em sua maioria parte dos refugiados que viviam na região metropolitana, ou da Capital da Venezuela, enquanto que as regiões Norte, Nordeste e Centro-oeste, receberam em suas maiorias imigrantes indígenas venezuelanos da etnia pesquisada nesse trabalho. Em 2016 o levantamento do povo indígena Warao em Belém era de 30 habitantes, em 2020 esse número já passava dos 3.300 habitantes indígenas, e para 2023 ainda não se conseguiria medir.

– A jovem Natália falava muito sobre essa temática a nível nacional então a indaguei novamente, agora sobre a sua cidade, perguntei como estava a situação em Belém, ao que ela prontamente respondeu que a população indígena Warao que se encontra em Belém em sua maioria vive em abrigos e praticam a coleta de auxílio financeiro em pontos de grande circulação de pessoas como shopping Center, Mercados, feiras ou semáforos. Na sua maioria, são mulheres e crianças que praticam essa coleta.

– Curiosa do jeito que sou não me contive, e perguntei sobre como se comunicavam, já que eram de outro país, que fala oficialmente o espanhol, tinham uma língua própria da comunidade que era o Warao e não falavam português.

Rápido a jovem respondeu!

– Com relação ao domínio da língua, os homens da etnia dominam o uso do espanhol não em sua plenitude já que muitos misturam o espanhol com a língua nativa, mulheres são minoria no domínio do espanhol e se comunicam quase que 100% no idioma materno, e as crianças e adolescentes dominam apenas a língua Warao, o que dificulta seu acesso à escola e formação escolar em território brasileiro. Esse não desenvolvimento da língua espanhola está ligado a uma configuração que é estrutural, social e cultural específica desse grupo, pois as mulheres Warao estão fixadas no cuidado da casa, produção do artesanato, cuidado da família e no contexto original por não saírem muito de sua comunidade, não desenvolvem e usam o espanhol como língua de comunicação. Diferente dos homens, que realizam a caça e venda dos artesanatos na cidade cêntrica, o que favorece o uso da língua espanhola.

Essa questão da língua e comunicação tornou-se uma das dificuldades que os discentes venezuelanos ao ingressarem no curso de graduação na UFPA enfrentam, pois não compreendem a língua portuguesa, não compreendem em sua totalidade a L2 (espanhol) e os professores somente falam português e na maioria não falam ou compreendem a língua espanhola.

Professores que têm alunos indígenas Warao em suas turmas necessitam preocupar-se com vários aspectos que envolvem o ensino e a aprendizagem destes alunos, um dos fatores principais seria a comunicação, uma vez que eles estão diante de uma realidade não convencional e multilíngue. Que se apresenta de maneira constante em seu cotidiano (língua warao – espanhol – português).

Ao falar de ensino base, a língua portuguesa é vista nas escolas por eles como se fossem alunos “convencionais” falantes e nascidos em território brasileiro e nesse caso, o português deveria ser visto como uma língua de acolhimento, além da aprendizagem do espanhol e valorização da língua materna.

– É uma grande problemática, exclamou *Naba*.

– Por isso afirmo que o papel do professor de língua, seja ela materna ou estrangeira, precisa ir além do transmitir conhecimentos gramaticais ou usar o intercultural e translínguístico como um fator de compartilhamento de informações culturais estanques.

No sentido de aspectos de aprendizagem e uso de língua, uma nova realidade se mostra na sociedade paraense, especificamente belenense. O ensino de línguas deveria ser baseado em uma perspectiva intercultural, o objetivo deveria ser promover habilidade de uso da língua, de maneira diversa e social, promover um processo de diálogo entre pessoas de diferentes culturas. Novamente faço uso das palavras do pesquisador Geraldi (1996, p. 68) uma língua é um conjunto de recurso expressivo. Conjunto não fechado e sempre em construção. Estes recursos expressivos remetem a um sistema antropocultural de referências, no interior de qual cada recurso adquire significado.

No referente ao ensino e aprendizagem intercultural, este diálogo promove a integração entre todos os envolvidos no processo, além de permitir educador e aluno superar preconceitos, promover aprendizagem mais ativa e significativa e fazer com que todos os envolvidos encontrem com a cultura do outro, sem esquecer a sua.

Este tipo de construção de conhecimento colaborativo permite que o aluno seja protagonista de suas narrativas (orais ou escritas). E também está relacionado ao que dizia o estimado pesquisador brasileiro, Paulo Freire (1997), que afirma que o aluno também detém conhecimentos adquiridos antes mesmo do processo formal de ensino e aprendizagem, e que pode e deve compartilhar de suas experiências e narrativas para que o conhecimento seja construído coletivamente entre aluno e professor. Nesta ordem, sendo o protagonista da aprendizagem o aluno. FREIRE (1997) nos convida para essa reflexão ao dizer que “não há saber mais ou saber menos, há saberes”. Ou seja, qual postura, o docente deve assumir ao compreender que o conhecimento vai além do espaço formativo, e que são constituídas em sociedade, experiências e relações culturais dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo, com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 1987, p. 39).

Compreendo que ao dizer que não existe saber mais ou saber menos, existem saberes. E esta troca aluno professor já é um grande passo para fugir dos padrões de ensino bancários e tradicionalistas evidentes em escolas e ainda nas universidades que Paulo Freire mencionava em seus escritos.

– Ah! Quase me esqueço de mencionar algo importante sobre os Warao em território brasileiro. Aqui, não são considerados indígenas, os direitos decorrentes dessa condição de acordo com a Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas e o “Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes” (ACNUR). São:

Os direitos decorrentes da condição indígena estabelecem o respeito e a valorização dos costumes, tradições, formas de organização social e modos de vida diferenciados, garantindo autonomia, autodeterminação, educação multilíngue ou comunitária e atenção à saúde diferenciada. A concepção de infância e os modos de socialização das crianças, assim como a concepção de saúde, de doença e de cuidado, fazem parte desse modo de vida diferenciado. Isso também se aplica aos ritos funerários, aos cuidados destinados aos mortos e às formas como vivenciam o luto. Por isso, é importante que essas práticas sejam viabilizadas pelo poder público (desde o embalsamamento do corpo, caixão, velório e sepultamento) e respeitadas pelas equipes que realizam o atendimento”. Os Warao no Brasil: contribuições da antropologia para a proteção de indígenas refugiados e migrantes”(ACNUR, 2019).

– Se tivessem essa condição além de refugiados a de indígenas, certamente poderiam garantir mais direitos e melhorias na promoção de políticas públicas de refúgio.

– Os Warao têm o direito de estabelecerem o respeito e valorização de seus costumes, organização social, modos de vida diferenciados, educação multilíngue ou comunitária.

– A Jovem Natália parece ter boa memória, pois outro ponto importante que destacou para mim foi sobre os aspectos legais de proteção e direitos de imigrantes / refugiados no Brasil. Inclusive citou a lei brasileira de número 13.445/2017 que assegura que dentro do território brasileiro o imigrante tem direito:

Art. 3º A política migratória brasileira rege-se pelos seguintes princípios e diretrizes:

II - Repúdio e prevenção à xenofobia, ao racismo e a quaisquer formas de discriminação;

III - Não criminalização da migração;

IV - Não discriminação em razão dos critérios ou dos procedimentos pelos quais a pessoa foi admitida em território nacional;

VI - Acolhida humanitária;

X - Inclusão social, laboral e produtiva do migrante por meio de políticas públicas;

XI - Acesso igualitário e livre do migrante a serviços, programas e benefícios sociais, bens públicos, educação, assistência jurídica integral pública, trabalho, moradia, serviço bancário e seguridade social;

XIV - Fortalecimento da integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, mediante constituição de espaços de cidadania e de livre circulação de pessoas;

– E por ser uma lei de cunho federal, a aplicação, cumprimento e acesso aos direitos dos imigrantes é de responsabilidade e execução é do poder municipal; no que se diz respeito à educação, porém percebia que poucas eram as instituições de ensino que apresentavam dados de povos indígenas venezuelanos matriculados, e que ainda não se tem dados fiáveis que mostrassem se esses alunos têm acesso à educação multilíngue, neste caso (português, espanhol, warao) nem de políticas públicas afirmativas ou projetos educacionais que estão de maneira ainda mais específica aplicada para que imigrantes venezuelanos tenham acesso à educação que permita com que esses alunos encontrem a cultura estrangeira sem deixar de lado a sua; valorizando os seus componentes culturais, originários em sua formação em um novo local de vivência. No caso dos Warao, são considerados refugiados, pois não podem regressar ao seu país. Neste caso, por questões políticas e sociais.

– Mas aqui no seu estado isso ainda não é aplicado?

– Esse compromisso foi reforçado recentemente pela Comissão de Relações Internacionais OAB –Pará em conjunto com um grupo de indígenas Warao que vivem em Belém em situação de refúgio e políticos da cidade na elaboração de projeto de Lei Municipal em Belém: Decreto municipal 106.780/2023 que trata políticas públicas voltadas para melhor acolher e atender a população imigrante e/ou solicitante de refúgio em Belém, também foi criado um comitê composto por políticos, servidores e secretarias, em especial a de Educação (SEMEC); de Turismo (Belemtur); de Cidadania e Direitos Humanos (SecDH); Economia (SECON); Saúde (SESMA) da Fundação Papa João XXIII (FUNPAPA) e Coordenadoria Antirracista (COANT) entre outras que realizam o diagnóstico constante sobre a situação dos migrantes no município além de fomentar a inclusão social por meio da educação, cultura e economia, principalmente. Na mesma ocasião foi assinado um acordo de cooperação com Alto-comissariado das Nações Unidas para Refugiados - ACNUR tudo para reforçar a capacitação dos servidores e agentes públicos que atuam diariamente com os grupos de população refugiada.

– Compreendo os motivos que te fizeram desenvolver a sua pesquisa com esse grupo. E me parecem inúmeras as dificuldades que a população indígena Warao enfrenta

em território brasileiro. Mas quais são seus objetivos com tamanha empreitada na área da educação desses povos?

– Então, tu lembras quando te falei sobre pensar o que é universidade na Panamazônia, refletir e dialogar sobre ensino e aprendizagem de línguas e formação docente?

– Sim, lembro-me.

– A narrativa dos Warao era impactante, tocante, sensível e cheia de aspectos que poderiam contribuir para pensar essa universidade plural na América Latina e pensar na criação de proposta para a solução de problemas relacionados a ensino e aprendizagem dentro do espaço de educação de grupos singulares como era o caso deles.

– Resolvi convidar os discentes Warao da UFPA para uma conversa, logo, percebi que era necessário o registro em vídeo de suas narrativas, direcionando suas falas para o ambiente de aprendizagem superior. Também percebi a necessidade de colher as narrativas dos outros sujeitos que compõem a universidade e que trabalharam ou trabalham para desenvolver políticas de ingresso e permanência para esse grupo. As falas eram de exposição de problemáticas, e ao mesmo tempo era possível refletir sobre propostas de como esse ensino e espaço de aprendizagem poderia ser melhorado.

– Isso parece ser muita coisa.

– De fato é! Mas eu decidi não parar por aí!

– O que você fez depois?

– Dediquei-me à tarefa de criar, após a coleta das narrativas, um curso de formação complementar baseado nas problemáticas que foram expostas nos vídeos, o curso foi direcionado para futuros professores de espanhol e pedagogos para atuarem diretamente com o público Warao, promover assim uma educação socialmente inclusiva e equitativa, respeitar os costumes, valorizar a cultura, memória, patrimônio e língua por meio da interculturalidade. Promover através do ensino e aprendizagem a preservação da língua enquanto patrimônio.

Contribuir para o aperfeiçoamento da prática docente, auxiliar no desenvolvimento de sua atuação em novas realidades. Desenvolver um ensino que não exclua ou segregue os refugiados venezuelanos que têm direito a uma educação multilíngue (português, espanhol e warao) e proporcionar uma reflexão sobre a formação de professores, seu papel na

atualidade e como desenvolver um ensino e aprendizagem criativa, com o auxílio da interculturalidade para o ensino multilíngue de indígenas venezuelanos.

– Como fazer isso?

– Especialmente sobre o ensino de língua, não tenho uma receita pronta, e nem quero, pois a língua é viva e está em constante mudança. Mas inicialmente pensei e destaco a fala de Geraldi.

Trata-se, pois, de descobrir novos processos para a alfabetização e a partir desta, novos processos de convívio com o mundo cultural expresso na herança cultural disponível - daí a grande importância contemporânea da biblioteca, das salas de leituras, da circulação de jornais e da presença necessária de outras linguagens, como TV e vídeo, nas aulas de língua. E a exigência não para aí: Não se quer mais somente um cidadão que reconheça a herança cultural, mas que se torne um produtor de cultura. Todas estas considerações mostram a necessidade de transformar a sala de aula em um tempo de reflexão sobre o já conhecido, para aprender o desconhecido e produzir o novo (GERALDI 1996, p. 63).

– Fazer com que os envolvidos no processo compreendam que a língua é um patrimônio cultural, a linguagem é uma das formas de materialização dessa língua, evidenciar os motivos de sua preservação é ponto chave para que esse ensino intercultural seja aplicado e resultar em uma aprendizagem significativa para os envolvidos no processo, assim ocorre à conscientização de que cada sujeito Warao é único, guardião e representante desse patrimônio. E que a instituição de ensino assim como seus agentes também são responsáveis para que tal ato ocorra.

Já era noite. O clima mudou. Foi muito rápido. Ventos fortes, chuva, relâmpagos e raios, um verdadeiro toró²¹.

– Meus Deus, que vento é esse?

– Vai cair um toró!

– Não tivemos sinais, ou estávamos tão concentradas na conversa que não percebemos quando um clarão surgiu no meio do rio. Natália assustada gritou: Tenho medo de raios! Levantou-se e saiu correndo, deixando-me para trás.

– Fiquei parada e um novo raio caiu, um estrondo longe. Senti-me paralisada com o clarão no meio do rio, um verdadeiro encantamento com a beleza do raio. Levantei-me e fui em direção a jovem chamando-a por seu nome. Ela rapidamente encontrou abrigo e

²¹ Toró. Palavra utilizada pelos paraenses para se referir a uma Chuva forte, intensa.

logo depois cheguei toda molhada, percebi que eu havia ganhado uma personificação. Será que foram as forças da natureza? Nunca saberei dizer!

– Ao me aproximar da jovem e chamar por seu nome, ela levou um tremendo susto, pois reconhecia a voz, mas não esperava que eu, *Naba*, que estava dentro de um vaso cerâmico agora era uma pessoa, com aparência de alguém mais velho.

– *Naba é você?* Assustada, perguntou a jovem.

– Sim, sou eu! Caiu um raio, você correu e ao cair um novo raio olhei fixo, me encantou sua luz e beleza. Quando me dei conta já havia ganhado um corpo.

Pelo menos agora você não precisa me carregar, eu já consigo andar sozinha e percebi que já sei correr também (risos).

– Por um momento imaginei você exatamente com essa aparência, mas não esperava que fosse acontecer um dia. Eu estou muito impressionada!

– Fique calma! Eu estou me sentindo bem! Como falamos no início, nós que somos água passamos por muitos lugares e nos apresentamos de várias formas. Talvez esta seja apenas uma forma passageira. Está tudo bem!

Passado o susto elas decidem seguir a conversa no dia seguinte. Pois a jovem nem havia chegado à parte de como será o processo de execução do produto educacional da pesquisa e visivelmente pareciam cansadas após o passeio.

LEITO II – NASCENTE E MEANDRO: SUAS INQUIETAÇÕES

"conhece-te a ti mesmo"

Daniel Munduruku

– Confesso que estou ansiosa para escutar o que Natália tem para dizer. Combinamos de continuar a conversa no dia seguinte. Ela queria que eu conhecesse algumas pessoas, para ela, muito importantes dentro da universidade, em suas palavras; personagens com narrativas que marcaram essa trajetória da dissertação e contribuíram muito para consolidação de suas propostas.

– No outro dia voltamos à universidade, Natália levou-me para conhecer vários espaços. Confesso que ainda sigo admirada com a grandeza deste lugar, embora já haja conhecido muitos lugares, esse realmente mostra-se em constante transformação.

– Natália fez o convite para conhecer o Instituto de Letras e Comunicação - ILC, ela iria apresentar-me às pessoas que considerava as mais importantes desse processo. Os indígenas Warao, discentes da UFPA e que contribuem direta e ativamente para o não apagamento de sua língua e cultura.

Em direção ao ILC, retomei nossa conversa e perguntei pelo motivo que justificasse desenvolver um trabalho de não apagamento da cultura e língua, se ela não foi apagada por anos, porque seria agora?

– *Naba* você lembra que ontem, o clima mudou muito rápido?

– Sim, nos pegou de surpresa, nunca havia passado por um lugar com tantos microclimas e variação tão rápida.

– Aqui é a Amazônia (risos). As transformações ecológicas, temporais e sociais são constantes atualmente. Lembro-me que antigamente tínhamos a hora certa da chuva da tarde, no entanto, o que eu quero dizer é que muitas são as transformações que o mundo de modo geral tem sofrido, e no meu caso que falo sobre, e defendo a importância da língua Warao e espanhola e sua preservação é importante destacar que a saída dessa comunidade indígena de seu território de origem forçada em busca de refúgio contribui diretamente para um futuro apagamento da sua cultura, rompimento de vínculo e apagamento da memória desse povo com relação ao seu passado, o que é evidenciado pelo Conselho Econômico e Social das Nações Unidas que em um informe sobre o Ano Internacional das Línguas indígenas (2019) relatou que “as línguas são um dos requisitos fundamentais para o desenvolvimento humano” e que as pessoas necessitam das línguas para “comunicar-se entre si e também transmitir de geração a geração conhecimentos, ideias, crenças e tradições, que são essenciais para seu reconhecimento, bem estar, evolução e convivência pacífica” e que mesmo diante do incontestável valor da língua para uma determinada sociedade, elas seguem desaparecendo.

– Isso parece ser bem preocupante!

– De acordo com este relatório, existe uma enorme preocupação com a temática, o Foro Permanente para as Questões Indígenas, mais de 40% de 6.700 línguas que, “segundo os cálculos, se falavam em 2016 corriam o risco de desaparecer. O fato de serem línguas indígenas evidencia o perigo que as culturas indígenas e o sistema de conhecimentos e o que integram essas línguas correm de perigo”.

– Certamente você já ouviu falar sobre o processo de colonização da América Latina, já que ela iniciou pelas grandes navegações, certo?

– Escutei muitas histórias na minha nascente sobre isso. Foi um processo duro, contavam os mais velhos.

– Pense comigo, *Naba*. A colonização espanhola não foi capaz de apagar a soberania e identidade cultural dos indígenas Warao em centenas de anos. E que antes da crise humanitária do seu país de origem, viviam em comunidade mais isolada, mantinham suas tradições culturais e utilizavam da língua espanhola como segunda língua – L2, a língua do colonizador na verdade era uma forma de auxílio para comunicação quando necessário seu deslocamento para centros urbanos, apenas.

Ou seja, muitas pessoas que são falantes de línguas indígenas na América Latina, utilizam do espanhol como uma segunda língua, o que já contribui para o desaparecimento mais lento da língua originária. O que torna imprescindível desenvolver estratégias para que se preserve as línguas indígenas.

Por exemplo, quando um indivíduo da comunidade Warao decidia por seguir os estudos em instituições educativas, se deslocava para os centros urbanos e regressava posteriormente para sua comunidade originária, levando os benefícios que lhe foram proporcionados pela formação.

Outro exemplo, é a compra de alimentos e produtos fora de sua comunidade, neste caso, o uso da L2 era necessário. Porém no tempo atual, modo de comércio e o sistema

político-econômico que vivemos, pode contribuir para o apagamento de sua cultura originária, pois não estão em seu território de origem nacional, estão inseridos em uma sociedade distinta da sua, expostos a leis e costumes diferentes dos seus, e uso forçado de um idioma que em nada os representa, culturalmente e historicamente falando.

De acordo com o Relatório da ONU Sobre Línguas Indígenas (2019) as razões que fazem com que se acenda um sinal de alerta sobre o desaparecimento das línguas indígenas, estão relacionados com imigração, discriminação, deslocamento forçado e desuso da língua, e outros contribuem para seu desaparecimento.

O desaparecimento das línguas indígenas variam segundo as comunidades e lugares, mas que todos os povos indígenas atravessam dificuldades, como a assimilação, o deslocamento forçado, as desvantagens educativas, o analfabetismo, a imigração, e outras manifestações de discriminação que, na última instância, envolvem o enfraquecimento de uma cultura ou de uma língua, fazendo com que ela quase desapareça. Na prática, existe o risco de que pais e idosos deixem de transmitir as línguas indígenas para seus filhos e esses idiomas deixem de ser usados no dia a dia. Conselho Económico e Social das Nações Unidas - Ano Internacional das Línguas Indígenas²² (2019, P. 3). Tradução nossa.

Por isso é importante defender a soberania e independência de sua língua, e conseqüentemente afirmar e promover sua identidade cultural. A presença desses grupos sociais dentro do espaço da universidade reafirma sua existência. Não somente em nível de Panamazônia, mas América Latina de modo geral, que ainda têm registros de idiomas originários e idiomas transportados que já se mesclam com a língua oficial do país, neste caso falo dos países que usam o espanhol como idioma oficial.

Regiões distantes dos centros urbanos, nesses países, em que seu dialeto local revela a influência e existência das línguas originárias (indígenas), da língua da escravidão dentro da língua de colonização. Um verdadeiro ato de resistência e imponência. Por isso deve-se promover e fomentar a inclusão desses grupos na academia a nível Latino universal. Para que ocorra existência e resistência.

Estimular o que esses grupos falam, pesquisam e dialogam sobre eles mesmos, como uma forma de reafirmação de sua presença histórica, social e cultural. Ato que é

²² Las razones que subyacen al peligro de desaparición de las lenguas varían según las comunidades y los lugares, pero todos los pueblos indígenas atraviesan dificultades ingentes, como la asimilación, la reubicación forzosa, las desventajas educativas, el analfabetismo, la migración u otras manifestaciones de la discriminación que, en última instancia, entrañan el debilitamiento de una cultura o una lengua casi hasta hacerla desaparecer. En la práctica se corre el riesgo de que los padres y ancianos dejen de transmitir a sus hijos las lenguas indígenas y de que esas lenguas dejen de utilizarse a diario.

defendido e incentivado pela Declaração do México de 1985 a identidade cultural representa:

[...] Representa um conjunto de valores único e insubstituível já que as tradições e as formas de expressão de cada povo constituem sua maneira mais acabada de estar presente no mundo.

A afirmação da identidade cultural contribui, portanto, para a liberação dos povos; ao contrário, qualquer forma de dominação nega ou deteriora essa identidade.

A identidade cultural é uma riqueza que dinamiza as possibilidades de realização da espécie humana ao mobilizar cada povo e cada grupo a nutrir-se de seu passado e a colher as contribuições externas compatíveis com a sua especificidade e continuar, assim, o processo de sua própria criação.

Todas as culturas fazem parte do patrimônio comum da humanidade. A identidade cultural de um povo se renova e enriquece em contato com as tradições e valores dos demais. A cultura é um diálogo, intercâmbio de ideias e experiências, apreciação de outros valores e tradições; no isolamento, esgota-se e morre (p. 02).

– O que você acredita que pode ser feito para concretizar ações para que essa língua não desapareça mesmo os Warao vivendo em um novo espaço geográfico?

– As ações precisam ser interdisciplinares para que ocorra de fato uma preservação. Ou seja, a proteção da língua enquanto patrimônio deve ser uma ação que deve ser desempenhada por múltiplas pessoas. Um pesquisador atual da conservação que muito admiro é Salvador Viñas (2004), que relata que a salvaguarda deve ser desempenhada por todas as pessoas, especialmente a comunidade que atribui importância e significado à língua. Essa ação deve ser em conjunto atrelada a ação docente e pedagógica escolar. Outra narrativa desse mesmo autor é sobre a conservação da informação, onde os registros eram usados como documentação. Assim como Camillo Boito, outro teórico da conservação e restauro que falava sobre a fotografia, o pesquisador supracitado menciona essa documentação informacional e tecnológica como conservação, porém em plataformas e programas digitais. Nesse sentido compreendo que a difusão em ciberespaços contribuiu significativamente para tal ato.

De acordo com suas narrativas, o que torna um objeto em objeto de conservação é o significado que ele agrega para a identidade de um grupo, significado hi-cult, significados ideológicos, significados sociais e valores sentimentais e que não cabe somente ao conservador restaurador o papel de preservar o bem cultural, mas a toda a sociedade envolvida com o mesmo, inclusive, escola, professores, aplicando tecnologia e ambientes virtuais para tal ação.

Estes bens são necessariamente culturais e de fato o seu restauro pode ser através de registros audiovisuais, subsídios, campanhas de divulgação, medidas educativas, etc. Infelizmente, a passagem do bem cultural ao patrimônio cultural, a inclusão dos imateriais entre os objetos da restauração, o salto dos bens físicos aos metafísicos, em nada contribuem para esclarecer a atividade, muito pelo contrário. No entanto, sugere uma ideia interessante, que talvez esteja por detrás de muitas confusões: definir a restauração de bens culturais (no seu sentido mais lato, ou seja, incluindo os imateriais: no sentido físico e metafísico) não é o mesmo que definir a atividade desenvolvida pelos restaurados; ou seja, o restauro de bens culturais não é, a rigor, uma tarefa exclusiva dos restauradores, porque o trabalho que desenvolvem é apenas uma parte de um vasto conjunto de atividades que podem incluir todo o tipo de bens tangíveis e imateriais, como os automóveis, danças tradicionais, obras-primas da pintura, liturgias religiosas, documentos contabilísticos ou línguas minoritárias. A restauração de bens culturais físicos e metafísicos (a restauração do patrimônio cultural) é, pois, uma atividade para a qual não existe uma categoria profissional correspondente e única. Os restaurados, é claro, lidam com certas categorias de bens culturais, mas políticos, gestores culturais, cientistas da computação, associações religiosas, professores, etc., que também praticam a restauração de outros tipos de bens culturais. Por isso, esse sentido amplo da restauração pode ser útil em certas circunstâncias, mas não é o que se busca aqui: não é a atividade intelectual e profissional à qual as sociedades ocidentais reconhecem sua própria identidade. O conceito de restauração de bens culturais tangíveis, ou, para ser mais claro, o conceito de restauração, e é o que está sendo analisado aqui. P. 36 – tradução própria.²³

– A fala de Viñas causa reflexão que, conservar a língua enquanto patrimônio significa preservar da maneira mais adequada possível através de estudos científicos e ações docentes pedagógicas em intervir em cada particularidade ou dificuldade que impeça de algum modo à promoção do patrimônio imaterial que compõem e fazem parte desta comunidade, contribuindo para o prolongamento de sua existência, a fim de que a sociedade Warao do futuro e a que vive hoje em outra realidade, conheça historicamente e culturalmente sua identidade social originária.

²³ Estos bienes son necesariamente culturales y de hecho se puede intentar su Restauración mediante registros audiovisuales, subvenciones, campañas de difusión, medidas docentes, etc. Desgraciadamente, el tránsito desde la cultural property hacia la cultural heritage, la inclusión de los intangibles entre los objetos de Restauración, el salto desde los bienes físicos hacia los metafísicos, no aporta nada a la clarificación de la actividad, antes al contrario. Sin embargo, sugiere una idea interesante, que quizá subyace detrás de muchas confusiones: definir la Restauración de bienes culturales (en su sentido más amplio, es decir, incluyendo los intangibles: en sentido físico y metafísico) no es lo mismo que definir la actividad desarrollada por los restauradores; o, dicho de otra forma, la Restauración de bienes culturales no es estrictamente hablando una tarea exclusiva de los restauradores, porque la labor que éstos realizan no es sino una parte de un conjunto amplio de actividades que pueden incluir todo tipo de bienes culturales tangibles e intangibles, como automóviles, danzas tradicionales, obras maestras de la pintura, liturgias religiosas, documentos contables o lenguas minoritarias. La Restauración de bienes culturales físicos y metafísicos (la Restauración del cultural heritage) es, por lo tanto, una actividad para la que no existe una categoría profesional correspondiente y única. Los restauradores, por supuesto, tratan con unas categorías determinadas de bienes culturales, pero los políticos, los gestores culturales, los informáticos, las cofradías religiosas, los profesores, etc., también practican la Restauración de otros tipos de bienes culturales. Por ello, esta acepción amplia de la Restauración puede resultar útil en determinadas circunstancias, pero no es la que se busca aquí: no es la actividad intelectual y profesional a la que las sociedades occidentales reconocen identidad propia. El concepto de Restauración de bienes culturales tangibles, o, por decirlo más claramente, el concepto de Restauración de objetos culturales, coincide mejor con el uso común del concepto de Restauración, y es el que aquí se está analizando. (VIÑAS, 2004, p. 36).

- Como fazer isso?

Acredito que atualmente a melhor forma seria difundir o conhecimento sobre a cultura Warao, e isso deve iniciar dentro do espaço formativo, ou seja, instituições de ensino, sejam elas primárias, secundárias ou superior. Outro lugar que pode e deve ser utilizado são os ciberespaços, pois promovem interação de diversos grupos, o que hoje se identifica de forma simplista com as novas tecnologias, o que faz lembrar outro querido pesquisador, chamado Pierre Levy, que corrobora com nosso pensamento quando diz que:

É aquilo que identificamos de forma grosseira como “novas tecnologias” recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um dever coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computador e de dispositivos de comunicação (LEVY, p.28, 1998).

– Desse modo a Carta Patrimonial da Declaração do México de 1985. Fala sobre esses novos meios de comunicação e sua importância para a difusão e resguardo da cultura, o que justifica em parte a criação do meu produto educacional e subprodutos criados nesta pesquisa.

Os meios modernos de comunicação devem facilitar a informação objetiva sobre as tendências culturais nos diversos países, sem lesar a liberdade criadora e a identidade cultural das nações.

Os avanços tecnológicos dos últimos anos têm dado lugar à expansão das indústrias culturais. Tais indústrias, qualquer que seja a sua organização, desempenham um papel importante na difusão de bens culturais. Nas suas atividades internacionais, no entanto, ignoram muitas vezes os valores tradicionais da sociedade e suscitam expectativas e aspirações que não respondem às necessidades efetivas do seu desenvolvimento.

Os meios modernos de comunicação têm uma importância fundamental na educação e na difusão da cultura. (Declaração do México de 1985 p. 06).

– Jovem, disseste que as mudanças são constantes, sabes dizer como vocês, seres humanos se preparam para elas e pensam no futuro?

Pensando no desaparecimento das línguas indígenas a ONU declarou o ano 2019 como o Ano Internacional das Línguas Indígenas onde o objetivo era “chamar atenção para a grave perda das línguas indígenas e a necessidade urgente de preservar, revitalizar e promovê-las”. Além de “adaptar novas medidas urgentes nacionais e internacionais sobre sua preservação” e, com base nestes objetivos umas das ações primordiais foi de defesa, promoção e revitalização foi na educação, na agenda UNESCO 2023.

Ainda vou responder sua pergunta, antes preciso dizer que o desenvolvimento e promoção da cultura pode ser proporcionado por toda comunidade Warao, além do espaço de ensino escolar e universidades, assim como ações governamentais. Digo a você, sem

dúvida, que cabe a educação a maior parcela nessa promoção, valorização e salvaguarda da língua enquanto patrimônio imaterial de interesse a se preservar Já que:

As peculiaridades culturais não dificultam, mas favorecem a comunhão dos valores universais que unem os povos. Por isso, constitui a essência mesma do pluralismo cultural o reconhecimento de múltiplas identidades culturais onde coexistirem diversas tradições.

A comunidade internacional considera que é um dever velar pela preservação e defesa da identidade cultural de cada povo.

Tudo isso reclama políticas culturais que protejam, estimulem e enriqueçam a identidade e o patrimônio cultural de cada povo, além de estabelecerem o mais absoluto respeito e apreço pelas minorias culturais e pelas outras culturas do mundo. A humanidade empobrece quando se ignora ou se destrói a cultura de um grupo determinado.

Há que reconhecer a igualdade e dignidade de todas as culturas, assim como o direito de cada povo e de cada comunidade cultural a afirmar e preservar sua identidade cultural, e a exigir respeito a ela. (Declaração do México de 1985 p. 02-03).

Para que se alcance esse ensino multilíngue são necessárias políticas complementares na educação dentro da formação de professores e na formação continuada, investimentos na promoção da cultura, da ciência e comunicação, buscar equidade entre desenvolvimento técnico, científico, intelectual dos envolvidos no processo.

A Declaração do México evidencia que “a educação é o meio por excelência para transmitir os valores culturais nacionais e universais, e deve procurar a assimilação dos conhecimentos científicos e técnicos sem detrimento das capacidades e valores dos povos”. Assim como também destaca:

Requer-se atualmente uma educação integral e inovadora que não só informe e transmita, mas que forme e renove, que permita aos educandos tomar consciência da realidade do seu tempo e do seu meio, que favoreça o florescimento da personalidade, que forme na autodisciplina, no respeito aos demais e na solidariedade social e internacional; uma educação que capacite para a organização e para a produtividade, para a produção de bens e serviços realmente necessários, que inspire a renovação e estimule a criatividade.

É necessário revalorizar as línguas nacionais como veículos do saber.

A alfabetização é condição indispensável para o desenvolvimento cultural dos povos.

O ensino da ciência e da tecnologia deve ser concebido principalmente como um processo cultural de desenvolvimento do espírito crítico e integrado aos sistemas educativos, em função das necessidades de desenvolvimento dos povos. (Declaração do México de 1985 p. 05).

– Agora sim, respondo tua pergunta querida *Naba!*.

- Não sei se você sabe, mas existe uma organização que pensa o planeta, seu desenvolvimento, mas principalmente o futuro dele de forma sustentável?
- Sério, passamos por tantos lugares e vemos tanta desigualdade, nunca imaginei ou ouvi falar que existe uma organização pensando o futuro do planeta.
- Existe! Exclamou a jovem
- E nossa conversa me fez lembrar, claro, minha pesquisa e o papel que a educação desenvolverá, futuramente, na agenda UNESCO 2030.
- O que é agenda UNESCO 2030. Isso não é um futuro ainda distante?
- Não é distante! Está aí, bem próximo.
- Em 2015, foi reunida a comunidade internacional para discutir sobre os esforços para um desenvolvimento sustentável. E o destaque foi sobre a importância da educação para se alcançar tal meta.

Após a reunião foram estabelecidos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Os ODS's formam a Agenda 2030 e a educação é a ODS de número 4, tamanha sua relevância para que se alcance os outros objetivos estimados, e o papel que desempenha na mudança mundial até então, nos 15 anos seguintes. A ODS 4 prevê: “Assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”.

De acordo com o Relatório GEM 2020 cerca de “258 milhões de crianças e jovens ainda não frequentam a escola; 617 milhões de crianças e adolescentes não conseguem ler nem realizar operações básicas de matemática”; e um ponto de nosso interesse é sobre refugiados que “cerca de quatro milhões de crianças e jovens refugiados estão fora da escola. O direito deles à educação está sendo violado, e isso é inaceitável”.

O Relatório ainda fala sobre a inclusão e educação: “todos, sem exceção”, porém ao ser analisado os mecanismos sociais, econômicos e culturais são perceptíveis que de acordo com o relatório a “discriminação de crianças, jovens e adultos em situação de desvantagem, e os excluem da educação ou os mantêm marginalizados”. Para cumprir com a agenda da OSD 4, o relatório evidencia que: “Estimulados por seu compromisso de cumprir o direito à educação inclusiva, os países estão expandindo sua visão sobre a inclusão na educação e colocando a diversidade no centro de seus sistemas. No entanto, a implementação de leis e políticas bem-intencionadas nem sempre é bem-sucedida”. O relatório ainda evidencia que “percebe que a resistência em atender às necessidades de todos os estudantes é uma ameaça real para se alcançar as metas globais da educação”.

A proposta do relatório para sanar o problema é promover a inclusão com auxílio das “governanças e financiamento, currículos, livros didáticos e avaliações, formação de professores, infraestrutura escolar e relações com estudantes, pais e comunidades” Recomenda-se ainda a prática de políticas para que a diversidade dos estudantes seja enaltecida como uma força de coesão social. “os sistemas de educação devem responder a essa necessidade premente, definindo objetivos e conteúdo de aprendizagem relevantes, introduzindo pedagogias que empoderem os educandos”.

A EDS deve ser entendida como parte integrante da educação de qualidade, inerente ao conceito de aprendizagem ao longo da vida: todas as instituições de educação – desde pré-escolar até a educação superior, e a educação não formal e informal – podem e devem como sua responsabilidade trabalhar intensamente com questões de desenvolvimento sustentável e promover o desenvolvimento de competências de sustentabilidade. A EDS oferece uma educação que importa e que é verdadeiramente relevante para todos os educandos, a luz dos desafios atuais (Agenda UNIESCO 2030 – p. 07).

Ou seja, o OSD 4 irá impulsionar o êxito dos demais objetivos estabelecidos, em outras palavras, de acordo com a UNESCO “a educação também está incluída nos objetivos relacionados à saúde, crescimento e emprego, consumo e produção sustentáveis, entre outros”.

A educação é tanto um objetivo em si mesmo como um meio para atingir todos os outros ODS. Não é apenas uma parte integrante do desenvolvimento sustentável, mas também um fator fundamental para sua consecução. É por isso que a educação representa uma estratégia essencial na busca pela concretização dos ODS. A nova agenda 2030 para o Desenvolvimento sustentável reflete claramente essa visão da importância de uma resposta educacional adequada. A educação é explicitamente formulada como um objetivo independente – o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4. Numerosas metas e indicadores relacionados à educação também estão contempladas nos outros objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Agenda UNIESCO 2030 – p. 06).

– O que eu quero dizer com tudo isso? Na verdade quero evidenciar que a educação é o melhor meio para se trabalhar a preservação da língua enquanto patrimônio, e que sua salvaguarda é importante, pois é um dos maiores documentos culturais de uma sociedade e que seus meios de promoção e preservação devem ser adequados ao mundo tecnológico científico atual, a causa é de extrema relevância já que a situação dos refugiados é preocupante quando se fala de equidade na educação. A educação deve promover a equidade no ensino e aprendizagem e tudo relatado até aqui, está de acordo com o que se espera que a educação desenvolva como objetivo de desenvolvimento mundial no quesito educação e todos os ambientes de aprendizagem.

A EDS- educação para desenvolvimento sustentável – é uma educação holística e transformadora que aborda conteúdos e resultados de aprendizagem, pedagogia e ambiente de aprendizagem. Assim, a EDS não se limita a integrar, no currículo, conteúdos como mudança climática, pobreza e consumo sustentável; ela também cria contextos de ensino e aprendizagem interativos e centrados no educando. Exige uma mudança de foco do ensino para a aprendizagem. Ela requer uma pedagogia transformadora orientada para a ação; que apoie a autoaprendizagem, a participação e a colaboração; uma orientação para a solução de problemas; Inter e Transdisciplinaridade; e a conexão entre a aprendizagem formal e informal. Apenas essas abordagens pedagógicas tornam possível o desenvolvimento das principais competências necessárias para promover o desenvolvimento sustentável. (Agenda UNESCO 2030 – p. 07).

Natalia, sua pesquisa esclareceu a necessidade de criação de um produto educacional que permitisse a visibilidade da causa por ela defendida nesta dissertação, além de materializar suas, até então, inquietações e desejos. Decidiu pela criação do produto educacional: Uma série de vídeos em gênero narrativo. São narrativas de experiências e formação sobre os indígenas Warao, sujeitos dessa pesquisa, hoje discentes da UFPA que ingressaram mediante a política de inclusão para entrada de imigrantes, refugiados Apátridas e outros dentro do ensino superior. Produto este, que nos próximos capítulos ela irá descrever com mais detalhes, e que gerou outras muitas propostas e subprodutos educacionais criativos e inovadores e que podem ser trabalhados em vários ambientes de aprendizagem. Meta ainda estabelecida pela própria agenda UNESCO 2030.

A conversa se estendeu. E este novo dia marca um momento importante na pesquisa da jovem Natália. Elas marcaram um encontro especial, não com os objetos de pesquisa da jovem, mas com os sujeitos protagonistas que fazem parte dela, e fazem com que tenha sentido e relevância. Os Warao as esperam!

4. AFLUENTES DO RIO METODOLOGIA NARRATIVA

A cidade de Belém do Pará foi fundada em 12 de janeiro de 1616, a data é muito representativa para a jovem escritora, visto que 12/01 também é a data de seu aniversário. Levou-se em consideração que Belém foi uma cidade construída sobre as águas e o povo Warao vem do baixo rio Orinoco. O nome desse grande rio, na língua Warao, é Wirinoko, onde Wiri significa onde remamos e Noko significa lugar. Em uma tradução mais livre, a palavra Warao significa povo da água, povo da canoa. A pesquisadora decidiu que a água, o elemento chave, uniria a narrativa ficcional e autoral desenvolvida com a discussão proposta.

O desafio de pesquisar, narrar e aprender criativamente através do olhar do outro, parte da abordagem criada por Lúcio (2020) onde defende a pesquisa narrativa em três dimensões: a primeira é a narrativa autobiográfica; a segunda, a narrativa de ficção; e a terceira, a heteronarrativa. Neste caso, a narrativa ficcional é sobre o elemento água, que se transporta ao mundo real em busca de seu nome de rio; neste caso onde seria sua foz/embocadura²⁴. Fato que surpreende a pesquisadora. As partes que compõem um rio efetivamente são transformadas nos nomes dos capítulos dessa dissertação. *Naba*, nome dado à personagem que veio parar no mundo real e é surpreendida pelo encontro com a pesquisadora e tudo de novo que lhe é apresentado.

Para cumprir com o que havia proposto, a pesquisadora decidiu “ousar” (em suas palavras). Ir além do que havia pensado inicialmente e através de uma metodologia inovadora – a pesquisa narrativa, navegou neste rio de ensino e aprendizagem dos Warao no Portal da Amazônia, principalmente no ensino superior. E juntas foram ao encontro de afluentes (docentes, pesquisadores) que de acordo com a metodologia mencionada seria o encontro humanizador, um diálogo sensibilizado da pesquisa com o vivido. Por isso, apenas abriu-se à experiência que a narrativa proporciona e evidencia o sentimento e as impressões de quem se permitiu tocar e se transformar por meio do processo criativo descritivo.

Assim como seus afluentes bases relatam em suas investigações, entende-se afluentes como os teóricos que compõem o embasamento, e aporte teórico da dissertação.

²⁴ Foz/Embocadura: "é o local onde uma corrente de água, como um rio, deságua. Sendo assim, um rio pode ter como foz outro rio, um grande lago, uma lagoa, um mar ou o oceano".

"Partes de um rio" em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/partes-um-rio.htm>

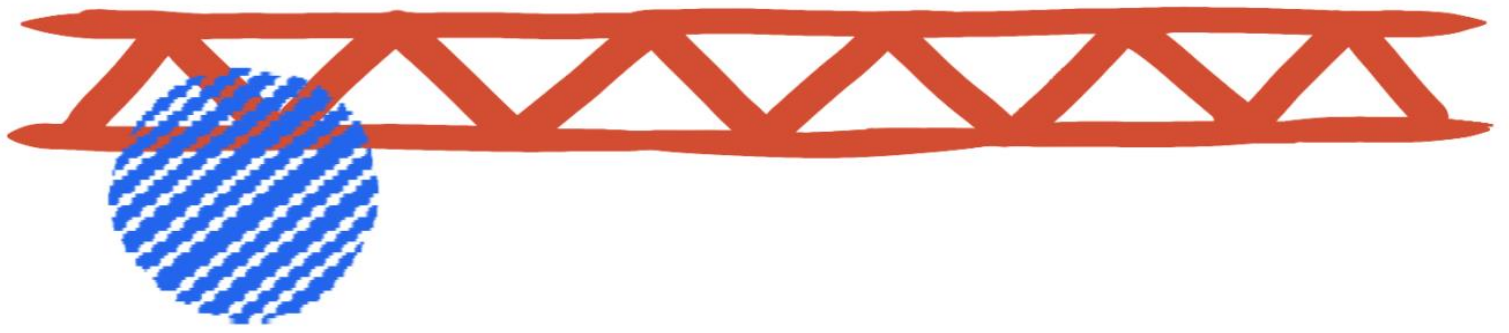
A exemplo, de Clandinin e Connelly que se baseiam no conceito de experiência de Dewey para descrever sua tríade:

Apoiados no pressuposto de Dewey, de que a experiência é contínua (uma pressupõe a outra, subsequente) e interativa (é tanto individual como social), e na compreensão de que há uma marca fortemente narrativa no pensamento e na experiência, Clandinin e Connelly (2011) criaram a metáfora de espaço tridimensional da investigação narrativa, em que as dimensões são a temporalidade, a relação individual-social e o lugar, cabendo ao pesquisador de deslocar nestes movimentos: retrospectivamente e prospectivamente; introspectivamente e extrospectivamente; e contextualizadamente, isto é, situado em um dado lugar. Ao se mover entre passado, presente e futuro, entre individual e social, no contexto em que se dá a pesquisa, é possível perceber aspectos da experiência que não seriam observáveis se não houvesse esses deslocamentos durante o processo (SOLIGO; PRADO; SIMAS, 2020, p. 104).

Por essa razão, o percurso desta navegação e investigação aconteceu em uma dimensão tridimensional, baseada na abordagem de Lúcio (2020), que divide a metodologia narrativa criativa em três dimensões. Abordagem a qual a jovem pesquisadora se apropria para o desenvolvimento desta dissertação.

Dentro destas dimensões encontra-se a discussão sobre ensino de línguas, ensino e aprendizagem e a Interculturalidade (deverá o leitor, investigador, pesquisador ter um olhar atento para as experiências compartilhadas e processos que ocorreram).

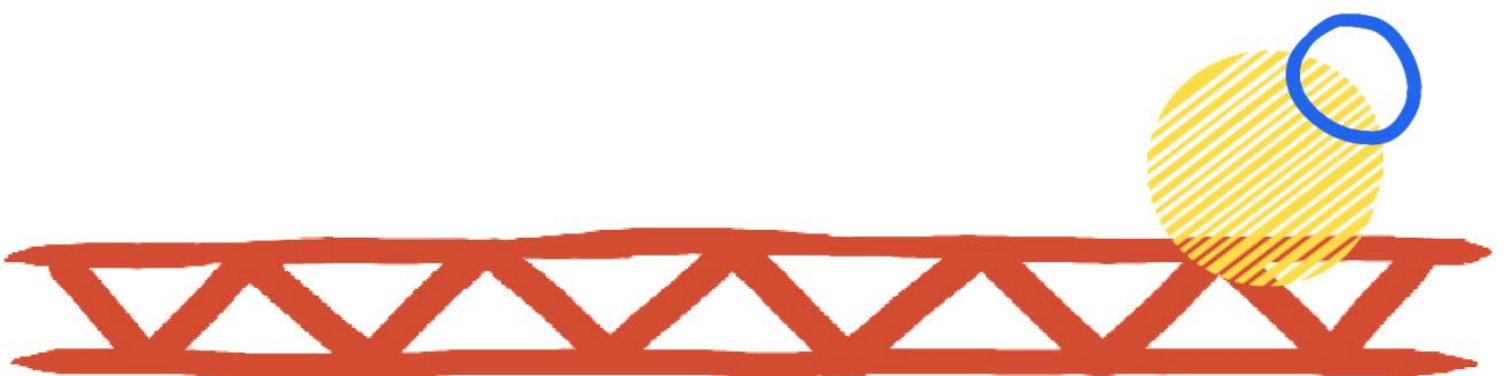
São três dimensões que se interligam devido ao compartilhamento da narrativa dos personagens, objetivos dos personagens, o enredo ficcional, objetivos propostos de auto formação que a jovem pesquisadora propõe e seu relato de formação. Todo o processo foi embasado no conceito de cultura e patrimônio cultural imaterial de Viñas (2004), do conceito de experiência de Larrosa (2014), experiência e transformação, e pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2011). Além disso, contou-se com a concepção de criatividade de Mihaly Csikszentmihalyi (1999) em diálogo Pascale (2005), de educação libertadora de Paulo Freire (1997), e sobre gêneros discursivos e concepção de linguagem de Bakhtin (1997) em diálogo com Geraldini (1984, 1996) e Faraco (2009), entre outros que complementam a narrativa sobre aprendizagem significativa de Moreira (2011), aprendizagem no ciberespaço de Lévy (2000), interculturalidade de Fleuri (2005) e interdisciplinaridade de Fazenda (2015) em diálogo com Vaz (2019).



5. NAVEGANDO SOBRE O RIO METODOLOGIA NARRATIVA

“O rio foi feito para correr, as pessoas também”.

Daniel Munduruku



Reunidas *Naba* e eu, para falar sobre a base da dissertação, escolhi um lugar estratégico, sentamos na orla da UFPA para explicar sobre o percurso metodológico, que são considerados o aporte teórico metodológico desta dissertação, a analogia com a palavra afluente, justifica-se ao entendermos que afluente é uma corrente de água que alimenta o rio maior, ou seja, é a base de construção e formação de um rio. Leva-se em consideração que os embasamentos teóricos e metodológicos alimentam e sustentam os diálogos, reflexões, propostas e produtos desenvolvidos na pesquisa, estes seriam os afluentes²⁵, os caminhos de um rio, correntes de água que alimentam o rio maior, desta escrita narrativa. Por isso, disse-lhe que todos os pesquisadores aqui presentes eram considerados verdadeiros afluentes e que todos juntos convergiam para expressar a importância e caminho que decidi percorrer.

Iniciei nosso diálogo sobre cultura e bens culturais, na perspectiva do primeiro referencial teórico, nosso afluente, Vinãs (2004) e interculturalidade na perspectiva das Cartas Patrimoniais, especificamente a do México de 1985. As cartas são documentos que direcionam ações, com o objetivo de orientar práticas em torno da proteção, valorização e salvaguarda de bens culturais. As cartas são frequentemente utilizadas para elaboração de políticas públicas a nível mundial para a preservação do patrimônio cultural. Neste caso, destaca-se o patrimônio imaterial, e a língua como maior representação cultural de uma comunidade.

Bens culturais imateriais de acordo com a Convenção da Organização das Nações Unidas (UNESCO) para preservação do Patrimônio Cultural Imaterial (2003) podem ser aqui definidos como uma representação de um povo, modos de fazer, cantos, ritos, mitos, artesanato e modo de vivência. E falar da língua enquanto patrimônio; ela é uma das maiores representações culturais de uma determinada comunidade ou grupo social. Este patrimônio existe porque tem uma comunidade que a usa, que agrega valor e a reconhece como representante de sua história despertando assim o interesse em conservar e preservar. Por trás do uso da língua, existem outros bens culturais que são possíveis de serem experienciados através da linguagem e suas múltiplas formas de expressão, como evidenciado pela Convenção do México de (1985, p. 04) onde “criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os

²⁵ Afluente: Referente a ou corrente de água que alimenta ou deságua em outra corrente ou rio. Neste caso, estamos relacionado a palavra afluentes ao aporte teórico da dissertação <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>

lugares e monumentos históricos, a cultura”. Outro afluente importante que evidencia a língua enquanto patrimônio, formas de expressão e suas formas de preservação e a que evidencia como “Patrimônio cultural imaterial (folclore, artesanato, habilidades) não necessariamente são representados em objetos, mas que também precisam de salvaguarda” (VIÑAS,2004). Elementos como estes, são presentes e fortemente encontrados na cultura Warao, e que não podem diretamente ser materializados em objetos, mas evidenciados através da oralidade, canto e dança. Assim, podemos afirmar que os bens culturais materiais não são mais importantes que os imateriais e suas formas de expressão.

Direciono a discussão agora para o aspecto do ensino de línguas, seja ela estrangeira ou materna, a multiculturalidade e interculturalidade são de extrema importância no processo de aprendizagem, já que aprender uma língua é aprender uma cultura. Este ensino/aprendizagem ocorre no processo de interação de sujeitos, meio social e cultura. No sentido da concepção de linguagem como processo de interação, Geraldi (1984) nos proporciona a reflexão sobre como a linguagem e modo de interação, o sujeito envolvido não somente se apropria, mas a usa e conseqüentemente se aprende.

Em que sentido uma tal concepção de linguagem interfere nos processos de ensino/aprendizagem? Antes de mais nada, o deslocamento da noção de representação para a noção de trabalho linguístico exige incorporar o processo de produção de discursos como essencial, de modo que não se trata mais de aprender uma língua para dela se apropriar, mas trata-se de usá-la e, em usando-a, apreendê-la. Geraldi (1984, p. 53)

E no contexto que os Warao se encontram dentro dos ambientes de ensino (compartilham espaços e processos de aprendizagem, são alfabetizados em língua portuguesa, bem como, falantes originários de uma língua isolada e de segunda língua o espanhol, e seu contexto social partilham da mesma situação com relação ao domínio da língua de comunicação, português). É importante que o conceito de interculturalidade e concepção de linguagem como interação devem ser explorados nos espaços formativos, já que se fala de uma interação entre sujeitos que constroem os instrumentos de comunicação (língua) e que permite a intercomunicação e compreensão.

Mais do que ver a linguagem como uma capacidade humana de construir sistemas simbólicos, concebe-se a linguagem como uma atividade constitutiva, cujo lócus de realização é a interação verbal. Nesta relacionam-se um *eu* e um *tu* e na relação

constroem os próprios instrumentos (a língua) que lhes permitem a intercompreensão.
GERALDI, (1996 p. 67)

O uso desses conceitos deve ser fortalecido para que de fato ocorra uma aprendizagem significativa da língua portuguesa como uma língua de acolhimento, e a língua Warao não seja apagada gradativamente pelo contexto atual de refúgio dos indígenas Warao em território brasileiro.

Os alunos podem apropriar-se dos conteúdos predeterminados na elaboração dos currículos escolares que é gerido pelo documento normativo da Base Nacional Comum Curricular - BNCC, todavia por outro olhar, a multiculturalidade e interculturalidade tem o encantamento, a magia de envolver e situar o aluno no processo de aprendizagem. Como nos direciona Freuri (2005) já que o conceito é um agrupamento de diversas culturas simultâneas em um mesmo espaço geográfico, cada país, estado ou cidade possui um emaranhado de culturas. Em cada território existem diversas culturas sem que ocorra necessariamente uma relação entre elas.

O Brasil é um dos maiores exemplos de pluriculturalidade, compostas por brancos, negros, índios, outras minorias, descendentes de outras nacionalidades que optaram ou foram induzidos a viver neste novo espaço como; é o caso dos refugiados latino-americanos vindos da Venezuela por causas de conflitos políticos, econômicos e sociais que o país enfrenta atualmente. Já a interculturalidade seria o conhecimento de uma cultura a partir de sua própria cultura, uma questão de experiência.

É uma análise cultural diferente do aprendiz da língua estrangeira, por exemplo, e que proporciona uma possível visão diferente dos temas estudados sem que ele se afaste de seus costumes e possa contribuir para a não formação de preconceitos e logo evita o choque cultural entre indivíduos de sociedades diferentes. Este é um dos propósitos do ensino intercultural que de acordo com Freuri (2005) o ensino intercultural é um compilado de propostas pedagógicas que busca fomentar as relações e respeito entre grupos socioculturais através de processos dialógicos.

O trabalho intercultural pretende contribuir para superar tanto a atitude de medo quanto a de indiferente tolerância ante o “outro”, construindo uma disponibilidade para a leitura positiva da pluralidade social e cultural. Trata-se, na realidade, de um novo ponto de vista baseado no respeito à diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos. Tal perspectiva configura uma proposta de “educação para a alteridade”, aos

direitos do outro, à igualdade de dignidade e de oportunidades, uma proposta democrática e ampla. FREURI (2003, p. 02 e 03).

O que nos fez refletir sobre o dialogismo, que nas análises de Faraco (2009) e na concepção de experiência de Larrosa (2014). Faraco em sua análise da teoria Bakhtiniana afirma que o processo dialógico é constituído por enunciados (sujeitos) socialmente e culturalmente formados para que a palavra em sua concepção mais ampla faça sentido se realize a apropriação assim como uso e ressignificação. Ele afirma que:

Para haver relações dialógicas, é preciso que qualquer material linguístico (ou de qualquer outra materialidade semiótica) que tenha entrado na esfera do discurso, tenha sido transformado num enunciado, tenha fixado a posição de um sujeito social. É fazer réplicas ao dito, confrontar posições, das acolhida fervorosa à palavra do outro, confirmá-la ou rejeitá-la, buscar-lhe um sentido profundo, ampliá-la. em suma, estabelecer com a palavra de outrem relações de sentido de determinada espécie, isto é, relações que geram significação responsivamente a partir do encontro de posições avaliativas. FARACO (2014, p. 66).

Já a concepção de experiência compartilhada por Larrosa evidencia que experiência é o que nos toca, que nos acontece e somente a partir dessa experiência com o outro, neste processo de relações dialógicas é possível criar novos sentidos e significados. Afirma que:

Experiência é o compartilhar, não apenas informações, mas construir de maneira colaborativa o conhecimento sobre determinada temática, se este não for o objetivo da experiência, de pouca relevância será a ação de ensino e aprendizagem como evidencia Larrosa (2014) ao dizer que “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”. (LARROSA, 2014, p. 26).

O autor nos faz refletir sobre a importância da experiência, que pode ser compartilhada, todavia, será diferente para cada pessoa envolvida no processo, para alguns mais intensa e significativa que para outros, porém todos passarão por ela. Pode-se afirmar que o conhecimento é individual, porém adquirido de maneira colaborativa, em conjunto. Como evidência o pesquisador:

Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida (LARROSA, 2014, p. 32).

Sobre a atuação do professor, a experiência é uma categoria importante para o docente de línguas. Pode perceber, após alguns anos de vivências e prática docente que o foco das aulas ainda se dá de uma maneira mais bancária, como nomeado por Freire (1997) onde se é depositado cada vez mais conteúdo de gramática - tradução, conjugação verbal em situações não reais e fora do campo de vivência dos alunos. Se faz necessário o destaque sobre a formação de leitores nos espaços formativos, e do ensino de línguas, estrangeira ou materna, pode-se dizer que no espaço formativo escolar se apresenta aos alunos as concepções de linguagem de modo isolado. Ou seja, se supervaloriza o texto estruturalista, ou o sujeito, mas não a interação de ambos com o meio social. Como destaca Fuza (2010) ao dizer que:

Apesar da importância da construção de leitores, que dialogam com o texto, com o outro e consigo mesmos, essa prática parece não ocorrer no contexto educacional, que permanece com as concepções isoladas de leitura como decodificação, privilegiando o texto ou o leitor, não havendo, assim, o diálogo entre esses elementos. FUZA, (2010, p. 3).

Para reagir a essa prática já tradicionalista, que toma conta das aulas de língua, me debrucei em imaginar modos pelos quais o ensino de línguas e as experiências de aprendizagem pudessem ser diferentes. Pode-se afirmar que a ação docente é primordial para que a mudança ocorra. A atuação do docente vai além do transmitir conhecimentos gramaticais ou usar o ensino intercultural como um fator de distribuição de informações culturais estanques. Não podem ser meras informações para sanar ou despertar curiosidade dos alunos.

O diálogo com o afluente que tem seus estudos voltados para o ensino nos ambientes de aprendizagem formal (sala de aula) nos permite uma visão não fechada e única, a qual nomeou como educação bancária, é Freire (1997), onde afirma que existe uma centralização do conhecimento na figura do professor, e os alunos são os que necessitam aprender, como se não tivessem nada para compartilhar, ou nos ensinar, essa visão bancária ainda é evidente desde o ensino básico até o ensino superior, onde geralmente encontramos cadeiras enfileiradas voltadas para o centro das atenções e conhecimento. Nesta perspectiva Freire (1997) afirma que o professor desempenha e cumpre com seu dever, é detentor exclusivo do conhecimento e o transmite aos seus alunos. Paulo Freire ainda chama essa figura de ensino de narração, o professor realiza a narração de seus conhecimentos e o papel do aluno é os memorizar.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em vasilhas, em

recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá enchendo os recipientes com seus depósitos tanto melhor educando será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhor educandos serão (FREIRE, 1987, p. 33).

Este tipo de narração que foi definida por Paulo Freire não é o estilo de narração que defendemos, visto que para Clandinin e Connelly (2011) a narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana.

A pesquisa narrativa deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana. Trata-se de um estudo de histórias vividas e contadas, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p.18).

Na reflexão sobre educação, vemos a pesquisa narrativa como uma possibilidade de estudo interessante, pois educação e vida estão interligadas. Compreendemos também que o aluno detém conhecimentos adquiridos antes mesmo do processo formal de ensino e aprendizagem, conhecimentos previamente adquiridos em seu processo formativo como sujeito social e que pode, e deve compartilhar de suas experiências para que o conhecimento dentro dos espaços formativos seja construído coletivamente entre aluno e professor. Nesta ordem, como o protagonista da aprendizagem, o aluno. Paulo Freire (1997) nos convida para essa reflexão ao dizer que “não há saber mais ou saber menos, há saberes”. Ou seja, qual a postura docente deve ser assumida ao compreender que o conhecimento vai além do espaço formativo, e que são constituídas em sociedade, experiências e relações culturais dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo, com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas (FREIRE, 1987, p. 39).

No sentido de aspectos de aprendizagem e uso da língua, uma nova realidade se mostra na sociedade paraense, especificamente belenense. E que no ensino, baseado em uma perspectiva intercultural, o objetivo deveria ser promover habilidade de uso da língua (comunicação), de maneira diversa e social, adaptabilidade dos conteúdos predeterminados, promover um processo de diálogo entre pessoas de diferentes culturas, além de fomentar a aprendizagem da língua através dos seus conhecimentos advindos ante dos espaços formativos.

É necessária a flexibilidade dos currículos escolares e novas propostas pedagógicas, os alunos necessitam ser expostos a diferentes realidades e estimulados a aprender nesses novos contextos, adaptar as aulas as realidades que se apresentam e contemplar as diversidades, neste caso específico a inclusão dos indígenas Warao. Como orienta as adequações e proposições da BNCC, “à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos”. Essas adequações, “resultam de um processo de envolvimento e participação das famílias e da comunidade”.

As adequações referem-se, entre outras ações, a:

Contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares, identificando estratégias para apresentá-los, representá-los, exemplificá-los, conectá-los e torná-los significativos, com base na realidade do lugar e do tempo nos quais as aprendizagens estão situadas; decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares, selecionar e aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas, recorrendo a ritmos diferenciados e a conteúdos complementares, se necessário, para trabalhar com as necessidades de diferentes grupos de alunos, suas famílias e cultura de origem, suas comunidades, seus grupos de socialização etc. Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, P. 17).

Este diálogo promove a integração entre todos os envolvidos no processo, além de permitir ao educador e alunado superar preconceitos, promover uma aprendizagem mais ativa e significativa e fazer com que todos os envolvidos encontrem com a cultura do outro, sem esquecer a sua. Como destaca Krehbiel:

Adaptabilidade mais que métodos de ensino prescritivo - aprender é um processo de descoberta que evolui à medida que os participantes são expostos a diferentes contextos e experiências. Como educadores, devemos ser flexíveis para atender às necessidades dos alunos em vez de aplicar, de forma rigorosa, um programa predeterminado. Do mesmo modo, devemos procurar desenvolver a capacidade dos alunos de agir em um ambiente de incerteza (KREHBIEL, 2017, p. 90-111)

Ao utilizar a interculturalidade permito aos meus alunos a oportunidade de compreender como outro grupo social mais diversificado tem aspectos socioculturais comuns e/ou diferentes dos seus. Dessa forma, “o professor deve atuar como mediador entre os estudantes, as línguas e culturas, não como representante de uma única cultura fechada. O professor deve conhecer a cultura e tem o papel de representar a sua própria

também” Vellegal (2008, p. 08) Evidencia e leva em consideração o progresso, a partir da partilha de suas vivências, como se deu a aprendizagem e através de quê. Ou seja, o processo de aprendizagem percorrido é mais relevante.

Este ato de aprender com a narrativa do outro somente é possível se como aluno tomo a narrativa do outro como própria, e se me identifico como a mesma. Larrosa (2014, p. 32) evidenciou isto quando disse que “ninguém pode aprender da experiência do outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria”. Ou seja, experiência é uma possibilidade de que algo nos toque e seja relativamente significativo, porém existe a condição de atenção, escuta ativa e sensibilidade para a narrativa exposta:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2014, p. 25)

Outro “afluente”, que nos permite reflexões sobre aprendizagem significativa é o pesquisador Moreira (2011, p. 96) onde o conhecimento prévio dos alunos é fator positivo a contribuir com a aprendizagem e que “o professor atua como mediador para facilitar ao aluno a internalização de instrumentos e signos de determinado corpo de conhecimento. E que naturalmente essa mediação deve ocorrer dentro da zona de desenvolvimento proximal”, ou seja, eu preciso partir do conhecimento prévio e contexto social que envolve esse aluno para que ocorra uma aprendizagem significativa, ao ponto da narrativa de experiência compartilhada ser capaz de tocar e fazer com que o sujeito ressignifique informações, transformando-as em conhecimento e conseqüentemente aprendizagem.

Esta é a visão que Clandinin e Connelly defendem sobre narrativa e que torna possível a aplicabilidade da pesquisa, pois narrativa é o compartilhamento de conhecimento através da narração de experiências. Por isso é importante a compreensão dos conceitos, pois, segundo Clandinin e Connelly (2011) “experiência e transformação assim como a pesquisa narrativa na educação não são conceitos fechados”. Experiência é um ato pelo qual podemos compartilhar experiências de formação, aprendizagem e conhecimento. É poder aprender pelo olhar do outro no processo de pesquisa e formação. Experiência são compostas pelas relações do indivíduo com seu meio social.

Além disso, Dewey entende que um critério da experiência é a continuidade, nomeadamente, a noção de que a experiência se desenvolve a partir de outras

experiências e de que experiências levam a outras experiências. Onde quer que alguém se posicione nesse continuum - cada ponto tem uma experiência passada como base e cada ponto leva a uma experiência futura. Esse é, também, um pensamento-chave para nossas reflexões sobre educação porque à medida que pensamos sobre o aprendizado de uma criança sobre a escola, ou sobre uma política em particular; a sempre uma história, que está sempre mudando e sempre encaminhando-se para algum outro lugar. (Clandinin e Connelly (2011, P. 3)).

De acordo com, Clandinin e Connelly (2011, p. 48) “experiência é uma palavra-chave. Educação e estudos em educação, são formas de experiência. Para nós, a narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência”.

Compreendo que aprendizagem é transformação, seja ela do aluno ou docente e a continuidade é um processo de temporalidade. A postura do pesquisador em relação a seu objeto de estudo, como se posiciona, se aproxima ou distância do objeto, na pesquisa narrativa o contato contínuo com o objeto/sujeito da pesquisa é primordial para seu êxito. Sobre o ensino e aprendizagem dos indígenas Warao dentro da UFPA é importante a troca e relação para que ocorra confiança de ambas as partes, e de fato exista a possibilidade de compartilhamento de experiências.

O mais importante é a atitude do pesquisador em relação aos seus participantes, uma atitude que irá promover a aprendizagem. A autora escreve: “Às vezes uma dissonância irá atravessar e puxá-lo para um envolvimento intenso” (p.5); as vezes irá empurrá-lo para a perspectiva do participante de pesquisa. Para que a aprendizagem ocorra, o papel do pesquisador, de observador ambíguo sempre em deslocamento, é o de encontrar diferenças; permitindo que as diferenças desafiem as certezas, os valores, e as crenças; é o de improvisar e adaptar-se às diferenças, e desse modo aprender [...]. (Clandinin e Connelly (2011, p. 38)

Clandinin e Connelly ainda argumentam o que seria unidade narrativa e afirmam que o indivíduo narrativo permite uma continuidade, já que é um esforço humano que estamos culturalmente inseridos em uma unidade narrativa.

A unidade narrativa nos deu uma forma de pensar de maneira mais detalhada e informativa sobre o construtor geral da continuidade na vida dos indivíduos, continuidade tornou-se para nós uma construção de narrativas que abre uma porta de ideias e possibilidades [...]. (Clandinin e Connelly (2011p. 32).

A ideia de experiência narrativa, continuidade, temporalidade e transformação podem ser potentes elementos sobre a perspectiva da aprendizagem Warao, já que são indivíduos potencialmente narradores, utilizam da oralidade para se promover e conservar sua cultura; e quando se fala de tradições culturais, essa aprendizagem pode ser uma fonte de conhecimento, fazendo com que a aprendizagem no contexto inter/multicultural²⁶ se torne em uma escola da vida como mencionado por Bateson e citado por Clandinin e Connelly (2011, p. 37) ao afirmarem que “uma sociedade de muitas culturas e tradições pode ser uma escola da vida”.

²⁶ Stephen Stoer e María Luiza Cortesão, definem e usam o termo educação inter/ multicultural para indicar o conjunto de propostas educacionais que visam a promover a relação e o respeito entre grupos socioculturais, mediante processos democráticos e dialógicos.

Alunos indígenas Warao estão no contexto da universidade no Brasil, universidades que refletem constantemente sobre a educação no contexto brasileiro ao qual buscaram refúgio, tiveram a oportunidade de ingressarem na universidade através de políticas de inclusão, porém devemos nos perguntar, o que os trouxe para este espaço de aprendizagem e quais seus objetivos? Ao prestarmos uma escuta atenta a suas narrativas, é evidente que esse grupo dentro da universidade tem como objetivo levar para sua comunidade e para seu núcleo social os benefícios que a formação superior pode lhes proporcionar; ajudar sua comunidade e suas crianças no espaço de ensino formativo e no processo de aprendizagem, para que aprendam a se comunicar e conseqüentemente sobreviver neste novo meio social.

Falar sobre a formação de um grupo tão heterogêneo é desafiador, já que existem muitos outros elementos que devem ser considerados, como domínio de língua materna, do português como língua de acolhimento, dificuldades de comunicação, uso da segunda língua, neste caso espanhol, etc.

O importante dentro da pesquisa narrativa é a vida, as pessoas, suas narrativas e vivências. Como pesquisadores narrativos, nosso olhar recai sobre os valores que cada sujeito atribui às suas vivências e conhecimento, sua postura, atitudes, crenças, língua, e sentidos que o sujeito atribui e que são constituintes de seu ser social. Como destacam Clandinin e Connelly (2011).

Educadores estão interessados em vidas. Vida, pegando emprestado a metáfora de John Dewey, é educação. Educadores estão interessados na aprendizagem e no ensino e no como esse processo ocorre; eles estão interessados em saber lidar com as vidas diferentes, os valores diferentes, as atitudes diferentes, as crenças, os sistemas sociais, as instituições e estruturas e no como eles estão todos unidos para aprender e ensinar: Pesquisadores da área da educação são, primeiro, educadores e estamos também interessados nas pessoas. Esses pesquisadores, com seus interesses voltados para pessoas, não são diferentes nesse sentido daqueles que desenvolvem pesquisa na área das ciências sociais. Essas são as ciências das pessoas. A vida das pessoas e como elas são compostas e vividas é o que nos interessa observar; participar, pensar sobre, dizer e escrever sobre o fazer e o ir e vir de nossos colegas, seres humanos. (Clandinin e Connelly (2011, P. 22)

Clandinin e Connelly (2011, p. 49) revelam que a pesquisa narrativa é a descrição do processo, e que deveríamos pesquisar narrativamente ao tratarmos com seres humanos. De acordo com suas palavras “Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa. Portanto, a experiência educacional deveria ser estudada narrativamente”. E a aprendizagem vem da transformação. Em suas palavras a pesquisa deste tipo é um processo dinâmico de viver, reviver e contar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, bem como as dos pesquisadores. Assim se dá a pesquisa que conta história e a construção colaborativa do conhecimento.

Outro “afluente” importante que destaca o eu e o outro dentro da construção do conhecimento é Bakhtin no seu livro “Marxismo e Filosofia Linguagem” (2009) que defendia a interação entre um “eu” e o “outro”, e é nesta troca que ocorre o diálogo na construção do conhecimento e a partir desta interação ocorre a aprendizagem. Mesmo a língua sendo um sistema normativo, não pode ser considerada fora do social, já que não haverá comunicação fora dessa dimensão, pois se parte da realidade e vivências dos próprios envolvidos no processo que agregam valores e sentidos à língua.

No processo de construção do conhecimento o sentido/significado é diferente mediante a realidade de origem e a condição de vivência atual do indivíduo, a translíngua nos auxilia nesta construção e compreensão de sentidos já que ela se vale das múltiplas práticas de linguagem, inclusive de falantes bilíngues e/ou multilíngue. Caso no qual os indígenas Warao se enquadram, pois, como sujeitos constituídos socialmente e na condição de bilíngues (língua Warao, espanhol como segunda língua e português como uma língua de sobrevivência atual pela condição de refúgio) carregam um significado nas suas relações sociais e dialógicas.

O que contribui de maneira significativa com o uso e um ensino-aprendizagem da língua de forma social, crítica e reflexiva. Para Bakhtin (2009, p. 31) a língua é um fator ideológico, já que está ligada ao meio social “[...] tudo que é ideológico é um signo, sem signo não existe ideologia”.

O conhecimento prévio favorece a aprendizagem do novo e ao depender da sensibilização e conscientização do professor esse conhecimento prévio pode bloquear a aprendizagem do novo conhecimento ou do aluno de forma geral. “A aprendizagem significativa é a interação cognitiva entre novos conhecimentos e conhecimentos prévios, aos quais Ausubel (2000; Moreira 2006) descreve como subsunçores. Assim como Moreira defende que (2011) esse processo trata de um processo interativo, e ambos conhecimentos se modificam; os novos aportes ganham significado, e os prévios mais elaborados, mais ricos em significados, mais estáveis cognitivamente e mais capazes de facilitar a aprendizagem eficaz de outros conhecimentos. Ou seja, é com experiência e vivência que torna-se possível compreender melhor os novos significados. Aprendizagem é um processo de descoberta e que se desenvolve conforme somos expostos a diferentes contextos. Entende-se também que o conhecimento é individual, mas sua construção é no coletivo e na troca entre um e o outro.

Ao pensar no caso dos indígenas Warao que são discentes da UFPA, como esse processo de aprendizagem tem ocorrido? Será que estão sendo pensadas as particularidades que esse grupo carrega a cada disciplina ou semestre? Como docentes têm ultrapassado as inúmeras barreiras dentro deste processo?

O docente ao compreender que ao adaptar suas aulas e utilizar diferentes práticas de ensino, aprendizagem e avaliação, em sua atuação docente pode alcançar resultados considerados positivos para fins e objetivos específicos. Então, a partir de teorias da aprendizagem e da criatividade pode amadurecer as ideias para o produto educacional final desta dissertação: E o que seria então criatividade no ensino? Afirmo que criatividade exige repetição, treino, erro, correção, inúmeras aplicações quando necessário, ou seja, criatividade não é um dom, é uma habilidade que precisa ser desenvolvida constantemente no processo de ensino e aprendizagem e a imaginação pode ser fator positivo na construção.

Por isso uma das dimensões escolhidas foi a narrativa ficcional, abordagem desenvolvida por Lucio (2020) que a caracteriza a como a contextualização histórica, personagem principal e elemento impulsionador.

O conceito de criatividade exposto nesta dissertação é o dos “afluentes”, o professor e pesquisador Mihaly Csikssentmihalyi (1999, p. 03) entende que “criatividade é um fenômeno construído através de uma interação entre produtor e público. A criatividade não é o produto de indivíduos solteiros, mas de sistemas sociais”. Em diálogo com os estudos de Pascale (2005), que comunga do mesmo pensamento, aponta que ela está composta por três elementos bases:

Criatividade é o resultado da interação de um sistema composto por três elementos: uma cultura que contem regras simbólicas, uma pessoa que traz novidades para o campo simbólico, e um campo de especialistas que reconhece e validam a inovação. Os três subsistemas são necessários para que uma ideia, produto ou descoberta criativa ocorra (PASCALE, 2005, p. 65).

Os resultados da criatividade, e principalmente a compreensão de como se deu o processo de aprendizagem se tornam mais significativos enriquecendo a nossa própria base cultural, nossas narrativas, causando o que podemos definir como aprender a aprender. Ou seja, o aluno compreende seu processo de aprendizagem, identifica elementos potencializadores do seu processo e o deve ou não fazer para que ela ocorra.

Todas as experiências e reflexões apresentadas até aqui, estão necessariamente voltadas para: o onde, para quê, em que contexto e como necessariamente se fala?

Para responder a esta pergunta é apresentado o último “afluente” mencionado pela jovem Natália, Mikhail Bakhtin que tem um amplo estudo voltado para a área da linguagem. Porém, também é muito utilizado na área de letras e comunicação. Faraco (2009) no livro: *Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin* nos possibilitam uma compreensão maior sobre as ideias do círculo de Bakhtin, Segundo Faraco (2009) o círculo de Bakhtin era constituído por pessoas de “diversas formações, interesses intelectuais (1919 - 1929) e atuações profissionais (grupo multidisciplinar, portanto), incluindo entre vários, filósofos, professores e estudiosos de literatura entre eles: Valentin N. Voloshinov, Pavel N. Medvedev.

A interdisciplinaridade do círculo de Bakhtin trouxe reflexão de um fator importante para a pesquisa narrativa, e que é preciso mencionar sobre a possibilidade da interdisciplinaridade na aprendizagem. Segundo Fazenda (2015, p. 09) interdisciplinaridade pode ser definida como atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar. Interdisciplinaridade é onde o caráter humano se evidencia. Os pesquisadores Vaz, Júnior e Rocha (2019) afirmam que interdisciplinaridade é um diálogo, onde os saberes possibilitam uma abertura de olhar, uma verdadeira expansão de horizontes. Portanto, é uma experiência.

Interdisciplinaridade é uma abertura e um encontro que permite a troca entre saberes, possibilitando a integração entre conteúdos e afetos. Portanto, experiência interdisciplinar é algo que nos acontece, nos toca, nos afeta e possibilita a construção integrada e colaborativa de conhecimento nos atravessamentos que acontecerão no ensino e aprendizagem [...] (VAZ; JÚNIOR; ROCHA, 2019, p. 12).

Em um ambiente de formação é necessário que exista um elo entre variadas formações no caso de Bakhtin e a ligação de seu círculo era a área da linguagem e o diálogo gira sobre a questão da unidade e eventicidade do Ser, ao tema da contraposição do eu/outro e ao componente axiológico intrínseco ao existir humano. Ou seja, os eixos nucleadores do pensamento Bakhtiniano de acordo com Faraco (2009, p. 22) seriam “a unicidade do ser, e do evento (e a conseqüente necessidade de não separar o mundo da teoria do mundo da vida), a relação eu/outro e a dimensão axiológica”. Não há uma formalização de métodos científicos no círculo de Bakhtin.

Faraco (2009, p. 40) enfatiza ao dizer que "em suma: ao percorrermos os textos do círculo de Bakhtin não nos deparamos, em nenhum momento, com a formalização de métodos científico propriamente dito, mas com grandes diretrizes para construirmos um entendimento mais amplo das realidades".

Assim como todos os afluentes apresentados até aqui, Bakhtin em alguns momentos evidencia o elo que existe entre a linguagem com o campo da criatividade. Citamos a criação de enunciados que partem de um meio social, de uma realidade. A criatividade parte de aspectos já conhecidos ou pré adquiridos antes da inicialização de um processo, o caso do ensino formativo.

Mesmo a criatividade não sendo uma temática primária dentro de suas investigações, Bakhtin, de forma secundária faz uma união entre criatividade e comunicação na obra *Estética da Criação Verbal*, onde afirma-se que “A língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se. A essência da língua, de uma forma ou de outra, resume-se à criatividade espiritual do indivíduo” (Bakhtin, 1997, p. 289), ou seja, comunicar é um ato criativo por si só.

Bakhtin torna-se um grande “afluente” para a jovem pesquisadora. Suas investigações são direcionadas para a linguagem, e através dela podemos expressar-nos, compartilhamos nossos sentimentos, mesmo que nem sempre seja possível por meio de palavras expressar exatamente o que desejamos, exprimimos opiniões e temores, comunicamos com nossos interlocutores assim como também apreciamos uma obra de arte e expomos nosso parecer sobre. A língua faz parte da nossa vida cotidiana. “A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua” (Bakhtin, 1997, p. 282).

Outro ponto de conexão de Bakhtin é com a cultura, em seus escritos é evidenciada a unidade do ser ao afirmar que enunciado seria “uma unidade real da comunicação verbal” Bakhtin, (1997, p. 288). Para Bakhtin a cultura não é um objeto estranho ao sujeito, o mundo da cultura é a expressão de vivências, o poder viver e reproduzir experiências dos outros, é poder identificar-se ou não com seus significados que vão além de palavras.

"Para Bakhtin, a consciência individual se constrói na interação, e o universo da cultura tem primazia sobre a consciência individual. Esta é entendida como tendo uma realidade semiótica, constituída dialogicamente (porque o signo é, antes de tudo, social), e se manifestando semioticamente, i. e., produzindo texto e o fazendo no contexto da dinâmica histórica da comunicação, num duplo movimento: como réplica ao já dito e também sob o condicionamento da réplica ainda não dita, mas já solicitada e prevista, já que Bakhtin entende o universo da cultura como um grande e infinito diálogo". FARACO, Pág 42.

A compreensão da experiência não é mera interpretação das ações do outro, mas está ligada a uma atitude, ação dialógica que diante de um enunciado e sua narrativa,

produz outros textos como Faraco (2009, p. 42) estabelece “Compreender não é um ato passivo (um mero reconhecimento), mas uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto”. Ou seja, uma relação dialógica na concepção intercultural nem sempre é composta por sujeitos que estão de acordo com as ideias e textos, ações, e respostas expostas.

Outro ponto é sobre os gêneros discursivos que Bakhtin definiu como primários e secundários. Bakhtin não dedicou seus estudos à classificação dos gêneros, como algo fechado, porém os considera de acordo com seu processo de uso, ou seja, como se constituem na produção dos sujeitos enunciadoreis.

Todos os gêneros secundários (nas artes e nas ciências) incorporam diversamente os gêneros primários do discurso na construção do enunciado, assim como a relação existente entre estes (os quais se transformam, em maior ou menor grau, devido à ausência de uma alternância dos sujeitos falantes) (BAKHTIN, 1997, p. 295).

Já os gêneros primários seriam os que são utilizados no cotidiano, encontrados em reuniões informais entre amigos, familiares etc., e o secundário sendo mais complexo e encontrado principalmente em formas de expressões culturais materiais, a exemplo da literatura. No entanto, Bakhtin não realiza uma diferenciação e trata os gêneros de forma igualitária, assim sendo, o secundário não é melhor nem mais importante que o primário, ele apenas evidencia que os gêneros secundários, como a literatura, incorporam os primários e seus textos.

Em cada época de seu desenvolvimento, a língua escrita é marcada pelos gêneros do discurso não só pelos gêneros secundários (os tipos do diálogo oral: linguagem das reuniões sociais, dos círculos, linguagem familiar, cotidiana, linguagem sociopolítica, filosófica, etc.). A ampliação da língua escrita que incorpora diversas camadas da língua popular acarreta todos os gêneros (literários, científicos, ideológicos. Familiares, etc.) (BAKHTIN, 1997, p. 285).

Ao pensar os sujeitos desta pesquisa é importante destacar que o gênero primário é utilizado maior que o secundário, principalmente por questões culturalmente estabelecidas. Os Warao utilizam da oralidade para transmitir seus conhecimentos de mundo aos seus, ela é seu maior veículo de promoção da língua e cultura.

Na esfera da sociedade faz-se o uso de textos, orais ou escritos para que haja comunicação, e cada setor dela utiliza de um arcabouço linguístico para comunicabilidade efetiva. Na esfera da universidade, lugar no qual se desenvolve essa pesquisa, me comunico e uso uma linguagem com gêneros enunciativos diferentes do que eu utilizaria em casa, entretanto, no papel de docente do ensino superior por questões de adaptabilidade

faz-se necessário esta adaptação conforme especificidades na escola, no trabalho, com alunos ou grupo de professores.

Ressaltamos que o uso da pedagogia do acolhimento para os indígenas Warao necessita ocorrer, a respeito de comunicação, possibilitando que seu maior gênero de comunicação (linguagem) seja valorizado, sendo utilizada dentro de sala de aula no processo de ensino e aprendizagem, possibilidade da narrativa de suas vivências, tornando seus aspectos culturais como fonte de saberes e significados, inclusive como meio de avaliação desses discentes.

Para Bakhtin qualquer enunciado que produz signos para a comunicação pode ser considerado texto. Segundo o autor: “os gêneros são, pois, tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Falamos sempre por meio de gêneros no interior de uma dada esfera de atividade” (FIORIN, 2018, p. 35).

Cada esfera conhece seus gêneros, apropriados à sua especificidade, aos quais correspondem determinados estilos. Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico (Bakhtin, 1997, p. 284).

Na comunicação são utilizados inúmeros gêneros de discurso, todos são enunciativos e dispõem de uma forma padrão e estrutural para ato oral ou escrito. Na cultura Warao não é diferente, existe uma forma padrão desta língua homônima isolada, com uso maior dos gêneros primários que secundários. Ou seja, não há uma supremacia da escrita, relacionada à oralidade, para eles a oralidade é a maior forma de comunicação, aquisição e transmissão de ensinamento e aprendizagem dos saberes. Bakhtin evidencia esses enunciados ao dizer:

Para falar utilizamos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamos-os com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica (BAKHTIN, *ibidem*, p. 301).

Desta forma, cada indivíduo seleciona e usa o discurso que acredita ser mais eficiente e adequado à determinada situação e que sua tomada de atitude é considerada um ato responsivo como explana Faraco (2009, p. 25) “Bakhtin dirá que não há, nem pode haver enunciados neutros, todo enunciado emerge e necessariamente num contexto cultural saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição no contexto”.

Outro ponto é sobre linguística e linguagem, onde evidencia que a linguística não é maior que o sentido, não despreza a linguística no total, porém evidencia que deveriam caminhar juntas.

A abordagem da linguística é na concepção bakhtiniana, insuficiente pelo fato de enfocar o enunciado exclusivamente como um fenômeno da língua, como algo puramente verbal, desvinculado do ato de sua materialização, indiferente às suas dimensões axiológicas. A linguística, neste contexto, é claramente apresentada como necessária (como um conhecimento a que se deve recorrer), embora não suficiente (a língua no mundo da vida tem dimensões constitutivas que escapam da razão teórica da linguística). (FARACO, 2009, p. 25).

Faraco (2009, p. 25) afirma que "Bakhtin posiciona seu modo de estudar a linguagem fora da linguística propriamente dita, mas não a descarta nem recusa sua relevância" neste caso a linguística se apresenta como algo necessário, mesmo não sendo suficiente para expressar as experiências vividas pelos enunciados, escapando deste modo, "da razão teórica da linguística".

"eis por que a palavra não apenas designa um objeto como uma entidade pronta, mas também expressa por sua entonação minha atitude valorativa em relação ao objeto, em relação àquilo que é desejável ou indesejável nele, e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, transforma-o num momento constituinte do evento vivo, em processo (p. 32-33)". (BAKHTIN, citado por FARACO, 2009, p. 24)

Outro ponto, é a questão da Experiência, ela é aberta e interligada com o enunciado e mesmo com a verbalização seria ainda difícil expressá-la em sua totalidade evidenciada por Bakhtin ao afirmar que "o vivido pode ser verbalizado, porém não na sua plenitude".

"Bakhtin materializa aqui sua crença nas possibilidades de verbalizarmos nossas experiências vividas a partir de seu interior, mas alerta para o fato de que nunca conseguiremos expressá-las em sua totalidade. Ou seja: de sentido ao vivido verbalmente é um processo possível, mas sempre aberto, sua completude é sempre postergada "está sempre presente como aquilo que está por ser alcançado" Bakhtin, p.31). citado por (FARACO, 2009, p. 26).

Percebe-se que Bakhtin não dedicou seus estudos a um modelo e definição de gêneros discursivos, uma análise instrumental científica.

"Deve ficar claro que essa crítica à razão teórica, ao teoreticismo, não é uma negação da cognição teórica. Ao contrário: Bakhtin reconhece sua validade; o que ele recusa é sua total desvinculação do mundo da vida. embora seu projeto seja "Uma representação", uma descrição da arquitetura real, concreta da experiência do mundo regida por valores - não com uma fundamentação analítica na cabeça, mas com aquele centro real, concreto (tanto espacial quanto temporal) donde emergem ou brotam avaliações, asserções e atos e onde os membros constituintes no evento singular do Ser (p.16) Bakhtin apud FARACO p. 19.

Nas palavras de Faraco (2009, p. 38) “seu interesse está antes posto numa reflexão ampla que se entrega ao inesgotável da existência, ao sentido da criação estética e do Ser da linguagem. Podemos dizer que Bakhtin se deixa interpelar pelo fazer estético, pela literatura e pela linguagem”. Na concepção de Bakhtin apud Faraco (2009, P. 49) “Nós, os seres humanos, não temos relações diretas, não mediadas, com a realidade. Todas as nossas relações com nossas condições de existência- com nosso ambiente natural e contextos sociais - só ocorrem semioticamente mediadas. Vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações”. Estamos ligados ao sociocultural e os signos de nossos textos são intrinsecamente sociais.

De acordo com as análises do círculo de Bakhtin realizada por Faraco (2009):

Para Medvedev (como para todo o círculo de Bakhtin), os signos são intrinsecamente sociais, isto é, são criados e interpretados no interior dos complexos e variados processos que caracterizam o intercâmbio social. Os signos emergem e significam no interior de relações sociais, estão entre seres socialmente organizados; não podem assim, ser concedidos como resultantes de processos apenas fisiológicos e psicológicos de um indivíduo isolado; ou determinados apenas por um sistema formal abstrato. Para estudá-los, é indispensável situá-los nos processos sociais globais que lhes dão significação (FARACO, 2009, P. 49).

Podemos afirmar que os indígenas Warao são sujeitos que produzem enunciados, que carregam sua cultura na linguagem oral, social, linguística ou comunicacional, são sujeitos que ao analisarmos suas dificuldades de aprendizagem e comunicação dentro do espaço de ensino superior devem ser situados no processo de ensino e aprendizagem e sua cultura incorporada, lhes dando significação. A escuta de suas narrativas possibilita ação pedagógica direcionada e que pode nominar como educação equitativa e no não apagamento de uma cultura e seus registros narrativos.

Os afluentes do rio, e do percurso descrito estão voltados para a linguagem, e suas variadas formas de expressão, para comunicação, seja ela oral ou escrita, voltada para os esses indígenas que estão inseridos nos ambientes de aprendizagem com o objetivo de sua valorização e conseqüentemente preservação, aprendizagem e não apagamento da sua linguagem e cultura originária junto do espanhol como segunda língua. Ainda que considerada historicamente como língua de colonização.

Os “afluentes” utilizados nesta investigação possibilitam o encontro com terra firme, considerados base e fundamentação teórica necessária para que a jovem pesquisadora consiga navegar pelo rio que é fomentar e desenvolver um ensino intercultural, dentro dos ambientes de aprendizagem. No curso do rio, inúmeras situações problemas e algumas inquietações surgiram, principalmente durante a aplicação da

formação complementar que a jovem se propôs. Com o balanço das ondas da maré, necessitou optar por adaptações e mudanças que considerou positivas, pois a direcionaram e a fizeram tomar outros caminhos, porém suas decisões e passos seguintes são viabilizados pelo alimento de seus afluentes, ela encontrou terra firme. Diante de inquietações e problemáticas no curso.

É possível antecipar que no próximo capítulo a navegação pelo rio narrativo teve vários pontos de parada. *Naba* pôde conhecer alguns personagens importantes dentro da UFPA, os indígenas Warao. Conhecimento realizado junto a jovem Natália, a escuta atenta das narrativas de suas experiências. *Naba* também encontrou com figuras importantes da docência da UFPA, sujeitos que realizaram a narrativa de suas vivências, anos de docência e pesquisa dedicados ao ensino e aprendizagem de grupos específicos, pessoas que diariamente trabalham pela inclusão, justiça social e permanência de sujeitos como os Warao dentro dos espaços de ensino formal.



**6. O ENCONTRO DAS ÁGUAS - NAVEGANDO PELO RIO NARRATIVO
PRODUTO EDUCACIONAL**



A jovem pesquisadora convida *Naba* para embarcar e navegar por todos os caminhos do rio narrativo do seu produto educacional.

A pesquisa narrativa da jovem é um projeto piloto de sua autoria, que entende que essa dissertação necessitava de uma maneira diferenciada para ser descrita, além de ser a primeira escrita narrativa de sua trajetória acadêmica. Narrar é tão desafiador como navegar ou nadar por um rio.

O objetivo nesta pesquisa é evidenciar a importância de se preservar a língua Warao como registro significativo e patrimônio cultural imaterial deste grupo, evidenciar a relevância das políticas de inclusão, ingresso e permanência acadêmica deste grupo dentro do ensino superior e ratificar a imprescindibilidade da formação continuada do corpo docente, contribuindo assim com o ensino e aprendizagem e ação profissional dentro de seus respectivos cursos, institutos e faculdades, partindo da premissa de escutá-los. Escuta atenciosa que identifique os pontos que podem ser discutidos e melhorados no ambiente do ensino universitário, perceber nas narrativas como o elemento cultural é potente e como um elemento formador dentro dos ambientes de aprendizagem, sejam formais ou não formais, contribuindo assim para um ensino e aprendizagem equitativo dos Warao.

Essa escrita não poderia ser diferente, pois acreditamos que as epistemes de pesquisa nas Ciências Humanas, calcadas na filosofia da linguagem, têm o cerne da discussão no encontro do pesquisador com os seus outros (seus sujeitos da pesquisa) e são nessas relações, à luz de um arcabouço teórico, que o conhecimento é produzido. Para tal, encontramos os sujeitos envolvidos na política de inclusão dos indígenas Warao na Universidade Federal do Pará e por meio de suas narrativas compomos um produto educacional.

É um vídeo- formação sobre reflexões e a partir dessa escuta atenta, intitulado “O ENCONTRO COM OS WARAO E AS POLÍTICAS DE INCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR - DESLOCAMENTOS, REFÚGIOS, ENCONTROS, AFETOS E DESAFIOS NO ENSINO SUPERIOR” Pensar estratégias, de acordo com os sujeitos da pesquisa, de como pode ser desenvolvido um ensino e aprendizagem de fato significativo e que contribua da melhor forma possível com a formação acadêmica dos discentes Warao no ensino superior. Existe a possibilidade de reflexões para o desenvolvimento de ações que futuramente podem refletir no ensino básico, já que trata-se da formação de futuros professores e que certamente em algum momento de sua experiência profissional podem

atuar em escolas onde estejam matriculadas crianças, adolescentes e /ou adultos da etnia Warao.

O documentário é uma recriação, uma réplica das narrativas dos sujeitos. Em entrevistas, os enunciados narram do seu ponto de vista como pesquisadores e docentes evidenciam em suas narrativas seus pontos de vista, experiências profissionais dentro da área do ensino, e os indígenas Warao expõem suas vivências e como tem sido o processo de se constituir como parte desta universidade, estando eles em uma condição de refúgio.

O objetivo do vídeo- documentário- formação era ouvir o que esses sujeitos tinham a dizer, registrar suas narrativas como testemunhos, e registro documental da cultura Warao, e a partir daí, construir um suporte pedagógico que pudesse servir aos estagiários que trabalham com esse grupo, aos docentes na elaboração de suas aulas e aplicação de suas avaliações fortalecendo o compromisso e papel social da UFPA, além de garantir o que Lei 9.394, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDB (1996) o Art. 32, menciona sobre o ensino de povos originários “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem”.

Para alcançar esse propósito, a jovem Natália realizou perguntas a pesquisadores e docentes relacionadas ao que seria a Universidade na América Latina e na Pan-Amazônia, ações afirmativas da UFPA e o quão importante é tentar desenvolver um ensino e aprendizagem na perspectiva intercultural. Além da narrativa extremamente enriquecedora e necessária dos sujeitos da pesquisa, fortalecendo as bases comuns do ponto de vista deste outro, levando em consideração que o outro são todas as vozes que construíram a narrativa do documentário, para uma compreensão ampla, além de posições responsivas nas variadas condições de linguagem e comunicação dialógica deste grupo e seu campo cultural.

Mas antes de direcionarem ao ILC e se encontrarem com os indígenas Warao a jovem decidiu que a primeira parada do curso do rio narrativo deveria ser para compreender o contexto que motivou a fuga e busca de refúgio no Brasil por esses povos, além de poder entender seus direitos forma jurídica.

Para isso, foram ao encontro das leis brasileiras e instituições que pudessem evidenciar claramente o contexto social e atual que os Warao enfrentam. E assim, encontraram-se com Samuel Medeiros, docente, advogado e presidente do Comitê de Relações Internacionais da Ordem dos Advogados do Brasil Seção Pará. – CRI.OAB-PA.



No encontro, Samuel destacou que o Pará é o segundo Estado da região norte do Brasil a ter uma lei específica sobre imigração e a proposição foi da OAB, o mesmo se deu a nível municipal na cidade de Belém.

O advogado também destacou que direciona o trabalho da comissão ao atendimento dos imigrantes e refugiados e à regularização migratória, além de alertar sobre a necessidade de respeitar as especificidades dos indígenas, tanto por parte da sociedade em geral quanto no trato de servidores públicos, uma vez que um serviço público ineficiente, entendendo-o aqui como aquele que não respeita essas especificidades, pode vir a tornar-se especulação de violação de direitos humanos. Destacou ainda que a lei de imigração e de refúgio são diferentes; essa última sendo a de número 9.474 de 1997 e a lei de imigração sendo a de número 13.445 de 2017.

Já no quesito educacional a LDB nos projeta como deveria ser fomentada a educação com povos originários, como pode-se observar:

Art. 78º. O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-indígenas;

Art. 79º. A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º. Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º. Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I - Fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades; IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

– Qual a principal diferença entre essas leis? Questionou a jovem.

– A diferença entre elas é que o refugiado, por estar em uma situação de vulnerabilidade maior, têm uma proteção a mais, em se tratando dos indígenas Warao deveriam ser amparados pelas leis de refúgio e de proteção dos povos originários, pois entende-se que o indígena é indígena em qualquer lugar do mundo, porém pelos relatos que a comissão recebe, órgãos e servidores públicos não os veem como indígenas por não serem de nacionalidade brasileira. O que gera conflitos já que existem documentos de proteção de povos tradicionais internacionais. E que em algumas situações podem não ser aplicados por desconhecimento dos mesmos.

Dentro da narrativa do advogado é possível realizar um desenho da situação dos Warao na cidade de Belém, especificamente. Pode-se afirmar que eles estão em situação de refúgio no Brasil já que existe uma diferença básica entre imigrante e refugiado.

– Qual é a diferença entre imigrante e refugiado?

– Essa classificação se dá, dependendo do motivo do deslocamento, mas que de maneira simplificada, seria: “o refugiado foi obrigado, forçado a sair e não pode voltar. Já o imigrante consegue voltar tranquilamente na hora que quiser”. Disse Samuel.

O defensor ainda destacou que um imigrante ou refugiado contribui tributariamente como um cidadão brasileiro, ou seja, dentro do sistema financeiro que vivemos é esperado que o imigrante/refugiado tenha obtenção de renda, recursos financeiros, emprego, uma melhor inserção laboral, e que em alguns casos possa usar de sua formação acadêmica em seu novo contexto, para isso é importante discutir sobre a burocracia e dificuldade de revalidação de diplomas no Brasil.

– Posso dizer, depois de anos auxiliando estrangeiros no Brasil através da comissão, que muitos imigrantes e refugiados trabalham empreendendo e necessitam de incentivos para seguirem, por esse motivo, viabilizar esses processos já seria um grande avanço, iniciando por pensar estratégias que visem à inserção laboral, de maneira facilitada, pois o acesso à renda diminui significativamente a vulnerabilidade. Avançar na lei é importante para que ocorra a inserção e o acolhimento de maneira mais certa e significativa.

– Avançar na lei e trabalhar para a conscientização de serviços e servidores públicos, bem como possibilitar a regularização e incentivos financeiros, favorece não

somente o combate à xenofobia, mas também aos discursos de ódio, além de auxiliar na inserção desses indivíduos na sociedade que os está acolhendo.

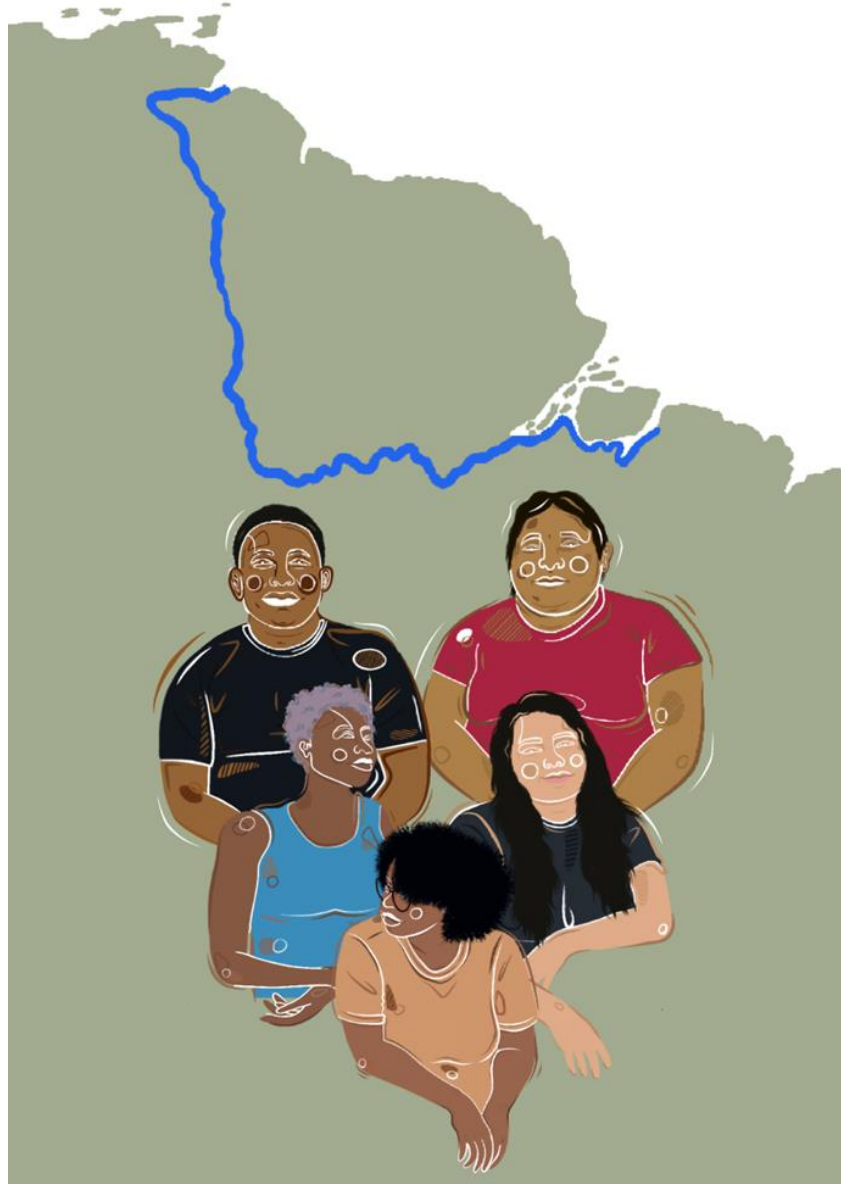
A fala de Samuel foi concluída quando ele nos fez refletir sobre como os Warao começam a se estabelecer em outras cidades do interior do Pará. Destacou que “a sociedade no geral precisa estar preparada para recebê-los e melhor acolhê-los”. Neste sentido, era importante destacar que um indígena Warao é igual a um refugiado ou imigrante não indígena, a diferença é que eles têm uma peculiaridade relacionada à sua cultura, exemplo disso é a visão sobre o trabalho, remuneração, horário laboral e risco de vida, além da língua originária.

Destaque para o trabalho infantil que, na sociedade brasileira se tem uma visão sobre, e na sociedade Warao outra completamente diferente. Peculiaridades que devem ser consideradas. E que, as experiências com o atendimento deste público devem ser compartilhadas entre as cidades, atentando para não se violar a cultura dos indígenas Warao com base na ideia de não violar os direitos humanos. Esclareceu Samuel.

Naba parecia impactada com tantos dados e ao mesmo tempo curiosa com a narrativa de Samuel, e de acordo com as palavras do advogado e tudo que a jovem pesquisadora havia conseguido encontrar eram informações importantes para se conseguir pensar políticas de inclusão e assistências para este público.

A caminho da UFPA, a jovem relatava empolgada sobre o seu produto educacional. Disse que assim como ela precisou ser ouvida sobre suas dificuldades no início do seu curso d'água, compreendeu que ao prestar uma escuta atenta aos Warao, lhe foi possível o encantamento. Compreendo que era necessário transformá-los em sujeitos ativos da investigação durante o processo, pois de acordo com Amorim (2004, p. 16) “Não há trabalho de campo que não viesse ao encontro com o *outro*, que não busque um interlocutor. Também não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar da palavra do *outro* no texto”.

Ela também entende que melhor que falar é escutar quem tem algo a dizer, neste caso, convidou *Naba* para a segunda parada, e em seu entendimento a mais importante deste percurso de rio, um encontro com os discentes Warao.



Assim, a segunda parada é para conhecer aqueles que a jovem considerou os sujeitos da pesquisa. Narradores de suas histórias em seu produto educacional, um vídeo-série, de relato- experiência onde esses rios participassem ativamente da criação de um material que pudesse auxiliar docentes ou futuros docentes, autoridades e instituições de ensino a compreenderem os desafios do ensino e aprendizagem de um indígena Warao, implicações, limites e desafios.

– *Naba*, para mim hoje é um dia muito especial, irei finalmente encontrar com os discentes Warao que participarão do documentário, meu produto educacional. Estou muito nervosa.

– Calma! Certeza que tudo irá ocorrer bem.

– Chegamos ao ILC, vamos entrar? Certamente eles já nos esperam.

– De fato, ao chegarmos ao ILC os indígenas Warao, Roisdael e Maria Ligia já aguardavam junto com Paula, que é discente do curso de letras espanhol, e que realiza o trabalho de acompanhamento acadêmico e pedagógico com eles. O encontro aconteceu no Laboratório de Ensino de Línguas, coordenado pela professora Larissa Borges. Onde foi narrado por eles sua saída da Venezuela, chegada ao Brasil, dificuldades enfrentadas e como chegaram até a UFPA e seguem sua formação.

O projeto que Paula faz parte se chama “Interactuar con Nosotros” é um trabalho de auxílio e intermediação entre a língua portuguesa e espanhola, já que a língua comum entre eles é o espanhol; eles se comunicam em espanhol com Paula.

– Preciso mencionar que ao começarem o diálogo, o primeiro conflito ocorreu, os discentes Warao não aceitaram participar de imediato do documentário, pediram para que a jovem explicasse novamente seus objetivos e propostas e de acordo com a narrativa de Roisdael “estamos um pouco cansados das pessoas pedirem para falar com a gente, fazerem perguntas iguais a que você me mostra, e depois desaparecem, não entregam e não mostram resultados do diálogo realizado”. As falas de Roisdael evidenciam que em muitos casos os Warao acabam sendo tratados como objetos de pesquisa, fonte de informações para justificativa de ações, porém não recebem o retorno que acreditam ser o correto com tamanho envolvimento.

Em outro momento María Ligia disse: “Participamos há um tempo de um encontro para falar sobre os Warao na cidade de Belém, estavam lá, indígenas dessa etnia, lideranças da nossa comunidade, porém foi um professor pesquisador que foi convidado

para falar sobre nós. Quem melhor que nós mesmos para falar sobre nossa vida, cultura e dificuldades nessa cidade?”

A jovem pacientemente explicou que compreende da mesma maneira e compartilha da mesma inquietação.

– Não existe melhor sujeito para falar do Warao do que sua própria comunidade. Disse a jovem.

Nessa relação dialógica com os sujeitos da pesquisa e nos eventos vividos compreendemos que o documentário traz sujeitos de pesquisa. Sujeitos Warao.

– Para mim é de fundamental relevância escutar o que vocês têm a dizer. Uma coisa sou eu, negra, nortista, paraense pesquisar e falar sobre vocês, mesmo tomando essa narrativa como minha verdade. É totalmente diferente de escutar vocês falarem sobre vocês. O peso de suas falas é totalmente diferente das minhas. Disse a Jovem.

– Certo, concordamos em partilhar um pouco de nossa cultura e vivências até aqui.

– Agradeço muito a disponibilidade de vocês.

– Vamos começar a gravar, disse a jovem.

– *Naba*, podes sentar aqui, ao meu lado?

A jovem Natália pede para que Paula fale sobre o funcionamento, os encontros e o projeto com os Warao. *Naba* parecia atenta à conversa.

– Ficarei calada! Me prestei a uma escuta atenta. Pensou, *Naba*. Mas já me sinto empolgada em saber como funcionam essas tais políticas de permanência que a jovem me comentou ontem.

Paula comentou que eles dividem esses encontros em dois momentos, primeiro ela os auxilia com as tarefas acadêmicas que eles trazem a cada encontro. E no segundo momento, eles realizam uma troca de experiências sobre suas culturas e vivências diárias.

– Você me fez recordar de um estimado pesquisador que muita fala sobre construir de maneira colaborativa o conhecimento. Larrosa (2014, p. 26) ao dizer que “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre”. Ou seja, de pouco vale a ação de ensino e aprendizagem se o objetivo não for experienciar, que de acordo com suas palavras experiência é o compartilhamento, não somente de informações, mas construir o conhecimento colaborativo sobre uma determinada temática. Refletiu a jovem.

– Paula, como foram os encontros iniciais com Roisdael e María Ligia? Disse a jovem pesquisadora. E prontamente Paula respondeu.

– Inicialmente foi difícil, pois seriam quatro ou cinco Warao, mas somente compareceram Roisdael e Maria Ligia. Somos de faculdades e cursos diferentes. E nos primeiros encontros eles relataram como foi o processo de entrada deles na universidade. Coisa que eu não tinha conhecimento antes de conhecê-los.

– Antes desses encontros, eu acreditei que seria mais fácil, que seria apenas um auxílio e intermediação do espanhol com o português, um trabalho de interpretação.

– Após os primeiros encontros, percebi que era mais complexo que tradução e interpretação, era necessário compreender a chegada deles até aqui, suas histórias e relação deles com esse espaço, com os professores. Uma coisa que é simples pra gente e é muito difícil para eles, como por exemplo, o letramento digital e redigir um trabalho acadêmico no computador.

– Depois, compreendi que precisava saber e ter contato com os professores deles para entender o que estava sendo solicitado para que eu pudesse de fato auxiliar. Pois algumas vezes eles não conseguiam explicar o que havia sido solicitado pelos docentes. Busquei a direção da faculdade deles, entrei em contato com os docentes, em muitos casos não obtive resposta, talvez por falta de conhecimento aprofundado sobre sua entrada, permanência e inclusão na universidade. Acho que isso é algo importante, todos deveriam saber sobre eles, entender como chegaram até aqui e quais são suas dificuldades. Assim, o processo de inclusão seria mais fácil.

– Também percebi que eram receosos em se comunicar e interagir comigo. Acredito que por tantas vezes terem se aproximado apenas para saber sobre eles, da cultura, e não davam retorno. Então sentiam-se como objetos, mas com o passar do tempo interagimos, compartilhamos vivências e experiências e ganhamos confiança, porque entenderam que eu estava aqui para interagir com eles. Entendo que a inclusão deles na verdade deve ser uma troca de línguas e culturas, então falo da minha cultura e eles falam da cultura deles.

Refleti sobre os estudos do teórico que nos fundamenta, Mikhail Bakhtin, que diz que os homens se revelam na e pelas linguagens que produzem e reproduzem. São constituídos por palavras próprias e por palavras alheias (Bakhtin, 2011). São produtores, reprodutores e receptores de textos; são herdeiros coproprietários de uma língua, usuários; são sujeitos expressivos, narrativos, são linguagem: são textos orais e escritos, são

narrativas que contam experiências da vida humana, vida que acontece aqui e acolá, em diversas partes do mundo, desde o delta do rio Orinoco até Belém.

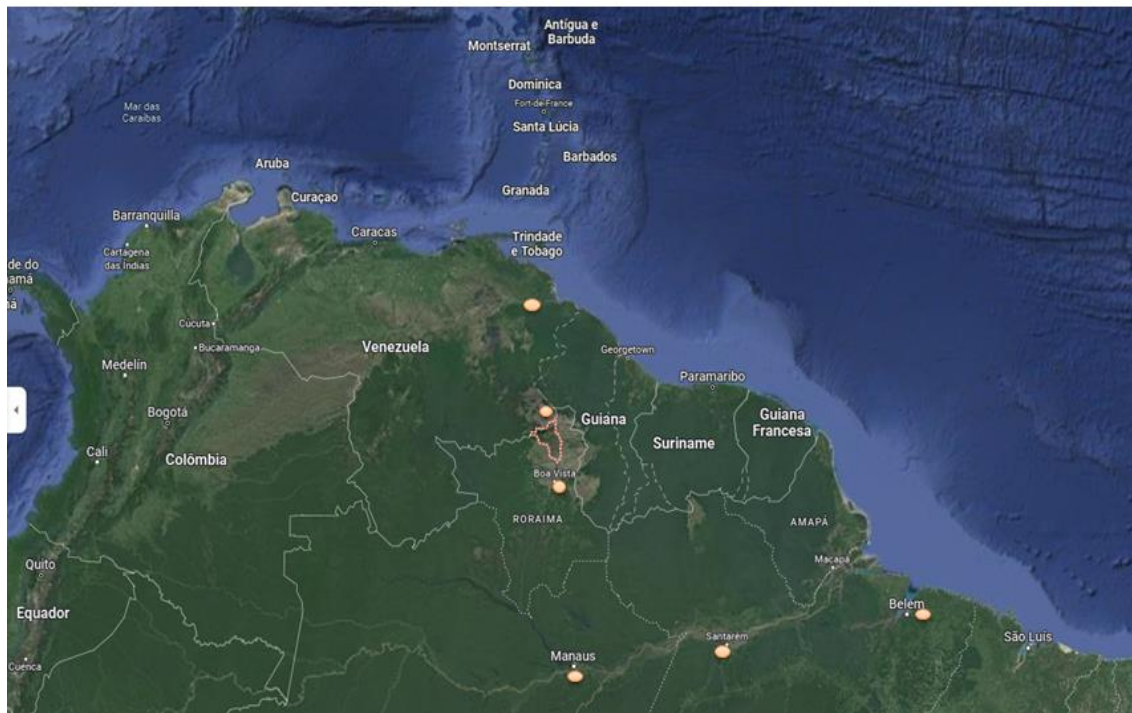
– Seguia sentada, atenta a cada fala. Inquieta para perguntar, mas me contive e esperei o desenrolar da conversa. Até que a jovem pesquisadora direciona suas perguntas para os Warao. A gravação inicia novamente e Roisdael e María Ligia parecem mais confortáveis. Iniciam suas narrativas, primeiro descrevem como chegaram até Belém. Contam que estão no Brasil há aproximadamente quatro anos, e que esse trajeto até Belém foi no caminhar ou pedir carona nas estradas, que em muitos momentos receberam auxílio de outros indígenas brasileiros e que a comunidade no geral realiza doação de comida, roupa e materiais de higiene.

María Ligia diz:

– Saí da minha comunidade, sinto falta dela, pois não queria deixá-la, deixar minha família. Não havia trabalho e comida. O dinheiro faltava, meu pai era agricultor e minha mãe, artesã e daí tiramos nosso sustento, meus pais faleceram, e eu fui trabalhar na cidade, em uma escola, com crianças pequenas de 3 a 4 anos, depois voltei para a comunidade para trabalhar com as crianças da comunidade, mas o local já estava sendo abandonado. Eu não podia ficar ali sozinha. Então decidi ir junto com as outras famílias para o Brasil.

Chegamos a Pacaraima, depois caminhamos até Boa Vista, as comunidades de indígenas Brasileiros era quem nos ajudavam com água e comida. Em seguida fomos para Manaus, vivi um ano lá, depois fui a Santarém fiquei um mês e depois cheguei em Belém, junto com 10 famílias. Não tínhamos espaço para ficar, então dormimos na rua, em uma praça, por três meses, e a partir daí o município de Belém começou a nos ajudar, a primeira ação foi colocar-nos em um abrigo.

Figura 8: Mapa que evidencia o trajeto percorrido pelos Warao até Belém – PA.



Autor da foto: Natália Lameira

- Você está trabalhando? Questionou a jovem.
- Neste momento não estou, apenas realizo um trabalho como voluntária, auxílio as crianças na escola que estudam próximo do abrigo. As crianças Warao somente falam nosso idioma, então vou até a escola, escuto o que a professora fala e interpreto para as crianças. Os dias que não vamos, as crianças não aprendem, não entendem nada.
- Como você soube do PSE-MIGRE ?
- Eu não tinha conhecimentos sobre a UFPA, nem do processo seletivo. Mas meu companheiro, Roisdael me falou sobre e consegui.
- Quais foram ou ainda são suas maiores dificuldades na aprendizagem dentro da UFPA?
- Tive muitas dificuldades ao entrar na UFPA, não sabia nada, nem de tecnologia. Digitar um trabalho, fazer uma apresentação ou exposição de seminário. No início não entendia nada de português, até hoje não compreendo algumas palavras, mas já consigo algo. Ainda não falo português, me falta prática de comunicação, de compreensão leitora e produção oral e escrita.
- Como a instituição poderia ajudar a sanar essas dificuldades?
- Ela já nos ajuda com o benefício do auxílio permanência, temos a Paula que nos ajuda nos trabalhos acadêmicos, faz tradução ao espanhol e depois ao português. Tenho

alguns professores que já nos ajudam, e nos pedem para falarmos sobre, por exemplo, a educação dos Warao, como é a cultura educacional dos Warao. Mas não são todos que têm essa sensibilidade.

– Eu também gostaria de aprender português, uma forma seria ter aulas de língua portuguesa no início do curso.

– Como a sua cultura pode contribuir para a aprendizagem dos Warao?

Acredito que a cultura poderia ajudar aqui dentro da universidade, alguns nos pedem para falarmos da nossa cultura, mas principalmente nas escolas bases, pois as crianças Warao não falam e não compreendem português. Seria importante ensinar o idioma espanhol nas escolas e falar da língua da cultura Warao nas aulas.

– Lutamos por nossa cultura, por nossos idiomas (Warao e Espanhol). Seguir adiante, compartilhar nossa cultura, e trabalhar na tradução para as crianças, para os que não sabem ler e escrever, além disso deveria ser ensinar e aprender o alfabetário, e também deve-se aprender sobre a cultura, histórias e os contos.

– Não penso em voltar para meu país, mas tenho familiares lá. Espero conseguir trabalhar e poder ajudá-los. Quero terminar meus estudos, ajudar minha família, ajudar meus irmãos Warao e seguir estudando.

– Roisdael, gentilmente pediu para falar, era sua vez de compartilhar um pouco de suas vivências.

– Me chamo Roisdael Calderón, sou indígena, sou venezuelano e atualmente vivo em um abrigo. Na minha comunidade estudamos até o sexto ano. Depois se quiser estudar mais precisa sair da comunidade e ir para a cidade. De manhã eu trabalhava e de noite estudava. Mas por causa dos problemas do meu país com dinheiro, comida e saúde tivemos que sair obrigados, pois os Warao estavam morrendo por falta de medicamentos e cuidados e por isso fomos obrigados a sair do País.

– Como foi sua chegada ao Brasil, Roisdael? Questionou a jovem pesquisadora

– Foi difícil chegar ao Brasil, entrei de maneira ilegal, mas era a única forma de me sentir mais tranquilo. Passei oito meses em Boa Vista, depois fui encontrar com meu irmão em Manaus, pois as famílias ficam juntas na nossa cultura, depois fui para Santarém e por

fim Belém. Passamos três meses numa espécie de praça ao lado do ver-o-peso.²⁷ Depois fomos a um abrigo pequeno com 12 famílias, onde fiquei inicialmente.

– Comecei a trabalhar com uma coordenação de ensino indígena infantil, e foi neste projeto que descobri que havia vagas para estudar nessa universidade. E eu incentivei meus companheiros para se inscreverem no processo seletivo. Porém tivemos muitos problemas, com documentação, no momento da fuga você não pensa nisso. Buscamos auxílio da ADIS, e foi a instituição que nos auxiliou com os documentos que faltavam.

– Porque você escolheu este curso?

– Desde a Venezuela, eu sempre quis trabalhar como professor. Então por isso decidi que queria cursar pedagogia. Eu penso em estudar e trabalhar como professor. Animei-me com a pedagogia porque eu conseguia ver o problema dos meus parentes venezuelanos, indígenas nas comunidades em Belém, onde as crianças estão matriculadas nas escolas e falam somente o idioma Warao e os professores somente falam português, nem espanhol falam. Durante as aulas, quando os professores explicam algo ou da língua portuguesa, as crianças não entendem, e quando as crianças estão reunidas, elas falam somente em Warao.

– Quais foram suas maiores dificuldades no curso de pedagogia?

– Até ano passado (2022) nós tivemos muitas dificuldades, pois não entendíamos nada nas aulas, porque o professor falava em português. Então a coordenação do curso, se reuniu com a gente naquele momento, e conseguiu com que dois bolsistas nos auxiliassem nas atividades. Com a tradução do português para o espanhol. Nós fazemos as atividades em espanhol e a Paula nos ajuda a passar novamente para o português e assim podemos enviar e apresentar para os professores nas disciplinas.

– Diante de tudo isso, eu me sinto um iniciante na língua portuguesa. Meu idioma é Warao, e para chegar nas cidades da Venezuela, trabalhando em supermercado e outros aprendi mais do espanhol e me comunicar. Então se for para aprender o português é importante assistir aulas de língua portuguesa. Eu já entendo quando alguém fala em português comigo. Mas não sei falar ou escrever ainda. Então respondo em espanhol porque são línguas próximas, em muitas situações meus companheiros e professores não entendem o que falo. É difícil, mas vamos nos ajudar.

²⁷ É uma das maiores feiras a céu aberto da América Latina, fica em uma região portuária na cidade de Belém, às margens da baía do Guajará, ao lado da Estação das Docas em um dos primeiros bairros da cidade que tem sua fundação datada em 1616.

– Como a instituição universidade poderia contribuir mais com a aprendizagem dos Warao?

– Eu entendo que seria importante ter um intérprete dentro das instituições de ensino. Por exemplo, as crianças nas escolas não entendem o que o professor fala., sendo assim seria bom um intérprete ou um professor Warao trabalhando nas escolhas, com esse grupo. Por isso, pensando todos esses problemas, queremos seguir estudando, ajudar as crianças Warao nas escolas e aqui na universidade futuramente, pois temos pessoas da nossa comunidade, jovens e adultos que querem entrar aqui para estudar. E elas vão precisar de ajuda no futuro também.

– Às vezes somos questionados pelos docentes, pois quando entramos aqui, foi através de um processo seletivo especial, com entrevistas etc. Já fomos questionados porque não realizamos uma prova igual a outros alunos. Na verdade é que se fossemos realizar uma prova não poderia ser em língua portuguesa, pois não compreendemos o idioma e provavelmente não seríamos aprovados. Alguns professores já compreendem e sabem de nossa existência dentro da universidade, e neste caso pedem para relacionar nossos diálogos e atividades acadêmicas com coisas da nossa comunidade, cultura e país.

Você recebe algum auxílio de política afirmativa da universidade?

– Sim! Eu também recebo auxílio permanência da universidade, o que me ajuda a pagar o transporte para chegar aqui. Uma coisa difícil ainda é a documentação, pois somos venezuelanos e não temos direito a ter um documento brasileiro, como é o caso do registro civil. Outra coisa difícil é que a sociedade ainda não está acostumada com nossa presença. Já fomos questionados por candidatos políticos e situação do nosso país.

Como você acredita que a cultura de vocês pode ser presente em sala de aula?

– Eu também acredito que tem muita coisa da nossa cultura e costumes que podem ser usados para contribuir na aprendizagem dos Warao. Como o canto, a dança e as histórias. Tudo isso pode ajudar a manter viva nossa história e isso tem que começar aqui, dentro da universidade e depois ir para as escolas, para que as crianças conheçam e aprendam.

– Eu fui a uma escola, e lá havia crianças de nossa etnia e eles já não sabiam de onde veio nosso povo e por tanto contato com o português, sabendo que os professores somente falam português, eles já quase não falam nosso idioma e somente se comunicam em português. Com isso nossa história vai morrendo, pois acontece um apagamento, esquecimento do nosso costume, por esse motivo seria bom ter um material que mostrasse

nossa cultura e costumes, para trabalhar nas escolas e também na universidade, assim o Warao não corre risco de desaparecer.

O encontro se alongou e podemos dizer que foi extremamente rico, de forma cultural. Os Warao compartilharam saberes e nos fizeram refletir sobre alguns aspectos que na sociedade brasileira são diferentes, porém que precisam ser respeitados para que inclusive não ocorra violação aos direitos humanos, por exemplo.

Todos um pouco menos tensos. Decidiram passar um bom café, e entre uma xícara e outra, Roisdael e María Ligia narraram algumas situações de costumes, tradições e cultura dos Warao.

História sobre origem dos Warao:

Roisdael e María Ligia realizaram a narrativa de como surgiram os Warao, eu Natália, não conseguiria contar a você, querido leitor desta dissertação, com a riqueza de detalhes e emoção que eles me contaram, mas posso dizer que eles, os Warao, não são deste mundo. Vieram do alto e lá por questões de alimentação buscaram um novo espaço para viver. Nessa nova terra não faltava alimento, principalmente o “buriti” alimento base dos Warao e de sua árvore se extraía a base para o artesanato, porém ao utilizarem do portal para esta terra o espaço ficou manchado de sangue de uma gestante, e por estar o portal contaminado, nem todos os Warao conseguiram descer. Com o tempo, os Warao que passaram a habitar a terra começaram misteriosamente a morrer, até mesmo crianças, foi quando um dos sábios que conseguiu baixar solicitou que fossem realizados ritos espirituais, oferendas de alimentos, danças e cantos para os irmãos Warao que no alto ficaram. Solicitando que mandassem cura e proteção para os que estavam na terra.

Até hoje os Warao realizam os rituais, entoam seus cantos e dançam. Por estarem longe de sua terra e sem acesso aos alimentos que frequentemente são usados nas celebrações é cada vez mais difícil que elas ocorram. Inclusive, associam as doenças atuais com a falta das celebrações. Em alguns casos não buscam auxílio médico, pois acreditam que o espaço hospitalar remete a maldição, um lugar de morte e condenação.

Os cantos estão na maioria das vezes relacionados com a narrativa de elementos da natureza, como pássaros, água, e o trabalho dos Warao, neste caso a agricultura, pesca, caça e artesanato.

Outro aspecto cultural que chamou minha atenção foi sobre a constituição familiar. O matrimônio na cultura Warao é visto como algo sério. É necessário que o jovem casal busque o conselho e bênção do sábio, cacique ou liderança da comunidade. E algumas

perguntas são relevantes para que ocorra o recebimento do cônjuge. Pergunta-se se o rapaz sabe pescar, plantar, se sabem realizar seu trabalho. Se possui uma canoa, por exemplo.

Assim como também se a mulher sabe, sobre a realização de seu trabalho, se sabe fazer artesanato, se sabe cuidar da família, pois, somente assim será autorizada a união, não podem ter a união se não sabem fazer seu trabalho e manter sua família.

– Roisdael e María Ligia comentaram que os Warao são muito conectados a família, existe a ideia de que precisam estar juntos. Onde está um, o restante deve seguir. E que diante desse aspecto cultural eles enfrentam um conflito.

Para Roisdael e María Ligia foi um conflito, pois os dois têm irmãos no Estado do Maranhão, no Brasil. E por serem discentes da UFPA enfrentaram o seguinte dilema, se abandonavam a universidade e seguiam com a família, respeitando assim suas tradições ou se ficavam em Belém para concluir seus estudos. Foi então que decidiram ficar em Belém para realizar o término de seus estudos na UFPA.

Outro aspecto importante e curioso está relacionado à visão que os Warao têm sobre a morte. Onde morre um Warao toda a família fica na localidade onde foi enterrado o familiar que faleceu. Pois eles acreditam que o familiar falecido busca a família e não os encontrando, os familiares vivos podem acabar adoecendo. Pois o falecido é proteção para sua família viva. Evidencia-se novamente essa conexão forte do vínculo familiar que eles estabelecem.

Sobre o trabalho:

Na Venezuela e na cultura Warao os homens são os que saem para trabalhar, se estão na comunidade todos os dias saem para pescar e trabalhar com a agricultura, colheita dos frutos. É normal que crianças Warao ainda pequenas do sexo masculino, sejam ensinadas por seus pais a desenvolver o trabalho e é natural somente depois dos 8 anos comecem a frequentar a escola, disse Roisdael.

– É um verdadeiro choque cultural, com as leis brasileiras, que combatem fortemente o trabalho infantil e fomentam a aprendizagem da criança no período certo. Comentou Natália.

Roisdael seguiu o diálogo:

– Outros trabalham nas cidades, ou então saem da comunidade, vão à cidade trabalhar e regressam ao fim do dia. Já as mulheres trabalham na comunidade com a produção do artesanato, colheita e cuidado da casa. Quando já se tem a quantidade suficiente para vender de artesanato, os homens em sua maioria vão à cidade e o vendem.

Regressam com outros tipos de alimentos e produtos para o cuidado pessoal das mulheres. Comentar Roisdael.

– Isso justifica o porquê de as mulheres dominarem menos o espanhol. E uma grande parcela se comunicam apenas em Warao, o que é completamente diferente da realidade atual, onde se vê uma parcela significativa de mulheres e crianças na rua realizando a colheita de dinheiros em locais de grande circulação.

Em sua maioria os Warao conseguem sobreviver com tudo que a natureza lhe proporciona, porém as políticas econômicas do governo nos últimos tempos impactaram as comunidades Warao, já que se percebe cada vez menos o que eles denominam de coletividade, onde uma família ajudava a outra sem pensar em benefícios ou lucros financeiros com tal ato. Analisou a jovem.

A entrevista termina e *Naba* fica todo tempo calada, observando. Após a jovem agradecer a Paula, Roisdael e María Ligia pelo diálogo e entrevista. *Naba* e Natália decidem ir ao Instituto de Ciências da Educação – ICED. E durante o caminho elas começam um pequeno diálogo.

– Porque vamos a esse tal ICED? Perguntou *Naba*.

– Porque quero que conheças uma pessoa especial e que foi mencionada pelos Warao.

Naba e Natália são convidadas a encontrar-se com vários outros personagens que voltam sua ação docente e pesquisas para o ensino e aprendizagem de grupos considerados minoritários dentro da universidade. Pesquisadores que dialogam sobre políticas de inclusão e permanência no ensino superior, além de pensadores sobre criatividade e inovação no ensino, o porquê da pesquisa narrativa, papel do professor no ensino superior, papel da cultura e interculturalidade nos ambientes de aprendizagem na Pan- Amazônia. Enunciados que têm objetivos diferenciados, porém que convergem para transformação do espaço de aprendizagem e direcionam a ação docente para que se desenvolva um ensino e aprendizagem equitativa.

E assim chegamos ao ICED, na sala, do grupo de Estudos e Pesquisa sobre Alfabetização, Leitura, Escrita, Literatura, Cibercultura, Formação e Trabalho Docente – GEPASEA. Encontramos com o professor Willian, naquele momento ocupava a posição de diretor da Faculdade de Pedagogia da UFPA.



Professor Willian relatou como foi sua vivência na direção da Faculdade, a chegada dos Warao e o que foi possível realizar inicialmente e quais eram os desafios. E como um ensino intercultural poderia contribuir com a formação acadêmica dos nativos.

Ao chegarem ao ICED o professor Willian Lazaretti também já as aguardava. Todos se cumprimentam, *Naba* é convidada novamente a acompanhar o diálogo entre a jovem e o docente e pode ajudá-la a tomar notas da conversa. *Naba* diz que sim, que pode contribuir. Senta-se ao lado de Natália e a entrevista começa.

– Professor Willian, obrigada por aceitar conversarmos, é um prazer!

– Imagina! Disse ele.

– Busco informações sobre como foi o processo de inclusão dos Warao aqui na UFPA, especialmente no curso de pedagogia, me deparei com seu grupo de pesquisa. Podes falar mais sobre ele?

– O grupo de pesquisa ao qual coordeno atualmente se chama Educação e Justiça social. É um projeto de pesquisa e extensão com o aporte da SAEST, graças a ele conseguimos disponibilizar auxílio pedagógico para discentes no âmbito da graduação que possuem algum tipo de vulnerabilidade.

São muitos os marcadores que emergem desse atendimento como alunos advindos de escola pública, cotistas, indígenas, não necessariamente Warao, refugiados, alunos que apresentam algum tipo de deficiência e todos que se enquadram nesse quadro de vulnerabilidade. Entre eles, temos os indígenas Warao. Eu sempre trabalhei e me dediquei à área da sócio-educação.

– Você é o atual diretor da faculdade, como foi receber os Warao no curso?

– Em dezembro de 2021 eu assumi a direção da faculdade de educação, no curso de pedagogia, campus Belém. E na mesma semana eu recebo o comunicado que receberíamos 4 alunos da etnia Warao, que haviam passado no PSE-MIGRE.

– A partir daquele momento, além da direção da faculdade eu assumiria a responsabilidade de ambientá-los, acompanhar e orientar a chegada desses alunos, que até então eu não sabia do que se tratava, nem compreendia o que era ser Warao, em situação de refúgio. Fiz a primeira conversa com muita dificuldade, pois dos 4 discentes 3 não dominavam o espanhol com fluência, tão pouco o português e a comunicação foi truncada nesse sentido. Minimamente eu consegui explicar o que era a universidade e utilizei de cartazes e desenhos para fazer com que eles minimamente entendessem. E logo pensei quais seriam os outros passos nesse processo de acompanhamento pedagógico.

– Eu tive o cuidado de realizar uma conversa individual com um professor, pois ele discute relações étnico-raciais. E por isso o considera mais sensível à causa e de maior empatia. Perguntei se ele aceitava dar uma disciplina no primeiro semestre para os Warao. O professor aceitou. Então os discentes Warao começaram o curso, cursando apenas uma única disciplina, concentrada.

– E após esse início, juntos, monitoramos e documentamos o que funcionava e o que não funcionava, o que dava ou não certo e mediante os resultados tentávamos mudar ou melhorar durante o percurso.

– Logo em seguida, fizeram outra disciplina com o mesmo professor e fomos lapidando e adaptando, metodologias e avaliações, adaptando para aquela realidade.

– Essas duas disciplinas acabaram, e eles precisavam entrar em um bloco com mais disciplinas. Neste momento fiquei em um impasse muito grande, se colocá-los em todas as disciplinas ou se mantinha o ritmo de uma ou duas disciplinas para que eles fossem se ambientando, e eu e outros docentes acompanharíamos mais de perto esse processo.

– Então, em conversa com a até então vice-diretora, chegamos ao consenso que essa decisão precisaria ser dos próprios discentes Warao. Novamente os chamei para um novo diálogo, expliquei através de cartazes como funcionava a universidade, com mais disciplinas, horários e dias da semana. E fiz uma projeção para eles de quanto tempo levaria para eles terminarem o ensino superior cursando regularmente as disciplinas, e quanto tempo levaria se eles seguissem no ritmo que começarem a se sentirem mais confortáveis e seguros. Inclusive por causa da falta do domínio da língua portuguesa.

– E qual foi a decisão deles?

– Decidiram por cursar todas as disciplinas!

– Reforcei quais seriam os riscos, tais como reprovações, que seria um professor diferente para cada disciplina e que precisam de um esforço ainda maior da parte deles, principalmente para a compreensão da língua portuguesa, pois sua maior dificuldade até aquele momento era a comunicação. E a decisão deles foi cursar os semestres como os outros alunos o faziam, todos os dias.

– Após esse momento, o que aconteceu?

– As dificuldades foram evidenciadas. Percebi a necessidade de realizar uma reunião com todos os docentes que ministravam disciplinas para eles, infelizmente nem todos participaram. E não sei dizer inicialmente o motivo, mas percebo uma questão para

reflexão, pois se começa a entender as dificuldades nesse processo educacional, uma parcela ou falta de interesse em buscar essa melhoria através do diálogo.

– Quais foram as dificuldades evidenciadas?

– As dificuldades passam sobre o processo de avaliação, eles não compreendem em alguns momentos o que o professor fala, eles sentem vergonha de perguntar ao docente e aos colegas de turma. E acabavam indo embora com suas dúvidas que eram depois sanadas em sua maioria no projeto de extensão e de acompanhamento da aprendizagem.

– Então são dois projetos?

– Sim! Um ligado diretamente a SAEST e o outro vinculado à Pró- reitoria de Extensão e ambos direcionados para tratar a questão de acompanhamento pedagógico e aprendizado.

– Então eles chegaram ao projeto e relataram que a professora havia solicitado em aula. Um exemplo que lembro foi que uma vez, eles precisavam fazer um resumo. Primeiro que eles não sabiam o que era resumo. E, haviam entendido que era de um livro inteiro com o prazo de menos de uma semana. E na verdade, era de um capítulo. Eles chegaram desesperados nesse dia. Então já conseguimos perceber a dificuldade que é a permanência com esse exemplo.

– Qual foi o primeiro passo?

– Foi para explicar o que era um resumo e como se fazia. O problema é que nós, não dominamos a língua espanhola, nem a língua Warao, então explicamos mediante as nossas possibilidades. Da metade do curso adiante nós seguimos via ADIS e SAEST que eles fossem acompanhados por uma bolsista do curso de letras espanhol. Os que permanecem hoje são acompanhados por uma aluna bolsista da pedagogia, por uma aluna bolsista do espanhol para que seja possível esse diálogo em ensinar. Perceba o nível de complexidade.

– E tudo isso acontecendo com as disciplinas do curso ocorrendo?

– Sim! Eles estão lá, com várias dificuldades, chegam ao projeto e soltam tudo. O que consideramos positivo. Eles se sentem confortáveis em expor essas dificuldades, fragilidades, situação que eles não se sentem confortáveis em fazer em sala de aula. O que evidencia outro ponto para o diálogo: a relação que está sendo construída entre professor e aluno. Eles sentem vergonha e não expõe suas dúvidas e não se comunicam com docentes e discentes, não existia o sentimento de pertencimento do espaço.

– Mas eles relatam o motivo?

– De acordo com suas palavras “não queremos atrapalhar as aulas dos brasileiros, se eles não perguntam não somos nós que vamos atrapalhar, que somos estrangeiros”. Então, percebe-se um novo ponto de diálogo. Eles não têm o sentimento de pertencimento. Estão na UFPA, mas não se sentem parte dela.

– Acredito que falta um trabalho de articulação, para que esse pertencimento ocorra. Nesta mesma linha, falta interesse de alguns docentes em fomentar que isso aconteça. Se o professor que tem esse papel de conduzir o processo de ensino não demonstra interesse na temática, certamente que irá reverberar nas atitudes de outros discentes que foram esse grupo nas disciplinas. Pois são docentes espelhos.

– Diante das dificuldades apresentadas no processo educacional, à falta em alguns momentos de sensibilidade de docentes em entender o contexto ao qual eles estão inseridos e a não colaboração mais efetiva, cria uma barreira para que os Warao sintam-se pertencentes a este espaço.

– O que você acredita que ainda pode ser feito?

– Acredito que falta incentivo a permanência, não das políticas afirmativas, como bolsas e auxílio financeiro, isso eles já possuem. Tudo isso nós os auxiliamos a conseguir, pois para tudo precisam de cadastros via computador e nem isso eles sabiam também manusear, pois ainda lhes faltava letramento digital, no entanto, acredito que esse acompanhamento precise ser mais próximo, humanizado. Ou seja, preparar as pessoas que irão atendê-los para tratá-los de modo cordial, pois o que é óbvio para nós que já estamos imersos nessa cultura e uso de recursos tecnológicos não é o mesmo para eles. Então é importante ter formação, debater o que é educação na Amazônia, o que é educação humanizada antes de recebê-los. Favorecendo o acolhimento e não a rejeição. Pois eles já são rejeitados em diferentes contextos.

– Talvez o maior desafio seja descobrir como sensibilizar os docentes a essa educação intercultural, pois falamos de um curso que forma professores, ou seja, que irá reverberar na escola básica. Se não existe essa sensibilidade aqui, no ensino superior, certamente irá resvalar na escola de formação básica. E de fato é o que ocorre, os professores da escola básica não tem preparo para essa educação intercultural. É preciso capacitação, atualização e adaptação, eu precisei também ir atrás de informação, conhecimento e aprender sobre os Warao, e a maior forma foi perguntar a eles, ou seja, dialogar sobre e com eles. Uma escuta sensível, para aprender com, e sobre eles e através de suas narrativas.

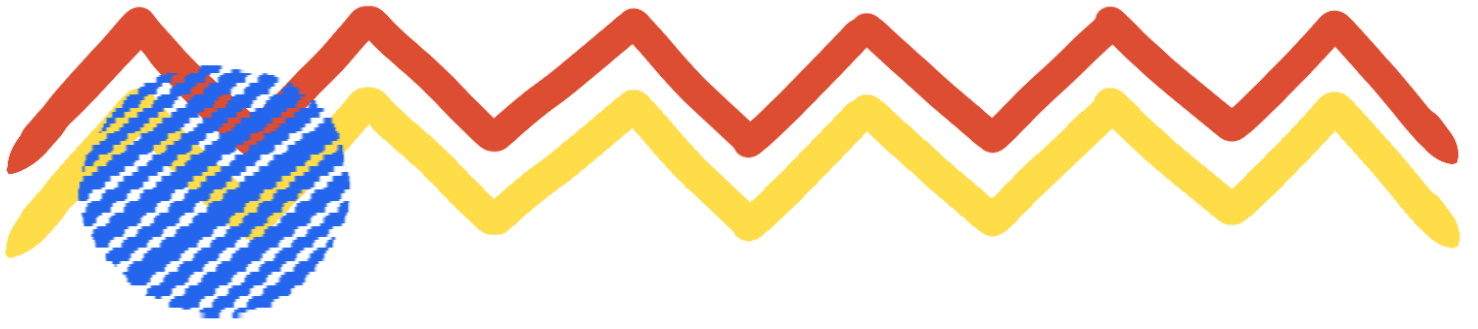
– Foi através da escuta sensível que aprendi sobre a cultura deles, pois até então eram desconhecidos para mim e aprendi como seria a minha ação como professor formador realizar esse tipo de ação demanda tempo e atenção. As mesmas dificuldades que um professor de escola básica tem de lidar com uma classe de 30 ou 40 alunos o professor do ensino superior também tem e precisa estar preparado para enfrentar esse dilema no ensino e aprendizagem dos Warao.

– Falta ainda uma perspectiva de pensar e debater o currículo dos cursos, pois ainda se tem um currículo pedagógico baseado na escrita, e a oralidade fica em segundo plano, por exemplo no processo de avaliação. E a oralidade é o modo de comunicação que mais os Warao possuem e acaba sendo desconsiderado, por isso é importante que a universidade e os docentes estejam alinhados para que ocorra essa ação de inclusão, criação e aplicação de currículo pautado no ensino intercultural.

– Após dialogar com o professor Willian sobre ação, capacitação docente e ensino intercultural, levei *Naba* para conhecer as pessoas que deram início às lutas sociais e implementação de cotas dentro da UFPA.

– Nossa quarta parada da construção do produto educacional é para conhecer a professora, pesquisadora, antropóloga, historiadora, Jane Beltrão, docente do curso de pós-graduação em direito e antropologia da UFPA. E que trabalha várias temáticas em geral voltadas para os povos indígenas. Ela mencionou que quando ofertadas vagas nos programas são destinadas para esse público. E que está há quase 50 anos no serviço público, na universidade. Nosso encontro ocorreu no auditório do NITAE² - UFPA²⁸

²⁸ Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão (NITAE²) da Universidade Federal do Pará (UFPA)



A UFPA é uma das que tem o maior grupo de indígena no ensino superior no Brasil, e tem em seu quadro um docente indígena visitante formado pela UFPA. Essa seleção se dá por meio de seleção especial direcionada para indígenas e quilombolas.

– Quais as maiores dificuldades dentro de sua trajetória de lutas por inclusão dos povos tradicionais dentro da universidade?

– Dentro dessa trajetória as coisas não são tão fáceis, em suma, não se compreende que essa diferenciação na seleção é necessária para que ocorra uma certa equidade. Onde se precisa trabalhar com as pessoas dentro das possibilidades dela. Neste caso a igualdade não favorece quem é vulnerável e marcado etnicamente. Por isso é necessário este tipo de política afirmativa, principalmente em nossa região que é tão diversa.

– Em que momento essas políticas foram implantadas?

– As cotas para negros foram um pouco antes, entre 2005 e 2006, mas as cotas para indígenas foi apenas em 2010; na UFPA temos um curso, inclusive eu ajudei a formar, fica no município de Altamira, e se chama etnodesenvolvimento para povos tradicionais, porém a partir de 2010 a universidade passa a ter 2 vagas reservadas em cada curso da graduação, em cada turno e em cada campus. São cerca de 800 vagas ofertadas. Eu diria a vocês que são poucas para os quilombolas, pois eles têm chance de formar em um número maior no ensino médio, já os indígenas não, para um indígena se formar no ensino médio eles precisam se deslocar para a cidade e sofrem em muitos casos discriminação e preferem abandonar.

– Sobre a escolha deles, existem uma preferência de curso?

– No geral temos uma procura maior por medicina, direito e pedagogia que são os focos para que no futuro eles consigam desempenhar essas funções em suas aldeias, ou seja, contribuindo com sua comunidade e levando o que eles consideram ser importante e urgente para sua subsistência.

– Sobre as políticas afirmativas, o que a senhora pensa sobre?

– Eu as considero importantíssimas. No início da minha trajetória me chamavam de “a mulher dos índios” era algo pejorativo e um tipo de discriminação, pois nessa perspectiva racista trabalhar com quem tem vulnerabilidade entende-se como falta de capacidade, no entanto, acredito ser fundamental as cotas e as políticas afirmativas.

– Qual o papel do professor na universidade que tem em suas salas de aula alunos de comunidade tradicional?

– Eu considero que o professor precisa fazer uma leitura mais ampla nos alunos que ingressam anualmente através das políticas afirmativas. Quem são esses sujeitos? Qual sua narrativa? O que lhes constitui como sujeito?

– Como potencializar os múltiplos saberes da Amazônia dentro da universidade?

– É importante trabalhar com a diversidade, não dá para trabalhar somente com o que o mundo ocidental considera importante. A Pan-Amazônia é formada por uma grande diversidade, os povos originários, tradicionais e transplantados como os povos africanos que foram escravizados. Esses povos têm uma perspectiva de realidade diferente da nossa. Grande parte dessa população não teve acesso ao ensino superior. E é importante que ela tenha acesso para que ela possa reivindicar por seus espaços.

– Eu que não sou indígena e falo de um lugar que não é o meu. Sou e me ponho no papel de aliada da causa desses povos, porém eles devem ser os protagonistas. Eu queria ver essa universidade pintada e cheia de professores indígenas e quilombolas, de pessoas negras.

– No quadro de docentes poucos são os negros e menos ainda indígenas e quilombolas. Para uma universidade que tem quase 2 mil docentes, ter apenas 1 docente indígena no quadro permanente e 1 visitante. É muito pouco. Tem chão, tem muita luta ainda pela frente. E isso se repete infelizmente em outras universidades do norte e se repete na Pan-Amazônia. E se eu não tenho docentes com essa definição, mesmo eu falando e pesquisando sobre a causa, não será o mesmo que ter um parente, parceiro ou sumano ²⁹do seu povo.

– Os intelectuais indígenas, negros e quilombolas são muito importante, são símbolo de luta e possuem experiência e precisamos aprender com essa experiência.

– A senhora foi a relatora do PSE-MIGRE, como foi o processo?

– Pensando nos Warao eles também estão em um deslocamento forçado, não como os escravos, mas como consequência do isolamento político que a Venezuela enfrenta. Eles estão no Brasil como refugiados e as universidades deveriam pensar políticas afirmativas para refugiados.

– Foi o que pensamos quando criamos o PSE-MIGRE. E felizmente conseguimos criar uma resolução que amparasse os Warao. Porém existem outras barreiras, políticas afirmativas não podem ser produzidas no molde das que não são afirmativas. Um exemplo,

²⁹ Parente, parceiro Sumano é como indígenas e quilombolas tratam a seus companheiros do mesmo grupo social.

se eu exijo um determinado documento e sua cultura não tem o hábito de uso deste documento, eu preciso contemplar essa situação. No caso dos Warao a barreira que o próprio sistema criou foi a exigência de determinados documentos que uma pessoa em condição de refúgio, dificilmente possui, a exemplo de documentação de comprovação de ensino médio. Por isso a importância de um quadro docente nestas comunidades. Para que sejam recebidas da forma devida. Todos os docentes deveriam ter essa visão, eu sei que nem todos têm. Mas também compreendo que ser sensível à causa já é um passo importante, tem colegas já sensíveis, mas às vezes não sabem como agir. Nesse caso é importante o diálogo e a formação continuada.

– Uma vez escutei de um colega docente, “Jane eles falam bem. Mas não escrevem. Como vou avaliá-los?”

– Qual foi sua resposta?

– Minha resposta foi em fazer esse colega refletir sobre as muitas formas de avaliação que podem ocorrer. Disse a ele “porque você não faz uma prova oral? Eles não têm medo da prova oral. Pois essa é uma das melhores formas deles se comunicarem, e dominam este tipo de linguagem. Somos nós que temos medo de prova escrita, fomos nós que aprendemos a nos expressar através da escrita, nós que inventamos esse tipo de avaliação e a tomamos como única”.

– Este mesmo colega disse “nunca havia pensado assim”. Então, vamos pensar em outra forma de avaliar e ensinar. Se a oralidade é um potencial, vamos trabalhar esse aspecto. Se a escrita é necessária para algumas reivindicações cotidianas. Vamos ensinar a escrita de uma forma que eles não percam a oralidade.

– Qual a sua maior dificuldade hoje?

– Minha maior dificuldade hoje é escrever com uma pessoa indígena, mesmo assim eu escrevo. E se eu escrevo com você, que teve o mesmo processo de ensino que eu, certamente escreveríamos, por exemplo, “nós fizemos, nós afirmamos” ao escrever com um indígena eu preciso escrever “eu, Jane, digo isso” e o fulano disse isso”. Este tipo de escrita não é comum em textos acadêmicos, artigos.

–Então é sempre uma dificuldade para nossos trabalhos serem aceitos em revistas etc., pois dá a entender para quem avalia que nós não sabemos escrever. Essa visão precisa mudar, nas revistas quase não se vê autores indígenas, isso faz com que sejam as pesquisas sobre eles invisibilizadas.

– Como sensibilizar?

– Eu acredito que o primeiro passo é sensibilizar as pessoas através de suas narrativas, suas trajetórias, mostrando seus processos de formação e seu contexto sociocultural. Tenho alunos negros que aprenderam a ler usando a revistinha da Mônica, faltando páginas que a mãe trazia do lugar onde trabalhava.

– Escutar a senhora falar isso, me fez lembrar da minha trajetória. Eu acompanhava minha mãe no trabalho e aprendi a ler dessa maneira, na revista da turma da Mônica dos filhos da patroa da minha mãe.

– Perceba que muitos dos escritos indígenas já publicados estão relacionados a suas trajetórias e cultura. Como saber o modo de fazer de sua cultura. Ou seja, as pessoas precisam se conscientizar que nós não nascemos sabendo e com a possibilidade de entendimento que nos foi viabilizada pelo mundo ocidental e não o tradicional.

– Se eu tenho uma turma onde eu conheça minimamente meus alunos e suas trajetórias. Uma vez uma aluna entregou-me uma carta onde ela justifica sua saída repentina da aula dizendo que mora em uma localidade de invasão, que ela precisava voltar para casa, pois não havia ninguém para cuidar o espaço e não havendo ninguém os pertences da casa poderiam ser furtados. Neste caso me encontro de mãos atadas. Minha reação foi entender e tentar ajudá-la. Consegui com que ela entrasse em uma bolsa de estágio. Mas isso ainda é pouco.

– Outro aluno disse “me desculpe professora, mas me encontro desempregado e não estou podendo frequentar as suas aulas no período da noite, pois é quando eu me prostituo para sobreviver”. Escutar isso é chocante, horrível de saber. Pessoas vulnerabilizadas deveriam ter uma política afirmativa de permanência para que elas tenham condições mínimas de realizarem o curso superior como as demais.

– Fiz o ensino superior com dificuldades, mas conseguimos, pois existe um apoio familiar etc. E eu como professora se conheço a trajetória dos meus alunos eu posso contemporizar e promover a equidade. A maioria nem fala porque se sentem diminuídos e isso pode acabar promovendo uma exclusão é um convite à retirada desse espaço acadêmico. Por isso é importante uma escuta e pedagogia humanizada.

– O que o espaço universitário ainda pode fazer para promover essa equidade?

– Se não fossem os grandes cortes de verbas da universidade a situação seria diferente. Certamente! As nossas políticas não são suficientes, e nunca serão.

– Como podemos potencializar o ensino e aprendizagem dos povos tradicionais?

– Precisamos de um trabalho onde se incorpore o conhecimento dos povos tradicionais ao cotidiano da gente. Partindo de duas teorias nativa/êmica e a acadêmica/ética. Se eu consigo trabalhar com as duas, eu me faço entender pelos discentes indígenas e os demais estudantes em sala de aula. Outro ponto importante, ninguém é uma página em branco. Ao entrar na universidade, eles trazem consigo um cabedal³⁰ e ele deve ser considerado nas disciplinas e em seu processo de aprendizagem.

– Um exemplo é a matemática, ao se falar de medidas. Eu poderia considerar o saber popular do vendedor de camarão na rua, que utiliza da medida de uma lata ³¹para realizar sua venda no interior. Quanto em medidas possui uma lata de camarão vendido? E se eu pedir para você me comprar um frasco³². Você saberia comprar exatamente o que eu estou definindo em meu pedido?

– Estes são exemplos básicos que eu poderia aplicar os saberes de uma trajetória/vivência ao conhecimento acadêmico. Isso seria a interculturalidade. Pois não estou impondo um padrão para todos, estou no intuito de trabalhar para incluir, incorporar a todos, ou seja, entenda a lógica e filosofia de vida e cultura do outro para poder dialogar. A interculturalidade exige escuta atenta, que você se abra para o outro, aprenda com ele e utilize as suas categorias e utilize a do outro. Deixar de ter uma mente colonial não é uma tarefa fácil.

– As políticas afirmativas não podem depender de uma figura, um único docente ou sujeito. Ela precisa ser institucionalizada. A universidade é um espaço onde esses corpos devem estar. Precisa ocorrer capacitação e atualização dos profissionais que compõem o espaço universitário.

– Precisa-se de uma sensibilidade especial, entender que suas noções e forma que se apresenta socialmente são diferentes desses grupos. Outro exemplo é o sujeito indígena que comete um ato para sua sociedade criminosa. As noções de justiça são diferentes nos dois grupos, enquanto que para nós somente se paga pelo ato criminoso se ficar muito tempo na cadeia, na sociedade de grupos indígenas existem as sanções e após o pagamento das mesmas, o sujeito é reintegrado como se nada houvesse ocorrido. Isso é um tipo de choque cultural.

³⁰ Cabedal – recursos, bens, haveres.

³¹ Lata de camarão – antigamente se vendiam o óleo de cozinha em uma lata de aproximadamente 900 ml este recipiente era utilizado nas cidades do interior para vender camarão. Então as pessoas compravam uma ou duas latas de camarão. A quantidade que cabe dentro do recipiente.

³² Fracos - Recipiente pequeno de vidro ou plástico que serve para guardar líquidos.

– Políticas afirmativas de acolhimento com sensibilidade e mudar a cabeça. Tarefa que não é realizada facilmente, mas é necessário que ocorra o diálogo.

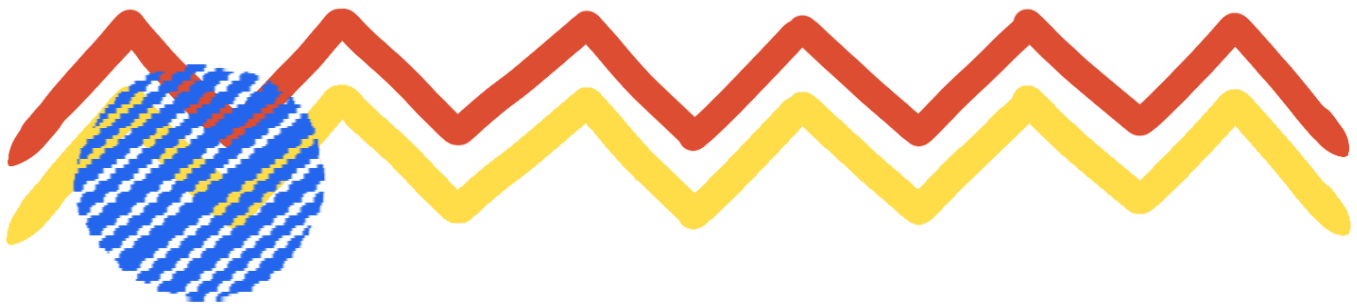
– Para o futuro, o que a senhora espera?

– Minha maior luta agora é para que essas pessoas que estão se formando, que elas façam concurso e passem. Percebo que sutilmente o racismo atinge os concursos. Então minha luta é para que cada vez mais se abra vagas de concursos para indígenas e quilombolas. E agora estou tentando para que os concursos da UFPA estejam com reserva para esses grupos tradicionais.

– E quem não quer aceitar?

– A própria burocracia, foi o mesmo com os Warao, se fez o PSE porém não se pensou que essa burocracia barra a interculturalidade e inclusão que estamos fazendo e promovendo.

A quinta e última parada da descrição do produto educacional foi para conhecer e dialogar com a professora Zélia Amador de Deus.



– Você falou tanto da professora Zélia, estou muito ansiosa para conhecê-la. Disse *Naba* ao saírem no NITAE².

– Calma! vai demorar ainda alguns dias, ela marcou comigo em um feriado em sua casa. Eu também estou nervosa para o encontro (risos).

Passados alguns dias, chegou o momento do encontro da jovem e *Naba* com a professora Zélia.

– Primeiro quero lhe agradecer professora, por nos receber em sua casa.

Muito simpática ela respondeu:

– Imagina!

– Professora antes de começarmos a gravar queria dizer e registrar que eu sou um resultado da sua luta por inclusão na UFPA. Fui aluna cotista, e beneficiada pelas políticas afirmativas lá em 2010.

– Que emoção! Sinto-me muito feliz em saber disso.

– Vamos começar?

– Sim, vamos!

A gravação se inicia e a professora Zélia começa falando um pouco sobre sua trajetória e, como chegou à universidade e qual o trabalho que realiza atualmente.

– Eu sou professora de Letras, me especializei nessa área e ao mesmo tempo eu sempre trabalhei com artes. E entrei na UFPA para trabalhar na área das Artes. Hoje trabalho coordenando a ADIS, ela é bem novinha, começou em 2017. Ela foi criada por nós. Já havia uma proposta de criação no grupo de estudos afro-amazônicos ao qual faço parte e coordenado por outra docente.

– Inicialmente se falava sobre as cotas e foi no grupo de estudos que fez o projeto de cotas para negros na UFPA. Que foi protocolado em 2003. Deste grupo saiu também a proposta da universidade criar a Casa Brasil Afro e que está hoje ligada a PROINTER³³. E foi esse grupo que criou uma assessoria da diversidade étnico-racial. Porém a ilegalidade é muito ruim, pois ela não havia sido oficializada. Debatíamos e definimos ações que acabavam não sendo colocadas em prática, por causa dessa ilegalidade, não tínhamos forças.

– Somente na gestão atual fui convidada pelo atual reitor a criar uma assessoria legal e vinculada diretamente com a reitoria lutamos hoje pelas diversidades e inclusão dentro da universidade, eu aceitei o convite e foi assim que surgiu a ADIS.

³³ Pró-reitoria de relações internacionais da UFPA.

– Como a senhora vê a difusão das línguas indígenas dentro do espaço acadêmico?

– As línguas indígenas já poderiam ser mais difundidas dentro da universidade, ainda seriam muito restritas ao âmbito da pesquisa e pós-graduação. Ou seja, os alunos passavam pela graduação sem ter contato com estudos e a temática da língua indígena. Difícil tratar da língua indígena, difícil tratar uma literatura que pudesse dar conta dos povos indígenas, difícil tratarem uma literatura africana de língua portuguesa. Para dar conta da lei 10.639³⁴. Agora você imagina tratar a temática tão atual que é os indígenas Warao.

– Agora nós tivemos uma experiência muito positiva. A até então coordenadora do ILC me atendeu muito bem e se mostrou sensível a causa dos discentes aprovados no PSE-MIGRE que não sabiam português. Em uma parceria entre ADIS e ILC foi promovido um curso livre de língua portuguesa. Já como uma iniciativa de promover a permanência. Se possibilitarmos a entrada desses corpos, nós como instituição precisamos promover e incentivar sua permanência e conclusão de curso. E foi no diálogo para fechar essa parceria que descobri que havia pesquisadores, inclusive da área da linguística trabalhando com a temática da língua Warao. Isso é um grande avanço.

– De quem foi a iniciativa de promover curso?

– Nossa! Nós pedimos auxílio do ILC para promover um curso livre de língua portuguesa para nossos imigrantes e refugiados. Essa parceria teve ótimos resultados com os participantes, exceto com os indígenas Warao. Tanto que eles ainda não falam e se comunicam bem em língua portuguesa. No caso deles, precisavam de muito mais.

– E foi assim, novamente dialogando sobre o que poderia ser feito. Conseguimos bolsa de auxílio permanência da própria UFPA, materiais tecnológicos para auxiliar seus estudos, a exemplo de tablet e chip de internet. Além de acompanhamento pedagógico específico e exclusivo de uma bolsista de extensão na PROEX³⁵ para que ela acompanhe os Warao, por causa das dificuldades que eles têm em entender as aulas, de realizar seus trabalhos acadêmicos e da dificuldade de fala em si. Eles não tiveram tanto sucesso como os outros grupos de imigrantes e refugiados.

– Em que momento foi pensado o PSE-MIGRE?

³⁴ Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

³⁵ Pró-reitoria de extensão da UFPA

– Já existem universidades brasileiras que trabalham com esse PSE, porém o da UFPA, nós fomos mais ousados. Pois aceitamos imigrantes. Mas aceitamos também refugiados, apátridas, pessoas em situação de tráfico. Ampliamos muito mais, além de termos sido ousados em aceitar pessoas que ainda não tem seu processo de imigração finalizado. Nós inscrevemos as pessoas apenas com o protocolo de pedido de refúgio.

– Por que essa atitude?

– O processo de solicitação de refúgio pode demorar anos no Brasil. E se pensamos em promover a inclusão dessas pessoas, precisamos pensar uma burocracia documental que também facilite a entrada deles na universidade. Esse é um processo que diferencia o PSE-MIGRE da UFPA de outros PSE do Brasil.

– Como podemos potencializar essa diversidade da América Latina dentro da universidade?

– A UFPA tem uma importância muito grande nesse lado de cá. Pois ela é a maior universidade da Pan-Amazônia. Sua importância é grande no sentido de incentivar outras universidades a terem políticas de ação afirmativa. Porque essas políticas de cotas, reserva de vagas pra negros, indígenas e quilombolas, os PSE especiais e PSE-MIGRE. Tudo isso faz parte do programa de ação afirmativa da UFPA. A meu ver, todas as universidades da Pan-Amazônia e Latino Americanas e do Caribe tinham e têm que ter propostas similares, propostas que oportunizem todos os grupos que formam as sociedades e seus segmentos possam estar presentes na universidade, ocupando espaço. Isso quebra uma regra eurocêntrica, uma regra de privilégios em que nas universidades apenas um grupo que é privilegiado tem espaço para estudar. Quebrar essa tradição de privilégios é importante para os segmentos que chegam à universidade e, sobretudo, para a própria universidade. Para que se perceba a importância da convivência com esses grupos, a UFPA é outra hoje por causa da presença desses povos, não somente na parte estrutural, mas na pesquisa, na extensão.

– Essas pessoas não entram sozinhas, elas entram com seus corpos que já falam muito e desestabiliza esse espaço que não contavam com sua presença, mas trazem consigo suas histórias, memórias e interesses, suas experiências de vida e sua maneira de ver o mundo que é outra. Essa experiência é enriquecedora tanto para a universidade quanto para a sociedade, estes que eram ausentes nesse espaço e agora se fazem presente.

– Esses corpos que chegam à universidade com as políticas de ação afirmativa, eles são corpos que levam histórias de opressões e resistências, são corpos que não chegam

sozinhos. E assim a UFPA passa a ter, dentro dela, várias histórias. Deixa de ser uma universidade de história única. Por isso a importância da diversidade nos espaços acadêmicos.

– O que ainda pode ser feito?

– Se tivéssemos mais verbas e menos corte certamente poderia fazer mais, pois as bolsas de indígenas e quilombolas são diferenciadas das outras bolsas. O ideal seria ter dentro do PSE, já incluída uma política de permanência. Além de garantir a entrada.

– Como potencializar a aprendizagem desses diversos corpos dentro da universidade?

– O ensino intercultural ainda é um desafio, nossos docentes ainda precisam aprender mais sobre a decolonialidade. Uma prática onde se consideram os saberes trazidos por esses grupos, ainda não aprendemos, pois o processo de decolonialidade e se despir do caldo eurocêntrico. Nossos docentes, nem todos ainda estão dispostos a isso, pois ainda é muito cômodo continuar no processo que você foi formado e já trabalha há anos. Criar outros processos de ensino e aprendizagem é difícil e dá trabalho nem todos estão dispostos. Um exemplo são os currículos pedagógicos ainda pautados no espelho eurocêntrico.

– Outra questão se não tem sujeitos desses grupos dentro da UFPA desenvolvendo pesquisas e trabalhando sobre a temática é mais difícil ainda que consigamos com que os alunos ainda no âmbito da graduação sejam permitidos o contato, o embate e diálogo sobre essas questões. Por isso minha luta hoje é para que os sujeitos que formam esses grupos terminem a graduação e que voltem para a UFPA no âmbito da pós-graduação, que sejam os futuros docentes dentro da universidade e possam dialogar sobre.

– Mas somente a presença deles em sala de aula, já força uma ação, e os docentes vão precisar dar conta, pensar o ensino e aprendizagem deles, pois os faz pensar seu processo de formação como docente, faz você refletir sobre se desconstruir e construir novamente sob novas bases, é uma tarefa muito difícil. E existe um querer, sentir a necessidade de querer fazer isso. Esse querer nem sempre é presente, por isso a dificuldade de se trabalhar uma aprendizagem intercultural. Onde esses grupos sejam protagonistas, antes não estavam dentro da universidade e por isso eram vistos como objetos, mas agora é diferente eles estão dentro desse espaço falando e pesquisando sobre eles.

– Historicamente esses grupos estão fora das instituições acadêmicas, e são formados por racismo e classicismo. As políticas são uma ação de combate efetivo ao racismo e eliminação da discriminação racial.

– Mas a continuidade das políticas afirmativas, vai ajudar também nesse processo. Acaba convertendo-se em ações pedagógicas para docentes, discentes e sociedade de modo geral.

A conversa se estendeu por horas, Natalia em detalhes dialogou com Zélia sobre sua pesquisa. Já era tarde, quando se despediram. Elas já estão em casa prontas para descansar. O dia seguinte estaria cheio! Neste momento *Naba* comentou sobre os encontros.

– Você recebeu tantas informações, nem em minha forma de água pensei em levar comigo tantas marcas e coisas. Qual seu plano, agora?

– Você lembra quando te falei que não podia parar apenas no documentário?

– Lembro-me perfeitamente.

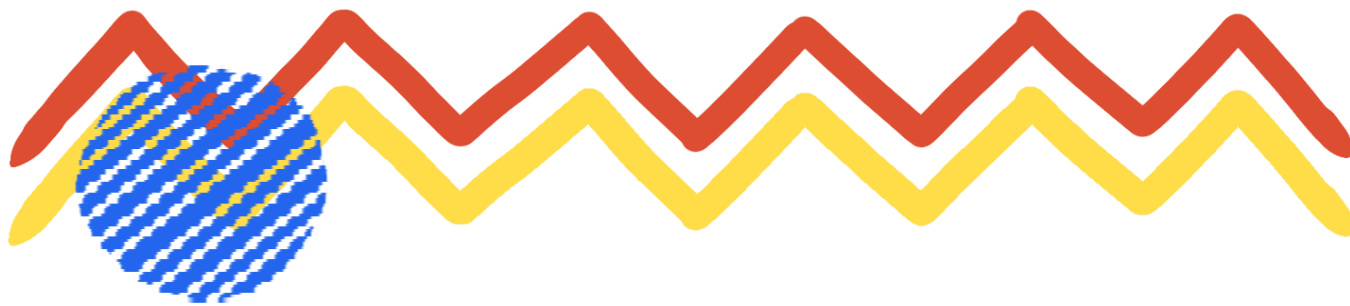
– Após participar de tantas rodas de conversa, e escutar o relato de todas as vezes que irão compor essa esse documentário, compreendi que não posso parar por aqui, preciso concretizar uma ação pedagógica que atenda ao que os discentes Warao e os professores que trabalham por essa inclusão falaram.

– Já comecei a preparação de um curso de formação complementar e amanhã quero te mostrar tudo que já planejei.

– Perfeito, amanhã falaremos mais sobre o curso.

– Boa noite, jovem!

– Durma bem, *Naba*!



7. O ENCONTRO DAS ÁGUAS

7.1. LEITO III - RIO NARRATIVO DOS SUBPRODUTOS EDUCACIONAIS



No dia seguinte, em uma mesa posta para o café da manhã. *Naba* e Natália iniciam uma conversa.

– Hoje vamos à UFPA? Perguntou, *Naba*.

– Acredito que sim, *Naba*!

– Preciso finalizar o planejamento do curso de formação complementar e organizar o espaço, daqui a alguns dias, começa a formação. Os próximos dias serão intensos.

– Ah! Você ficou de me falar sobre!

– Já te conto, prometo!

– Imagino que tenha muita coisa para fazer.

– Sim! E eu espero que ainda não tenhas que ir, pois queria contar com sua ajuda.

O que achas?

– Será um prazer ajudar! Assim, adquirei mais saberes, e poderei contar essas histórias para as outras águas quando as encontrar.

A jovem Natália contou em detalhes a *Naba* como foi o planejamento do curso. Neste momento começou a organizar seus afazeres do dia.

O subproduto (curso de formação complementar):

O produto educacional que compõe esta dissertação é o vídeo documentário de formação: “O encontro com os Warao e as políticas de inclusão no ensino superior - deslocamentos, refúgios, ensino, encontros, afetos, desafios no ensino superior”, mas a jovem não estava satisfeita em acabar a pesquisa apenas com um produto educacional que evidenciasse narrativas de denúncia, acreditava que, em suas palavras “lhe faltava algo”, que “não poderia acabar sem uma materialidade do que estava sendo proposto pelos sujeitos narrativos que trilharam o percurso dessa aventura, vivências e diálogos que compõem o documentário”.

O que a fez refletir sobre a necessidade de uma nova materialização, foi que, ao analisar as narrativas do documentário em outro momento, percebeu na fala dos Warao que foi mencionado que as crianças apresentam dificuldade de comunicação nas escolas, não falam português, os professores não falam espanhol, considerada a segunda língua dos alunos e comunicam-se quase sempre em Warao. Neste exato momento surgiram novas inquietações: Como trabalhar com esse público, que apresenta dificuldades semelhantes aos discentes do ensino superior da UFPA quando se trata de comunicação e linguagem? Que temática abordar nas aulas? Que objetivos seguir? Que recursos pedagógicos utilizar? O que ensinar, para quê e como realizar tal ato?

A jovem pensou e decidiu que poderia ir além. Após tamanho trabalho e resultado considerado satisfatório do produto educacional, viu a necessidade de criar um curso de formação complementar baseado no experienciar e nas narrativas coletadas.

A jovem, a partir do documentário, onde foram evidenciadas especificidades de linguagem voltadas para o ensino do espanhol e língua portuguesa, criou outro projeto piloto de formação continuada, agora voltado para o público definido como professores e futuros professores do ensino básico. Futuros professores, entendem-se aqui, discentes do curso de letras espanhol e pedagogia da UFPA campus Belém que futuramente graduados podem desenvolver suas práticas docentes dentro das escolas do município de Belém e do Estado do Pará. Onde possivelmente se deparam com alunos indígenas da etnia Warao matriculados.

Nas palavras da jovem, “essa proposta era de extrema importância. Seu desenvolvimento e materialidade”, uma vez que, ao tratar do assunto, considerasse que as dificuldades enfrentadas no ensino superior têm em sua maioria origem no ensino básico.

Em sua concepção era importante mostrar na prática como pode ser potencializado o ensino e aprendizagem desse grupo e outros alunos, não indígenas dentro dos espaços de formação, desenvolvendo assim uma aprendizagem intercultural.

Assim, este curso de formação complementar tornou-se em um subproduto educacional desta dissertação. Com objetivo proposto de contribuir e aperfeiçoar a formação/capacitação de discentes em formação do curso de pedagogia UFPA campus Belém, discentes do curso de Letras-Espanhol UFPA campus Belém e de professores já em atuação de anos iniciais tanto do quadro municipal de Belém quanto do Estado do Pará. Visto que após análise do currículo dos referidos cursos, observou-se que não existe componente curricular que aborda a temática ou algo relacionado em ambos cursos, o que já justifica sua existência como formação complementar, necessária e atual sobre a temática, plano pedagógico de ambos cursos já ultrapassa 10 anos de sua última atualização.

Requisitos:

Os participantes do curso deveriam ser discentes ativos do curso de Letras Espanhol da Universidade Federal do Pará, Campus Belém, a partir do 5º semestre e apresentar proficiência no idioma Espanhol. O critério para participação justifica-se pelo fato de que, a partir do quinto semestre, obrigatoriamente todas as disciplinas de língua espanhola já foram cursadas, e entende-se que o aluno já apresenta domínio do idioma e poderia

tranquilamente comunicar-se com os discentes Warao que somente se comunicam em espanhol. Além das disciplinas relacionadas à fonética e fonologia do espanhol, culturas hispanófonas, história de formação da língua espanhola, psicologia da aprendizagem e tecnologias no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Disciplinas que, acredita-se, trabalharam aspectos relevantes para a construção do curso em questão e consequentemente das propostas de atividades que foram construídas pedagogicamente entre os participantes do curso.

Com relação aos alunos de Pedagogia da mesma instituição e Campus, decidimos iniciar a partir do 3º semestre, pois acreditasse que já haviam cursado disciplinas consideradas importantes para construção do curso, a exemplo de: Didática e Prática Docente no Ensino Fundamental, Educação Infantil: Concepções e Práticas de Educação Inclusiva, Psicologia Da Educação. Outro ponto importante é que possivelmente poderiam estar em prática no estágio, pois é comum o estágio em escolas para o curso de Pedagogia a partir deste semestre.

Outro público que queríamos alcançar eram os professores em atuação do Município e Estado, escutar a vivência e prática docente de professores já em atuação era de fundamental importância para a narrativa de experiências que o curso iria propor e consequentemente das atividades elaboradas e aplicação que o curso irá promover. Eram elementos chaves, considerados a base do curso na visão da jovem pesquisadora. As experiências compartilhadas, funcionam como uma documentação de ação pedagógica que seria compartilhada com todos os envolvidos no curso.

Como evidencia o professor e pesquisador Daniel Suárez (2015, p. 20) ao dialogar sobre experiência docente e documentação pedagógica como elemento importante no processo de autoformação entre docentes. Ele afirma que a proposta é descrever, reconstruir, documentar, tematizar e problematizar como as experiências e práticas pedagógicas são produtoras de conhecimento pedagógico a partir da participação ativa de seus atores. Entendidos aqui como professores, alunos e meio social escolar.

É esclarecido que todas e cada uma destas experiências de práxis pedagógica em movimento propõem um claro reposicionamento dos professores no campo educativo como sujeitos de conhecimento, como produtores ativos de saber pedagógico, como interlocutores como produtores ativos de saber pedagógico, como interlocutores legítimos no debate especializado e público sobre educação, escola e formação. E isso

também é entendido por todos e cada um deles como um “acontecimento” político-pedagógico. SUÁREZ (2015, p. 33)³⁶ - Tradução própria.

O curso foi dividido por etapas, nas quais se abordará os temas em língua portuguesa com algumas interferências em língua espanhola, já que teremos a participação também de indígenas Warao que se comunicam originariamente em seu idioma homônimo e que tem como segunda língua o espanhol e usam o português como uma língua funcional, pois necessitam para as aulas da graduação e vivência na sociedade que decidiram se inserir. Os indígenas, participantes do curso compreendem o português, porém não conseguem fazer uso da língua na expressão oral ou escrita, já as atividades desenvolvidas serão pensadas em multilíngues (Warao, espanhol, português), nesta ordem.

O curso também foi aberto para a comunidade docente da UFPA, onde tivemos a inscrição de um docente substituto do curso de letras espanhol do campus Abaetetuba, interior do Estado.

Objetivos:

Contribuir e aperfeiçoar a prática docente, auxiliando no desenvolvimento de sua atuação em novas realidades.

Desenvolver um ensino que não exclua ou segregue os refugiados venezuelanos que têm direito a uma educação multilíngue (português, espanhol e warao) e que valorize a sua cultura e língua originária.

Proporcionar uma reflexão sobre a formação de professores, seu papel na atualidade belenense e paraense e como desenvolver um ensino e aprendizagem criativa, com o auxílio da interculturalidade para o ensino multilíngue de indígenas venezuelanos Warao, principalmente.

Criar de maneira colaborativa, materiais e atividades de apoio pedagógico que auxiliem na prática docente e no ensino e aprendizagem multilíngue de venezuelanos baseado na cultura, vivências e experiência, tornando assim a aprendizagem significativa para os envolvidos no processo.

³⁶ Queda claro entonces que todas y cada una de estas experiencias de la praxis pedagógica en movimiento proponen un claro reposicionamiento de los docentes en el campo educativo como sujetos de conocimiento, como activos productores de saberes pedagógicos, como interlocutores como activos productores de saberes pedagógicos, como interlocutores legítimos en el debate especializado y público acerca de la educación, la escuela y la formación. Y esto es entendido también por todas y cada una como un "acontecimiento político-pedagógico". SUÁREZ, (2015, P.33).

A criação, aplicação e validação do curso de formação complementar, que terá como propósito auxiliar na preparação de alunos das graduações mencionadas e de professores já em atuação, que possivelmente desenvolvem ou desenvolveram sua prática docente com alunos indígenas venezuelanos Warao que estão ou estarão vinculados a espaços educacionais.

Todos os materiais produzidos durante o curso serão disponibilizados em plataforma e espaços virtuais por meio dos registros realizados em fotografia e filmagem junto de sua referida descrição e estarão disponíveis para consulta ou empréstimo e tutela da Jovem pesquisadora.

Ementa:

O curso visa utilizar-se de narrativas e experiências de professores, futuros professores e indígenas venezuelanos que estão como discentes da UFPA. Para que de maneira colaborativa se desenvolva a reflexão sobre ensino e aprendizagem dos Warao, ensino de línguas e contribuições de um ensino intercultural. Serão abordadas temáticas, concepção e diálogo sobre diversos autores, como educação bancária de Paulo Freire (1997), experiência de Larrosa (2014), pesquisa narrativa de Clandinin e Connelly (2011), aprendizagem criativa de Mihaly Csikszentmihalyi (1999), aprendizagem significativa de Moreira (2011), Tics como recursos de aprendizagem e formação em ciberespaço de Lévy (2000) e Santos (2005), o que é Universidade na América Latina e ações afirmativas na perspectiva de Leher (2019) e concepções de linguagem e o meio social na perspectiva de Geraldini (1996) entre outros que discutem temáticas diferentes, porém juntos, convergem para alcançar os objetivos propostos do curso. Entre as temáticas ocorrerá diálogo sobre criatividade, inovação, metodologias ativas, pedagogia afetiva e aprendizagem significativa. Um aporte teórico que justificará a produção das atividades e que poderão ser usadas em sala de aula onde se encontre alunos indígenas venezuelanos inseridos.

O curso também foi aberto para professores em atuação dos 144 municípios do Pará, isso foi possível por meio da formação em ciberespaço e ambientes de aprendizagem,

além de proporcionar a possibilidade para que mais docentes de todo o Estado participassem da formação.

Existe a preocupação da formação continuada dos professores, recomendação da própria BNCC. Pensando na temática do curso e na grandiosidade territorial do Estado do Pará, foi definido que o curso seria no ciberespaço justamente para que a formação fosse viabilizada a todos os interessados. E seguindo a tendência atual de formação por meio digital, em rede. A qual Lévy (2000) define como:

[...] o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo (p. 17).

E em diálogo com a professora pesquisadora Santos (2019, 66), “o ciberespaço é muito mais que um meio de comunicação ou mídia. Ele reúne, integra e redimensiona uma infinidade de mídias. A rede é a palavra de ordem do ciberespaço”. O fato de o curso estar em rede viabiliza a formação continuada de docentes que têm altas demandas em sua atual profissão e que dificilmente estivessem disponíveis de tempo para uma formação presencial na capital do Estado, neste caso.

O ato de formação em ciberespaço é justificável, visto que temos Indígenas Warao em ocupações por vários municípios do Estado do Pará e estão devidamente matriculados no espaço escolar. Outro dado importante que a jovem comentou, e que eu não posso deixar de mencionar; o curso teve bastante divulgação e visibilidade, atraindo interesse de participantes de outros cursos de graduação como Licenciatura Integrada, Educação Física, Psicologia, Letras Língua Portuguesa entre outras.

Apresentação:

Sua proposta é ter a interculturalidade como horizonte, seja viabilizado, nas escolas onde existam alunos Warao já matriculados, uma educação escolar indígena para crianças e adolescentes nativos significativa e que leve em consideração sua cultura, seus saberes, seus corpos e marcas que trazem consigo ao ingressarem no ambiente escolar. Como menciona a Declaração do México de 1985 “Cada cultura representa um conjunto de valores únicos e insubstituíveis já que as tradições e as formas de expressão de cada povo constituem sua maneira mais acabada de estar presente no mundo”. Essa cultura necessita ser valorizada dentro dos ambientes de aprendizagem além de fomentar sua difusão e afirmação da identidade cultural. “A afirmação da identidade cultural contribui, portanto,

para a libertação dos povos; ao contrário, qualquer forma de dominação nega ou deteriora essa identidade”.

A maioria das escolas do município e professores da rede não apresentam experiência de prática docente com o ensino intercultural, somada a isto a necessidade de refugiados que se configura em um grupo diferenciado dos demais e que apresentam principalmente dificuldade de comunicação. Já que esses profissionais não receberam formação em nível superior para desenvolver suas práticas profissionais, visto que é uma problemática ainda recente e a passos lentos se desenvolvem as pesquisas na área de ensino de indígenas Warao comparado com estudos voltados para este público nas áreas da saúde por exemplo. Por esse motivo, faz-se necessário a aplicação do ensino intercultural, a formação continuada ou atualização é uma questão importante, inclusive pautada pela BNCC ao mencionar o processo de atualização do corpo docente, e que nos auxilia na justificativa de criação deste curso. A BNCC menciona que um dos objetivos da atualização do corpo docente é:

- Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos;
- Selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender;
- Criar e disponibilizar materiais de orientação para os professores, bem como manter processos permanentes de formação docente que possibilitem contínuo aperfeiçoamento dos processos de ensino e aprendizagem;
- Manter processos contínuos de aprendizagem sobre gestão pedagógica e curricular para os demais educadores, no âmbito das escolas e sistemas de ensino.

Esta ação de constante atualização se faz necessária já que a própria BNCC orienta que sobre a constante organização e adequação dos currículos e propostas pedagógicas relacionadas às diferentes modalidades de ensino (Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação a Distância), atendendo-se às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais. No que tange o caso da Educação Indígena, por exemplo.

Isso significa que, deve-se:

- Assegurar competências específicas com base nos princípios da coletividade, reciprocidade, integralidade, espiritualidade e alteridade indígena, a serem desenvolvidas a partir de suas culturas tradicionais reconhecidas nos currículos dos sistemas de ensino e propostas pedagógicas das instituições escolares.

- Significa também, em uma perspectiva intercultural, considerar seus projetos educativos, suas cosmologias, suas lógicas, seus valores e princípios pedagógicos próprios (em consonância com a Constituição Federal, com as Diretrizes Internacionais da OIT – Convenção 169 e com documentos da ONU e Unesco sobre os direitos indígenas) e suas referências específicas.

Ou seja, em todos os casos, ao pensar políticas e ações que contribuam com o desenvolvimento dos Warao o primeiro passo é pensar sua cultura e costumes. Na área da linguagem, pensar sua língua original atrelada à cultura.

Diante de tamanha heterogeneidade, social, política, cultural, histórica, e de línguas a readequação dos currículos, dos planos de ensino, atividades e ação docente se faz necessária e deve ser pensada em conjunto com a população indígena Warao, ações que viabilizem o ensino e aprendizagem de maneira significativa, de modo que o acesso à educação seja criativo e efetivado, sem desrespeitar, seus saberes, modos de fazer, seu direito à continuidade de sua língua originária, de seu modo de vida, de sua organização social, cultural, etc. Para que isso ocorra necessita-se de uma educação inovadora e que estimule a criatividade junto a resolução de problemas atuais.

Como menciona a Declaração do México:

Requer-se atualmente uma educação integral e inovadora que não só informe e transmita, mas que forme e renove, que permita aos educandos tomar consciência da realidade do seu tempo e do seu meio, que favoreça o florescimento da personalidade, que forme na autodisciplina, no respeito aos demais e na solidariedade social e internacional; uma educação que capacite para a organização e para a produtividade, para a produção de bens e serviços realmente necessários, que inspire a renovação e estimule a criatividade. É necessário revalorizar as línguas nacionais como veículos do saber. A alfabetização é condição indispensável para o desenvolvimento cultural dos povos. (Declaração do México de 1985 p. 05).

Como a jovem havia planejado o caminhar desta jornada tão desafiadora?

Dentro de sua conversa com *Naba* realizou a pesquisa narrativa baseada em uma tríade: ensino de línguas, ensino e aprendizagem e Interculturalidade. Sua abordagem metodológica foi baseada nas pesquisas de Clandinin e Connelly que lhe apresentam a pesquisa narrativa além de objetivo e história, mas como fonte de dados, método de análise ou registro final de investigação.

Sua narrativa está situada em uma matriz qualitativa com a experiência a ser estudada/ vivida. Sua coleta de dados se deu por registros em aplicativos de coleta de informações, além do registro visual e fotográfico dos encontros, sobre o relato experiência de alunos venezuelanos Warao que ingressaram na referida universidade através do PSE-MIGRE 2020, que são alunos do curso de Pedagogia e foram convidados a participar do curso como sujeitos formadores, compartilhando suas narrativas e dos outros participantes do curso que hoje estão como graduandos da Universidade Federal do Pará e que compõem o público-alvo inicial da proposta.

Pretende-se alcançar o entendimento de como a interculturalidade é potente em sala de aula contribuindo com o ensino e aprendizagem dos indígenas venezuelanos. Pensando e valorizando o grupo heterogêneo que se apresenta ou pode se apresentar em sala de aula, compartilhando experiências e vivências, tanto de ensino e aprendizagem individual como profissional.

Com o objetivo de descobrir, do ponto de vista dos professores e futuros docentes, como eles veem a interculturalidade dentro do espaço escola como uma proposta pedagógica, como se sentem trabalhando os conteúdos programados na perspectiva da mediação cultural, além da perspectiva da aprendizagem significativa de David Ausubel, interculturalidade e aprendiz ativo de Paulo Freire, a heterogeneidade, translíngua na perspectiva de Bakhtin e o ensino-aprendizagem em ciberespaço na perspectiva de Pierre Lévy ciberespaço como ambiente de formação e teve por finalidade:

Os dados e materiais pedagógicos produzidos ao longo da formação serão sistematizados, considerando as especificidades e experiências compartilhadas. Com a finalidade de constituir um arcabouço de propostas e materiais didáticos que pudessem ser utilizados em sala de aula e outros ambientes de aprendizagem (formal e não formal). E foram nomeados como subprodutos 2 e estarão disponíveis para empréstimo e consulta.

O curso (planejamento)

Inicialmente foi pensado no nome do curso, de título: “ENTRENABAS - NARRATIVAS DE ENSINO E APRENDIZAGEM WARAO PORTUGUÊS E ESPANHOL NO PORTAL DA AMAZÔNIA - Língua Adicional e Ensino de L2 (Warao, Espanhol, Português).” um nome composto pelas três línguas existentes nessa pesquisa (Warao, espanhol, português) essa ordem é importante desde o início, já que a ideia sempre será valorizar a língua e cultura Warao, o espanhol como segunda língua e o português como língua de acolhimento. Em uma tradução para o português “Entrenabas” significa

entre rios. Já que o rio é um elemento muito significativo dentro de sua dissertação. Nas palavras da jovem pesquisadora “entre rios de aprendizagem, sujeitos que navegam pelo rio maior - aqui entendido como a universidade e constituem, configuram e reescrevem diariamente ensino e aprendizagem nos ambientes de formação”.

Figura 9: Material utilizado no curso EntreNabas.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

A divulgação foi realizada por convite digital, via e-mail para a correspondência eletrônica dos 144 municípios do Estado do Pará. Além de divulgação via redes sociais, aplicativos de mensagens instantâneas e divulgação para os cursos ao qual se pretendia alcançar o público alvo desta formação.

O curso irá ocorrer em um único módulo de 60 horas entre teórica, narrativas, e práticas em 10 dias intensivos. Ocorrendo de segunda a sexta, e divulgado de 14h às 17h. Levando em consideração que a cada encontro haverá atividades para serem entregues após a formação, planejamento e organização de tarefas por parte dos participantes para os encontros seguintes, o que pode configurar em um tempo extra em sala.

Figura 10: Folder de divulgação do curso de formação complementar EntreNabas.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

De acordo com as informações que a jovem compartilhou, o curso teve 82 inscrições, número que inicialmente assustou-a, pois não esperava tamanha procura. Após análise dos candidatos foi identificado que 15% dos inscritos eram de áreas de formação diferentes do público inicial que se havia definido. Entre as áreas, educação física, licenciatura integrada, psicologia, língua portuguesa entre outros. Foi decidido por dispor de algumas vagas para contemplar essas outras áreas de formação já que o componente de uma formação multidisciplinar pode contribuir de maneira significativa.

Seria uma troca interessante e por isso, na seleção acabou por se aceitar a participação desse público, pois considerou que a interdisciplinaridade favorece a aprendizagem, é diálogo de saberes, se abrir a um novo modo de ver os saberes, abrir-se a novas formas de aprendizagem, certamente uma experiência. O que a fez recordar Larrosa (p.18) que menciona que experiência é “algo que nos acontece”.

Esse interesse por áreas de formação distinta pelo curso de formação a fez lembrar também da pesquisadora, Vaz (2019) que menciona a interdisciplinaridade como troca de saberes, integração de conteúdos e construção de conhecimentos de maneira colaborativa.

Interdisciplinaridade é uma abertura e um encontro que permite a troca entre saberes, possibilitando a integração entre conteúdos e afetos. Portanto, experiência interdisciplinar é algo que nos acontece, nos toca, nos afeta e possibilita a construção

integrada e colaborativa de conhecimento nos atravessamentos que acontecerão no ensino e aprendizagem [...] (VAZ; “et al” 2019, p. 12)

O curso iniciará com a aceitação de 70 inscritos de diferentes localidades do Estado do Pará, ofertado de forma híbrida; Belém e região metropolitana participarão presencialmente, e demais localidades de maneira on-line via plataforma de teleconferência, *google meet* e *zoom* essa decisão foi baseada na possibilidade de maior abrangência na oferta e formação ao maior número possível de docentes das redes de educação básica do Estado, já que há confirmação de crianças Warao matrículas em escolas municipais do interior do Estado. Por isso, pensou-se na possibilidade de disponibilizar a formação para os docentes de outros municípios e participação, além de uma discente de Pedagogia como monitora.

É importante destacar da fala da jovem, que alguns participantes da região de Belém e área metropolitana entraram em contato antes do início do curso para solicitar que pudessem realizar a formação de forma online, pois estavam sem condições financeiras para arcar com a locomoção até a UFPA naquele período. A pesquisadora decidiu dar a concessão viabilizando ainda mais a formação e participação.

Como mencionou a antropóloga Jane Beltrão (2023) “se eu conheço a trajetória dos alunos é possível que eu consiga promover de fato um ensino equitativo”. Ou seja, é importante que o docente conheça a narrativa e trajetória dos seus alunos, para viabilizar melhores condições de formação.

Foi disponibilizado inicialmente um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas, além de ser usado para inscrição no curso, os objetivos iniciais era ter um desenho do perfil dos candidatos inscritos e em segundo lugar, obter um diagnóstico sobre motivos da inscrição, interesse pela temática do curso, expectativas, e contribuições que possivelmente teríamos em nossa jornada com troca de experiências e vivências adquiridas, além de auxiliar a construção do cronograma e planejamento metodológico do curso.

O planejamento metodológico do curso

Após uma análise dos questionários dos inscritos e prévia definição de conteúdo e objetivos para o desenvolvimento do curso, foi considerado que este planejamento poderia mudar de acordo com o contato dos participantes e experiência que seriam compartilhadas

durante os encontros. Isso a fez lembrar do pesquisador Krehbiel (2017) ao falar sobre a postura do docente em adaptar suas aulas de acordo com a realidade a qual está exposto.

Adaptabilidade mais que métodos de ensino prescritivo - aprender é um processo de descoberta que evolui à medida que os participantes são expostos a diferentes contextos e experiências. Como educadores, devemos ser flexíveis para atender às necessidades dos alunos em vez de aplicar, de forma rigorosa, um programa predeterminado. Do mesmo modo, devemos procurar desenvolver a capacidade dos alunos de agir em um ambiente de incerteza (KREHBIEL, 2017, p. 90-111)

Já que o curso está baseado na perspectiva da pesquisa narrativa, este tipo de pesquisa possibilita essa mudança como mencionam Clandinin e Connely que não definem a pesquisa narrativa, mas a conceitualizam nas palavras experiência e transformação. Onde a narrativa “deve ser entendida como uma forma de compreender a experiência humana”.

Os objetivos, ao invés de funcionarem como dados preestabelecidos, poderiam servir como um ferramenta de uso flexível em momentos diferentes. Usamos a noção de narrativa para construir uma estrutura de forma a mostrar que objetivos diferem em relação ao momento em que são pensados ((pré-atividades, durante o realizar de atividades e pós-realização delas). Além disso, introduzimos a ideia de que para um desses momentos, ainda há que se considerar a mudança de contexto (contexto rural, urbano e em grandes centros), a mudança de personagens (o editor, o governo, administradores de escola, professores, alunos e avaliadores), já que usariam os objetivos de formas diferenciadas. Consequentemente, dependendo do momento, do contexto e dos personagens envolvidos, a narrativa na qual os objetivos poderiam ou iriam se encaixar seriam diferente. P. 60-61

Metodologia do curso:

Aulas expositivas, síncronas via *Google Meet* ou *Zoom* acerca da pesquisa narrativa, metodologias ativas, pedagogia afetiva, criatividade e de práticas de tradução, com a produção de material para ser utilizado no ensino e aprendizagem de indígenas Warao. Todas as atividades serão orientadas na Plataforma Google sala de aula ou similar. Cada módulo será oferecido na tríade: Narrativa dos sujeitos da pesquisa, compartilhamento de vivências e aporte teórico-metodológico com atividade mão na massa. O acompanhamento dos participantes inscritos para participação de modo virtual foi via e-mail de modo individual e grupos de mensagens instantânea. Já o restante do público, o acompanhamento foi realizado de modo presencial pela jovem pesquisadora.

Avaliação:

A avaliação foi contínua, levando em consideração assiduidade, envolvimento com as atividades, engajamento e participação nos diálogos e momentos de interação, realização das atividades direcionadas.

– *Naba* perguntou a jovem, o que ela esperava como resultados. Sua resposta foi:

– Queria que o curso contribuísse com a formação, capacitação/atualização profissional e futura atuação profissional docente e dos professores em atuação das escolas

municipais de Belém que trabalhem diretamente com crianças indígenas venezuelanas. Espero que os discentes, futuros professores consigam através do curso e metodologias ativas aplicadas, pensar e esboçar maneiras criativas e inovadoras de ensino.

– Fazer com que o público ao qual se destina esse curso de formação complementar, reflita sobre sua atuação ou futura atuação docente, que consigam pensar em alternativas criativas para desenvolver um ensino multilíngue que além dos aspectos e normativas das diretrizes e bases da educação, sejam desenvolvidas atividades que contribuam com uma formação consciente, crítica e social, e valorizar os aspectos culturais e interculturais, as multilíngues que se apresentam no contexto que as crianças Warao estão inseridas atualmente.

– Confesso que estou muito ansiosa para que consigas realizar tudo que se propõe, me parece que teremos muito trabalho pela frente, finalizou, *Naba*.

– Bom, *Naba*, podemos ir? Já estou pronta.

– Perfeito, vamos!

Após dias de divulgação e organização, chegou a hora de realizar a formação. Todos os dias foram intensos e ao final das atividades, a jovem e *Naba* realizavam a avaliação do que ocorreu a cada encontro, uma espécie de documentação pedagógica, uma narrativa de como foi cada encontro.

Deu-se início ao curso com a participação inicial de 47 pessoas. Do total das 70 que haviam sido confirmadas a inscrição e aceitação, de maneira presencial ou on-line. Os inscritos que haviam sido aceitos de outras áreas também compareceram. No primeiro momento foi apresentado aos alunos o cronograma do curso e como pensou-se a proposta e objetivos, e também como as atividades seriam desenvolvidas.

No segundo momento foi realizada uma dinâmica de nome: “Memórias do passado. Como eu cheguei até aqui?” A ideia era que os participantes pudessem narrar, relatar suas memórias, fazer com que conseguisse ampliar suas capacidades de produção oral, realizar a narrativa de suas memórias, vivências e formação até o presente momento, e no caso dos discentes Warao, que pudessem narrar suas vivências desde sua saída da cidade de origem, até a chegada em Belém e UFPA.

O objetivo era propiciar aos envolvidos a oportunidade de partilhar suas múltiplas vivências, pessoais e profissionais das diferentes vozes que passaram a compor este curso de formação. Evidenciar através da oralidade as dificuldades enfrentadas para chegar até

Belém, escola, universidade e quais desafios são enfrentados para permanecer nesses espaços.

É importante destacar que durante a dinâmica realizada foi possível conhecer a trajetória dos alunos e compreender o interesse na temática do curso dos discentes e profissionais de outras áreas que estavam fora do público alvo inicial, pois, no decorrer da dinâmica, foi evidenciado que o discente indígena Warao da UFPA também havia realizado a divulgação do curso, o que nos trouxe esse público diverso e causou surpresa.

Figura 11: Dia 01 de formação, apresentação dos participantes.



Autor da foto: Jéssica Marinho, 2023.

Houve a participação de discentes de pós-graduação (mestrado) que desenvolvem suas pesquisas de algum modo relacionadas à temática do curso, ou que realizaram trabalhos que envolveram os indígenas Warao, como foi o caso da profissional de Educação física, relatou que desenvolveu seu Trabalho de Conclusão de Curso, com uma proposta do ensino de educação física para este público. Assim como a participação de gestores e professores em atuação que têm em sua rotina profissional algum tipo de contato com refugiados Warao. Outro participante é estagiário na secretaria de saúde do município e desenvolveu seus estágios com esse público e também se interessou pela proposta da formação.

Infelizmente não foi possível a participação dos indígenas Warao no primeiro encontro. Assim que o percurso e narrativa sobre esses indígenas, motivos do deslocamento forçado, a chegada a Belém, e o ingresso na UFPA foi realizado por mim, para que os alunos participantes do curso compreendessem nossa questão foco e a temática relevante sobre a qual estávamos dialogando.

Destaco que minha narrativa não se compara em nenhum momento com impacto positivo e sensibilidade que a narrativa dos Warao causaria. Pois seriam eles falando sobre eles. Certamente o resultado seria diferente. Certamente ainda mais impactante e significativo do que foi.

Após o término do primeiro encontro, em diálogo com os participantes, foi evidenciado por alguns que eles não tinham conhecimento da trajetória dos Warao; desde os motivos que os fizeram entrar em condição de refugiados até os que ingressaram na UFPA. Um participante comentou “não sabia que existia indígena na Venezuela, não imaginava que existia diferença entre as pessoas, imaginei que todos falavam espanhol, apenas, também não tinha conhecimento do PSE-MIGRE” Outro praticante comentou “percebo que os professores das escolas bases não estão preparados para lidar com a temática. Se falarmos somente de linguagem, os professores não estão preparados, não falam espanhol muito menos Warao, como alfabetizar alguém assim? Difícil!” Um terceiro participante comentou “lá na secretaria recebemos os Warao e às vezes não conseguimos entendê-los nem explicar coisas básicas sobre a saúde” é sempre um desafio, imagina nas escolas. Como se dá esse atendimento?”

Uma última participante destacou “será que não estão ferindo a cultura dessa comunidade? Vejo-me como futura profissional. Já estou no último semestre da minha segunda graduação, trabalho em uma escola municipal e não tinha conhecimento de tantos aspectos culturais que envolvem essas pessoas, nem de sua trajetória até aqui. Imagina as marcas que essas pessoas carregam! E se eu entrar no próximo ano letivo em sala e tiver um aluno Warao, com a linguagem não teria problemas, porque falo espanhol, mas como irei adaptar minhas aulas, sabendo que tenho em um grupo de 25, 35, crianças brasileiras, Venezuelanas e acima dessa condição indígenas, fora outras questões de alunos PCD, etc.”

Foi perceptível o acréscimo de informações sobre os participantes que o formulário de inscrição não contemplou. Percebeu-se a escuta atenta dos participantes sobre os indígenas Warao, entender melhor o processo que os levou ao deslocamento, escolha da cidade de Belém, ingresso na universidade, inclusão na sociedade, limitações e

dificuldades que envolvem a comunidade Warao. E surgiram reflexões sobre quais ações pedagógicas poderiam ser pensadas a partir do conhecimento e apropriação da problemática. Para que fosse desenvolvido um ensino equitativo e intercultural. Também é importante destacar a participação ativa e colaborativa dos participantes, tanto de forma presencial como virtual.

Na sequência, foi promovida a escrita de uma carta “para o Eu do futuro”, que seria lida após o término do curso.

Figura 12: Escrita de uma Carta para o “Eu” do futuro.



Discente: [REDACTED]

Turma: 2020- VESPERTINO.

no início do curso eu fiquei um pouco inseguro, pois muitas barreiras foram surgindo e a gente se sente incapaz, muitas vezes pensei em desistir, mas a vontade e o apoio de pessoas maravilhosas foram de suma importância durante esse período.

Durante essa trajetória, acabei ficando doente e isso me deixou muito desanimado, fiquei sem vontade de sair, me isolei e, como se não bastasse, chega a pandemia do covid-19 que, infelizmente, destruiu inúmeras famílias do mundo todo, parecia um filme de terror, hospitais lotados, cemitérios cheios, mas não de pessoas que levaram flores e velas, como no mês de novembro, no dia de finados, eram pessoas mortas, que sequer, tiveram um enterro decente, que horror! Dentre essas vítimas, uma era meu avô, outra minha tia e outros amigos, familiares de amigos e entre outros, a situação só piorava, sobretudo, com um DESgoverno. mas não cabe à mim falar disso agora.

Hoje, eu me vejo como uma pessoa guerreira, que está disposto à alcançar seus objetivos e defender com garra, venho de uma realidade bem diferente, nasci em um local ribeirinho, Rio São Lourenço, Igarapé-Miri, sou filho de um carpinteiro e uma dona de casa, agradeço, primeiramente a Deus por me colocar nesse mundo e segundo à eles (meus pais), que venderam um dos nossos terrenos no interior para podermos comprar outro em Marituba, para eu conseguir fazer uma faculdade, é, eu conseguir entrar em uma! Em 2020 eu passei no vestibular, no curso de Licenciatura integrada em educação em ciências, matemática e linguagens, na maior do norte (UFPA), que orgulho! Ainda não me formei, mas já estou mais perto do fim do que do começo, falta pouco.

Belém, 30 de janeiro de 2023

[REDACTED] do futuro, mesmo entre tantas demandas na sua vida, sejam financeiras ou emocionais, que não deixaram você estar presencialmente nesse curso, mas lhe agradeço por ter tomado iniciativa para participar, ter encontrado uma solução. Você que gosta tanto de estudar e agregar conhecimentos ao seu currículo com o intuito de ter valorização e reconhecimento profissional hoje e mais em breve. Tenho certeza que esse primeiro encontro foi muito motivador para você olhar esta carta daqui a uns dias e estar esboçando a felicidade e satisfação com o curso como está agora e também estar adquirindo novos conhecimentos. Por favor, continue assim tentando mais e pensando menos antes de tentar haha...

Um forte abraço,

[REDACTED] do passado.

Autor da foto: Natália Lameira e Jessica Marinho, 2023.

Foi solicitado que os participantes colocassem no papel a narrativa de suas vivências, “como eu cheguei até aqui” e o que eles esperavam da formação, e como eles pretendiam chegar ao fim da aventura. O que eles esperavam do curso. Qual seu desejo para o pós-término da formação? Quem participou de maneira virtual, teve a oportunidade de enviar suas cartas por e-mail.

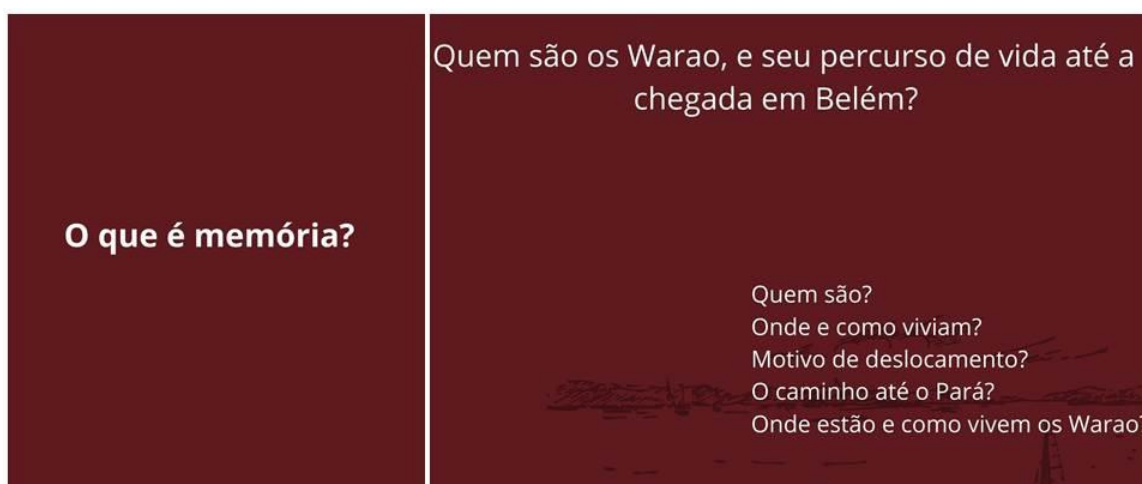
Alguns alunos tiveram dificuldade no acesso à internet e uso dos recursos tecnológicos. Houve dificuldades com transmissão de imagem e comunicação no som. O que resultou em atrasos.

Ao fim do encontro, entrei em contato com eles os discentes Warao e relataram que estavam com dificuldades para se deslocarem até o campus e por este motivo não puderam comparecer ao primeiro encontro. O que foi resolvido de imediato para que pudessem participar, nos outros dias.

Encontro 02:

No primeiro momento ocorreu um diálogo sobre o entendimento dos participantes a respeito do conceito o que é cultura, ensino de língua, e concepção de linguagem. Os alunos se mostraram atentos e participativos.

Figura 13: Material didático utilizado durante os primeiros encontros.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

No segundo momento ocorreu a participação dos discentes Warao, onde puderam relatar um pouco sobre suas dificuldades e limitações ao entrarem na UFPA. O que os motivou a escolher seus cursos de graduação entre outros aspectos que eles consideravam importante destacar neste primeiro momento.

Foi evidenciado por eles que a escolha do curso tinha como objetivo ajudar sua comunidade com relação à educação, pois identificaram que as crianças não sabiam falar português, somente Warao e entendiam o espanhol. E que pouco a pouco as crianças esqueciam sua cultura nativa, fator que os preocupava muito, esqueciam também seus costumes, sua língua e cultura, por isso decidiram cursar pedagogia para auxiliar no ensino dessas crianças na escola, assim podiam compartilhar um pouco de sua cultura, modo de vida e saberes com suas crianças.

Permiti que eles realizassem a atividade que havíamos realizado no primeiro encontro, com o objetivo de que os participantes do curso escutassem deles o relato do

“como cheguei até aqui” o que causou o impacto e sensibilização que havíamos esperado para o primeiro dia, era perceptível, pois eu havia realizado uma fala e transmitido as informações que eles desejavam compartilhar, mas a questão é que eles falavam sobre eles. Uma narrativa pessoal de suas trajetórias. Um momento rico do diálogo, um relato das dificuldades do que é ser falante de uma língua indígena, ter o espanhol como segunda língua e conviver em território Brasileiro especificamente paraense. Como o português poderia ser visto como língua de acolhimento, neste caso?

A figura 14 apresenta o momento em que os alunos Warao, participantes do curso narram suas vivências na atividade: “como eu cheguei até aqui”. Compartilham sua trajetória desde sua saída forçada na Venezuela à chegada em Belém do Pará e a UFPA.

Figura 14: Momento em que os alunos Warao, participantes do curso narram suas vivências na atividade: “como eu cheguei até aqui”.



Autor da foto: Jessica Marinho, 2023.

No terceiro momento os participantes foram divididos em 2 grandes grupos, onde tiveram a oportunidade de construir uma nuvem de palavras interativa, explanando suas percepções sobre língua, linguagem e cultura, nas 3 línguas. Os dois discentes Warao ficaram separados e os grupos foram divididos considerando a mescla das formações.

Figura 15: Apresentação de atividade: As nuvens de palavras por grupo.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

O último momento ficou a cargo da exposição dessa nuvem de palavras, como dialogam entre si sobre os 3 conceitos e a construção da mesma. Além de expor na nuvem o que eles entendiam sobre língua, linguagem e cultura, o que os levou a escolha das palavras e termos utilizados, eles expuseram exemplos da materialidade desses conceitos. Falaram sobre suas vivências e as multiformes de linguagem.

Figura 16: Nuvens de palavras feitas pelos participantes do curso.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

As palavras que foram selecionadas para a nuvem de palavras eram aquelas que representavam o que os participantes compreendiam sobre Língua, Linguagem e cultura, além de dialogarem essas percepções com ensino e aprendizagem.

Em Warao algumas palavras foram destacadas como: “Deje nobo - Conto Antigo”, “Najanamu - Dança Warao”, “Nobotomo - Crianças”, Nokokitane - Escutar”, “Inaminakitané - Para Enseñar”, “Dibu muakitane - dar conselhos”, “Inaminatu - Maestro

ou Professor”. Palavras que na concepção dos Warao estão relacionadas ao ensino de língua, linguagem e sua cultura.

Ao realizarmos um diálogo com Geraldi (2001, p.41) percebe-se que são palavras que possivelmente não existiriam se não fosse a linguagem capaz de difundir-las e a forma de expressá-las. Ele afirma que a linguagem é vista como um lugar de interação humana, pois “por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala” (Geraldi 2001: 41).

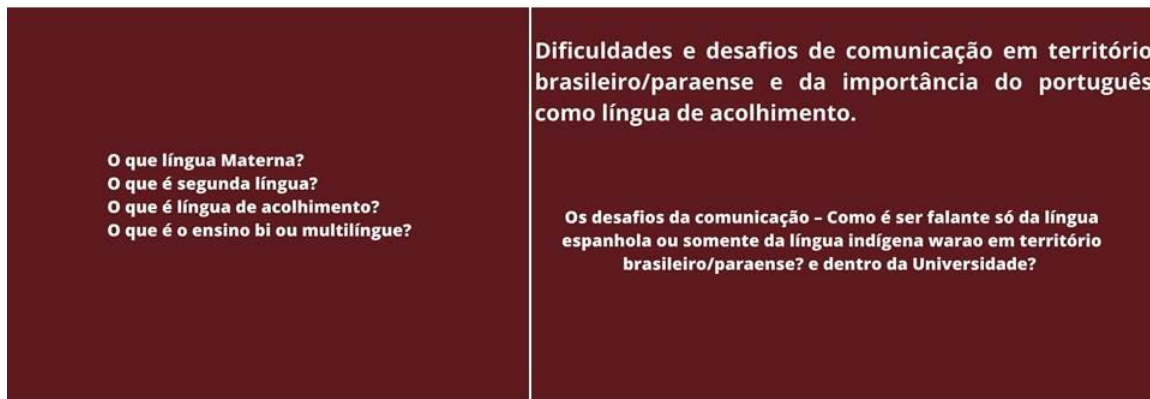
Observa-se que a compreensão de que cultura está fortemente ligada a sua compreensão sobre o que é linguagem, a exemplo da palavra “dança Warao”. Onde identifica-se a dança como uma manifestação, repressão cultural, uso da linguagem corporal que perpetua e difunde a cultura desta comunidade.

Os indígenas Warao finalizaram o encontro com a missão de pensar palavras no seu alfabeto, pois seriam usadas no dia seguinte, na construção de um abecedário multilíngue. Quem for quem estava realizando o curso de maneira online, pode enviar sua nuvem de palavras individuais por e-mail.

Encontro 03:

Seguimos um diálogo sobre o que é língua estrangeira, língua materna, língua adicional, língua de acolhimento e ensino bi e multilíngue. Sobre como o ser humano na fase de criança desenvolve a linguagem, o que nos fez refletir sobre Abreu (2016) que afirma que o desenvolvimento do pensamento da linguagem depende dos instrumentos de pensamento e da experiência sociocultural da criança. “Basicamente, o desenvolvimento da linguagem interior depende de fatores externos. O desenvolvimento do pensamento da criança depende de seu domínio, dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem. ABREU (2016, p. 33).

Figura 17: Material didático: Diálogos sobre o que é língua materna, estrangeira, de acolhimento e ensino bi e/ou multilíngue.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Inicialmente dialogamos sobre o que é língua e conceitualizamos como uma ação em constante movimento, é modificada na medida que ocorre interação entre sujeitos e o meio social. Refletimos sobre a afirmativa de Abreu (2021) que menciona

A língua é compreendida como algo em movimento, que se dá de forma viva nas relações sociais como construção histórica e cultural que se atualiza pelos sujeitos na interação com o outro, proporcionando que os mesmos, por meio de seus usos, se atualizem, se renovem, se reconstruam, se modifiquem a todo instante (ABREU, 2021, p. 40).

Dialogamos sobre ser a língua primária da América Latina as línguas indígenas, dialogamos sobre o processo de colonização e como o Espanhol se tornou para povos originários a segunda língua. E agora o português, no caso dos Warao uma língua de acolhimento. Ainda fomentamos um diálogo sobre direitos de imigrantes e refugiados no Brasil, o que ser indígena representa juridicamente. Falamos que em todas as áreas deve-se preservar e ser (condição) e que os serviços sociais devem ser adequados à cultura e modo de vida desses povos.

Ainda estendemos nossa conversa sobre o ano Internacional das Línguas Indígenas (2019) e da importância em preservá-la como um bem cultural imaterial e símbolo de maior representação de uma comunidade originária, e que através da linguagem é possível evidenciar a cultura, costumes e modo de vida desses povos.

Foi relatado pelos discentes indígenas que dentro do abrigo eles participaram de um projeto para aprender português, porém não conseguiam aplicar o conhecimento adquirido,

pois não compreendiam em que contexto utilizavam determinada estrutura, e por falta de domínio enfrentavam dificuldade de comunicação. O exemplo, quando necessitavam ir ao supermercado e queriam comprar algo, e não sabiam como dizer em português determinada palavra, utilizavam da linguagem gestual para tentar a comunicação e identificação do que desejavam comprar.

Eles levaram essa dificuldade para as aulas do abrigo, dialogaram com o professor sobre essa especificidade, e a postura do professor foi, tentar adequar suas aulas, e levar atividade que contemplassem essas especificidades. O que ficou evidenciado é que o papel do professor é de facilitador e que deve adequar sua prática docente às novas realidades, e problemáticas enfrentadas no cotidiano de quem vai aprender a língua e no espaço que estão inseridos, e mesmo que o ambiente seja de incertezas ele deve preparar seus alunos para tal.

No terceiro momento iniciou-se a atividade programada intitulada “alfabeto interativo intercultural” onde os grupos foram divididos, em duas grandes equipes, os participantes foram divididos com a ideia de mesclar as formações.

O objetivo era criar um alfabeto nas três línguas (Warao, espanhol, português) nesta ordem. Durante a escolha das palavras foi possível identificar através da narrativa dos indígenas Warao que no seu alfabeto existem 27 letras, porém apenas em 15 delas foi possível identificar uma palavra que iniciasse com a letra determinada. O que nos fez escolher outra palavra na ordem que havia sido estipulada, neste caso o espanhol.

O alfabeto foi dividido em duas partes e cada equipe ficou responsável de construir a metade do alfabeto. Outro ponto importante é que a escolha das palavras era para ser de coisas, situações ou objetos que retratasse e/ou representasse a cultura Warao. Essa solicitação foi feita no dia anterior a este encontro, os participantes Warao prepararam com calma sua lista de palavras. Palavras como peixe, canoa, Palmeira de açai e buriti, turú. São palavras que estão muito relacionadas com a cultura. Ou seja, de modo mais amplo fazem parte do cotidiano Amazônida, Belenense e Paraense como um todo.

O que causou surpresa nos participantes. Palavras que estão dentro do seu cotidiano e cultura. Ou seja, existem elementos culturais que nos conectam e ao mesmo tempo também nos distinguem e distanciam. Os grupos realizaram a ilustração do alfabeto, de acordo com a suas falas “facilitar a assimilação da criança com o uso da imagem”.

O encontro finalizou com meu comentário, que no dia seguinte a confecção do alfabeto seguiria e que os alunos além de criá-lo necessitavam aplicar. Ou seja, simular

como seguia uma aula usando o recurso didático que eles criaram. Os participantes saíram com a missão de pensar um plano de aula e aplicação, usando o recurso que o grupo havia iniciado a produção.

Encontro 04:

No primeiro momento do encontro, seguiu a produção do alfabeto interativo. Após o término da confecção, os alunos foram divididos novamente, agora em três grupos. O objetivo era que de maneira colaborativa, o grupo pensasse como trabalhar a favor da alfabetização de crianças, fazer uso do alfabeto interativo intercultural que havia sido confeccionado por eles. Ou seja, os grupos teriam autonomia, e eram os responsáveis desde o início, pela criação até a aplicação da aula e uso do recurso pedagógico.

Figura 18: Momento de formação de grupos e diálogo de elaboração com a aplicação dos recursos produzido pelos participantes.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

A ideia era que não ficasse a criação do material pela criação, mas que fosse uma criação de recurso significativa para os envolvidos no processo e que causasse um impacto positivo no público com o qual seria usado o recurso pedagógico. Por isso era importante que pensassem em conjunto de acordo com suas vivências e práticas docentes.

O alfabeto era o mesmo para ambas as equipes. Porém, a elaboração da atividade para realizar uma aula com o uso desse recurso didático, ficou a critério de cada grupo. Assim, poderiam utilizar de sua criatividade e experiências para a elaboração e aplicação da aula.

Encontro 05:

Inicialmente os grupos reuniram-se para finalizar as propostas que foram debatidas no dia anterior e a organização das apresentações. Iniciou-se a execução das atividades sequencialmente.

Figura 19: Apresentação das atividades utilizando os recursos desenvolvido durante a formação.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Destaco que um dos grupos decidiu por usar o recurso “alfabeto interativo intercultural” como se os alunos estivessem fazendo compras em uma “feira”. O que pareceu interessante em relação aos demais, por ser de fácil execução, pois utilizaram de materiais de baixo custo para tal e ainda deixaram como sugestão que a feira ocorresse uma vez ao mês. Utilizando de outros vocabulários e que fizessem parte do cotidiano dos envolvidos (alunos).

Figura 20: Criação de atividade: usando o alfabeto interativo, “Feira multilinguística cultural Warao”.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Ao fim das apresentações os participantes puderam expor seus comentários e opiniões a respeito das atividades e aula que foram pensadas pelos colegas. Como foi a aplicação da aula, qual era a opinião dos colegas sobre.

Figura 21: Momento de diálogo sobre os planos e aplicação das atividades realizadas com o alfabeto interativo.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Algo relativo e que foi explanado neste momento pelos grupos e que foi criado por eles, de forma autônoma e espontânea um grupo de mensagens a parte do oficial que nos comunicamos. Decidiram pela criação de outros grupos de mensagens instantâneas e lá, dialogavam sobre suas vivências e opiniões, e organização de como poderiam aplicar a aula e o que acreditavam funcionar ou não.

Outro ponto importante é que cada grupo decidiu por trabalhar com uma faixa etária diferente. Um dos grupos direcionou que a atividade seria destinada para o primeiro ano do fundamental I, o grupo era composto por alunos das diversas graduações, o que o deixou diversificado, além dos dois discentes Warao terem ficado juntos neste grupo. O segundo grupo direcionou a atividade para adolescentes, era concebido por alunos de letras espanhol e por 1 aluno da licenciatura integrada, decidiram partir do som, fonemas. Ou seja, o som que é produzido ao pronunciar, por exemplo, a letra “K” em que situações ou outras letras eu encontro este mesmo fonema? A partir do conhecimento do som ensinar as letras, e dependendo do som nas três línguas teriam palavras diversificadas. Já o terceiro grupo, decidiu por trabalhar com o maternal, um grupo formado prioritariamente por

alunos do curso de pedagogia e realizou uma mescla de habilidades incluindo o som, o baterem palmas, coordenação motora etc.

O encontro foi encerrado, e como professora do curso, destaquei que no encontro seguinte, haveria um diálogo entre todos sobre as apresentações. Além de que seria desenvolvida uma narrativa dos participantes Warao sobre sua cultura, costumes e modo de vida. Assim como iriam compartilhar alguns contos e cantos de seu povo.

Encontro 06:

Inicialmente o encontro começou com os grupos reunindo-se e posteriormente iniciou-se um diálogo sobre como grupo havia compreendido as atividades que foram aplicadas no encontro anterior.

Um ponto que merece destaque é como foi pensado o plano de aula, pois um grupo decidiu que em sua aula teriam 10 alunos, outra equipe decidiu que seria uma classe com 35, sendo 3 indígenas Warao e ainda a presença de crianças com algum tipo de necessidade especial. Cada detalhe foi pensado pelos participantes, em suas palavras “vamos simular uma aula real, a vivência e realidade do chão da escola” o que nas palavras deles “foi significativo, pois essa é a realidade de uma escola”. “São classes cheias e sempre alunos com alguma particularidade e que precisam ser pensadas, o professor precisa se adaptar”.

Ao término do encontro, realizamos um diálogo junto com os teóricos utilizados nesta dissertação sobre a importância da escola base e que os problemas enfrentados nessa fase de ensino caso não sejam solucionados podem refletir em outros níveis e ambiente de aprendizagem futura, como é o caso das universidades. De maneira espontânea alguns participantes começaram a compartilhar algumas de suas dificuldades quando ingressaram em seus cursos de graduação uma participante comentou que em um determinado momento o professor disse “isso no espanhol é igual que na língua portuguesa. E eu pensava, não sei em português!” Outro relatou que em algum momento específico escutava com frequência de seus professores “essa dificuldade que você tem não é de agora, isso é questão de ensino fundamental e médio”. O que nos faz refletir ainda mais sobre a importância da escola base na resolução de dificuldades de aprendizagem.

O término do encontro foi marcado pelo compartilhamento inicial da cultura Warao, uma fala carregada de simbologia e filosofia de vida dos Warao. Eles puderam compartilhar um pouco sobre seus costumes e cultura, realizando a narrativa de algumas lendas e origem dos Warao. Ao final, como tutora do curso, pedi para que os outros alunos

realizassem uma curadoria de lentas Warao em sites e plataformas de vídeos e que nos encontro seguinte iremos dialogar sobre.

Encontro 07:

Após compartilhamento de histórias do dia anterior sobre memórias e contos da cultura Warao. Foi solicitado que os participantes se dividissem em duas grandes equipes. Com o objetivo de construir um tapete de histórias. Como tutora, apresentei vários exemplos de tapetes interativos e que poderiam ser adaptados de acordo com a necessidade e objetivo do grupo. A ideia era que os grupos escolhessem algumas das narrativas compartilhadas pelos Warao, ou encontrada por eles na curadoria que foi solicitada, e com base na lenda que seria contada se criasse um tapete para contá-la. Tapete que poderia ser utilizado em diversos ambientes de aprendizagem.

No segundo momento as equipes iniciaram a seleção da lenda, e começaram a pensar como construiriam seus tapetes.

Figura 22: Confeção dos tapetes contadores de histórias.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Os encontros 08, 09, e 10 foram destinados para a confecção dos tapetes, pois o processo foi todo manual, um verdadeiro “mão na massa” dos participantes e que consumiu mais horas do que havia sido planejado inicialmente. Ao término do último encontro os alunos tiveram a oportunidade de usar o tapete que haviam construído e contar

as histórias de forma que quisessem. Novamente tinham autonomia, e estavam livres para utilizarem de sua criatividade.

Um grupo realizou a narrativa somente em português da lenda que narra a origem dos Warao, um conto carregado de simbologia que a terra e os elementos da natureza representam para este povo. Essa história foi compartilhada pelos Warao em um dos encontros. E alguns elementos da cultura ainda hoje são reproduzidos por causa da crença deste conto, como é o caso da celebração de festividades carregada por danças e alimentos consumidos durante a celebração.

Figura 23: Apresentação de conto Warao “El hombre de buen brazo”. Lenda que retrata a origem dos Warao.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

O outro grupo decidiu por narrar o conto em português e espanhol. Este destacou que “os Warao estão dentro de sala de aula, dividindo o espaço com crianças que falam português, se queremos promover a interculturalidade e o respeito por esse povo é preciso que todos tenham acesso, conheçam, compreendam sua origem e consigam entendê-la”.

Figura 24: Apresentação de conto Warao “Origen del Moriche”.



Lenda que a importância da natureza e seus frutos para os Warao, como fonte de vida, conhecimento e sobrevivência. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

A origem do “moriche” fruto que até hoje é consumido na culinária Warao, faz parte das celebrações e até as partes da árvore e sementes do fruto são usados na confecção do artesanato desse povo. Existe uma simbologia e conexão fortíssima com esse fruto.

Para o encerramento do curso pedi para que os participantes pegassem suas cartas, as que foram escritas no primeiro dia do curso, realizassem uma leitura atenta e individual. Que realizassem um processo de auto avaliação.

Através das cartas tive a oportunidade de conhecer a trajetória de vida, perceber potencialidades e limitações desses corpos.

Após a leitura da carta os participantes tiveram a oportunidade de realizar um feedback oral sobre suas percepções do curso, como avaliavam seu processo de formação e o que lhes foi acrescentado de acordo com suas percepções individuais.

Ao fim da formação, após uma semana, foi disponibilizado um novo questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas onde os participantes que obtiveram participação de 75% de presença até o final da formação contribuíram com a validação do subproduto (curso) e expressaram sua opinião e impressões sobre a formação, conteúdos, produtos, docente ministrante do curso, forma de avaliação, plataformas digitais e tecnológicas usadas e materiais pedagógicos produzidos. Além de suas opiniões e comentários sobre as etapas da formação e do trabalho docente desenvolvido.

Figura 25: Encerramento do curso.



Autor da foto: Jessica Marinho, 2023.

No questionário, os alunos tiveram a oportunidade de reescrever suas percepções para o eu do presente, após a formação. Além de avaliarem as etapas do curso, conteúdos e temáticas abordadas e sugestões para edições futuras da formação.

Trago alguns comentários para nossa apreciação:

"Na carta lembro de ter escrito que queria sair desse curso um pouco mais empática em relação a cultura que não conhecia. Agora, me vejo ainda mais disposta a aprender sobre os Warao e todos os povos que eu conseguir, para contribuir com minha e a formação deles também". Participante A.C

"O curso foi de muito proveito e de grande aprendizado e novas descobertas sobre assuntos que eu nem fazia ideia e saber sobre as dificuldades enfrentadas pelos Warao no que se refere à educação me fez pensar em diversas formas de se fazer a inclusão desses alunos em sala de aula e como as dificuldades podem ser superadas para que se ofereça uma educação de qualidade sem retirar delas suas raízes". Participante". A.S

"O curso superou minhas expectativas, a didática e os recursos pedagógicos feitos por nós mesmos e a experiência de poder conhecer mais sobre os Warao, devido termos tudo em um contato direto com eles, certamente nos incentivou e ampliou nossas perspectivas". Participante L.R.S.S

"O Conteúdo do curso, adicionado a presença de lideranças indígenas ensejou novas reflexões e a necessidade de uma pesquisa ativa, por conta própria, em outros aspectos das múltiplas relações inseridas no contexto transversal do ensino-aprendizagem de línguas, o plurilinguismo e o uso de tecnologias em paralelo as TDICS, além do mais, consolidou a relevância dos aspectos sociolinguísticos, socioculturais e das memórias "coletivas, ancestrais, de grupos e individuais) na construção de novos saberes".
Participante: J.P.L.

"Hoje após a formação me sinto mais preparada para a experiência da educação intercultural". Participante D. T. X.S

O curso atendeu o propósito, abriu novas ideias e metodologias de ensino voltadas aos Warao. Porém esperava ter um pouco mais de contato com os indígenas".
Participante". Participante G. C. S.

Eu não sabia do que se tratava Warao, foi bem interessante participar do curso".
Participante F. T. N.

"Para mim uma das coisas que eu mais gostei de saber foi o significado dos Warao, como relatei em minha carta inicial, não tinha conhecimento algum sobre". Participante J. M. C. C.

"A minha experiência com o curso foi maravilhosa, nele pude ter contato com os Warao e adquirir bastante conhecimento sobre eles. Para mim, uma das coisas mais proveitosas foi a maneira como nos reunimos para elaborar uma solução para a problemática do ensino para essas pessoas, creio que minha principal dificuldade consistia em considerar-me incapaz de elaborar um conteúdo voltado tanto para o ensino dos Warao como para o ensino de crianças/adolescentes brasileiros. Participante" W. M. S. B.

" Minha experiência no curso EntreNabas foi evolutiva, aprendi muitas coisas, foram vários ensinamentos, tudo sendo trabalhado de uma perspectiva diferente a qual não estamos habituados. Interagindo e vivendo a cultura da língua espanhola, Warao e português. Acredito que a partir disso me tornei mais sensível a essa temática, pensando na inclusão de alunos não falantes da língua portuguesa. Toda a temática abordada no curso foi necessária, contribuiu e contribuirá para minha formação e atuação docente".
Participante N. V. F. M.

"A trajetória no curso foi esclarecedora e contribuiu para a minha formação como futuro professor de línguas que possivelmente possa atender indígenas Warao em sala de

aula para levar o conhecimento de língua de maneira que possam vivenciar e aprender em uma sala de aula multilíngue". Participante G. C. F.

"No início do curso, minhas intenções além de conhecer e aprender mais a respeito dos Warao, era de saber que rumos tomar enquanto docente, pesquisadora e enquanto pessoa. Desde o primeiro dia encontrei respostas para algumas de minhas inquietações e sou grata pela oportunidade de navegar um pouco por esses rios, que me trouxeram águas de lembranças, conhecimento e experiências. Tive dificuldade em participar presencialmente em alguns momentos, espero levar na memória e principalmente o conhecimento adquirido e certamente influenciará em milhas ações, projetos e vivências futuras". Participante K. R. R. R

"Sinto que todo conhecimento adquirido no decorrer do curso me fez ter uma nova perspectiva enquanto futura professora. É imprescindível reconhecer as dificuldades para lidar com a variedade de alunos presentes em uma determinada sala de aula, e principalmente, entender a necessidade de buscar conhecimento a fim de aperfeiçoar nossa prática docente, de maneira que, nossa metodologia, possa alcançar a todos. Por isso, digo e afirmo que o curso me aperfeiçoará como profissional. Participante S. N. P.

"Foi desafiador elaborar o tapete de histórias, pois é algo que não tenho o hábito de fazer, como criar, recortar, colar e desenhar etc. Entretanto, coloquei minha criatividade em prática (algo que pensei que não tivesse habilidade até fazer o curso) resultando em trabalhos grupais maravilhosos". Participante P. P. R

"Com o encontro presencial a gente assimila muito mais conhecimento, pois tem aquela troca de experiências, conhecimento e etc... não que no online não tenha, mas é diferente." Participante E. M. S.

"Dificuldades de conexão, as atividades propostas eram difíceis para fazer online em um curto espaço de tempo. Mas foi muito bom o curso". Participante L. B. S

"Cuido de um bebe foi bem complicado conciliar tudo. Teve questões de conexão. Mas o curso foi bom para mim, mesmo com as dificuldades que tive ". C. G

Quase todos os relatos coletados mostram que a maioria dos participantes não conhecia ou conhecia minimamente o que era o povo Warao antes do curso. Acreditavam que os Warao eram venezuelanos e apenas estavam em condição de deslocamento forçado, ou seja, não compreendiam que além dessa condição, existia a condição de serem indígenas, um dos povos originários da América Latina. Por isso a importância de

compreender profundamente sobre o que tratamos, como e porque direcionamos a pesquisa para o grupo, especificamente.

Outro aspecto importante é sobre o contato direto com os sujeitos desta pesquisa e a possibilidade de aprenderem compartilhando suas vivências, pessoais, acadêmicas e profissionais, além de poderem produzir seus recursos pedagógicos específicos para a particularidade que lhes foi apresentada, um ponto de destaque dentro dos feedbacks. E que foi significativo para os participantes, porém não foi possível a participação dele em todos os dias do curso, por motivos de recursos financeiros para deslocamento e agenda de trabalho que eles desenvolvem nas escolas.

Outro ponto que se percebe nas narrativas, é a insegurança que uma parcela dos participantes apresenta. No quesito de elaboração de materiais, e adaptação de recursos, além de acreditarem não serem criativos ao ponto de conseguirem desenvolver suas atividades, tais preconceitos foram quebrados nas atividades de convivência e grupais.

O ponto chave das narrativas foi o conhecimento adquirido que a experiência proporcionou aos envolvidos, foram docentes e futuros docentes compartilhando suas inquietações e vivências acadêmicas e profissionais. Inicialmente informações, transformadas em saberes e conhecimentos, materializados em produções pedagógicas autorais e grupais dos participantes. Experiência como conhecimento, se trata de uma produção que abrange as particularidades da América Latina, situação problema local e atual, se trata de uma alternativa produzida pelos próprios agentes em ação do fazer pedagógico.

Suárez (2015, p. 18) destaca que se trata da “produção de alternativas ou, melhor, construção de novos critérios para reconhecer, valorizar e colocar em contato as potencialidades de experiências pedagógicas alternativas às hegemônicas na América Latina.

O curso finalizou com a certificação de 35 alunos, ou seja, 50% do público inicial. Que foi avaliado com um resultado excelente em nível de participação e de materiais pedagógicos produzidos.

Subproduto 2: Materiais pedagógicos produzidos durante o curso

É importante ressaltar que todos os materiais pedagógicos produzidos durante o curso foram classificados como subprodutos da minha pesquisa, classificados aqui como subproduto 2.

Para esta dissertação decidi trazer apenas dois deles, para nossa apreciação e discussão.

Alfabeto intercultural:



Figura 26: Alfabeto interativo trilingue (Warao, Espanhol e Português) Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

O alfabeto intercultural auxilia o processo de alfabetização de indígenas e não indígenas, ele apresenta um vocabulário próximo da vivência dos Warao. O que nos é facilitado nas semelhanças do cotidiano dos alunos não indígenas, pois o vocabulário deles de ambos os grupos se encontra de modo geral, pois estamos em uma região geográfica nos aproxima com é o caso de rio, barco/canoa, alimentos como é o caso da mandioca, buriti, árvore de açaí, alguns animais, entre outros temas.

Destaco o conflito no uso de variantes no momento de construção das atividades a partir do alfabeto intercultural.

Em um dos grupos, o que decidiu realizar a “feira” um dos momentos foi marcado por um conflito na seleção das palavras em espanhol. O caso do conflito se deu com a palavra em português “banana” que em Warao é “buratana” e em espanhol de acordo com os alunos do curso de letras espanhol seria “plátano” o que causou espanto e estranhamento por parte dos Warao. De acordo com os venezuelanos seria “cambur” variante que foi extremamente defendida para ser usada na atividade. Já os alunos de letras espanhol também defenderam a variante que haviam aprendido durante toda a sua vida acadêmica.

Ao final, após diálogo e insistência dos venezuelanos, foi decidido pelo grupo e com minha intervenção usar a palavra “cambur” representando o espanhol. Pois a ideia era dar espaço para as variantes latinas do espanhol. Após a decisão, uma das alunas do curso de letras espanhol disse “professora, eu aprendi a vida toda que era plátano” Após este breve momento percebi que os participantes Warao estavam observando, os olhei e prontamente explicaram que existe a palavra “plátano” na Venezuela, porém eles compreendem como o fruto “cambur” porém ainda verde. Usado para fazer receitas e não para comer como uma fruta madura.

Neste conflito sobre o uso de qual palavra usar, percebe-se que é importante destacar o debate sobre a aquisição da língua escrita e o ensino da língua materna: A questão da concepção de linguagem e a questão das variedades linguísticas.

O que nos faz refletir nos estudos de Geraldi (1996, p. 49 - 50) que afirma que ao retomar estas questões inspirado pelas abordagens discursivas da linguagem é que a “unidade linguística básica para os processos de ensino/aprendizagem da escrita não é a palavra mas o discurso em sua materialidade social e em sua materialização textual

Esta aluna relatou aos Warao “no curso eu aprendi essa variante, por isso está defendendo o uso dela, mas agora compreendo que existe outra palavra e acabo de aprender que plátano também pode ter outro significado” Neste momento, considerei que ocorreu troca e formação. Já que ocorreu diálogo, inicialmente discordância das partes envolvidas e logo depois aprendizagem de ambas as partes. O que somente foi possível pela experiência que o momento proporcionou.

uma abordagem dialógica é possível em relação a qualquer parte significativa de um enunciado, mesmo em relação a uma só palavra, caso aquela palavra seja percebida não como uma palavra impessoal da língua, mas como um signo da posição semântica de outro alguém, como o representante do enunciado de outra pessoa; isto é; se ouvimos nela a voz de outro alguém. Assim, relações dialógicas podem permear o interior do enunciado, mesmo o interior de uma só palavra, desde que nela duas vozes colidam dialogicamente. Por outro lado, relações dialógicas são também possíveis entre estilos de língua, dialetos sociais, e assim por diante, desde que eles sejam percebidos como posições semânticas, como cosmovisões de linguagem de certo tipo, isto é, como algo não mais estritamente posto no interior da investigação linguística. GERALDI, (1996, p. 67).

Por isso é importante que o contato dos alunos com as variantes dos espanhol não seja apenas a nível de tirar dúvidas, mas de fato conhecer o contexto histórico, cultural e social que aquela palavra representa, como afirma Ventura (2005, p. 119-120)³⁷ ao afirmar que “ É importante destacar que o contato que os alunos têm com as variedades do espanhol não pode ser estabelecido apenas por simples curiosidades lexicais, como se as diferenças fossem reduzidas a algumas palavras que são usadas em um lugar e não em outro”.

³⁷ es importante resaltar que el contacto que los alumnos tengan con las variedades del español no se puede establecer sólo por medio de simples curiosidades léxicas, como si las diferencias se redujeran a unas tantas palabras que se usan en un lugar y en otro no. VENTURA, (2005, p. 119-120).

Tapete de histórias:

Figura 26: Tapete de histórias confeccionado pelos alunos do curso.



Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Acredito que foi uma das atividades mais desafiadoras do curso, nem todos os alunos apresentaram habilidades no sentido de corte e costura. O que nos causou um significativo atraso na execução das atividades que haviam sido pensadas. E nem chegaram a ser realizadas por causa do tempo. Foi uma decisão, deixar de realizá-las para dedicar-se à construção do tapete de histórias. Durante todo o processo os alunos se mostraram engajados na confecção do tapete. Usou-se de base as narrativas dos Warao e autonomia dos participantes em buscar novos contos, lendas e cantos Warao.

É importante destacar que o processo de autonomia e criatividade para a criação das atividades, foi um processo construtivo para os participantes. Inicialmente fazer com que eles compreendessem que a experiência deles de maneira pessoal, acadêmica e profissional era a base para a construção e decisão, o que direcionaria suas escolhas. O processo necessitava ser significativo primeiro para eles para que depois fosse também significativo para seus futuros alunos. O que ficou evidente ao tomarmos o relato por meio do questionário após o curso.

Considerações finais dos produtos e subprodutos

O conhecimento da cultura Warao nos faz refletir sobre a nossa própria cultura, assim como visualizar semelhanças e diferenças entre as culturas que se encontram dividindo o mesmo espaço geográfico que é a cidade de Belém neste caso.

O processo de educação intercultural possibilita a aceitação, respeito e valorização do “outro” auto formação e autoconhecimento do “eu” promove a igualdade e equidade entre alunos indígenas Warao com relação aos não indígenas dentro do espaço escolar.

A educação multilíngue é possível dentro dos espaços formativos. É necessário que exista uma escuta atenta e sensível para as demandas apresentadas pelos discentes envolvidos no processo, neste caso os Warao.

Uma conscientização docente de que para que ocorra uma educação equitativa necessita a postura docente ser de adaptação de sua prática profissional, atualização e capacitação além de se pensar os currículos de formação dos cursos de letras língua espanhola e pedagogia do campus Belém. Além de utilizar as práticas docentes como fonte de conhecimento, formação e atualização. Como nos proporciona Suárez (2015) quando afirma que existe o próprio docente proporciona debate crítico, reflexivo e conhecimento em um percurso de formação coletiva.

São os próprios professores que, no deslocamento dos seus corpos e pensamentos, produzem conhecimento sobre si e sobre a instituição escolar, processo que se insere, ao mesmo tempo, numa política alternativa de conhecimento, numa intervenção no debate público sobre a educação e num percurso coletivo de formação entre pares. SUÁREZ, (2015, p. 44).³⁸ - Tradução própria.

Ou criação de disciplinas optativas que abordem a temática aqui exposta. Além de materializar o que teoricamente se explana nas disciplinas e currículo dos cursos, passar a ver a educação intercultural como uma potente contribuição dentro dos espaços formativos seja dentro do ensino superior ou ensino base.

Compreender que todo discente que entre na universidade, seja através de políticas afirmativas ou não, sejam negros, indígenas ou quilombolas, imigrante ou refugiado; são rios, corpos, que carregam suas marcas no processo de formação, mas que também

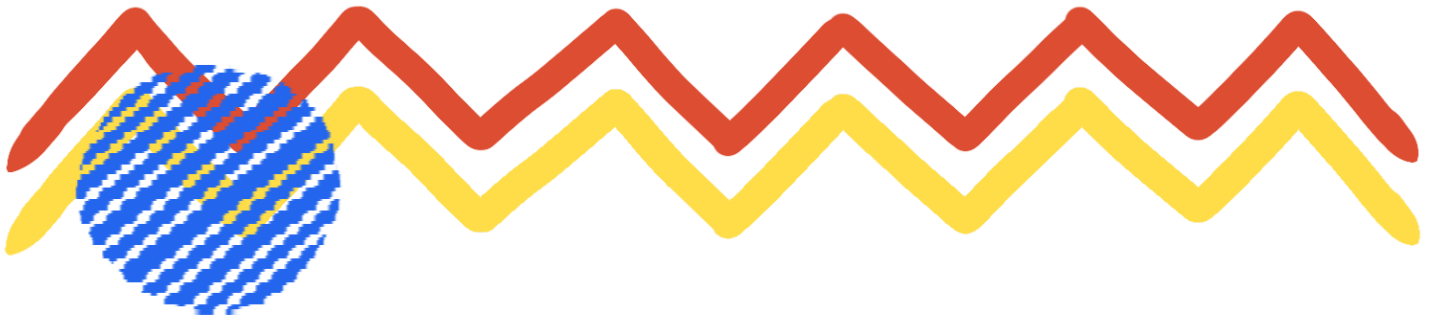
³⁸ No es una mirada externa a la escuela que podrían realizar investigaciones contratados, sino que son los propios maestros quienes, en el desplazamiento de sus cuerpos y pensamientos, producen un conocimiento sobre ellos mismos y sobre la institución escolar, un proceso que es al mismo tiempo parte de un política de conocimiento alternativa, una intervención en el debate público acerca de la educación y un trayecto colectivo de formación entre pares. SUÁREZ, (2015, p.44).

carregam outros componentes que os formam como sujeitos, que os formam geograficamente, culturalmente e historicamente.

São rios que alimentam e formam o rio maior, a universidade é o encontro de muitas águas e este espaço precisa ser e/ou está preparado para toda a heterogeneidade que a adentrar. Ser capaz de formar, construir e reconstruir os sujeitos que aqui embarcam. Que podem permanecer; sair e voltar sempre que encontrarem com um novo braço de rio, sempre que encontrarem com novas inquietações e temáticas que despertem o interesse e justifiquem o “fazer ciência” descrito pelo ser humano.

Como boa narradora, acredito que consegui descrever tudo que a jovem relatou sobre o curso ministrado.

Após o término do curso, *Naba* e a jovem pesquisadora, seguiram na partilha por dias de suas vivências. *Naba* a ajudou no pós-curso e na elaboração do questionário. Durante dias dividiram tempo e aprendizagens, a jovem ensinou-a a escrever, assistiram filmes, leram contos juntas, conheceram outros pontos turísticos da cidade e compartilharam do tempo livre. Afinal de contas, é verão amazônico, período de férias e os dias são de temperaturas mais altas, chove pouco e a umidade do local não varia quase em nada.



8. PARTE V – “O GRANDE RIO”

8.1. DA TERRA FIRME A FOZ

“O rio existe para correr, para singrar, para estar em movimento. As pessoas também”.

Daniel Munduruku



Após dias intensos de lazer, conhecer lugares históricos e mais sobre a cultura da cidade. Hoje, especificamente, *Naba* está pensativa, pediu para ir a UFPA, a jovem estranhou o pedido, porém como existiam algumas demandas para responder e reuniões que participaria, logo aceitou o convite. Chegam a NITAE² e *Naba* diz que precisa ir ao rio.

Natália, podemos ir ao rio?

Sim, sem problemas. Mas antes eu tenho uma reunião e ainda preciso responder algumas demandas, podemos ir depois? É que estou um pouco atrasada.

Sem problemas. Deixe suas coisas aqui comigo, fico à sua espera! Disse *Naba*.

Passaram algumas horas, a jovem se distraiu entre uma demanda e outra. Durante este tempo o abafado da cidade de Belém neste período de chuva chega a ser insuportável, porém é certo que uma chuva logo virá. Foi o que de fato ocorreu, uma chuva rápida para aliviar aquele calor da cidade no alto verão amazônico.

Ao término de seus compromissos a jovem buscou por *Naba*, porém não a encontrou, buscou por todos os lugares que conheceu durante os dias anteriores. Não a achou. Lembrou-se que no início do dia *Naba* havia comentado que precisava ir ao rio, talvez ela estivesse lá, pensou a jovem.

Direcionou-se à orla da UFPA, à tarde já nos mostrava um belo pôr do sol. A jovem a buscou, não obteve êxito, um pouco reflexiva decidiu sentar-se na grama com a esperança de que *Naba* em algum momento pudesse aparecer. E na busca por um caderno ou folhas de papel para forrar a grama, encontrou uma carta.

A abriu; era de *Naba*.

Dizia a Carta:

“Querida Natália, quero agradecer por todo o cuidado e atenção que dedicaste nos últimos dias a minha pessoa. Até hoje você não me explicou como eu fui parar em sua casa, mas agora, isso já não faz sentido.

Eu precisava chegar a minha foz para obter meu nome de rio e gentilmente você me batizou de *Naba*, nome que inspirou a criação do curso de formação que promoveste, passei a ter um nome de verdade, obrigada!

Você também me possibilitou a aprendizagem de novos saberes, descobri que vocês, seres humanos, são formados pela tal cultura que tanto falaste, e que talvez a maior representação de uma comunidade é a língua, que no caso dos povos originários carrega na linguagem oral bens culturais imateriais que somente podem ser materializados através da

fala, e que necessitam de respeito e valorização para que essas representações não sejam apagadas, como é o caso das línguas originárias.

Reflexão que foi viabilizada pelos estudos de Viñas (2004) relacionadas ao que é patrimônio cultural imaterial e como deve ser preservada e salvaguardada.

Experimentei novas aventuras, descobri que esse espaço universidade como vocês chamam, na verdade é um grande rio que conecta e promove encontros de povos, culturas e saberes, mas depois de tantos diálogos, percebo que ainda existe um grande rio para navegar, esse espaço ainda precisa conectar, principalmente Brasil a América Latina, e as “Amazônias”, perfeitamente evidenciado por Suárez (2015).

Também entendi que esse rio precisa ser alimentado por lutas sociais, a cor do rio universidade deveria ser pintado de gente, de povo, das comunidades. Este espaço deve ser mais para fomentar o diálogo sobre a tal equidade que tanto você mencionou e dialogou com Leher (2019) e Geraldi (1997). Também percebi que não existe um método ou receita pronta, precisa experimentar, viver o processo e está aberto ao diálogo, mesmo que em alguns momentos ele não seja o “de acordo” que tanto se espera. Pois o lugar de maior conflito é a sala de aula. E de acordo com a pesquisadora Zélia Amador de Deus nem sempre o diálogo significará concordar. Mas entende-se que são sujeitos diversos que foram à universidade e que convergem para o mesmo propósito. No caso desta investigação, promover um ensino equitativo, através de políticas afirmativas e ensino intercultural.

Vivenciei coisas novas ao participar de cada entrevista que acompanhei ao seu lado. Narrativas carregadas por lutas, trajetória de vida, percurso acadêmico e profissional. Corpos que levaram as marcas que o tempo neste rio formativo chamado vida e academia proporcionaram, memórias que dificilmente podem ser apagadas.

Novas histórias compartilhei, durante o curso que você promoveu, falaste sobre aprendizagem significativa, metodologias ativas, protagonismo dos alunos, ensino intercultural. Entre outras vivências que certamente as contarei quando encontrar com as outras águas. Poderei falar que presenciei um encontro de rios, até maior que o do rio Tapajós com o rio Amazonas.

Direi que no compartilhar de experiências, puderam estes sujeitos serem tocados, ressignificados e se apropriaram da aprendizagem pela narrativa do outro. Como mencionou Clandinin e Connelly (2011) ao enfatizarem que “uma pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e contar histórias, não somente

aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores”. E de acordo com Amorim (2004, p. 16) “Não há trabalho de campo que não vise ao encontro com o *outro*, que não busque um interlocutor. Também não há escrita de pesquisa que não se coloque o problema do lugar da palavra do *outro* no texto”.

Os conflitos e as dificuldades enfrentadas durante nossa aventura, certamente foram a rocha que necessitamos contornar. E diante das coisas que não foram possíveis de evitar, você mergulhou nas águas profundas dos afluentes que conduziram suas correntezas de pesquisa, os caminhos percorridos e decisões tomadas foram as necessárias e possíveis diante das inquietações e problemáticas que surgiram no percurso.

Lembro-me também de nosso passeio pelo rio, eu ainda não tinha um corpo, e durante o trajeto você comentava sobre o papel da universidade na resolução de problemas na sociedade e qual o papel da UFPA como universidade pública na Amazônia, falaste das dificuldades de ingresso e permanência, falaste da marca que a UFPA tem nas políticas afirmativas. Lembrei-me agora de um dos livros que lemos juntas. A gente se identificou e você relatou sobre suas dificuldades e a de inúmeros discentes sobre permanência na universidade

Um trecho inicial do livro dizia:

Minha mãe dizia que eu era como a água. A água abre caminho mesmo através da rocha. E diante de algum obstáculo, ela encontra outro rumo.

Lembra das palavras da professora Zélia? Ela também comentou algo que levarei comigo por onde passar, na luta por equidade, educação e justiça social.

“A presença desses corpos é significativa, é resistência! Nos fazem no mínimo pensar em sua permanência e inclusão nesse espaço”.

Jovem, precisei ir, não porque queria, mas a minha natureza me chamou, precisei ir ao rio. Você me disse que se reconectou com sua história, quando se debruçou sobre sua pesquisa. Passou a compreender mais da cultura dos Warao, a partir do momento que tomaste para si a narrativa desse povo; nas vezes que prestou uma escuta atenta e sensível para o que estavam compartilhando.

Naquele momento, ao viver aquela experiência, você pode entender a sua cultura, se viu como pessoa latina, brasileira, nortista, mulher negra, docente, desenvolvendo ciência dentro de uma universidade pública, e debruçada sobre uma temática e sujeitos ao qual você confessou não possuir nenhum tipo de experiência profissional, e não se via na pesquisa.

Suas palavras me marcaram, quando você disse que se viu ribeirinha pela primeira vez. Depois de tantos anos, você revisitou sua trajetória de vida e percebeu que sua relação com o rio era muito maior do que imaginava, aquilo foi emocionante!

Cheguei até você com a esperança de encontrar o rio maior. Depois compreendi que isso não era tão importante comparado com toda a experiência que me foi proporcionada, compreendi que posso estar aqui, neste rio que chamaste de UFPA, mas que poderia seguir o curso d'água.

Passei por você e levo comigo as marcas, as memórias desse encontro de águas, lembrei-me também do filme que assistimos juntas. Havia um poema que dizia: “o caminho da água não tem começo nem fim”

*O caminho da água não tem começo nem fim.
O mar está em volta e dentro de você.
O mar é o seu lar antes de você nascer e depois que você morre.
Nossos corações batem no ventre do mundo
Nossa respiração arde nas sombras das profundezas
O mar dá e o mar tira.
A água conecta todas as coisas,
Da vida a morte,
Da escuridão à luz.*

Entendo que poderia ficar aqui, mas também compreendi que meu curso não tem fim, minha natureza é para correr, passar. Como disse Daniel Munduruku, escritor indígena que me apresentaste as obras.

O rio “segue sempre do mesmo jeito, guardando a sabedoria que aprende com suas viagens ao longo do universo”.

Já sou um grande rio, assim como você, e cada aluno dentro dos espaços de aprendizagem são ou podem se tornar: um rio de conhecimentos.

Desejo que no seu curso d'água encontres outros rios, que você como um, também passe por outros. Que as marcas desses encontros não se apaguem e que não se percam as memórias que foram possibilitadas através dessa aventura que foi seu caminhar até aqui. Que seja constante o navegar “EntreNabas” como você tanto fala.

Seja curiosa, pois os curiosos sempre encontram o que procuram, certeza que seus ouvidos são agora mais sensíveis, aprendeste a ouvir, como sua avó tanto lhe pedia e orientava.

Outra vez, lembrei-me dos escritos de Daniel Munduruku

“O rio só se inflama de ira quando algo interrompe seu curso. Dentro dele há o sonho de se encontrar com o grande rio, o mar. É uma voz ancestral que o torna capaz de enfrentar os desafios, os obstáculos e as dificuldades. Se ele deixar de ouvir essa voz, terá aberto mão de seu sonho. Quando alguém abre mão de seu sonho, fica triste, apodrece. Quem brinca nas águas podres de um rio? Ninguém. Quem fica perto de alguém triste? Ninguém. O rio existe para correr, para singrar, para estar em movimento. As pessoas também. Não dá para abrir mão da natureza: nem da de fora, nem da de dentro. O igarapé não abre mão de ser o que é, simplesmente é. Sente-se parte”.

Já é tarde, minha natureza chama, sinto que voltarei a meu estado inicial, este corpo deixará de existir, porém as memórias e marcas levarei comigo em meu estado água, certamente compartilharei o que vivi com você jovem, talvez eu consiga incentivar outros sujeitos a seguirem o mesmo curso d'água que seguiste.

Essa história não tem fim. Para mim, assim como para você “é o começo da estação”, como diz uma das músicas da cultura paraense que também me apresentaste, lembra? É o fim de um ciclo para o início de outro maior. Assim como o caminho da água.

Um até breve, querida Natália.

Naba

REFERÊNCIAS:

ABREU, M. M. de O. A criança e a apropriação da cultura escrita: uma possibilidade de alfabetização discursiva. Repositório. ufu.br, 2016.

AMORIN, M. O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas / Marília Amorim. – São Paulo: Musa Editora. 2004.

AZEVEDO, P. B. Universidade e Formação: reflexões contemporâneas. Rio de Janeiro: ed. da UFRRJ, 2012. 262 p.: il.

BAKHTIN, M. [1979] Estética da criação verbal. 4. ed. Trad. P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. Ed. HUCITEC, São Paulo, 2006.

BARALO, Marta. La adquisición del español como lengua extranjera. Arco Libros, 2001.

BRASIL. Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005. Dispõe sobre o ensino da língua espanhola. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 ago. 2005. Disponível em: Acesso em: 12 out., 2021.

BUGEL, T. Aspectos ideológicos y culturales de la enseñanza actual del español como lengua extranjera en la ciudad de San Pablo – Brasil. ACTAS DEL XI CONGRESO INTERNACIONAL DE ASELE, Zaragoza, España, septiembre 2000.

CELADA & RODRIGUES. Orientações curriculares para o ensino médio – OCEM’S “o papel educativo do ensino de línguas estrangeiras nas escolas e caso específico do espanhol”. 2004.

CLANDININ, D. Jean. CONELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DEBALD, B. Metodologias ativas no ensino superior: protagonismo aluno.1. ed, - Porto Alegre: Penso, 2020.

FARACO, C. A. Linguagens & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin/Carlos Alberto Faraco. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168p. (Lingua[gem]; 33)

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade / Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade (GEPI) – Educação: Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade – v. 1, n. 6- especial (abril. 2015) – São Paulo: PUCSP, 2015.

FAZENDA, I. O que é interdisciplinaridade? São Paulo: Cortez, 2008.

FLEURI, R. M. (2003) Intercultura e educação, *Revista Brasileira de Educação*, 23, maio/ago., 16-35.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FUZA, A. F; OHUSCHI, M. C. G; MENEGASSI, R. J. Concepções de linguagem e o ensino da leitura em língua materna. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011.

- GERALDI, J. W. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.
- GERALDI, J. W. Portos de passagem / João Wanderley Geraldi – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1997. – (Texto e linguagem)
- GNERRE, M. Linguagem, escrita e poder / Maurizio Gnerre, - 5ª ed. - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2009. - (Coleção linguagem)
- KREHBIEL, T. C. *et al.* *Agile manifesto for teaching and learning. The Journal of Effective Teaching*, v. 17, n. 2, p. 90-111, 2017.
- LARROSA, J. Tremores – escritos sobre experiência. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014
- LEHER, Roberto. Autoritarismo contra a universidade: o desafio de popularizar a defesa da educação pública / Roberto Leher. - 1. ed. - São Paulo : Fundação Rosa Luxemburgo, Expressão Popular, 2019. 232 p. - (Emergências).
- LÉVY, P. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2000.
- LÉVY, Pierre. Cibercultura. Trad. Carlos Ireneu da Costa. São Paulo : Ed. 34, 1999. 260 p. (Coleção TRANS)
- LUCIO, E. O. A palavra conta, o discurso desvela: saberes docentes na formação continuada de professores de leitura e escrita / Elizabeth Orofino Lucio. – Rio de Janeiro, 2016. 220 f.
- MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa: a teoria e textos complementares / Marco Antonio Moreira. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2011.
- MORIN, E. A cabeça bem-feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- MUNDURUKU, Daniel. Das coisas que aprendi. Ensaio sobre o bem viver. Uka Editorial, 2019.
- MUNDURUKU, Daniel. Sabedoria das águas. Global Editora, 2004.
- PASCALÉ, P. ¿Dónde está la creatividad? Una aproximación al modelo de sistemas de Mihaly Csikszentmihalyi. *Arte, Individuo y Sociedad*, Salamanca, v. 17, p. 61-84, 2005
- SANCHEZ LOBATO, Jesus. "Lengua y cultura. La tradición cultural hispánica. "Revista Carabela-Lengua y Cultura en el aula de E/LE 45,1999. p. 5-26.
- SANTOS, E. O. dos. Educação online : cibercultura e pesquisa-formação na prática docente / Edméa Oliveira dos Santos. – 2005. 351 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2005.
- SARAMAGO, José. Democracia e Universidade / José Saramago, - Belém: ed. UFPA; Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.
- STERNBERG, R. J.; LUBART, T. The concept of creativity: prospects and paradigms. In R. J. Sternberg (Org.), *Handbook of creativity* (pp.3-13). Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- SUÁREZ, D; HILLERT, F; OUVIÑA, H; RIDAL, L. Pedagogías críticas en América Latina - Experiências alternativas de Educación Popular - 1ª ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2015. 184 p.; 22,5 x 15,5 cm.
- VAZ, C; JÚNIOR, E; ROCHA, H. Cartas de Marear Percursos para uma Aprendizagem Criativa em Matemática e Arte. 1. Ed. Belém: EditAedi, 2019.
- VENTURA, R. P. *Variaciones en algunos usos pronominales del español*. In: BRUNO, F. C. (Org.). *Ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras: reflexão e prática*. São Carlos, SP: Clara Luz, 2005. p. 115-120.
- VIÑAS, S. Teoría contemporánea de la restauración. Editorial Síntesis, Madri; 1ª edição, 2004

WEB-SITES:

AGENCIA BELÉM. PREFEITURA DE BELÉM REFORÇA POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS MIGRANTES COM DECRETO, LEI E TERMO DE COOPERAÇÃO. Disponível em: < <https://agenciabelem.com.br/Noticia/233030/prefeitura-de-belem-reforca-politicas-publicas-para-os-migrantes-com-decreto-lei-e-termo-de-cooperacao#:~:text=A%20lei%20estabelece%20que%20os,explicitou%20o%20vereador%20Fernando%20Carneiro.> >. Acesso em: 10.Abr.2022.

ARAÚJO, C. Marques a. De; Montañés, A.P. O ensino de espanhol no Brasil: história de um processo em construção. In: Seminário de Pesquisas em Ciências Humanas, 9, 2012, Londrina, PR. Anais., Londrina, PR, SEPECH, 2012, p.240-252. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/PDF/catyamarques.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2022.

BRAUN, Jan Raphael Reuter; FIALHO, Francisco Antônio Pereira; GOMEZ, Luiz Salomão Ribas. Aplicações da criatividade na educação brasileira. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 575-593, abr./jun. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.7213/1981-416X.17.052.AO03> >. Acesso em: 20 mai.2022

CÂMARA MUNICIPAL DE BELÉM. DECRETO LEI: IMIGRANTES E REFUGIADOS. Disponível em: < <https://cmb.pa.gov.br/wp-content/uploads/2022/05/Proc.-230-2022-Fernando.pdf> >. Acesso em: 10.Abr.2022

CEPAL - Planificación, prospectiva y gestión pública: Reflexiones para la agenda de desarrollo. Disponível em: < <https://www.cepal.org/es/publicaciones/36762-planificacion-prospectiva-gestion-publica-reflexiones-la-agenda-desarrollo> >. Acesso em: 05.Jan.2023

COMISSÃO INTERINSTITUCIONAL - EDUCAÇÃO WARAO GRUPO DE TRABALHO INTERINSTITUCIONAL PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO WARAO PROJETO DE EDUCAÇÃO. Disponível em:<<http://escola.mpu.mp.br/h/rede-de-capacitacao-a-refugiados-e-migrantes/atividade-em-belem/comissao-interinstitucional-educacao-warao.pdf> acesso em 18/10/2021>acesso em: 17/10/2021

Contribuições da sociolinguística ao ensino do português em comunidades bilíngues do norte do Uruguai. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0103-73072010000300004>>Acesso em: 10/11/2021

CUCHE, Dennys. A noção de cultura nas ciências sociais. Trad. de Viviane Ribeiro. 1. Ed. Bauru: EDUSC, 1999. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/404112/dennys+cuche+a+no%c3%a7%c3%a3o+de+cultura+nas+ci%c3%aancias+sociais.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2022.

Desenvolvimento Sustentável 4 Disponível em: < https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245656_por >. Acesso em: 22. Mac. 2023

DICIONÁRIO PAPA XIBÉ. Disponível em:<<https://artepapaxibe.wordpress.com/dicionario>>Acesso em 10, abril 2022.

EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS DE INTEGRAÇÃO COMUNITÁRIA: Abordagens de cultura imaterial dos povos originários venezuelanos. Disponível em:<<https://doi.org/10.26512/museologia.v9i18.34539>>acesso em: 16/11/2021

GIDRÓ, Gabriela. Recursos interactivos para desarrollar la competencia intercultural en el aula de ELE. In: I Congreso Internacional de Didáctica de Español como lengua extranjera del Instituto Cervantes de Budapest, 2013, Budapest. Actas ... Budapest: [s.n.], 2013. p. 151-160. Disponível em

<https://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/publicaciones_centros/PDF/budapest_2013/16_gidro.pdf>. Acesso em: 01 maio. 2022.

IMIGRANTES E REFUGIADOS NO BRASIL uma análise acerca da escolarização, currículo e inclusão. Disponível em:<<https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13n1.43867>>. Acesso em: 10/11/2021

INTERCULTURALIDADE, LETRAMENTO E ALTERNÂNCIA COMO FUNDAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO INDÍGENA. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/010318138649254275971>>. Acesso em: 10/11/2021

IPHAN, CONVENÇÃO DO MÉXICO DE 1985. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20do%20Mexico%201985.pdf>>. Acesso em: 22. Nov. 2022.

IPHAN, Inventário Nacional da Diversidade Linguística INDL. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140>>. Acesso em: 12. Mac. 2023.

MEC. BASE NACIONAL COMUM – BNCC. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf>. Acesso em: 23. Nov. 2022.

MEC. LEGISLAÇÃO ESCOLA INDÍGENA. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol4c.pdf>>. 10. Mac. 2023.

MEC. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – LDB. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes>. Acesso em: 01. Dez. 2022.

MEC. ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO - OCEMS. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 15. Dez. 2022.

Mercado Comum Entre Os Países Acordados - MERCOSUL. Disponível em:<<https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/mercosul>>. Acesso em 03 out 2021.

MERCOSUL. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/mercosul.htm#Principais+caracter%C3%ADsticas+do+Mercosul>>. Acesso em:07 maio de 2022

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de.; MORALES, Ofélia Elisa Torres (Org..). Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2015. (Coleção Mídias Contemporâneas, Vol. II). Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021

NEVES-PEREIRA, Mônica Souza; ALENCAR, Eunice Maria Lima Soriano de. A Educação no século XXI e o seu papel na promoção da criatividade. Revista Psicologia e Educação On-Line, v.1, n.1, p.1-10, 2018. Disponível em:

<<http://psicologiaeducacao.ubi.pt/Files/Other/Artigos%20OnLine/2018/V1N1%20online/1.%20V1N1online2018.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2021

O contato warao-espanhol. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/liames.v20i0.8661196>. Acesso em: 10/11/2021

O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO E SEU PAPEL COMO FACILITADOR DO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE IMIGRANTES VENEZUELANOS EM RORAIM. Disponível em: <<https://doi.org/10.30612/rmufgd.v8i16.9843>> Acesso em: 20/11/2021.

O LIBERAL. POLÍTICA ESTADUAL PARA MIGRANTES: CONHEÇA A LEI QUE GARANTE AO MIGRANTE O ACESSO A DIREITOS SOCIAIS E SERVIÇOS PÚBLICOS NO PARÁ. Disponível em: < <https://www.oliberal.com/para/politica-estadual-para-migrantes-conheca-a-lei-que-garante-ao-migrante-o-acesso-a-direitos-sociais-e-servicos-publicos-no-para> 1.568724#:~:text=Entrou%20em%20vigor%2C%20no%20%20C3%BAltimo,acesso%20a%20direitos%20sociais%20e >. Acesso em: 10. Ago. 2022.

OS DESAFIOS DO ENSINO DE PLAC PARA OS INDÍGENAS WARAO EM BELÉM. Disponível em: <<https://doi.org/10.29327/212070.7.2-10>> Acesso em: 27/11/2021.

OS WARAO NO BRASIL. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2021/04/WEB-Os-Warao-no-Brasil.pdf>> Acesso em: 22/11/2021.

Os Warao: do Delta do Orinoco ao Rio Grande do Norte. Disponível em: <<https://cchla.ufrn.br/povosindigenasdorn/warao.html#:~:text=O%20povo%20Warao%2C%20tradicionalmente%20habitantes,cerca%20de%2049%20mil%20indiv%20C3%ADduos>>. Acesso em: 05, mar 2022.

RESENDE, V. L. A narrativa transmidiática: conceitos e pequenas dissonâncias. Disponível em: <https://abciber.org.br/simposio2013/anais/pdf/Eixo_5_Entretenimento_Digital/25959arq05638141600.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2021.

RIBEIRO, Amarolina. “Partes de um rio”; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/partes-um-rio.htm>. Acesso em 07 de julho de 2023.

ROMANEWS. Venezuelanos que estão no Pará tentam se adaptar a uma nova realidade. Disponível em: <<https://www.romanews.com.br/cidade/venezuelanos-que-estao-no-paratentam-se-adaptar-a-uma-nova-realidade/24333/>>. Acesso em 11 abr. 2022.

SCHÜTZ, Ricardo. "Assimilação Natural x Ensino Formal." English Made in Brazil. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-laxll.html>>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SITES DAS UNIVERSIDADES PESQUISADAS:

UFPA. Relação das universidades com os movimentos sociais é tema da Aula Inaugural 2020 do PPGCIMES-UFPA. Ufpa.br. Disponível em: <<https://www.ppgcimes.prosp.ufpa.br/index.php/br/programa/noticias/todas/318-relacao-das-universidades-com-os-movimentos-sociais-e-tema-da-aula-inaugural-2020-do-ppgcimes-ufpa>>. Acesso em: 16 Fev. 2022.

UNCTAD. RESOLUCIÓN APROBADA POR LA ASAMBLEA GENERAL EL 25 DE SEPTIEMBRE DE 2015. Transformar nuestro mundo: la Agenda 2030 para el Desarrollo Sostenible. Disponível em: < https://unctad.org/system/files/official-document/ares70d1_es.pdf >. Acesso em: 27. Set. 2022.

UNESCO. Declaração de Incheon e Marco de Ação para a implementação do Objetivo de UNESCO. Documento Final Estratégico del Año Internacional de las Lenguas Indígenas (2019). Disponível em: < https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000371494_spa>. Acesso em: 02 de Abr. 2023.

UNESCO. La Declaración de Los Pinos (Chapoltepek) sienta las bases para la planificación global del Decenio internacional de las lenguas indígenas. Disponível em: < <https://www.unesco.org/es/articles/la-declaracion-de-los-pinos-chapoltepek-sienta-las-bases-para-la-planificacion-global-del-decenio#:~:text=La%20Declaraci%C3%B3n%20de%20Los%20Pinos%20%5BChapoltepek%5D%20surge%20del%20Evento%20de,en%20el%20Centro%20cultural%20Los>>. Acesso em: 27. Mai. 2023.

UNICEF. Situação de refugiados e migrantes venezuelanos no Pará é tema de ações integradas do UNICEF, Acnur e governos estadual e municipais. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/situacao-de-refugiados-e-migrantesvenezuelanos-no-para-e-tema-de-acoes>> Acesso em: 11 out. 2021.

UNICEF. Situação de refugiados e migrantes venezuelanos no Pará é tema de ações integradas do UNICEF, Acnur e governos estadual e municipais. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/situacao-de-refugiados-e-migrantesvenezuelanos-no-para-e-tema-de-acoes>> Acesso em: 18 Mai. 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ- UFPA - Região Norte: Licenciatura em Letras - Língua Espanhola <<https://sigaa.ufpa.br/sigaa/link/public/curso/curriculo/152300>> Acesso em: 20 mar 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ- UFPA - Região Norte: Licenciatura em Pedagogia <https://sege.ufpa.br/boletim_interno/downloads/resolucoes/consepe/2011/4102%20PPC%20Pedagogia.pdf> Acesso em: 10 mar 2022.

VELLEGAL, A. M, ¿Que enseñarles a nuestros alumnos para que no pasen por maleducados? El componente cultural en la clase de ELE. Suplementos marco ELE, Número 9. Disponível em: <http://www.marcoele.com/descargas/enbrape/vellegal_sociocultural.pdf>. Acesso em: 02 maio. 2022.

APÊNDICE

Apêndice 01:



Figura 01: divulgação sobre a aprovação do PSE-MIGRE/2020. Autor da foto: Natália Lameira, 2022.

Apêndice 02:

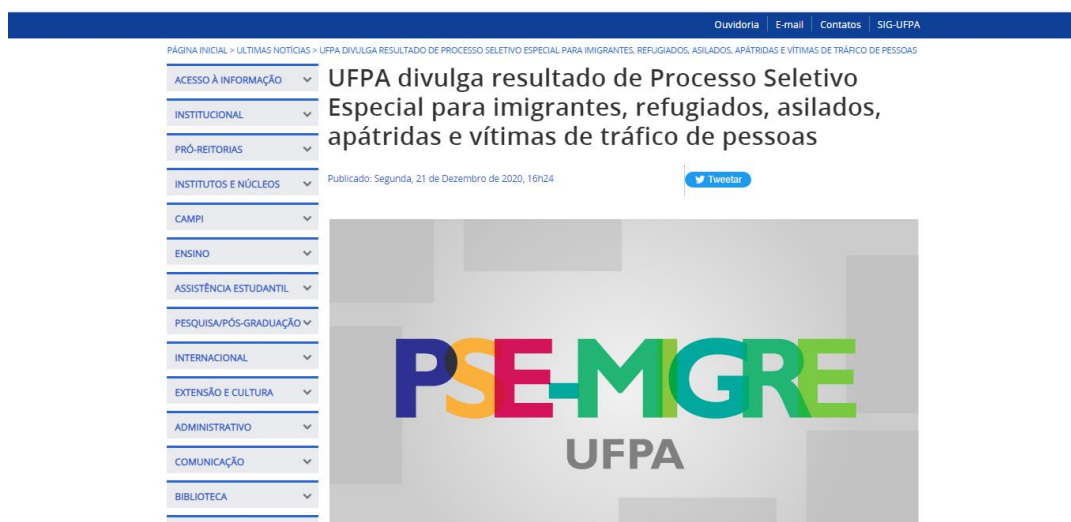


Figura 02: chamada dos aprovados no PSE-MIGRE/2020. Autor da foto: Natália Lameira, 2022.

Apêndice 03:



Serviço Público Federal
Universidade Federal do Pará
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Comissão Permanente de Processos Seletivos

EDITAL Nº 06/2020 – COPERPS, de 12 de março de 2020

6º PROCESSO SELETIVO ESPECIAL 2020 – PSE 2020-6 - MIGRE

RELAÇÃO DE CLASSIFICADOS

Nome	Insc.	Nacionalidade	Curso
ABDULAI SADAT	597347	GANÁ	FARMÁCIA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
AVILIO CARDONA ALVAREZ	597870	VENEZUELA	FARMÁCIA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
CLAUDY FRANTZ ASHLEY DARIUS	597782	HAITI	MEDICINA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / ALTAMIRA
DOUGLAS ROLANDO PENNA RONDON	597746	VENEZUELA	ENGENHARIA BIOMÉDICA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
ELIOMAR JOSE MORALES HEREDIA	597822	VENEZUELA	PEDAGOGIA (LIC/EXT/MATUTINO/2020.4) / BELEM
ERNST GERRY BARTHELEMY	597354	HAITI	ENGENHARIA CIVIL (BAC/EXT/MATUTINO/2020.4) / BELEM
ESTELIN GERMAIN	597803	HAITI	ODONTOLOGIA (BAC/EXT/VEPERTINO/2020.4) / BELEM
ESTHER ANOUSE DESIR	597569	HAITI	MEDICINA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
FRANCELINO MORALES HEREDIA	597838	VENEZUELA	LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA (LIC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
HERMANO CROISSY	597384	HAITI	NUTRIÇÃO (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
ILDEBRANDO JOSE PEREZ MORALEDA	597842	VENEZUELA	LETRAS - LÍNGUA ESPANHOLA (LIC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
ISRAEL MUKUNA KADIATA	597752	REP. DEMOC. DO CONGO	MEDICINA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
JEAN PHEDENER PHILISTIN	597590	HAITI	ENGENHARIA CIVIL (BAC/EXT/VEPERTINO/2020.4) / BELEM
JOHNY LAMOTHE	597597	HAITI	MEDICINA (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / ALTAMIRA
JOSE GREGORIO ALBARRAN LOPEZ	597873	VENEZUELA	DIREITO (BAC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
JUDELIN NORCIUS	597779	HAITI	ODONTOLOGIA (BAC/EXT/MATUTINO/2020.4) / BELEM
JULES JOACHIN	597374	HAITI	SISTEMAS DE INFORMAÇÃO (BAC/EXT/NOTURNO/2020.4) / CASTANHAL
MAHOUGNON AICHA TAKOLODJOU	597377	BENIN	ENFERMAGEM (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
MARIA LIGIA PEREZ GARCIA	597839	VENEZUELA	PEDAGOGIA (LIC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
MARIA VIRGINIA MORALES HEREDIA	597841	VENEZUELA	PEDAGOGIA (LIC/EXT/MATUTINO/2020.4) / BELEM
MELANIE MPAKA BUBA	597802	REP. DEMOC. DO CONGO	ENFERMAGEM (BAC/EXT/INTEGRAL/2020.4) / BELEM
PRINCE NYARKO	597346	GANÁ	ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO (BAC/EXT/VEPERTINO/2020.4) / BELEM
ROISDAEL CALDERON GARAY	597843	VENEZUELA	PEDAGOGIA (LIC/EXT/NOTURNO/2020.4) / BELEM
SOUROU FRANÇOIS FADEGNON	597524	COSTA DO MARFIM	HISTORIA (LIC/EXT/VEPERTINO/2020.4) / ANANINDEUA

Figura 03: lista dos candidatos aprovados no PSE-MIGRE, fonte da imagem: Natália Lameira, 2022.

Apêndice 04:



Figura 04: Beira do rio dentro da UFPA. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 05:

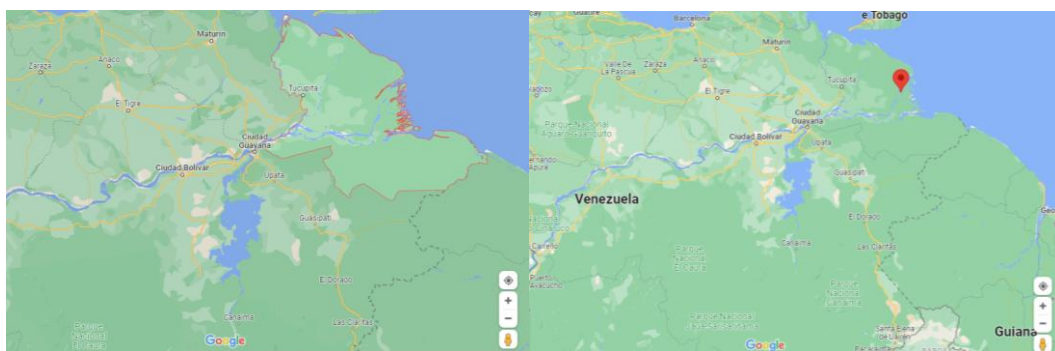


Figura 05: visão em mapa da região onde originalmente viviam os indígenas warao. Fonte: google mapas, 2022.

Apêndice 06:



Figura 06: imagem de casas warao. Autor da foto: Carlos Pifarre, 2021. Fonte: Google mapas, 2022.

Apêndice 07:

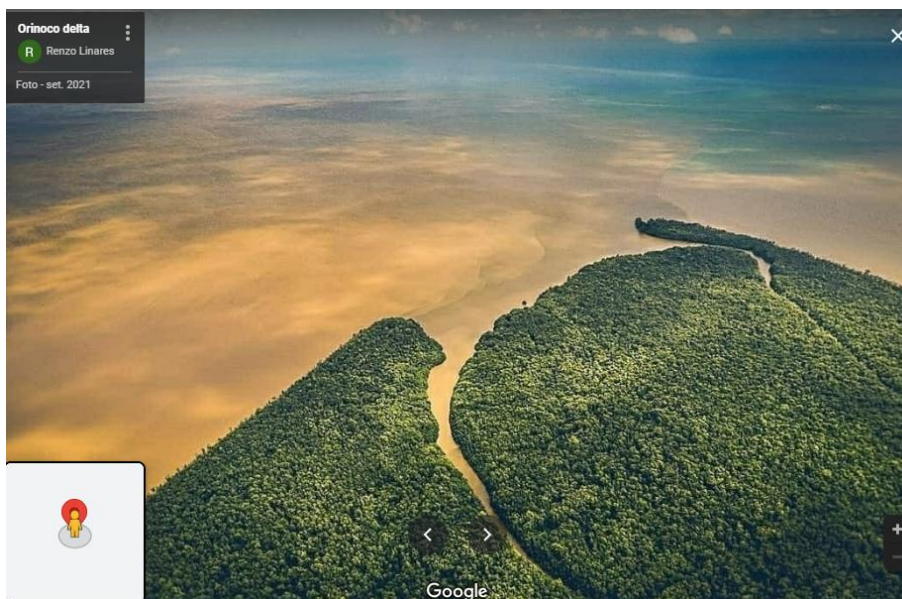


Figura 07: Encontro de águas na região do delta do Orinoco. Autor da foto: Renzo Linares, 2021. Fonte: Google maps, 2022.

Apêndice 08:

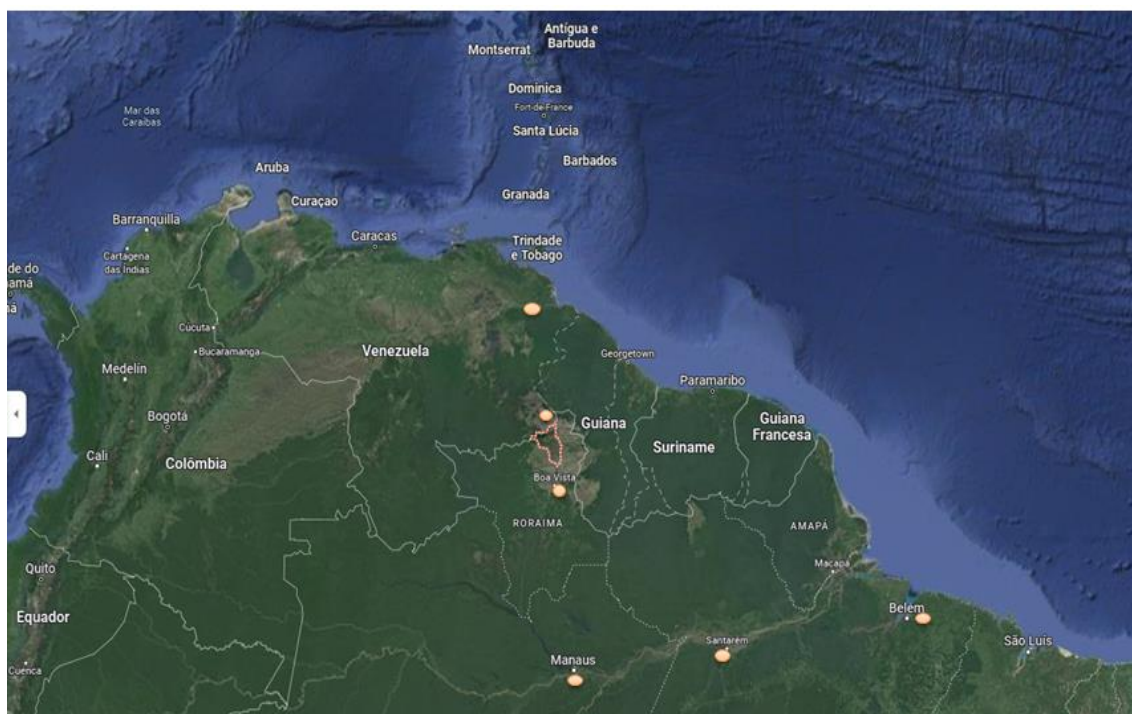


Figura 08: Mapa que evidencia o trajeto percorrido pelos Warao até Belém – PA. Autor da foto: Natália Lameira

Apêndice 09:



Figura 09: Imagem inicial do material utilizado no curso. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 10:

 O folder de divulgação do curso de formação complementar 'Entre Nabras' é apresentado sobre um fundo de madeira. O texto principal inclui: 'Curso de Formação Entre Nabras', 'História', 'Cultura', 'Memórias', 'Travessias' e 'Cantos e Encantos'. Abaixo, há detalhes sobre a formação gratuita, o período de 30/01 a 10/02, o formato híbrido (Teams) das 14:00 às 17:00 e o link de inscrições: <https://forms.gle/4yNkC3EUKl8eLpxw9>. O local é o Auditório do Núcleo de Inovação e Tecnologias Aplicadas a Ensino e Extensão - NITAE UFPA, com informações de contato: [91] 98334-9090. O folder também contém logotipos de parceiros como NITAE e UFPA, além de imagens de paisagens e pessoas.

Figura 10: Imagem do folder de divulgação do curso de formação complementar. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 11:



Figura 11: dia 01 de formação, apresentação dos participantes. Autor da foto: Jéssica Marinho, 2023.
Apêndice 12:



Figura 12: Atividade: Escrita de uma Carta para o “Eu” do futuro. Autor da foto: Natália Lameira e Jessica Marinho, 2023.

Discente: [REDACTED]

Turma: 2020- VESPERTINO.

no início do curso eu fiquei um pouco inseguro, pois muitas barreiras foram surgindo e a gente se sente incapaz, muitas vezes pensei em desistir, mas a vontade e o apoio de pessoas maravilhosas foram de suma importância durante esse período.

Durante essa trajetória, acabei ficando doente e isso me deixou muito desanimado, fiquei sem vontade de sair, me isolei e, como se não bastasse, chega a pandemia do covid-19 que, infelizmente, desestruturou inúmeras famílias do mundo todo, parecia um filme de terror, hospitais lotados, cemitérios cheios, mas não de pessoas que levava flores e velas, como no mês de novembro, no dia de finados, eram pessoas mortas, que sequer, tiveram um enterro decente, que horror! Dentre essas vítimas, uma era meu avô, outra minha tia e outros amigos, familiares de amigos e entre outros, a situação só piorava, sobretudo, com um DESgoverno. mas não cabe à mim falar disso agora.

Hoje, eu me vejo como uma pessoa guerreira, que está disposto a alcançar seus objetivos e defender com garra, venho de uma realidade bem diferente, nasci em um local ribeirinho, Rio São Lourenço, Igarapé-Miri, sou filho de um carpinteiro e uma dona de casa, agradeço, primeiramente a Deus por me colocar nesse mundo e segundo à eles (meus pais), que venderam um dos nossos terrenos no interior para podermos comprar outro em Marituba, para eu conseguir fazer uma faculdade, é, eu conseguir entrar em uma! Em 2020 eu passei no vestibular, no curso de Licenciatura integrada em educação em ciências, matemática e linguagens, na maior do norte (UFPA), que orgulho! Ainda não me formei, mas já estou mais perto do fim do que do começo, falta pouco.

Belém, 30 de janeiro de 2023

[REDACTED] do futuro, mesmo entre tantas demandas na sua vida, sejam financeiras ou emocionais, que não deixaram você estar presencialmente nesse curso, mas lhe agradeço por ter tomado iniciativa para participar, ter encontrado uma solução. Você que gosta tanto de estudar e agregar conhecimentos ao seu currículo com o intuito de ter valorização e reconhecimento profissional hoje é mais em breve. Tenho certeza que esse primeiro encontro foi muito motivador para você olhar esta carta daqui a uns dias e estar esboçando a felicidade e satisfação com o curso como está agora e também estar adquirindo novos conhecimentos. Por favor, continue assim tentando mais e pensando menos antes de tentar haha...

Um forte abraço,

[REDACTED] do passado.

Apêndice 13:

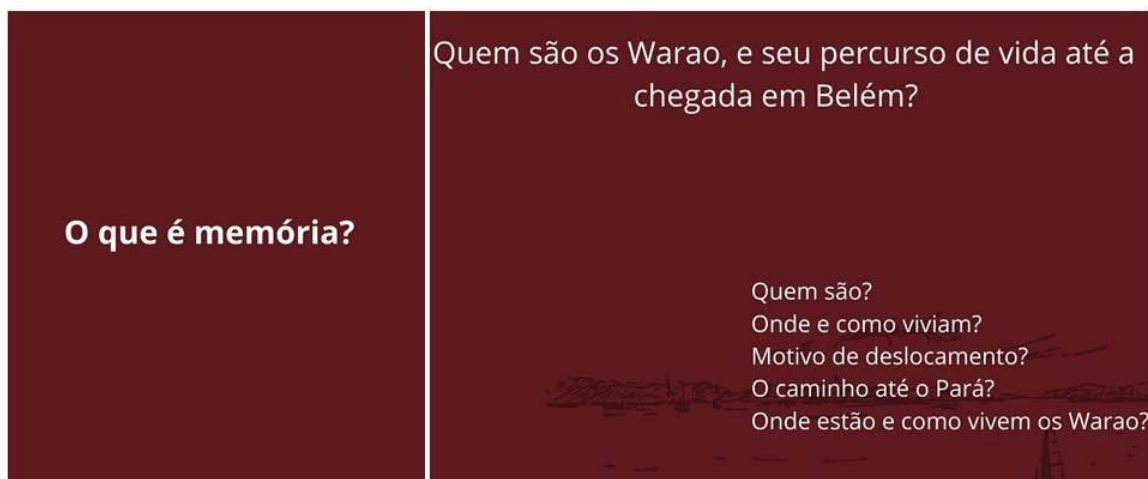


Figura 13: Slide utilizado durante os primeiros encontros. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.
Apêndice 14:



Figura 14 : Momento que os alunos Warao que eram participantes do curso narram suas vivências na atividade: “como eu cheguei até aqui”. Compartilham sua trajetória desde sua saída forçada na Venezuela à chegada em Belém do Pará e a UFPA. Autor da foto: Jessica Marinho, 2023.

Apêndice 15:



Figura 15: Apresentação das nuvens de palavras por grupo. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.
Apêndice 16:



Figura 16: Nuvens de palavras feitas pelos participantes do curso. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 17:

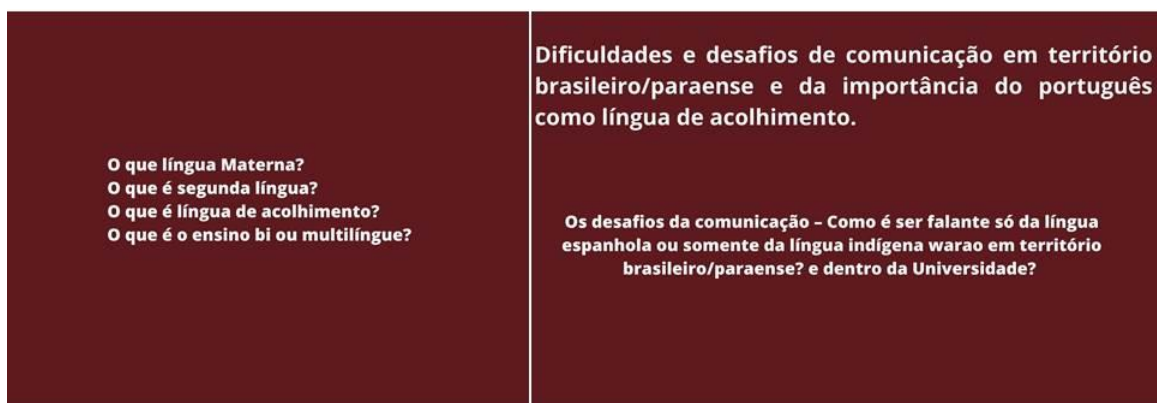


Figura 17: Slide utilizado durante o terceiro encontro. Diálogos sobre o que é língua materna, estrangeira, de acolhimento e ensino bi e/ou multilíngue. Autor da foto: Natália Lameira, 2023

Apêndice 18:



Figura 18: Momento de formação de grupos e diálogo de elaboração sobre como iriam usar o alfabeto produzido por eles. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 19:



Figura 19: Apresentação das atividades de sala de aula utilizando o alfabeto desenvolvido durante a formação. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 20:



Figura 20: Criação de atividade: usando o alfabeto interativo, “Feira multilinguística cultural Warao”. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 21:



Figura 21: Momento de diálogo sobre os planos e aplicação das atividades realizadas com o alfabeto interativo. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 22:



Figura 22: Confeção dos tapetes contadores de histórias. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 23:



Figura 23: Apresentação do conto Warao “El hombre de buen brazo”. Lenda que retrata a origem dos dos Warao. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 24:



Figura 24: Apresentação do conto Warao “Origen del Moriche”. Lenda que a importância da natureza e seus frutos para os Warao, como fonte de vida, conhecimento e sobrevivência. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 25:



Figura 25: Encerramento do curso. Autor da foto: Jessica Marinho, 2023.

Apêndice 26:



Figura 26: Alfabeto interativo trilingue (Warao, Espanhol e Português). Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

Apêndice 27:



Figura 27: Tapete de histórias confeccionado pelos alunos do curso. Autor da foto: Natália Lameira, 2023.

ANEXOS

**ANEXO 01 – GRADE CURRICULAR CURSO LETRAS ESPANHOL – UFPA/
CAMPUS BELÉM**

DADOS DO CURRÍCULO
Código: 2010
Matriz Curricular: Letras- Espanhol- Belém - Presencial- N- Licenciatura Plena
Período Letivo de Entrada em Vigor – 2010 – 1
Carga Horária Mínima: Total: 3200h Optativas: 548h Complementar: h
Prazos em Períodos Letivos: Mínimo 9, Médio 9, Máximo 13
Créditos por Período Letivo: Mínimo 15, Médio 225, Máximo 435

1º PERÍODO	CH	2º PERÍODO	CH
APRENDER A APRENDER LÍNGUA ESTRANGEIRA	68	TEORIAS DO USO DA LÍNGUA	68
FUNDAMENTOS DA LINGUÍSTICA	68	FUNDAMENTOS DA TEORIA LITERÁRIA	68
COMPREENSÃO E PRODUÇÃO DE TEXTOS ACADÉMICOS	68	LÍNGUA ESPANHOLA II	102
LÍNGUA ESPANHOLA I	102	FONÉTICA E FONOLOGIA DO ESPANHOL	68
TOTAL	306	TOTAL	306
OPTATIVAS	CH	OPTATIVAS	CH
PUBLICAÇÃO DE TEXTOS COMPLETOS	50	LÍNGUA ESTRANGEIRA INSTRUMENTAL - ALEMÃO	68
DISCIPLINA OPTATIVA	50	LÍNGUA ESTRANGEIRA INSTRUMENTAL - INGLÊS	68
MONITORIA - A - COMPLEMENTAR	50	LÍNGUA ESTRANGEIRA INSTRUMENTAL - FRANCES	68
ESTUDO DIRIGIDO	50		

MEMBRO DE COMISSÃO ORGANIZADORA DE EVENTOS ACADÊMICO-CIENTÍFICOS	50		
MINISTRAÇÃO DE OFICINAS E CURSOS DE CURTA DURAÇÃO	50		
MONITORIA - B - COMPLEMENTAR	50		
MINISTRAÇÃO DE OFICINAS E CURSOS DE CURTA DURAÇÃO EM PROJETOS DE EXTENSÃO	50		
MONITORIA - A - EXTENSÃO	50		
MONITORIA - B - EXTENSÃO	50		
PROGRAMA METODOLOGIA DE FUNDAMENTOS DA TRADUÇÃO	34		
TOTAL	534	TOTAL	204

3º PERÍODO	CH	4º PERÍODO	CH
TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO	68	PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM	68
LÍNGUA ESPANHOLA III	68	LÍNGUA ESPANHOLA IV	68
CULTURAS HISPANÓFONAS	68	MORFOSSINTAXE DO ESPANHOL	102
		POESIA HISPANÓFONA	68
TOTAL	238	TOTAL	306
5º PERÍODO	CH	6º PERÍODO	CH
LÍNGUA ESPANHOLA V	8	TECNOLOGIAS NO ENSINO/APRENDIZAGEM NE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	68

HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DA LÍNGUA E CULTURAS HISPANÓFONAS	8	LIBRAS	68
LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE ESPANHOL	68	POLÍTICA EDUCACIONAL	68
PRÁTICA DE COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ORAL EM ESPANHOL	68	PRÁTICA DE COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ESCRITA EM ESPANHOL	68
PROSA HISPANÓFONA	68	TEATRO HISPANÓFONO	
TOTAL	340	TOTAL	340

7º PERÍODO	CH	8º PERÍODO	CH
PRODUÇÃO ESCRITA EM ESPANHOL	68	METODOLOGIA DE PESQUISA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA	68
METODOLOGIA DO ENSINO DE ESPANHOL	8	ESTAGIO SUPERVISIONADO I	68
PRÁTICA DE ENSINO SOCIAL	68		
O TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO DE ESPANHOL	68		
TOTAL	72	TOTAL	72

9º PERÍODO	H
ESTAGIO SUPERVISIONADO II	8
TCC	8
TOTAL	72

--	--

**ANEXO 02 – GRADE CURRICULAR CURSO LICENCIATURA PEDAGOGIA –
UFPA/ CAMPUS BELÉM**

DADOS DO CURRÍCULO
Matriz Curricular: Pedagogia - Belém - Presencial- N- Licenciatura Plena
Carga Horária Mínima: Total: 3211h

1º PERÍODO	CH	2º PERÍODO	CH
INICIAÇÃO AO TRABALHO ACADÊMICO	68	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO	68
HISTÓRIA GERAL DA EDUCAÇÃO	68	FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO	68
HISTÓRIA GERAL DA EDUCAÇÃO	68	DIDÁTICA E PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL	68
HISTÓRIA DA FILOSOFIA	68	EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS	68
METODOLOGIA DA PESQUISA	68	PEDAGOGIA EM ORGANIZAÇÕES SOCIAIS	68
CURRÍCULO: TEORIAS E PRÁTICAS	51		
Total	391	Total	340

3º PERÍODO	CH	4º PERÍODO	CH
EDUCAÇÃO INCLUSIVA	68	SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO: INSTITUIÇÃO ESCOLAR	68
TEORIAS ANTROPOLÓGICAS DA EDUCAÇÃO	68	GESTÃO DE SISTEMAS E UNIDADES ESCOLARES	68

BASES BIOLÓGICAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	68	HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA A DA AMAZONIA	68
PESQUISA E PRÁTICA PEDAGÓGICA	68	ESTÁGIO DE GESTÃO E COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM AMBIENTES ESCOLARES	68
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO	68	COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EM AMBIENTES ESCOLARES	68
LIBRAS	68	ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ENSINO DE HISTÓRIA	68
Total	408	Total	408

5º PERÍODO	CH	6º PERÍODO	CH
TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO	68	LITERATURA INFANTIL	51
LINGUAGEM ORAL E ESCRITA	68	EDUCAÇÃO E LUDICIDADE	68
ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL I	68	ARTE E EDUCAÇÃO	68
ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DA MATEMÁTICA ESCOLAR	68	ESTÁGIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL II	68
ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ENSINO DE CIÊNCIAS	68	INFÂNCIA, CULTURA E EDUCAÇÃO	51
ABORDAGENS TEÓRICO-METODOLÓGICAS DO ENSINO DE GEOGRAFIA	68	PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO	68
		TCC I	34
Total	340	Total	374

7º PERÍODO	CH	8º PERÍODO	CH
POLITICA E LEGISLACAO DA EDUCACAO BRASILEIRA	68	GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS	68
FINANCIAMENTO DA EDUCACAO	68	HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS	68
PLANEJAMENTO E AVALIACAO DE SISTEMA EDUCACIONAL	68	CIENCIAS NOS ANOS INICIAIS	68
ESTAGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL I	68	MATEMATICA NOS ANOS INICIAIS	68
ESTATISTICA APLICADA A EDUCACAO	68	LINGUA PORTUGUESA NOS ANOS INICIAIS	68
TCC II	34	ESTAGIO NO ENSINO FUNDAMENTAL II	68
Total	374	Total	408